UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGÜÍSTICA GERAL

PERCEPÇÕES SOCIOLINGÜÍSTICAS ACERCA DA VARIAÇÃO
SUBJUNTIVO/INDICATIVO EM SÃO LUÍS E SÃO PAULO

WENDEL SILVA DOS SANTOS

SÃO PAULO
2020

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

PERCEPÇÕES SOCIOLINGUÍSTICAS ACERCA DA VARIAÇÃO
SUBJUNTIVO/INDICATIVO EM SÃO LUÍS E SÃO PAULO

WENDEL SILVA DOS SANTOS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Ronald Beline Mendes

Versão Corrigida

SÃO PAULO
2020

Banca examinadora

Prof. Dr. Ronald Beline Mendes (FFLCH-USP)
Presidente

Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão (FFLCH-USP)
Membro Titular

Profa. Dra. Livia Oushiro (IEL-UNICAMP)
Membro Titular

Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck (FCL-UNESP)
Membro Titular

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S237p Santos, Wendel Silva dos
PERCEPÇÕES SOCIOLINGUÍSTICAS ACERCA DA VARIAÇÃO
SUBJUNTIVO/INDICATIVO EM SÃO LUÍS E SÃO PAULO /
Wendel Silva dos Santos ; orientador Prof. Dr.
Ronald Beline Mendes. - São Paulo, 2020.
241 f.

Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Linguística. Área de concentração:
Semiótica e Linguística Geral.

1. Subjuntivo. 2. Indicativo. 3. Percepção
Sociolinguística. 4. São Luís. 5. São Paulo. I.
Mendes, Prof. Dr. Ronald Beline, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do orientador

Nome do (a) aluno (a): Wendel Silva dos Santos

Data da defesa: 09/03/2020

Nome do Prof. (a) orientador (a): Prof. Dr. Ronald Beline Mendes

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 09 de maio de 2020.

(Assinatura do (a) orientador (a))

Perdoai-me se vos pareceu pouco isto que para mim é tudo.

(José Saramago)

*Para minha **mãe**, que possibilitou que eu saísse do mundo das possibilidades, ao me mostrar o caminho das certezas.*

*Para a Universidade **Pública** Brasileira, pela excelência dos serviços prestados à sociedade.*

Agradecimentos

Olhar para trás após uma longa caminhada pode fazer perder a noção da distância que percorremos, mas se nos detivermos em nossa imagem, quando a iniciamos e ao término, certamente nos lembraremos o quanto nos custou chegar até o ponto final, e hoje temos a impressão de que tudo começou ontem. Não somos os mesmos, mas sabemos mais uns dos outros. E é por esse motivo que dizer adeus se torna complicado! Digamos então que nada se perderá. Pelo menos dentro da gente...

(João Guimarães Rosa, em *Grande Sertão: Veredas*).

O caminho percorrido até aqui, que resulta nas páginas desta tese de doutorado, foi compartilhado por pessoas que me fizeram *não ser o mesmo*, ao fim desse ciclo. Com essas pessoas, chego ao final dessa etapa com a certeza de que *nada se perderá*, e que, dentro de mim, os momentos compartilhados se eternizarão. A cada uma dessas pessoas, eu agradeço:

À FAPEMA (Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão), por meio da bolsa de doutorado (Processo nº BD-08744/17), por financiar parte desta pesquisa. Esse agradecimento é especial, sobretudo porque sei que as políticas educacionais do Estado do Maranhão estão inseridas em um contexto político que corre na contramão do desmonte que vem sofrendo a educação pública brasileira.

Ao Ronald, meu orientador, a quem muito carinhosamente chamo de Professor, com a melhor carga semântica que essa palavra possa carregar. Pela indicação desse objeto de estudo, desde o mestrado. Por ter acreditado em meu potencial, por me acolher no Grupo de Estudos Sociolinguísticos (GESOL), pela parceria desses anos, e por ter despertado em mim a certeza daquilo que quero fazer pra vida toda. Por sua competência, pela leitura incrível que faz dos nossos textos os “melhores do mundo”. Obrigado, Professor!

Aos meus queridos do GESOL: Amanda Santana, Dany Gonçalves, Dayane Celestino, Fernanda Canever, Germano Jorge, Giovanna Indelicato, Gustavo Gomes, Isabel Pie, Julia França, Larissa Soriano, Livia Oushiro, Luciana Massai, Luigi Parrini, Maria Eugênia, Monique Freitas. Agradeço a cada um de vocês pelas melhores discussões que pudemos ter, mas, principalmente, pela companhia agradável, que me fez crescer também como pessoa, e pelo apoio emocional. É o melhor Grupo de Estudos do Universo todinho.

Aos professores do Departamento de Linguística da USP, com os quais tive a oportunidade de aprender, e que muito contribuíram para o crescimento desta pesquisa, por meio de disciplinas cursadas ou por indagações levantadas: Olga Sansone, a quem tenho muito carinho e respeito, Margarida Petter, Marcelo Modesto e Thomas Finbow, pelas muitas observações feitas ao meu trabalho; aos professores Ivã Lopes e Marcelo Ferreira, enquanto coordenadores da pós-graduação, pelo constante apoio aos alunos da Linguística.

Agradeço aos professores Ronald Beline Mendes, Esmeralda Vailati Negrão, Livia Oushiro e Rosane de Andrade Berlinck pela leitura crítica desta tese, pelas sugestões e comentários, bem como pelas sugestões a possíveis desdobramentos que este trabalho venha a ter, durante a defesa. À Esmeralda e à Livia, agradeço, ainda, pelos muitos apontamentos e sugestões dadas a esta pesquisa, por ocasião do Exame de qualificação do doutorado.

À Esmeralda Negrão, a quem tenho uma imensa admiração, um modelo de profissional que quero seguir. Professora, obrigado por me receber em sua sala, mas, mais do que isso, obrigado por acompanhar de muito perto os avanços da minha pesquisa, desde o mestrado, e por muitas vezes sinalizar que pontos dela podiam ser melhorados, que outras análises podiam ser feitas, mas também por mostrar os avanços que este trabalho trazia, até mesmo quando eu não conseguia enxergá-los.

À Livia Oushiro, uma inspiração! Dizer obrigado é muito pouco pela sua amizade e ajuda de sempre. Ainda assim, eu te agradeço por contribuir no meu crescimento como pesquisador, pelas aulas intensas e incríveis que foram dadas, por me receber na sua casa e se disponibilizar a olhar cada uma das minhas análises. Meu agradecimento se estende a Pedro Toledo, também pela amizade, por também me receber em sua casa, sempre com um papo muito inteligente, que também faz com que cresçamos.

À professora Conceição Ramos, a quem devo muito nessa minha trajetória acadêmica. Minha gratidão vai perder a noção de tempo, pela eternidade que ela vai cruzar. Obrigado por ter me dado as mãos nos meus primeiros passos na universidade, por acreditar naquele menino que lhe oferecia tapetes, e por possibilitar que ele voasse longe. A senhora é grande parte do que eu quero ser como professor.

Agradeço à professora Fátima Sopas, também por toda ajuda e credibilidade que sempre me ofereceu. Obrigado por ler atentamente a cada um dos meus textos, e possibilitar que eu crescesse com cada uma das observações.

Obrigado por abrir as portas da sua sala (de trabalho e de estar): sempre que saí de cada uma delas, eu cresci como pessoa e como profissional.

Aos amigos da USP: Aline Evelyn, Jacqueline Harsche, Julia Chiovetto (minha mais prototípica paulistana), Sinalva Fernandes, Yuri Martins, Cláudia Coelho, Rodrigo Madrid. Obrigado pelas boas conversas e pela amizade.

A Matheus Molina e Henrique Rocha, meus *roommates*, pela convivência harmoniosa, mas também pelas muitas conversas sobre ciência e sobre os nossos tão distintos Departamentos.

À Amanda, Larissa, Maria Eugênia, Monique, Renan Thomé e Wellington, meus grandes amigos de São Paulo. A luz de vocês foi indispensável para que eu tivesse o mínimo de equilíbrio na loucura do doutorado e da estadia nessa cidade tão maravilhosa. Vocês podem não ter a dimensão, mas tenho um carinho absolutamente forte e honesto por cada um de vocês. Muito obrigado por andar de mãos dadas comigo ao longo desses anos. Quero vocês pra sempre na minha vida!

À Alana Barbosa, Cibelle Béliche e Luis Serra, meu refúgio em São Luís, inclusive sociolinguístico. Com vocês quero compartilhar sempre da vida, dos cafés e das discussões. Quero sempre dividir preocupações, mas sorrisos também. Obrigado por estar comigo ao longo já de um tanto de tempo. Espero que esqueçamos do quão longe nos conhecemos, presumindo sempre uma vida.

À Tatiana Pimpão e à Hebe Macedo, pelo trabalho que nos une, o interesse no mesmo objeto de estudo, por compartilharem comigo, desde o mestrado, muitos dos textos que aqui cito. Obrigado, sobretudo, pela amizade que vimos construindo.

Aos meus colegas da Coordenação do curso de Letras (Campus III-Bacabal), por permitir que eu me afastasse temporariamente das minhas atividades docentes, mas também por compartilharem comigo muitas das lutas que nos unem: Cristiane Tolomei, Dilson Devides, Fábio de Oliveira, Franco Sandanello, Lucelia Almeida, Mariana Ribeiro, Paulo Lima, Rubenil Oliveira e Valnecy Santos.

Aos meus amigos da UFMA, que, ao longo desses doze anos de universidade (desde a graduação), fizeram essa trajetória mais leve. Obrigado a cada um dos professores, colegas de turma e, mais recentemente, alunos da graduação. A João Vitor e Heloysa, meus alunos, por estarem comigo nesse comecinho de trajetória como professor da Universidade.

Aos meus amigos do Sacavém: Daniele, Sandra, Thaysa e Vildilene. Por compartilharem uma vida comigo. Com a amizade de vocês, entendo que posso chegar aonde quiser, sem perder de vista de onde parti.

À família Soares, na pessoa do Seu José e de dona Sebastiana, que me permitiram ter uma família em São Paulo, por terem me acolhido de forma tão gentil e delicada. Vocês são muito especiais pra mim.

A Robson Soares, que tem “dado sentido e direção ao tempo”, que é a hora. Que chegou num tempo de frio, mas trouxe sol para o caminho a partir daqui. Meu par.

Aos meus irmãos Paulo, Clayton, Keity, Nato e José, pelo carinho e apoio, apesar das diferenças que nos unem. Aos meus sobrinhos, parte de mim também.

À Minha mãe, que pensou que não me deu nada, e acabou me dando tudo, inclusive a possibilidade de ser grato.

Por fim, mas não menos importante, a cada um dos 501 participantes do experimento, que possibilitaram que essa pesquisa fosse realizada.

Resumo

Esta tese investiga os efeitos da morfologia do subjuntivo e do indicativo na percepção de quão competentes, sérios, formais e antipáticos soam ludovicenses e paulistanos. Para esses últimos, interessa também verificar se o modo verbal tem efeito em quão paulistanos eles soam, de acordo com ouvintes tanto de São Luís quanto de São Paulo.

Considerando-se que, comparativamente a variáveis fonéticas, variáveis gramaticais (i) têm recebido menos atenção nos estudos de percepção e (ii) estariam menos disponíveis para avaliação social, (Labov, 1993; Labov et al, 2011), o interesse central desta tese é acessar os significados sociais (Eckert, 2012) que se associam aos modos subjuntivo e indicativo. Para tanto, lança mão dos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2006[1966]; 2001; 2008[1972]; Eckert, 2008; 2012). Empiricamente, justifica-se com base em afirmações populares: “paulistanos não usam o subjuntivo” e “a variedade ludovicense é a melhor do português brasileiro”.

Os estímulos (enunciados por 4 falantes – dois ludovicenses e dois paulistanos) foram organizados de acordo com a técnica dos estímulos pareados (Lambert et al, 1960; Campbell-Kibler, 2006; 2009) e constituem-se de orações subordinadas no modo indicativo ou subjuntivo: adverbiais com *embora* ou *talvez* (como em “**embora estivesse/estava** aqui, a oportunidade foi dada a outro candidato” e “**talvez estivesse/estava** no tempo de perguntar aos funcionários sobre sua satisfação no trabalho”) e substantivas introduzidas por *querer* ou *acreditar* (a exemplo de “o chefe **quer** que a secretária **permaneça/permanece** na reunião” e “ele **acredita** que todos **façam/fazem** a sua parte”). *Embora* e *talvez* foram os subordinadores mais recorrentes na amostra de fala paulistana e ludovicense analisada por Santos (2015). Além disso, sentenças com o verbo *querer* são as que mais aparecem nos metacomentários de que paulistanos estariam deixando de empregar o subjuntivo. O uso de *acreditar* nos estímulos se justifica pelo fato de que não há consenso sobre se esse verbo se complementa com a morfologia do subjuntivo ou do indicativo.

Os resultados das análises de regressão linear (R Core Team, 2019) mostram que os falantes foram percebidos como mais competentes quando ouvidos nos seus disfarces com formas subjuntivas, tanto por ouvintes paulistanos quanto ludovicenses. Os falantes ludovicenses foram percebidos como mais sérios e formais do que os paulistanos. Os falantes também foram, no geral, percebidos como mais antipáticos no subjuntivo. No que toca a paulistanidade, Os falantes paulistanos foram ouvidos como mais paulistanos, no subjuntivo, pelos ouvintes ludovicenses – o que se pode explicar pela percepção de que paulistanos têm mais acesso a bens de cultura que pessoas de outras regiões do país; porém, esses mesmos falantes foram avaliados, pelos ouvintes paulistanos, como pessoas que

soam mais paulistanas no indicativo, o que sugere que esses ouvintes se reconhecem no uso desse modo verbal, embora não apresentem comentários metalinguísticos nesse sentido. Por fim, os falantes foram avaliados pelos paulistanos como pessoas que têm nível superior, independentemente do disfarce (subjuntivo ou indicativo); por outro lado, pelos ouvintes ludovicenses eles foram avaliados (i) como pessoas de escolaridade mediana, quando ouvidos em seus disfarces com o indicativo. Esses resultados sugerem que a percepção dessas formas é socialmente estratificada em São Luís, mas não em São Paulo.

Ao mostrar que formas subjuntivas e indicativas têm efeito em como são percebidos falantes de São Luís e de São Paulo (ou seja, ao mostrar que há diferenças na significação social dessas formas nessas duas comunidades), essa tese amplia o ainda restrito conjunto de pesquisas que busca acessar os significados sociais de variáveis gramaticais.

Palavras-chave: Subjuntivo. Indicativo. Percepção Sociolinguística. São Luís. São Paulo.

Abstract

This Ph.D. dissertation investigates the effects of subjunctive and indicative verbal forms in the perception of how competent, serious, formal and stand-offish speakers from São Luís (Ludovicenses) and São Paulo (Paulistanos) sound. For the latter, this study also explores whether verbal mood has an effect on how Paulistano they sound, according to listeners both from São Luís and São Paulo.

Considering that, in comparison to phonetic variables, grammatical variables (i) have received less attention in perception studies, and (ii) are less available for social evaluation (Labov, 1993; Labov et al, 2011), the main interest of this dissertation is to access the social meanings (Eckert, 2012) linked to subjunctive and indicative forms. The theoretical framework is defined by variationist sociolinguistics (Labov, 2006[1966]; 2001; 2008[1972]; Eckert, 2008; 2012). Empirically, this study is based on the popular notions that “Paulistanos do not use subjunctive” and that “the Ludovicense variety of Portuguese is the best in Brazil”.

The audio stimuli, enunciated by 4 speakers – two from São Luís (SL) and two from São Paulo (SP) – were organized according to the matched-guise technique (Lambert et al, 1960; Campbell-Kibler, 2006; 2009) and are constituted of subordinate clauses in the indicative or subjunctive: adverbial clauses with *embora* ‘although’ ou *talvez* ‘maybe’, and noun clauses introduced by *querer* ‘want’ or *acreditar* ‘believe. *Embora* ‘although’ and *talvez* ‘maybe’ are the most productive adverbial subordinators in the Paulistano production sample analyzed by Santos (2015). In addition, noun clauses that complement *querer* ‘want’ are the most frequently mentioned in metacommentary about how Paulistanos have stopped using subjunctive forms. As for *acreditar* ‘believe’, its use in the stimuli is of interest because there is no consensus about whether this verb should be complemented with clauses in the subjunctive or the indicative mood.

Results from linear regressions (R Core Team, 2019) show that the speakers were all perceived as more competent-sounding when listened to in their subjunctive guises – both by SL- and SP-listeners. SL-speakers were perceived as more serious and formal than SP-speakers in their subjunctive-guises. In general, speakers were also perceived as more stand-offish in their subjunctive guises. As for Paulistanity (the quality of sounding Paulistano), SP-speaker were perceived as more Paulistano-sounding in their subjunctive guises by SL-listeners – which can be explained by a general view that Paulistanos have ready access to cultural goods, more so than people in other regions of Brazil. However, for SP-listeners, SP-speakers sound more Paulistano in their indicative guises, a finding that suggests that these listeners recognize themselves in the use of such verbal mood (even though they do not develop metacommentary about that). Finally, SP-listeners evaluated all four speakers as college-level (regardless of the guises), while SL-listeners rated the speakers as (i) high-

school-level in their indicative guises and (ii) college-level in their subjunctive guises. These results suggest that the perception associated to these verb forms are socially stratified in SL, but not in SP.

In showing that subjunctive and indicative forms have an effect in how speakers from both SL and SP are perceived (that is, in showing that there are differences in the social meanings linked to these forms in these communities), this Ph.D. dissertation broadens the still small set of research initiatives dedicated to the social meanings of grammatical variables).

Keywords: Subjunctive. Indicative. Sociolinguistic Perception. São Luís. São Paulo.

Sumário

	p.
Resumo	v
Abstract	vii
Sumário	ix
Lista de Tabelas	xi
Lista de Figuras	xiv
Lista de Quadros	xviii
Percepções associadas à morfologia do subjuntivo e do indicativo: introdução	26
1. Subjuntivo: usos e valores	37
1.1. Subjuntivo: prescrições de usos	38
1.2. Subjuntivo: valores de usos	45
2. A Sociolinguística em ondas e o interesse no significado social da variação	60
2.1. As três ondas dos estudos sociolinguísticos	60
2.2. Estudos de percepção sociolinguística	70
2.2.1. Estudos de percepção sociolinguística de variáveis fonológicas	72
2.2.2. Estudos de percepção sociolinguística de variáveis morfo sintáticas	90
3. Modelagem para o estudo da percepção do subjuntivo e do indicativo	112
3.1. Formas do subjuntivo e do indicativo: avaliações	113
3.2. Desenho do experimento de percepção	118
3.2.1. Definições para a modelagem do experimento de percepção ..	121
3.2.2. Elaboração dos Conjuntos de Estímulos	131
3.2.3. Realização de Entrevistas Abertas	133
3.2.4. Elaboração e Aplicação dos Formulários	137
4. Efeitos do subjuntivo e do indicativo nas percepções sociolinguísticas de ludovicenses e paulistanos	145
4.1. Percepção de Competência	150

4.1.1. Percepção de Competência nas orações substantivas	164
4.1.2. Percepção de Competência nas orações adverbiais	168
4.2. Percepção de Antipatia	172
4.3. Percepção de Paulistanidade	185
4.4. Percepção de Formalidade e Seriedade	195
4.4.1. Percepção de Formalidade e Seriedade nas orações substantivas.....	205
4.4.2. Percepção de Formalidade e Seriedade nas orações adverbiais.....	207
4.5. Efeitos das respostas dos ouvintes na percepção de Classe, Escolarização e Faixa Etária dos quatro falantes	211
Conclusão.....	215
Referências	221
Apêndices.....	232

Lista de Tabelas

	p.
TABELA 2.1 - Distribuição de ocorrências /- r/ de acordo com Estilo (adaptada de Oushiro, 2015: 106)	63
TABELA 2.2 - Distribuição geral dos dados de participio passado (Adaptada de Gaucher, 2013: 158)	94
TABELA 3.1 - Distribuição das ocorrências de tepe e retroflexo (Adaptado de Oushiro: 2015, 102)	125
TABELA 3.2 - Frequências do indicativo com outros subordinadores - São Paulo Adaptada de Santos (2015: 84)	128
TABELA 3.3 - Frequências do indicativo com outros subordinadores - São Luís Adaptada de Santos (2015: 84)	129
TABELA 3.4 - Número de ouvintes de São Luís e de São Paulo que participaram do experimento	141
TABELA 4.1 - Componentes Principais nas respostas dadas pelos ouvintes ludovicenses e paulistanos nas oito escalas de diferenciais semânticos (Rotação Promax)	148
TABELA 4.2 - Resumo dos resultados do modelo de regressão para o CP Competência - São Luís (Efeitos Mistos)	154
TABELA 4.3 - Resumo dos resultados do modelo de regressão para o CP Competência - São Paulo (Efeitos Mistos)	157
TABELA 4.4 - Resumo dos Resultados do modelo de regressão que inclui características sociais dos ouvintes CP Competência - São Luís (Efeitos Mistos)	158
TABELA 4.5 - Resumo do resultado do modelo de regressão que inclui características sociais dos ouvintes CP Competência - São Paulo (Efeitos Mistos)	161
TABELA 4.6 - Resumo dos resultados do modelo de regressão que inclui características sociais dos ouvintes CP Competência nas Orações Substantivas - São Luís (Efeitos Mistos)	165

TABELA 4.7 -	Resumo dos resultados do modelo de regressão que inclui características sociais dos ouvintes CP Competência nas Orações Substantivas - São Paulo (Efeitos Mistos)	167
TABELA 4.8 -	Resumo dos resultados do modelo de regressão que inclui características sociais dos ouvintes CP Competência nas Orações Adverbiais - São Luís (Efeitos Mistos)	169
TABELA 4.9 -	Resumo dos resultados do modelo de regressão que inclui características sociais dos ouvintes CP Competência nas Orações Adverbiais - São Paulo (Efeitos Mistos)	170
TABELA 4.10 -	Resumo dos resultados do modelo de regressão para o CP Antipatia - São Luís (Efeitos Mistos)	176
TABELA 4.11 -	Resumo dos Resultados do modelo de regressão que inclui características sociais dos ouvintes CP Antipatia - São Luís (Efeitos Mistos)	177
TABELA 4.12 -	Resumo dos Resultados do modelo de regressão para o CP Antipatia - São Paulo (Efeitos Mistos)	179
TABELA 4.13 -	Resumo do resultado do modelo de regressão que inclui características sociais dos ouvintes CP Antipatia - São Paulo (Efeitos Mistos)	180
TABELA 4.14 -	Resumo dos resultados do modelo de regressão para o CP Paulistanidade, de acordo com Modo e Cidade do Falante - São Luís (Efeitos Mistos)	186
TABELA 4.15 -	Resumo dos resultados do modelo completo de regressão que inclui características sociais dos ouvintes CP Paulistanidade - São Luís (Efeitos Mistos)	189
TABELA 4.16 -	Resumo dos resultados do modelo de regressão CP Paulistanidade - São Paulo (Efeitos Mistos)	191
TABELA 4.17 -	Resumo dos Resultados do modelo de regressão que inclui características sociais dos ouvintes CP Paulistanidade - São Paulo (Efeitos Mistos)	192
TABELA 4.18 -	Resumo dos resultados do modelo de regressão para o CP Formalidade - São Luís (Efeitos Mistos)	199

TABELA 4.19 -	Resumo dos resultados do modelo de regressão que inclui características sociais dos ouvintes CP Formalidade - São Luís (Efeitos Mistos)	200
TABELA 4.20 -	Resumo dos resultados do modelo de regressão para o CP Seriedade - São Paulo (Efeitos Mistos)	202
TABELA 4.21 -	Resumos dos resultados do modelo de regressão que inclui características sociais dos ouvintes CP Seriedade - São Paulo	203
TABELA 4.22 -	Resumo dos resultados do modelo de regressão que inclui características sociais dos ouvintes CP Formalidade nas Orações Substantivas - São Luís	205
TABELA 4.23 -	Resumo dos resultados do modelo de regressão que inclui características sociais dos ouvintes CP Seriedade nas Orações Substantivas - São Paulo	206
TABELA 4.24 -	Resumo dos resultados do modelo de regressão que inclui características sociais dos ouvintes CP Formalidade nas Orações Adverbiais - São Luís	208
TABELA 4.25 -	Resumo dos resultados do modelo de regressão que inclui características sociais dos ouvintes CP Seriedade nas Orações Adverbiais - São Paulo	209

Lista de Figuras

	p.
FIGURA 1 - Página na <i>web</i> com discussão sobre o uso do subjuntivo em São Paulo	29
FIGURA 2.1 - Taxas de realização de /- r/ de acordo com estilo e classe social de falantes novaiorquinos (Adaptado de Labov, 2006[1966]: 118)	62
FIGURA 2.2 - Questionário de percepção aplicado por Oushiro (2015) (Adaptado de Oushiro, 2015: 275-276)	84
FIGURA 2.3 - Tela de resposta do experimento de percepção aplicado por Soriano (2016) (Adaptado de Soriano, 2016: 84)	87
FIGURA 2.4 - Gravações dos estímulos de Participio Passado (Adaptado de Gaucher, 2003: 342)	97
FIGURA 2.5 - Questionário de Percepção de Participio Passado (Adaptado de Gaucher, 2003: 349)	98
FIGURA 3.1 - Proposta de divisão dialetal proposta por Nascentes (1953[1922]) Fonte: Nascentes (1953[1922]).	124
FIGURA 3.2 - Nuvem de palavras baseada nas principais impressões e avaliações dos ouvintes	138
FIGURA 3.3 - Primeira Parte do Formulário de Percepção	138
FIGURA 3.4 - Segunda parte do Formulário de Percepção	139
FIGURA 3.5 - Terceira parte do Formulário de Percepção	140
FIGURA 3.6 - Histograma da variação etária dos participantes do experimento em São Luís e São Paulo	143
FIGURA 4.1 - <i>Screeplot</i> da ACP das respostas dadas por ludovicenses e paulistanos às 8 escalas do formulário de percepção	146

FIGURA 4.2 - Dispersões das respostas dos ouvintes ludovicenses e paulistanos no CP Competência de acordo com o modo verbal	151
FIGURA 4.3 - Dispersões das respostas dos ouvintes ludovicenses e paulistanos no CP Competência, com base nos falantes	152
FIGURA 4.4 - Dispersões das respostas dos ouvintes ludovicenses e paulistanos no CP Competência, de acordo com o falante e com o modo verbal	153
FIGURA 4.5 - Percepção de Competência de acordo com Modo e Idade do Ouvinte - São Luís	159
FIGURA 4.6 - Efeito do Modo Verbal e Tipo de Oração na percepção de Competência - São Luís	160
FIGURA 4.7 - Dispersões das respostas dos ouvintes ludovicenses e paulistanos para o CP Competência, de acordo com o Modo e com a Escolaridade do ouvinte	162
FIGURA 4.8 - Efeito do Modo Verbal e Tipo de Oração na percepção de Competência - São Paulo	163
FIGURA 4.9 - Dispersões das respostas dos ouvintes ludovicenses e paulistanos para o CP Competência, por Oração Subordinada e Modo	164
FIGURA 4.10 - Dispersões das respostas dos ouvintes ludovicenses e paulistanos para o CP Competência, de acordo com o <i>Verbo</i> e o Modo	168
FIGURA 4.11 - Dispersões das respostas dos ouvintes para o CP Competência, por <i>Subordinador</i> e Modo - São Luís e São Paulo	171
FIGURA 4.12 - Dispersões das respostas dos ouvintes ludovicenses e paulistanos no CP Antipatia, de acordo com o Modo	173
FIGURA 4.13 - Dispersões das respostas dos ouvintes ludovicenses e paulistanos ao CP Antipatia, com base nos falantes	174
FIGURA 4.14 - Dispersões das respostas dos ouvintes ludovicenses e paulistanos para o CP Antipatia, com base no Falante e no Modo (Efeitos Mistos)	175

FIGURA 4.15 -	Dispersões das respostas dos ouvintes ludovicenses para o CP Antipatia, por Tipo de Oração e Modo	178
FIGURA 4.16 -	Dispersões das respostas dos ouvintes ludovicenses e paulistanos para o CP Antipatia, de acordo com o Modo e a Escolaridade do Ouvinte	181
FIGURA 4.17 -	Dispersões das respostas dos ouvintes paulistanos e ludovicenses para o CP Antipatia, de acordo com Modo e Tipo de Oração	182
FIGURA 4.18 -	Percepção de CP Antipatia, de acordo com Modo e Idade do Ouvinte - São Paulo	183
FIGURA 4.19 -	Efeito do Falante na Percepção de Antipatia, de acordo com ouvintes ludovicenses e paulistanos	184
FIGURA 4.20 -	Dispersões das respostas dos ouvintes ludovicenses e paulistanos no CP Paulistanidade, de acordo com o Modo Verbal	186
FIGURA 4.21 -	Dispersões das respostas dos ouvintes ludovicenses e paulistanos no CP Paulistanidade, de acordo com o Falante	187
FIGURA 4.22 -	Dispersões das respostas dos ouvintes ludovicenses e paulistanos no CP Paulistanidade, de acordo com Falante e Modo	188
FIGURA 4.23 -	Percepção de Paulistanidade, de acordo com Modo e Idade do Ouvinte - São Luís	190
FIGURA 4.24 -	Dispersões das respostas dos ouvintes paulistanos no CP Paulistanidade, de acordo com Cidade do Falante e Modo	193
FIGURA 4.25 -	Efeito do Falante na Percepção de Paulistanidade, de acordo com ouvintes ludovicenses e paulistanos	194
FIGURA 4.26 -	Dispersões das respostas de ouvintes ludovicenses e paulistanos no CP Formalidade/Seriedade de acordo com o Modo Verbal	196
FIGURA 4.27 -	Dispersões das respostas dos ouvintes ludovicenses e paulistanos ao CP Formalidade/Seriedade baseadas nos falantes	197
FIGURA 4.28 -	Dispersões nas respostas de ouvintes ludovicenses e paulistanos no CP Formalidade/Seriedade com base no Modo e no Falante	198
FIGURA 4.29 -	Dispersões das respostas dos ouvintes ludovicenses no CP Formalidade, de acordo com Modo e Idade	201

FIGURA 4.30 - Dispersões das respostas dos ouvintes paulistanos no CP Formalidade, com base na Cidade do Falante e no Modo	202
FIGURA 4.31 - Dispersões nas respostas dos ouvintes ludovicenses e paulistanos nos CPs Formalidade/Seriedade, de acordo com a Oração Subordinada e o Modo	204
FIGURA 4.32 - Dispersões das respostas dos ouvintes ludovicenses e paulistanos nos CPs Formalidade/Seriedade, com base no Verbo e Modo	207
FIGURA 4.33 - Dispersões das respostas dos ouvintes ludovicenses e paulistanos nos CPs Formalidade/Seriedade, com base no Subordinador e no Modo	210
FIGURA 4.34 - Proporção das respostas dos ouvintes para a variável <i>Classe Social</i> , por modo - São Luís e São Paulo	212
FIGURA 4.35 - Proporção das respostas dos ouvintes para a variável <i>Escolarização</i> , por modo - São Luís e São Paulo	213
FIGURA 4.36 - Proporção das respostas dos ouvintes para a variável <i>Faixa Etária</i> , por modo - São Luís e São Paulo	214

Lista de Quadros

	p.
QUADRO 3.1 - Estímulos no Subjuntivo e no Indicativo para os Falantes Ludovicenses	122
QUADRO 3.2 - Estímulos no Subjuntivo e no Indicativo para os Falantes Paulistanos	123
QUADRO 3.3 - Conjuntos de Estímulos	132

Percepções associadas à morfologia do subjuntivo e do indicativo: introdução¹

Esta tese é uma contribuição aos estudos de percepção sociolinguística, sobretudo no que concerne a variáveis gramaticais. Nela, são analisadas as percepções sociolinguísticas associadas ao modo subjuntivo e ao modo indicativo, em contextos de subordinação substantiva (como em “O chefe quer que a secretária *permaneça/permanece*” e “O candidato à vaga acredita que *possam/podem* chamá-lo”) e contextos de subordinação adverbial (como em “Embora *permanecessem/permaneciam* com dúvidas, terminaram o trabalho” e “Talvez *estivessem/estavam* todos os interessados presentes para participar da reunião”).

Variáveis gramaticais têm recebido menos atenção dos estudos de percepção sociolinguística, relativamente a variáveis fonológicas. Labov (1993) e Labov et al (2011) argumentam que variáveis gramaticais tendem a apresentar um menor grau de estratificação social por não serem tão acessíveis para a observação e avaliação por parte dos membros da comunidade de fala, diferentemente de variáveis fonético-fonológicas e lexicais (BELL, 1984), uma vez que a dimensão da variação é fundamentalmente diferente para formas fonológicas e formas sintáticas (Cheshire, 2005: 479).

No entanto, esse quadro vem se modificando com os recentes trabalhos de Gaucher (2013), que analisa a produção e a percepção do participio passado (*avoir* + PP) no francês falado² e Levon & Buschstaller (2015), que examinam o efeito da modularidade linguística nas avaliações sociais de parte dos ouvintes, a partir de um teste de percepção acerca da

¹ Ao longo deste trabalho, embora vá se referir ao uso do subjuntivo e do indicativo como variação de modo, entende-se que o que está em coocorrendo, de fato, são as morfologias desses modos, como variantes da mesma variável (Labov, 2008[1972]). Em outras palavras, ainda que expressas pela morfologia do indicativo, o que se estabelece são as noções de dúvida, incerteza e possibilidade, próprias do modo subjuntivo.

² A exemplo de “*mais euh la remarque qu'on m'avait **fait** qu'on m'avait **fait** c'était que je par enfin que nous qu'on parlait fort lentement*” e “*son papa corrigeait les fautes qu'elle avait **fait** le week-end, qu'elle avait **faites** le week-end*” (Gaucher, 2013).

realização do sufixo verbal *-s* do inglês (marcador de pessoa do singular) com sujeitos plurais e da pronúncia frontal de *-TH*³.

Este trabalho, portanto, contribui para que se diminua um pouco mais essa lacuna, ao desenvolver um experimento de percepção com vistas a acessar os significados sociais (Eckert, 2001; 2008; Campbell-Kibler, 2009) associados às formas verbais do indicativo e do subjuntivo, em sentenças subordinadas substantivas e adverbiais, como os apresentados anteriormente, por ouvintes ludovicenses⁴ e paulistanos.

O subjuntivo é um modo verbal cuja expressão envolve níveis de análises morfológicos e sintáticos, e constitui, semanticamente, uma possibilidade ou virtualidade (Galembeck, 2006). Enquanto o indicativo exprime a realidade do fato, o subjuntivo exprime a sua possibilidade,

com todas as consequências que essa atitude de incerteza pode trazer para o espírito do homem: o sentimento da dúvida, o desconhecimento, o desejo, a surpresa, a probabilidade, etc. De um modo geral, exprimindo o conjuntivo o ato concebido pelo espírito, adquire por isso mesmo um tom abstrato e intelectual que o torna pouco estimado da linguagem corrente (Lapa, 1973: 161).

As características atribuídas ao subjuntivo e ao indicativo, por esses autores, atribuem à morfologia a condição básica para a sua expressão, ainda que uma quantidade de linguistas venha se ocupando em verificar que os falantes nem sempre utilizam das morfologias próprias dos modos para expressá-los.

Santos (2015), por exemplo, mostrou que as noções próprias do subjuntivo, como essas elencadas por Lapa (1973), são composicionais (Comrie; 1976; Verkuyl, 1993; 1999), no sentido de que outros elementos na sentença, como certos verbos, na oração matriz de orações

³ A exemplo de “*They really likes ice-cream*” e “*I fink [think] we should go home now*” (Levon & Buchstaller, 2015).

⁴ Ao longo do trabalho, os ludovicenses são às vezes mencionados como *nordestinos* ou *maranhenses*. Isso se deve ao fato de que, durante as avaliações das vozes dos ludovicenses, nos testes de entrevistas abertas, bem como na fase de aplicação do teste de percepção, os ouvintes, especialmente os de São Paulo, atribuíam aos falantes maranhenses características como *nordestino*, ou, ainda, como um *falar que parece nordestino*, sem necessariamente especificar de qual estado dessa região os falantes poderiam ser.

substantivas, e certas conjunções subordinativas, no caso de orações adverbiais, favorecem a expressão de subjuntividade, ainda que a morfologia seja a do indicativo.

Essa breve discussão importa porque ela se coaduna diretamente à uma das justificativas para a realização deste trabalho, que se baseia em duas impressões popularmente enunciadas: (i) “São Paulo está abandonando o subjuntivo” e (ii) “o português falado por ludovicenses é mais conservador e lembra a variedade portuguesa”. De fato, o metacommentário popular nem sempre pode ser tomado como evidência de processos linguísticos (Oushiro, 2015; 2016: 140-141), principalmente se se pensar a *avaliação linguística* como uma “referência ao discurso metalinguístico dos falantes sobre variantes” linguísticas e a *percepção linguística* como “inferências feitas pelos usuários de uma língua ao ouvir outro falante”, diferentemente da *produção linguística*, entendida como os “usos factuais” das formas linguísticas. Labov (2006[1966: 266] aponta para o fato de que não está disponível para os falantes um vocabulário de termos socialmente significativos com os quais possam avaliar os discursos⁵. De todo modo, Labov entende que tal discurso possibilita acessar as avaliações dos ouvintes com relação à maneira como eles ouvem determinadas formas. Esse parece ser o caso do subjuntivo e do indicativo, sobretudo no que concerne ao português paulistano.

Em artigo publicado em uma edição⁶ da Revista Época de janeiro de 2006, o colunista Ricardo Freire traz para o nível da escrita as possíveis percepções sobre as variantes utilizadas pelos falantes paulistanos para expressar o modo subjuntivo na capital.

[...] Você sabe que está em São Paulo quando ouve um "quer que eu **venho?**", ou um "quer que eu **trago?**", ou ainda um "quer que **joga** fora?". Sem **distinção de classe**, religião ou fator de proteção solar: **você ouve o subjuntivo paulista tanto da boca do seu porteiro quanto da boca do seu chefe.**[...] (Freire, 2006: 96) [grifos adicionados]

⁵ Labov (2006[1966]) explica que a maioria das reações a variáveis são desarticuladas e abaixo do nível de consciência dos falantes.

⁶ Revista Época, edição 400, ano 8, jan. de 2006, p. 96.

O autor revela que ouvir estruturas do tipo “quer que eu venho?” (em vez de “quer que eu venha”), ou, ainda, “quer que joga fora?” (em vez de “quer que eu jogue fora”), é a “comprovação” de que se está na capital paulista. Além disso, sugere que utilizar a forma “correta” (ou seja, o subjuntivo) é mais incomum em São Paulo do que realizar a concordância nominal, o que, segundo ele, é outra característica da fala de paulistanos. Não vem ao caso discutir se o repórter está certo ou errado em suas impressões, mas o fato de que tais impressões e avaliações existem, parece ser um ponto de partida interessante em desenvolver um trabalho que acesse os significados sociais associados a formas como essas, por exemplo, por paulistanos.

Figura 1: Página na *web* com discussão sobre o subjuntivo em São Paulo

Fonte: <https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20170322173236AAuBMOJ>
Acesso em 21 jan. 2020.

Na figura acima, alguém pergunta se “quer que eu faço” e “quer que esquentar” são duas formas que particularizam a variedade do português paulistano; isso possibilita que se questione se paulistanos de fato as reconhecem como características de sua fala, já que o segundo

respondente, que se apresenta como paulistano, afirma que “não fala desse jeito”. Outra pergunta possível é se pessoas que mantiveram algum contato com paulistanos são os que, de fato, associam o uso da morfologia do indicativo, no lugar da morfologia do subjuntivo, à fala paulistana, uma vez que, como se pode observar com base na discussão exemplificada na figura 1, o último respondente (Rodrigo), que parece já ter mantido algum nível de contato com paulistanos, afirma que “já ouviu muitas coisas assim”, e se pergunta “se paulistanos não têm dúvida”.

Esse questionamento levantado pelo respondente Rodrigo interessa a este estudo porque, apesar de parecer ilógica a afirmação de que paulistanos não tenham dúvida, a relação entre “deixar de usar a morfologia do subjuntivo” e “não ter dúvida” não é direta, isto é, a alusão que o escrevente faz, aqui, uma alusão ao conhecimento normativo de que a expressão de dúvida é expressa por morfologia própria do modo subjuntivo, o que implica afirmar que, por outro lado, usar a morfologia do indicativo significa expressar indicativo, o modo das certeza dos fatos, e que, portanto, não há possibilidade de substituição de uma forma pela outra. Entretanto, afirmações como essas possibilitam que se discuta o fato de que, na verdade, a morfologia do indicativo e a do subjuntivo são semanticamente equivalentes também em casos como esses, em que se tem uma oração subordinada substantiva, além dos casos de orações adverbiais, apontadas por Santos (2015) como os únicos contextos capazes de funcionar como variantes da mesma variável (Labov, 2008[1972]).

O capítulo 3, com o intuito de elucidar avaliações a respeito do uso de formas do subjuntivo pelas do indicativo, traz uma análise dos metacomentários de ouvintes ludovicenses e paulistanos a respeito dessas formas verbais. Muitos informantes identificaram o uso de uma forma pela outra, nos contextos apresentados (orações substantivas e adverbiais), embora não associassem tais formas a falantes de algum lugar do Brasil.

- (1) D1: L. o que que tu acha dessa expressão aqui [...] “Você quer que eu **embrulho** pra você?”
 S1: Bom eu acho que aí o óbvio é que se fosse de acordo com a norma culta seria **embrulhe** né eu acho ... ‘eu embrulho pra você’ eu acho meio estranho
 D1: Tu acha estranho?
 S1: Eu acho estranho eu não sei se alguém do Brasil fala desse jeito. Eu falaria “você quer que eu embrulhe pra você?”
 D1: Entendi.
 S1: Entendeu? Eu acho estranho não sei se tá certo.
 D1: E tu acha que ninguém no Brasil fala desse jeito.
 S1: Eu não sei. Eu não posso opinar.
 D1: Tu não saberia dizer. (SLF1S-Luiza)⁷

No geral, as principais características atribuídas ao indicativo, quando os informantes esperavam o subjuntivo, eram as associadas às noções de *erro*, *informalidade* e *falta de escolaridade*.

- (2) D1: Seu K., o que que o senhor acha dessa forma de falar aqui [...] “**Talvez** eu **tenho** transtorno de comportamento.”
 S1: Tá correto “talvez eu tenha”...
 D1: Tá correto. O senhor falaria “talvez eu tenho”...
 S1: “talvez eu tenha”...
 D1: Tá, então o senhor não falaria...
 S1: Não, eu não ... tenho talvez eu tenha
 D1: uhn rum
 S1: Porque tudo depende do grau de instrução...
 D1: Da pessoa
 S1: Isso aí não é uma questão de de local é uma questão de instrução de eh instrução intelectual. (SLF3S-Kleiton)

Observa-se, com base nessas avaliações, que se associa o uso do indicativo, em contextos nos quais “se espera” o subjuntivo, a falta de instrução. No entanto, agregada a essa noção, está a associação dos usos do indicativo, em lugar do subjuntivo, a falantes paulistanos. Afirmações desse tipo aparecem, principalmente, no discurso de sujeitos entrevistados que mantiveram algum contato com pessoas dessa cidade.

⁷ Nos exemplos, *D1* e *S1* referem-se, respectivamente, a Documentador e Sujeito Informante. Os códigos entre parênteses, logo após os trechos das entrevistas, indicam a cidade do informante (São Paulo ou São Luís), o seu sexo/gênero (Masculino ou Feminino), a faixa etária (1, para informantes que estejam entre 18 e 35 anos; 2, para informantes que estejam entre 36 e 59 anos; e, 3, para informantes que estejam com 60 anos ou mais) e seu nível de escolaridade (B, para aqueles que possuem até a educação básica, e S, para os informantes que possuem ensino superior). Essa identificação dos participantes segue a proposta do Projeto SP2010, e também foi seguida por Santos (2015).

- (3) [...]eu estava no carro em Brasília e um uma das pessoas que estava no carro era paulista então nós tínhamos estávamos fazendo alguma coisa eh pra ajeitar o carro ah o paulista saia ia sair do carro e aí [...]]
 D1: [era carro de quem?]
 S1: era um carro da minha irmã e aí o rapaz (es)tava com dificuldade em colocar o banco pra frente pra poder passar e aí ele perguntou assim: “*você quer que eu ajudo?*” aí eu ach/eu notei logo que ele não era de Brasília.
 D1: uhn run.
 S1: justamente por causa disso aí eu perguntei aí depois que ele saiu eu perguntei pros pro meu pra minha irmã “esse esse rapaz não é daqui né ele é de de São Paulo” minha irmã perguntou “como é que tu sabe?” eu falei “olha ele acabou de falar ... de um modo que só em São Paulo é mais característico. (SLM1S-Leandro)

Para Leandro, diferentemente do que se verificou anteriormente, usar o indicativo em certos contextos, como o que aparece no próprio exemplo proposto pelo participante, não está estritamente associado à instrução do falante, mas ao fato de ser paulistano.

Se, por um lado, associa-se ao falar paulistano “não usar o subjuntivo”, por outro lado, há o pensamento, também fortemente difundido, de que em São Luís “se fala a melhor variedade do português brasileiro”. Honório do Couto (1986) e Travaglia (1996) explicam que essa “crença” é bastante disseminada popularmente. Honório do Couto acrescenta ainda que, “em outros termos, em São Luís se fala ‘bom português’ porque a linguagem de lá é mais parecida com a de Portugal, a qual foi levada para lá no passado”.

Regressando-se um pouco mais no tempo, pode-se verificar que essa percepção acerca do falar maranhense parece atravessar gerações. Avaliações semelhantes sobre o falar ludovicense e maranhense podem ser encontradas em obras de cunho histórico. Ao escrever, no ano de 1819, a sua obra *Porandunba Maranhense*, o Frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres Maranhão⁸ já afirmava que é na capital maranhense que se fala um português “[...] com um certo metal de voz, que o faz muito agradável ao ouvido” (Prazeres Maranhão, 1946: 146), e que nessa cidade “discute-se

⁸ Aqui, citado pela edição de 1945.

gramática com a mesma paixão com que se discute política”, e que “até ferrenhas inimizades surgem por causa de uma regrazinha de sintaxe” (Serra, 1965: 17).

Essas afirmações de Prazeres Maranhão e Serra estão bastante associadas a uma percepção geral e corrente sobre o português ludovicense, caracterizado por uma suposta “falta de sotaque”. Nas entrevistas gravadas para a pesquisa de Santos (2015: 47), não são raras avaliações nesse sentido:

- (4) D1: como que é o modo de falar ludovicense?
 S1: rapaz eu acho que o ludovicense é o que fala mais normal
 S1: sem sotaque
 D1: do Brasil inteiro?
 S1: do Brasil
 D1: é?
 S1: eu acho que a gente não tem um sotaque
 S1: a gente não tem uma maneira de falar ou cantando ou correndo
 D1: uhum
 S1: ou lentamente eu acho que a gente fala normal
 D1: tá
 S1: não sei uma pesquisa diz que a gente fala/ quem melhor conjuga o verbo somos nós. (SLM2B-Marcos)
- (5) D1: quando o senhor chegava nessas cidades seu seu seu N. as pessoas percebiam logo de cara que o senhor não era... que o senhor era de São Luís?
 S1: percebe porque o cara de São Luis ele é um cara... eu não sei eu não digo mais inteligente mas se (inint.)
 D1: uhn rum.
 S1: nego diz que a gente fala o melhor português do Brasil
 D1: uhn rum.
 S1: agora eu não sei mas nós falamos melhor do que o português mesmo a gente fala
 D1: do que o português de Portugal?
 S1: é é.
 D1: é?

(SLM3B-Nilo)

Avaliações desse tipo encontram-se também fora de São Luís - tal como ocorre no excerto abaixo, transcrito de uma das entrevistas do Projeto SP2010⁹:

⁹ O projeto SP2010 (Processo FAPESP 2011/09278-6) reúne amostras da fala paulistana coletadas pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística da USP, por meio de

(6) e você tem o nordestino que vem com aquele sotaque tão gostoso... né e o maranhense que fala um português acho que o mais correto do Brasil né talvez por ter sido colonizado pelos portugueses depois teve aqueles episódios das invasões holandesas e francesas e tudo.

(SPM3S-NiltonR.)

Afirmações como as que aparecem nas falas de Nilo e Nilton mostram que é possível que qualquer falante (não linguista) perceba-se “sem sotaque”, que é uma característica facilmente atribuída ao outro. Isso importa para esta pesquisa porque, de forma geral, as análises realizadas aqui sobre a avaliação dos falantes sobre o uso do subjuntivo e do indicativo levam a questões a respeito das percepções linguísticas e sociais por parte de paulistanos e ludovicenses, que subsidiam o experimento que compõe esta pesquisa de doutorado. Interessa verificar, portanto, quais significados sociais podem estar associados a formas subjuntivas e indicativas por ouvintes dessas duas cidades, já que não há estudos de percepção que permitam discutir reações de ouvintes quando inconscientemente estimulados por essas formas verbais, em diferentes contextos sintáticos.

Metodologicamente, o desenvolvimento dessa pesquisa vai empregar a técnica de *falsos pares* ou dos *estímulos pareados*¹⁰ (Lambert et al, 1960; Campbell-Kibler, 2006; 2007, 2009; Mendes e Oushiro, 2011; Levon, & Buchstaller, 2015; Oushiro, 2015, Canever, 2017; Mendes, 2018). Esta técnica, desenvolvida para estudos da psicologia social, é especialmente interessante por sua possibilidade de isolar a variável sob estudo, de maneira que permite apreender as atitudes encobertas dos ouvintes em relação a ela. Esses estímulos, extraídos das falas de um certo número de falantes, são manipulados no sentido de que sejam iguais em todos os aspectos, diferenciando-se apenas com respeito à variável em foco. Assim, ouvintes diferentes são estimulados com excertos semelhantes da fala de um mesmo falante, mas em disfarces diferentes –

gravações e transcrições de entrevistas sociolinguísticas (Labov, 2008[1972]). Foi coordenado pelo Prof. Dr. Ronald Beline Mendes (DL/USP).

¹⁰ Tradução proposta por Oushiro (2015) para o termo *matched-guise*.

nesse projeto, formas subjuntivas e indicativas correlatas, tais como se já se apresentou no início desta introdução, e como se descreve mais detidamente, no capítulo 3.

O capítulo 1, a seguir, apresenta as visões prescritivistas acerca do uso do indicativo e do subjuntivo, em gramáticas do português (Mendes de Almeida, 1978; Bechara, 2006; Cunha & Cintra, 2017). Discute-se que, na tentativa dos gramáticos normativos em esclarecer os contextos de uso dessas formas, eles perdem de vista a variabilidade inerente às formas linguísticas, prendem-se a uma quantidade insuficiente de dados da língua em usos reais e supõem uma simetria entre forma e função (Poplack, 2013: 141). No sentido de discutir essa abordagem normativa, esse capítulo também traz uma abordagem descritivista do tema, por meio da apresentação de estudos que se ocupam em analisar contextos de usos intercambiáveis dessas formas verbais, para além das “regras categóricas” trazidas pelas gramáticas normativas (Camara Jr., 2009[1970]: 101).

O capítulo 2 discute como são combinados significados sociais de variantes de variáveis fonológicas, morfológicas e sintáticas, por meio de uma revisão bibliográfica de trabalhos inseridos no campo de investigação sociolinguista (Labov, 2006[1966]; 2008[1972]; Eckert, 2012) que contribuem teórica e metodologicamente para a presente pesquisa. Além disso, apresenta estudos que objetivaram acessar os significados sociais de algumas variáveis linguísticas, especificando-se o interesse na percepção de variáveis morfossintáticas, retomando as afirmações de que “elas estariam menos propensas à avaliação social, comparativamente às variáveis fonológicas e lexicais” (Labov, 1993; Labov et al, 2011; Levon & Buchstaller, 2015; Mendes, 2018).

A revisão desses estudos de percepção é providencial porque, além de permitir apresentar um panorama geral da agenda de trabalho de uma Sociolinguística que vem, cada vez mais, trazendo para o centro do seu interesse acessar os significados sociais que estejam associados a certos usos linguísticos, também subsidiam a modelagem do teste de percepção de formas subjuntivas e indicativas. O capítulo 3, portanto, apresenta o

desenho do experimento de percepção que busca verificar quais significados sociais são associados a falantes que soam como nordestinos/maranhenses, bem como a falantes que soam como paulistanos, diante dos usos do subjuntivo e do indicativo. Relatam-se também os valores que as formas verbais desses modos adquirem nessas duas localidades, por meio da apreciação de metacomentários feitos por ouvintes de São Luís e de São Paulo, quando explicitamente expostos a contextos em que essas formas aparecem.

Os resultados da aplicação desse teste, com base nas respostas de 501 ouvintes (217 de São Luís e 284 de São Paulo), são apresentados no capítulo quatro. Esses resultados são discutidos a partir das correlações existentes entre as escalas semânticas incluídas no experimento – *escolaridade* (de acordo com os bens de cultura a que o falante parece ter), *inteligência*, *formalidade*, *seriedade*, *educação*, *amigabilidade*, *antipatia* e a quão *paulistanos* soam os falantes. Além dessas escalas, analisam-se as respostas dos ouvintes quanto à percepção de *idade dos falantes*, sua *escolarização* (aqui, entendida como o nível educacional que o falante parece ter) e *classe*. Também são apresentados os métodos de tratamento e de análises de dados no programa R (R Core Team, 2019).

Assim, a abrangência da proposta desta pesquisa está no fato de que, com a realização do teste de percepção sociolinguística da morfologia do subjuntivo e do indicativo, vai-se sistematizar os significados sociais que se associam às formas verbais desses modos, por ouvintes ludovicenses e paulistanos. Além disso, vai-se contribuir para a discussão proposta por Labov (1993) e Labov et al (2011), que sugerem que variáveis gramaticais não estão disponíveis para avaliação social, por parte dos falantes.

1

Subjuntivo: usos e valores

Este trabalho tem interesse em acessar os efeitos da morfologia do indicativo e do subjuntivo na percepção da fala de nordestinos/maranhenses e paulistanos, em casos de orações substantivas, a exemplo de *quero que você fale/fala com ele* e *acredito que ela saia/sai mais cedo hoje*, e em casos de orações adverbiais, como em *embora seja/é um conjunto habitacional, moro num bairro bem servido* e *talvez ele encontre/encontra Maria hoje*. O interesse em como essas formas linguísticas impõem efeitos sobre como as pessoas são percebidas parte, sobretudo, da grande atenção dada por vários sociolinguistas à produção desses modos verbais, com base na fala de diversas variedades do português brasileiro (Botelho Pereira, 1974; Azevedo, 1976; Wherrit, 1978; Barra Rocha, 1992; Bianchet, 1996; Pimpão, 1999; 2012; Santos, 2005; Carvalho; 2007 entre outros). No geral, esses trabalhos concluem que formas indicativas, no lugar de formas subjuntivas, são associadas a falta de escolarização, o que pode ser um indício da forte noção de correção gramatical que o subjuntivo carrega.

Santos (2015), por exemplo, que analisou a variação entre os modos subjuntivo e indicativo, com base na fala de 36 ludovicenses e 36 paulistanos, verificou que, embora as taxas de realização do indicativo fossem maiores em São Paulo, os padrões gerais de uso não se diferenciavam muito daqueles obtidos para São Luís. Socialmente falando, em São Paulo, o uso do subjuntivo nos três contextos de orações subordinadas analisados (adjetivas, adverbiais e substantivas) se correlaciona à faixa etária dos falantes, com os mais jovens favorecendo o uso do indicativo, e, no que diz respeito somente às orações adjetivas, o uso do subjuntivo está associado ao sexo gênero dos falantes, com as mulheres empregando mais a forma padrão, relativamente aos homens. Em São Luís, o autor verificou um processo de mudança se iniciando,

principalmente nos contextos de orações substantivas, já que os mais jovens tendem a favorecer o indicativo nesses contextos e também nos contextos de orações adjetivas, mas não nos contextos de adverbiais. Da mesma maneira, quanto mais escolarizados são os falantes, mais eles tendem a utilizar as formas do subjuntivo nessa cidade. O sexo/gênero dos falantes não se correlaciona ao fenômeno de análise, nos dados ludovicenses.

O referido autor explica que, com base nas análises feitas, os padrões de encaixamento social das formas são bem mais complexos do que se pode pensar, e que “a realidade dos dados não confirma visões de “distribuição complementar”, do tipo: tais falantes usam tais formas; outros falantes usam outras formas” (Santos, 2015: 115). Com base nos resultados alcançados por esse autor, associados às afirmações populares acerca do português paulistano e do português ludovicense, seria o caso, então, de verificar se essas diferenças entre deixar de usar a morfologia do subjuntivo em favor da morfologia do indicativo poderiam ser acessadas por meio de um experimento de percepção.

Labov et al (2011) explicam que os estudos de produção vieram acompanhados, desde o início, por uma gama de experimentos, que objetivavam acessar os correlatos cognitivos da variação linguística, no sentido de acessar quais significados sociais pudessem estar associados a formas linguísticas variantes. Esse apontamento é de tal importância aqui, já que o experimento cujo desenho é apresentado no capítulo 3, e cujos resultados são apresentados no capítulo 4, se baseia na prescrição dos usos do subjuntivo e do indicativo por gramáticas do português, além dos resultados alcançados por pesquisas de produção do subjuntivo e do indicativo.

1.1. Subjuntivo: prescrições de usos

Neste tópico, revisita-se a abordagem prescritivista daquela que, talvez, seja a mais misteriosa das características da gramática das línguas

neolatinas: o modo subjuntivo¹¹. Apesar de Poplack et al (2013) mostrarem um resumo aproximado do imenso esforço normativo das gramáticas das diversas línguas neolatinas para evidenciar que o subjuntivo é obrigatório após uma classe [de palavras] que governa a seleção desse modo, mas que depende também, de maneira contraditória, do grau em que o falante quer se comprometer com o valor da verdade ou da realidade da proposição de complemento, como se trata de modo gramatical, é necessário mostrar os contextos de usos propostos pelos compêndios gramaticais (no caso do português, os compêndios do português brasileiro)¹², uma vez que, embora estes concordem em certa medida na definição desse modo verbal, nem sempre preveem os contextos em que as formas do subjuntivo podem ser substituídas pelas do indicativo, sem prejuízo da noção semântica de subjuntividade (Santos, 2015).

No português brasileiro, a questão da oposição entre os usos do subjuntivo e do indicativo pode ser definida a partir do enfoque dado a esses dois modos verbais. Bechara (2006: 221) explica que os modos se definem em face da relação entre a ação verbal e o seu agente, e que o subjuntivo, ou conjuntivo, segundo suas próprias palavras, faz “referência a fatos incertos”, em casos como *talvez cante*. Anteriormente a Bechara, Lapa (1973) e Mendes de Almeida (1978) se pronunciaram quanto ao conceito do subjuntivo, e sobre em quais contextos esse modo deve ser usado.

Para Lapa (1973: 161), se o “indicativo exprime a realidade do fato”, o do conjuntivo, como ele denomina o subjuntivo, “exprime a sua possibilidade” e que, no uso desse modo, em casos, a exemplo de “como o *encontrasse* a ler, não lhe disse nada”, esse autor explica que “o nosso espírito quer significar não tanto o ato de ele estar a ler, como a razão, o motivo de ele estar lendo”, e que a construção é “demasiado abstrata e

¹¹ Tal afirmação pode ser encontrada em Poplack et al (2013). Para os autores, os gramáticos têm investido séculos na delimitação das condições exigidas para o uso dessa morfologia verbal.

¹² Para uma ampla abordagem do uso do subjuntivo e do indicativo em outras línguas, ver, por exemplo, os trabalhos de Tarallo (1978); Borrego; Asensio; Prieto (1985); Barra Rocha (1992); Poplack (1990; 1994); Silva-Corvalán (1994); Gatti (2004); Wolford (2005); Depraetere; Reed (2006); Stowel (2008); Bergh; Zingler; Lohman (2019).

preferimos dizer de outra maneira, embora talvez sem o mesmíssimo sentido”. Lapa (1973: 161-162), no entanto, reconhece que, mesmo entre os *Clássicos*, que, segundo ele, “usavam mais do que nós o conjuntivo, talvez pela influência da sintaxe latina, notaram o caráter intelectual desse modo e já procuravam substituí-lo”, e cita o padre Antônio Vieira, como um bom exemplo de quem usava intencionalmente o indicativo para acentuar a realidade do discurso proferido em terras ludovicenses: “*é possível que o peixes **ajudam** à salvação dos homens, e os homens **lançam** ao mar os ministros da salvação?*”¹³ [grifos originais]. Para Lapa, “hoje, diríamos *ajudem* e *lancem*, mas atribui à pura necessidade retórica o uso de uma forma pela outra.

Mendes de Almeida (1978: 226), por sua vez, mostrou que esse modo indica que “o verbo não tem sentido caso não venha *subordinado* [grifo do autor] a outro verbo, do qual dependerá para ser perfeitamente compreendido”. Para esse autor, nenhum falante será compreendido se falar apenas “venhas”, mas se disser “*quero* que venhas”, será perfeitamente compreendido, uma vez que o sentido do verbo *vir* depende do verbo *querer*, e que, dessa explicação, justifica-se a denominação do modo subjuntivo: “modo que se subordina a outro”.

Em sua abordagem acerca do emprego do subjuntivo, Mendes de Almeida mostra ainda que esse modo verbal, em seu tempo presente, indica possibilidade, e que o pretérito imperfeito do subjuntivo “é, em certos casos, elegantemente substituído pelo mais-que-perfeito do indicativo”, como em *estivera eu presente, isso não teria acontecido*, em lugar de *estivesse eu presente, isso não teria acontecido*. No entanto, o mesmo autor que prevê a possibilidade de substituição de formas do imperfeito é o que “repugna” o uso de formas do imperfeito do subjuntivo pelo imperfeito do indicativo em orações subordinadas adverbiais condicionais “em que a hipótese é possível ou irreal”, em casos como *se eu estava (em vez de estivesse) no balcão, você não teria vendido tanto*, mas acrescenta que somente nos casos em que “a hipótese é real é que o

¹³ Exemplo extraído de Lapa (1973: 162).

indicativo aparece, a exemplo de *se eu sabia, também você podia saber*¹⁴. Esse posicionamento de Mendes de Almeida é, em certa medida, compartilhado por Cunha (1992) e Cunha & Cintra (2017: 479), que explicam que, ao empregar o subjuntivo, “é completamente diversa nossa atitude”, em comparação ao emprego do indicativo, que, segundo eles, denota “um fato expresso pelo verbo como *certo, real* [grifos dos autores], seja no presente, seja no passado, seja no futuro”. Cunha & Cintra (2017: 479) mostram que, ao se optar pelo modo subjuntivo, encara-se, então, “a existência ou não existência dos fatos como uma coisa *incerta, duvidosa, eventual*, ou mesmo, *irreal* [grifos dos autores].

Essas distinções entre o subjuntivo e o indicativo seriam, de acordo com Cunha & Cintra (2017: 480), norteadoras para se estabelecer os princípios gerais de usos desses modos em orações subordinadas substantivas:

1.º) O indicativo é usado geralmente nas orações que completam o sentido de verbos como *acreditar*¹⁵, afirmar, compreender, comprovar, crer (no sentido afirmativo), dizer ver, verificar.

2.º) O subjuntivo é o modo exigido nas orações que dependem de verbos cujo sentido está ligado à ideia de ordem, de proibição, de desejo, de vontade, de súplica, de condição e outras correlatas. É o caso, por exemplo, desejar, duvidar, implorar, lamentar, negar, ordenar, pedir, proibir, *querer*, rogar e suplicar. [grifos nossos]

Com base nesses princípios gerais de uso do subjuntivo, Cunha & Cintra (2017: 480) conceituam o subjuntivo (do latim *subjunctivus* “que serve para ligar, para subordinar”) como o modo que “denota que uma ação, ainda não realizada, é concebida como dependente de outra, expressa ou subentendida”.

¹⁴ Exemplo extraído de Mendes de Almeida (1978: 226).

¹⁵ Para Cunha & Cintra (2017), o verbo acreditar pode vir no subjuntivo quando trata-se de uma dúvida quanto à realidade do fato analisado, como em *Não acredito que ela chore assim*, em que a sentença apresenta um elemento de negação. Na visão deles, ainda que o verbo da oração principal estivesse no passado, o subjuntivo tenderia a ser o modo verbal preferido, motivado pela presença desse elemento de negação.

Em orações adverbiais, esses autores mostram que o subjuntivo exprime um desejo, uma hipótese, “uma dúvida (geralmente introduzida pelo advérbio *talvez*)” (Cunha & Cintra, 2017: 481), e que “não tem valor próprio”, tratando-se de um “mero instrumento sintático de emprego regulado por certas conjunções”, como em orações subordinadas adverbiais concessivas, introduzidas por *embora*, a exemplo de *o povo não gosta de assassinos, embora inveje os valentes*¹⁶.

Cunha & Cintra (2017: 486) ainda explicam que “por vezes a construção com o subjuntivo é pesada ou malsoante”, o que marca a noção de formalidade que esse modo carrega, e que nesses casos “convém substituí-la por uma forma expressional equivalente”, como formas de infinitivo, de gerúndio, abstratas e elípticas. Esses autores, no entanto, não preveem a substituição das formas desse modo pelas do indicativo.

O uso de formas indicativas em contextos em que o previsto são formas subjuntivas é considerado “agramatical” para gramáticos como Abreu (2018: 332), a exemplo de *João quer que maria canta*¹⁷. Para ele, o indicativo se opõe ao subjuntivo, no sentido de que esse modo verbal “assinala, flexionalmente, uma hipótese em uma oração subordinada”, e que seu uso está “obrigatoriamente” associado à presença de “verbos volitivos, como *querer* e *desejar*” [grifos originais]. Abreu acrescenta ainda que

A noção de hipótese a que a maioria das gramáticas atribui os sentidos de dúvida, possibilidade, incerteza e até mesmo de desejo está implícita, na verdade, nos verbos da oração principal, como *duvidar*, *suspeitar*, *ser possível*, *querer* [...]. O subjuntivo, portanto, serviria basicamente para repetir o tempo da oração principal nessas orações, obedecendo ao chamado princípio de *consecutio temporum*. [grifos originais]

Nesse sentido, a condição de modo da dúvida, da possibilidade e de hipótese que se atribui ao subjuntivo seria uma característica adquirida por assimilação sintática, a partir do tempo e do tipo de verbo da oração

¹⁶ Exemplo extraído de Cunha & Cintra (2017: 484).

¹⁷ Exemplo extraído de Abreu (2018: 332).

principal, através do fenômeno denominado por Abreu (2018: 333) como “integração conceptual”¹⁸.

Esse princípio de assimilação sintática, de acordo com Abreu (2018), regeria casos de subordinação substantiva, em que a oração subordinada funciona como objeto direto da oração principal, e que outros fatores sintáticos acionariam o uso desse modo verbal, como o uso de subordinadores como *talvez* e *quicá*, em casos como *Talvez Maria cante*¹⁹, bem como a crença do falante diante do fato exposto. Para esses casos, o uso do subjuntivo seria opcional, e verbos judicativos, como *julgar*, *acreditar* e *pensar*, só seriam seguidos pelo modo subjuntivo, na oração subordinada, a depender da interferência da realidade ou irrealidade da ocorrência. Essa parece a discussão feita por Santos (2015: 16), que analisou casos de variação e alternância do uso do subjuntivo e do indicativo em São Luís e São Paulo, e para quem a noção de “*modo subjuntivo poderia ser entendida como uma categoria mais abstrata, menos atrelada à morfologia verbal*”. Embora esse autor defendesse esse princípio apenas para os casos de orações adverbiais, parece que essa discussão pode ser estendida também para casos de orações substantivas, sobretudo naquelas em que a oração principal apresenta verbos de volição, como *querer* e *desejar*, mas também em casos de verbos cognitivos, como *acreditar*, em que a proposição assinala uma hipótese, a exemplo de *Muitos chineses ainda não acreditam que os americanos tenham ido à Lua*. Para exemplos desse tipo, a presença de negação, bem como o traço *irrealis* (Givon, 1984; 2001; 2005), exigiria o uso do subjuntivo, ainda que nocionalmente, já que se trata de uma proposição fortemente asserida como possível, provável ou incerta (Pimpão, 1999; 2012), na qual o falante dispõe de pouca evidência da realização dos fatos. Por outro lado, em casos como *João não acha que o ministro é culpado*²⁰, mesmo com a presença do elemento de negação, o modo exigido é o indicativo, por se

¹⁸ Para Abreu (2018: 333), este seria o mesmo “processo que permite [...] a aquisição do sentido de condição e hipótese pelo futuro do pretérito, em função da contiguidade desse tempo com orações condicionais como em: *Se eu **ganhasse** na loteria **compraria** um carro importado*.”

¹⁹ Exemplo extraído de Abreu (2018: 333).

²⁰ Exemplo extraído de Abreu (2018: 334).

tratar de uma proposição em que há uma maior aproximação do falante com a realização do fato, no qual o enunciador “manifesta sua convicção” com a realidade do acontecimento.

O subjuntivo seria exigido, de acordo com Abreu (2018), em casos de orações com verbos cognitivos ou judicativos, como *acreditar*, no sentido de atenuar o poder de crença do enunciador, no momento de fala, a exemplo de *Eu acredito que Maria tenha condições de fazer esse trabalho*²¹.

Abreu (2018: 335) ainda estabelece os contextos de uso do subjuntivo em orações subordinadas adverbiais, incluindo as concessivas. Para ele, nesse tipo de oração, “o subjuntivo não indica uma hipótese, mas um estado de coisas”, e que essa condição particular do subjuntivo se deve ao fato de o subordinador *embora* ter sido, por um logo tempo, no português, um advérbio que significou *em boa hora*²².

A abordagem prescritivista do modo subjuntivo pelos compêndios gramaticais apontam para o que Pimpão (2012: 32) denomina de *vir-a-ser* do modo subjuntivo no português brasileiro, e que mostra a coesão entre esses compêndios, no que tange às regras de usos desse modo verbal. Poplack et al (2013) mostram que, com base no francês falado em Quebec, o uso não-padrão do indicativo para expressar subjuntivo vem da crença de que há um uso canônico desse modo verbal, que não foi aderido pelos falantes, e que é necessário, além de apresentar os contextos de emprego do subjuntivo pelos compêndios gramaticais, mostrar padrões de usos a partir de trabalhos de produção, para se entender o que, de fato, são os usos canônicos desses modos verbais.

Esse é o interesse do próximo tópico deste capítulo.

²¹ Exemplo extraído de Abreu (2018: 334).

²² De acordo com Abreu (2018), é recente a transformação de *embora* em conjunção concessiva, datando do início do século XIX, e que casos como *Vou-me embora* (= vou-me em boa hora) é um vestígio desse uso.

1.2. Subjuntivo: valores de usos

A interpretação padrão da prescrição do subjuntivo discutida nos compêndios gramaticais, e apresentada aqui na seção anterior, de acordo com Poplack et al (2013), é algo como “o subjuntivo é usado com verbos de volição” ou “capitaneado por certas conjunções”. Essas seriam, para esses autores, “regras categóricas” de usos do subjuntivo. Entretanto, há uma gama de trabalhos que vêm se ocupando em verificar, de fato, quais fatores (linguísticos e sociais) têm operado para se chegar a um padrão de uso desse modo verbal.

Botelho Pereira (1974), por exemplo, analisa, de uma perspectiva semântica, sentenças subordinadas introduzidas pela conjunção *que*, a exemplo de *lamento que o tem esteja/está atrasado*. Para tanto, ela realizou um teste de uso e interpretação entre 21 sujeitos com nível superior de escolaridade - cuja origem não é explicitada no texto -, a fim de determinar em quais contextos a forma do indicativo poderia substituir a do subjuntivo, sem alteração semântica do enunciado, e também para estabelecer a (a)gramaticalidade da substituição do modo subjuntivo pelo indicativo em certos contextos alternantes. A autora verificou, com base nos testes de uso e de interpretação realizados, que o subjuntivo ocorre em contextos em que os verbos têm caráter semântico não-factivo, condicionais e bicondicionais, a exemplo de esperar, preferir, desejar, ser necessário, ser impossível, e que o indicativo é preferido em contextos em que a semântica do verbo é factivo não-emotivo, negado ou afirmado, como em saber, compreender e perceber.

A questão que Botelho Pereira (1974: 9) levanta é se haveria, “no português, uma oposição de duas correções de forma e significado nas quais as formas do subjuntivo conteriam um determinado valor semântico oposto ao das formas do indicativo”. A resposta para essa questão, segundo a autora, pode ser respondida por meio do estabelecimento de padrões de usos dessas formas, mas pode ser obtida, também, por meio

de testes, que trariam à superfície as intenções comunicativas de cada falante, já que o uso variável desses modos verbais se correlacionaria diretamente com a atitude do enunciador em cada proposição produzida.

Com o objetivo de “organizar de maneira coerente algumas observações sobre o subjuntivo em português, com base principalmente na teoria desenvolvida em Chomsky”, Azevedo (1976: 7) analisa casos de subjuntivo em orações declarativas ou afirmativas, o que deve ser entendido, portanto, segundo o próprio autor, como parte de uma pesquisa mais ampla, que tinha interesse no estudo da subordinação como um todo. Ficam de fora da análise os problemas relacionados à seleção de tempos verbais, já que, para ele, o interesse principal é o de estabelecer a “caracterização formal das condições em que ocorrem as variações morfológicas que constituem o subjuntivo” (Azevedo, 1976: 8).

Azevedo (1976: 11-12) defende que o subjuntivo é tratado de maneira ampla pelas gramáticas normativas, e que esse modo verbal é uma classe com uma “variação morfológica verbal automática, semanticamente vazia, que só ocorre em certos tipos de orações subordinadas”, e que os falantes nativos do português sabem, intuitivamente, que certos verbos, como *querer*, diferentemente de verbos como *saber*, carregam uma “característica semântica que faz dele um verbo capaz de denotar *vontade*” [grifo do autor], e que, em casos como esses, a seleção da morfologia própria do subjuntivo seria redundante.

As conclusões a que chegou Azevedo (1976: 29) mostraram que o caráter semântico vazio da morfologia do subjuntivo deve ser analisado a partir de um “traço distintivo sintático [+ subjuntivo]”, especificado no léxico, cuja presença determinaria a aplicação da noção subjuntiva [$T_{\text{subjuntivo}}$]. No caso das orações substantivas, essa especificação se daria a partir da presença de certos verbos na oração matriz, como os de volição.

Tarallo (1978) analisou o subjuntivo em português e em alemão, a partir de uma “amostra de fala padrão” (pág. 136) coletada a partir de transmissões televisas e rádios do Brasil e da Alemanha (reportagens, documentários e aulas/conferências). A discussão que ele levanta é a de

que, tanto na gramática alemã, quanto na portuguesa, há três grandes contradições quanto ao tratamento dado ao uso do subjuntivo e do indicativo. Segundo Tarallo (1978: 130), há uma

- 1) “tentativa de estabelecer uma relação direta e indestrutível, perfeitamente antagônica, entre morfemas de indicativo e de subjuntivo”;
- 2) “o estudo modal restringe-se ao inventário de morfemas”, e que “só algumas poucas gramáticas abrangem e expandem suas considerações para o campo modal total: modo e modalidade”;
- 3) “o agravante das considerações das gramáticas está na tentativa de prescrever o uso dos morfemas de subjuntivo, de um lado em contextos, na maioria das vezes, sintáticos, nos quais o uso do indicativo é tido como incorreto”.

Para Tarallo (1978: 133) esse percurso do estudo do subjuntivo toma uma posição conservadora, consequentemente normativa, quando o caminho para estabelecer os seus contextos de uso, nas duas línguas, deveria perpassar uma “posição funcional-comunicativa”, que entenderia a língua em seu “estado realizado”, que busca “acessar o inventário de morfemas de modo e estudar a sua produtividade no ato de fala”.

Os resultados alcançados por Tarallo mostraram que, dos mais de 14.000 verbos em português codificados, 8,2% (1.227) estava no subjuntivo, enquanto os mais de 13.000 verbos codificados nos dados alemães, 6,6% (919) estava nesse mesmo modo verbal. Com base nessa primeira distribuição, Tarallo já afirma que o subjuntivo “enquanto categoria gramatical puramente sintática é mais frequentemente atualizado do que se o reduzirmos a uma categoria semântico-estilística”. Isso quer dizer que, para o autor, é necessário verificar quais contextos – sintáticos, semânticos ou estilísticos – mais favorecem o uso desse modo.

A análise dos *corpora* foi feita a partir da organização dos dados em sete contextos, a saber: reportagem, documentário,

aula/discurso/conferência, entrevista 1, entrevista 2²³, conversa informativa²⁴ e discussão/mesa redonda.

Os índices mais baixos de realização do subjuntivo se deram no conjunto de dados *reportagem*, nas duas amostras. Nos dados alemães, os índices de uso do subjuntivo foram maiores nos documentários do que no conjunto de dados de aulas, discursos e conferências, enquanto nos dados brasileiros, o padrão encontrado foi o oposto. Para as duas amostras, não foram encontradas diferenças significativas entre os dados dos conjuntos de entrevistas, bem como nas conversas informativas e nas discussões e mesas redondas.

Wheritt (1978a; 1978b), por sua vez, analisou a variação entre o subjuntivo e o indicativo, na fala de 56 sujeitos de cidades paulistas (inclusive a capital), que também participaram de testes orais de completar, repetir e opinar intuitivamente. Além desses, um grupo de 87 alunos do ensino ginásial fez uma prova escrita de preencher lacunas.

Com base no corpus de fala, Wheritt (1978a) verificou que os falantes paulistas não realizaram muitas ocorrências de orações substantivas objetivas diretas, interesse específico de sua pesquisa, totalizando 117 dados; entretanto, apesar da relativa pouca quantidade de dados, a autora observou que, do total, 82 ocorrências estavam no subjuntivo. Quanto aos testes de repetir e completar frases, e de opinar intuitivamente sobre duas frases, a autora verificou que os participantes preferiram usar mais o indicativo em sentenças cujo verbo da oração principal estava no presente, e que o subjuntivo foi preferido em sentenças cuja a matiz do verbo indicava crença, “contexto propício para a realização da morfologia própria do subjuntivo” (Wheritt, 1978b: 93).

Socialmente falando, Wheritt observou que, quanto mais baixo o nível de instrução do falante, maior a tendência em usar o indicativo

²³ São assim denominadas porque, em 1, o conteúdo é essencialmente descritivo, com os falantes preparados para o ato; enquanto em 2 não há total preparação para a situação e preparo de texto.

²⁴ Os assuntos desse conjunto de dados versavam sobre informações elucidativas sobre o sistema financeiro dos países, sobre contaminação de alimentos e conversa com prefeitos.

depois da expressão matriz, e que não há diferenças significativas entre pessoas mais jovens ou com mais idade.

Esses trabalhos resenhados até aqui não necessariamente são incluídos no escopo dos interesses dos métodos de análises da Sociolinguística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1968]; Labov, 2008[1972]), no sentido de buscar padrões gerais de usos de formas indicativas e subjuntivas. No entanto, mais recentemente, pesquisas que se voltaram especificamente para esse interesse têm se pautado nos estudos apresentados acima, no sentido de estabelecer quais fatores linguísticos e sociais se correlacionam ao fenômeno de variação entre a morfologia do indicativo e do subjuntivo, objeto de estudo desta tese²⁵.

Barra Rocha (1992) analisou contrastivamente dados de língua escrita do português brasileiro e do italiano, a partir de um *corpus* formado por um texto acadêmico-científico, o *CODICE'80*, uma espécie de manual para a quinta série do ensino elementar, traduzido para o português, pela pesquisadora. Além desse material, foi utilizado o romance *Anarquistas, Graças a Deus*, de Zelia Gattai, também traduzido por ela, para o italiano. No geral, ela afirma que, nas orações adverbiais concessivas, “o subjuntivo é, pois, de uso obrigatório” (Barra Rocha, 1992: 105) após conjunções com *embora*, a exemplo de *embora tenha estudado, não fez boa prova* e *anche se pioveva, uscirono lo stesso* ‘embora chovesse, eu saí sozinha’²⁶. Entre as orações substantivas, essa autora mostra que, nas duas línguas, verbos de crença condicionam o indicativo, como em “*Creio que Paulo é o melhor aluno da classe*”, mas o subjuntivo é selecionado em orações substantivas cujo verbo da oração principal é de volição, como *querer*, e cognição, como *acreditar*²⁷.

²⁵ Pimpão (2012), em sua tese de doutorado, faz uma ampla abordagem dos estudos variacionistas que se ocuparam em analisar a variação entre o subjuntivo e o indicativo no português. A autora resenha cada uma das pesquisas, organizadas nas 5 regiões do Brasil.

²⁶ Exemplos extraídos de Barra Rocha (1992).

²⁷ Barra Rocha (1992: 135) explica que, nos casos em que se tem um elemento de negação, há a condução da proposição para o subjuntivo, tanto nos verbos de crença, quanto nos de cognição e volição, a exemplo de *Não creio que Paulo seja o melhor aluno da classe* e *Não acredito que Paulo seja o melhor aluno da classe*.

No que concerne ao subordinador *talvez*, Barra Rocha (1992: 145) explica que, em português, esse advérbio “é condicionador lexical do subjuntivo sempre que vier antes do verbo”, mas em italiano o fator posição do advérbio na sentença é irrelevante, já que o correlato *forse* sempre seleciona a morfologia do indicativo.

Bianchet (1996), que estuda a variação entre o subjuntivo e o indicativo em sentenças completivas do português contemporâneo falado em Belo Horizonte (Minas Gerais), e no latim vulgar, a partir da obra *Peregrinatio Aetheriae*²⁸, controla fatores linguísticos, como o tempo do verbo da oração matriz, a presença ou ausência de negativa no verbo da oração matriz, o tempo do verbo da oração subordinada e a pessoa e o número do verbo da oração subordinada, e extralinguísticos, como faixa etária e nível de escolaridade.

O interesse de comparar dados do português e do latim é o de confirmar a hipótese de que o uso da morfologia do indicativo no lugar da morfologia do subjuntivo em orações subordinadas, no português contemporâneo, estaria evidenciando uma etapa final de um processo de mudança no sistema de complementação do português. Bianchet (1996) verificou, com base nos dados analisados, que o uso do indicativo é categórico em orações subordinadas substantivas cujo o verbo da oração principal assinala uma característica factiva, como *saber* e *lamentar*, bem como há favorecimento desse modo verbal em orações completivas com verbos não-factivos, como *crer*, *supor* e *acreditar*, e forte concorrência entre o indicativo e o subjuntivo em orações substantivas, com verbos da oração principal com característica volitiva, a exemplo de *querer*.

Por fim, Bianchet não comprova a hipótese de que há uma mudança complementada no português, mas atribui à modalidade exercida pelo verbo como o responsável pela mudança que está ocorrendo na língua no que diz respeito ao uso do subjuntivo.

²⁸ De acordo com Valle (2008: 25-26), o *Peregrinatio Aetheriae* diz respeito a “um diário de viagem em que uma peregrina conta às suas irmãs de comunidade religiosa as acontecimentos de sua peregrinação de cerca de três anos pelos lugares santos da Palestina e do Oriente” (Valle, 2008: 25-26),

Rocha (1997) também se ocupa da análise das orações substantivas. Para tanto, ela utiliza 29 horas de gravação da fala de participantes do Projeto PEUL²⁹, estratificados de acordo com seu sexo/gênero, sua idade (7-14, 15-25, 26-49 e 50-60 anos) e escolaridade (1ª a 4ª série do 1º grau, 1ª grau completo e 2º grau). Rocha contrasta a fala de cariocas à fala de brasilienses, especificamente dados de fala de 10 alunos da 4ª série do 1º grau da zona urbana, de ambos os sexos e com idade entre 7 e 14 anos, bem como a partir da fala de alunos do ensino superior. A estratificação por idade segue aquela proposta pelo PEUL.

Os resultados apontam para o fato de que o subjuntivo é favorecido, nas duas amostras, por verbos de dúvida (P.R. 0,95), bem como por verbos não-factivos volitivos (P.R. 0,95) e não-factivo não volitivo (P.R. 0,89), a exemplo de *pedir* e *ser necessário*. Contrariamente aos resultados alcançados por Bianchet (1996), os resultados de Rocha (1997) mostram que o subjuntivo é favorecido por verbos de opinião e suposição, como *acreditar*, *pensar* e *supor* (P.R. 0,73). O indicativo é favorecido por verbos emotivos, como *gostar*, indiferentes de oposição, como *parecer*, indiferentes de opinião, como *achar*, e verbos factivos, como *saber*.

Pimpão (1999; 2012) analisou casos em que a forma do presente do subjuntivo coocorre com a forma do presente do indicativo, na fala de sujeitos nascidos em Florianópolis e Lages. Esta autora também oferece uma análise diacrônica de dados extraídos de uma amostra composta por cartas publicadas em jornais locais (do século XIX até o fim do século XX). Ela verificou que, de modo geral, o uso do subjuntivo é condicionado pelos fatores tempo-modalidade, pessoa verbal e conjugação verbal. Especificamente para as orações substantivas e adverbiais, a autora observou que o traço de futuridade favorece o subjuntivo, contextos em que aparecem a 3ª pessoa verbal favorecem esse modo nas orações relativas, e que verbos de 1ª conjugação favorecem o uso do subjuntivo em orações com o item *talvez* (Pimpão, 1999).

²⁹ Programa de Estudos sobre o uso da Língua/UFRJ.

Em Pimpão (2012), os dados sincrônicos são organizados em duas amostras, sendo a primeira composta por dados de 24 entrevistas realizadas nas cidades de Lages e 24 em Florianópolis, que compõem o banco de dados do Projeto VARSUL³⁰, e cujos participantes foram estratificados de acordo com sua localidade (Lages ou Florianópolis), seu sexo (Feminino ou Masculino), sua idade (25 a 50 anos e 50 anos ou +) e sua escolaridade (Primário, Ginásio ou Colegial). A segunda amostra contempla apenas dados de Florianópolis, e se caracteriza por ser uma ampliação dos dados dessa cidade que compõem a amostra 1. Nesse caso, os dados são da fala de mais 20 informantes, incluindo-se falantes com ensino superior. A amostra diacrônica é composta por 244 cartas ao redator, publicadas em jornais das duas cidades.

Quanto aos resultados da amostra 1, Pimpão (2012) observou que o subjuntivo é mais recorrente em Lages (P.R. 0,56) do que em Florianópolis (P.R. 0,44), e que esse modo é favorecido pela projeção temporal futura (P.R. 0,65), como em *pode ser que vocês participem, então você vê que vai ser ótimo pra vocês*³¹. Na análise das duas cidades juntas, pelo submodo deôntico³² (P.R. 0,67), e por valores de volição dos verbos (P.R. 0,89), em casos com o verbo *querer*, por exemplo. Para Pimpão (2012), a sócio-história das cidades pode explicar o favorecimento do presente do subjuntivo pelos lageanos, comparativamente aos florianopolitanos, que foram mais alcançados pelo desenvolvimento econômico do estado de Santa Catarina.

O subjuntivo é ainda favorecido por estruturas com assertividade negativa na oração, a exemplo de *a televisão não tem nada que preste*, pelo tipo de verbo da oração principal e pelo item *talvez*, que favoreceu o uso do subjuntivo em Lages, mas não em Florianópolis. Socialmente falando, o

³⁰ Projeto Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil/UFRGS.

³¹ Exemplos extraídos de Pimpão (2012).

³² O submodo deôntico compõe um dos eixos do que Givón (1995: 112) denomina de modalidade, e que, segundo o autor, diz respeito à “atitude do falante em relação à proposição” enunciada. A modalidade é organizada em dois eixos: uma epistêmica, que atribui valores de verdade, crença, probabilidade, certeza e evidência dos fatos; e um avaliativo/deôntico, que atribui valores de desejo, preferência, intenção, habilidade, manipulação e obrigação aos enunciados.

subjuntivo se correlaciona à escolaridade dos falantes e ao sexo, mas não à idade dos participantes: quanto mais escolarizado é o indivíduo, mais ele tende a selecionar a forma considerada padrão, com os homens favorecendo mais esse modo verbal.

Na amostra 2, que inclui informantes de Florianópolis, com ensino superior, os resultados obtidos na amostra 1 para os fatores estruturais se repetem aqui. Do mesmo modo, para os fatores sociais, é escolaridade e sexo os que mais se correlacionam à variação nos usos das formas verbais. Aqui, os falantes com ensino superior favorecem o subjuntivo (P.R. 0,62), comparativamente aos falantes com escolaridade média (P.R. 0,53). Os falantes com ensino fundamental desfavorecem o uso do subjuntivo (P.R. 0,41). Nessa análise, os homens continuam favorecendo mais o uso do subjuntivo (P.R. 0,57), relativamente às mulheres (P.R. 0,42).

Esses resultados, de acordo com Pimpão (2012), revelam a forte influência da escola na aquisição das formas próprias do subjuntivo, modo que carrega forte noção de formalidade e escolarização. Quanto ao sexo, ela afirma que, embora os homens tendam a favorecer o uso do subjuntivo, não se trata de uma variação “muito polarizada” (Pimpão, 2012: 276).

Os resultados apontados até aqui foram, em maior ou menor grau, alcançados por uma série de pesquisas, tais como: Alves Neta (2000), que analisou a variação entre o subjuntivo e o indicativo na fala da cidade de Januária, em Minas Gerais; Santos (2005), que estudou a alternância entre as formas do indicativo e do subjuntivo em orações subordinadas substantivas e adverbiais a partir da análise de dados extraídos da fala de sujeitos nascidos em cidades do noroeste paulista³³; Carvalho (2007), que analisou dados da fala de informantes da região do Cariri³⁴,

³³ Santos (2005) analisa dados da fala de sujeitos entrevistados pelo Projeto *Iboruna* (cf. GONÇALVES, 2005), e que vivem na região noroeste paulista, mais especificamente nas cidades de São José do Rio Preto, Bady Bassit, Mirassol, Guapiaçu, Onda Verde, Cedral e Ipiгуá.

³⁴ A região do Cariri é, de acordo com Carvalho (2007), uma microrregião situada ao sul do estado do Ceará. Para a pesquisa, foram realizadas entrevistas nas sete principais cidades que compõem aquela área (Barbalha, Nova Olinda, Juazeiro, Várzea Alegre, Altaneira e Mauriti).

microrregião localizada ao sul do estado do Ceará; Fagundes (2007), que verificou a questão dialetal em seu estudo sobre o subjuntivo, ao analisar dados do Projeto Varsul, extraídos de subamostras de quatro localidades – Curitiba, Irati, Londrina e Pato Branco; Oliveira (2007), que analisou dados de João Pessoa, extraídos do VALPB³⁵, projeto que reúne informantes estratificados por sua escolarização (sujeitos sem escolarização, e com escolaridade de 1 a 4, 5 a 8, 9 a 11 e mais de 11 anos), seu sexo (Masculino e Feminino) e com a faixa etária (FI: 15 a 25 anos, FII: 26 a 49 anos, FIII: 50 anos ou +); Almeida (2010), que analisa dados de escrita do século XIII ao século XX, bem como dados de fala culta, a partir de amostras do NURC³⁶, nas cidades do Rio de Janeiro e Salvador, e não-culta, a partir do PEUL; e Santos (2015).

O estudo de Santos (2015) comparou a produção do subjuntivo e do indicativo a partir da análise de 36 entrevistas sociolinguísticas gravadas, transcritas e disponibilizadas³⁷ pelo Grupo de Estudos em Sociolinguística da USP (GESOL), e as comparou à fala de 36 ludovicenses, cuja amostra foi coletada e transcrita pelo próprio autor, entre 2012 e 2013.

O estudo focalizou a alternância de formas indicativas e subjuntivas em contextos nos quais ambas são possíveis, como no diálogo abaixo:

- (7) D1: em relação a... a violência você já sofreu algum... ato de violência?
S1: nós automaticamente não se expõe à violência porque nós é muito família então não tem muito contato com isso [embora é uma coisa generalizada em São Paulo]
(SPM2B-NelsonF.)
- (8) eu tenho facilidade de pegar o sotaque então [se eu you... pra Minas] eu saio falando (amineirado). (SPF1S-SilviaB.)
- (9) com o passar do tempo [talvez a gente acaba gostando mais da nossa mãe]... (SLM1S-EduardoE.)

³⁵ Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba/UFPB.

³⁶ Projeto Norma Urbana Culta/UFRJ.

³⁷ Disponível em: projetosp2010.fflch.usp.br/. Último acesso em 05 jan. 2020.

A discussão que o autor levanta é a de que, nos casos acima, “o modo subjuntivo pode ser expresso ainda que se empreguem formas do indicativo” (Santos, 2015: 15), e que essas formas verbais (em termos de flexão mesmo) seriam *variantes de uma variável*. Entretanto, há outros casos de subordinação em que as formas do subjuntivo e indicativo se alternam, mas nos quais não parecem funcionar como *variantes de uma variável*. Para o autor, seriam esses os casos das orações subordinadas substantivas e adjetivas.

(10) [eu **acredito**] [que ela vai se reeleger]

(11) meus pais sempre compravam os **livro** [que os professores indicassem]

Para casos como os vistos acima, em 10 e 11, embora seja possível alternar as formas subjuntivas pelas indicativas, a proposição de que as formas do indicativo e do subjuntivo funcionam como *variantes de uma variável* parece mais difícil de defender, de acordo com Santos (2015). Independentemente da discussão levantada, a questão central que norteou a pesquisa é se as formas do indicativo estariam “tomando os espaços” das formas do subjuntivo.

Os resultados mostraram que a morfologia do subjuntivo é ainda bastante produtiva na fala de ludovicenses e paulistanos, favorecida em contextos de orações substantivas, com o verbo da oração matriz significando volição e desejo, como *querer* e *desejar*, mas que o indicativo foi preferido, nas duas amostras, em orações substantivas cujo verbo da oração matriz tem carga semântica cognitiva, como *acreditar*. Santos verificou que, ainda que em São Paulo o indicativo fosse mais utilizado (no sentido de porcentagem das ocorrências), há um indício de mudança se iniciando em São Luís, já que os mais jovens tendem a favorecer o uso do indicativo nesses contextos de subordinação.

Entre as orações adverbiais, Santos (2015) concluiu que a morfologia do subjuntivo é favorecida em orações concessivas,

introduzidas pelo subordinador *embora*, e em orações introduzidas pelo advérbio *talvez*, tanto em São Luís quanto em São Paulo.

Entre os fatores sociais, a escolaridade foi importante para explicar o uso do indicativo no lugar do subjuntivo, nas duas capitais: quanto mais escolarizado é o falante, mais ele tende a usar as formas padronizadas do subjuntivo. A diferença entre homens e mulheres não foi estatisticamente significativa em ambas amostras.

O interesse em apresentar alguns resultados dessas pesquisas reside no fato de que há, em alguma medida, padrões uniformes entre elas, e que, mais do que uma perda total da morfologia desse modo, há uma variação estável ocorrendo no paradigma do português, no que concerne à expressão desse modo verbal.

Além disso, o foco em variáveis sociais mostra que a escolaridade parece ser um fator importante para a seleção do subjuntivo em contextos mais formais de uso (Silva, 2008; Bolyanatz, 2017), mesmo que, sem embargo, a morfologia desse modo deixe de ser expressa, ainda que existam condições para a sua realização (Azevedo, 1974). Parece fato que falantes de diversas regiões tendem a usar o subjuntivo de maneiras diferentes (veja-se, por exemplo, que o subjuntivo é mais recorrente na fala de lageanos do que na fala de florianopolitanos (Pimpão, 2012), de modo que esse fenômeno não se refere, necessariamente, a um caso de variação livre (Labov, 2008[1972]), mas correlacionado a fatores de ordem estrutural, social e discursivo.

Azevedo (1974: 50-51) explica que, embora tenha analisado uma pequena quantidade de dados, muitos de seus informantes (a maioria universitários) afirmaram ter a “impressão de que usavam o subjuntivo com menos frequência em contextos menos formais de usos” e que “as pessoas menos instruídas tendem a usar o subjuntivo menos”, sobretudo em casos como *embora eu acho que não está certo*³⁸. Essas impressões parecem ser confirmadas por algumas gramáticas descritivistas e por alguns linguistas.

³⁸ Esse exemplo, extraído de Azevedo (1974: 51), teria aparecido na fala de um de seus informantes com ensino superior.

Thomas (1969: 137) afirma que “o subjuntivo é uma parte muito importante da língua viva falada no Brasil”³⁹, e que, “como em muitas outras línguas ocidentais, há uma tendência considerável em reduzir a sua aplicação, que é menos utilizado no BP [português brasileiro falado] do que na linguagem literária”⁴⁰. O autor acrescenta que, “ainda assim, todas as formas [...] são constantemente usadas na fala de todos os níveis da cultura”, e que “em muitos casos, existem alternativas ao subjuntivo”⁴¹ que podem ser ouvidas com mais frequência do que esse modo, ainda que seja rara a perda completa de uma construção subjuntiva, mesmo na língua falada.

Para Nascentes (1953[1922]: 169), o problema da substituição do subjuntivo pelas formas do indicativo parece estar na falta de escolarização dos falantes, segundo o qual, o presente do indicativo, sobretudo em formas negativas, é muito utilizado na expressão do imperativo, fato esse explicável pelo pouco conhecimento que o povo teria do subjuntivo, que dele faz um uso muito limitado. Nascentes acrescenta que o mesmo se dá em Portugal, e que o

indicativo aparece na linguagem popular, na dos adultos para as crianças (ralhos, recomendações) e na linguagem corrente quando se quer vincar mais um fato assente no nosso espírito ou traduzir uma ordem imperiosa (Nascentes, 1953[1922]: 169).

Sobre o subjuntivo, especificamente, Nascentes (1953[1922]: 169) afirma que esse modo verbal⁴² “não é usado pela classe inculta”, e que ele é “substituído frequentemente pelo indicativo. Aparece em frases feitas: *Deus o favoreça* [grifos originais]. Segundo esse autor, “o povo não sente o

³⁹ Tradução para o trecho “*The subjunctive is a very important part of the living spoken language in Brazil*”.

⁴⁰ Tradução para o trecho “*as in many other Western languages, there is a considerable tendency to reduce the application of the subjunctive, and it is less used in BP [spoken Brazilian Portuguese] than in the literary language*”.

⁴¹ Tradução para o trecho “*Still, all forms, i.e., all six historical tenses, are constantly used in the speech of all levels of culture. ... In many cases alternatives to the subjunctive exist*”.

⁴² Embora se compreenda que se trata de variação entre as formas do subjuntivo pelas do indicativo, este autor trata da questão como variação modal.

matiz dubitativo deste modo”, em casos como “*não quero que ele vai com você*”⁴³, e que, “para a expressão, o indicativo o satisfaz”. Afirmar ainda que talvez o povo ache mesmo “difíceis, complicadas, *pedantes*, as formas do subjuntivo” [grifos nossos].

Camara Jr. (2009[1970]: 98), contrariamente a Nascentes, entende que, “duas categorias morfológicas”, maneira como ele entende os modos verbais, estão em pé de igualdade de ocorrências na fala de pessoas com mais ou menos escolaridade. No entanto, a proposta que ele faz da abordagem dessas categorias leva a entender que não há previsão para uma forma ser substituída por outra, sem prejuízo de sua carga semântica. Segundo Camara Jr., “o subjuntivo, incluindo o imperativo, assinala uma tomada de posição subjetiva do falante em relação ao processo verbal comunicado”, e que, no indicativo, ao contrário, não há essa possibilidade. Ele acrescenta que o subjuntivo tem a característica sintática “de ser uma forma verbal dependente de uma palavra que o domina”, quer seja o *advérbio talvez*, quer seja *um verbo da oração principal*.

Diante dessa abordagem, fica claro que o uso de formas subjuntivas pelas indicativas, recorrentes na língua, merece a atenção de linguistas das diversas regiões do país, como se observou neste tópico. Azevedo (1976), Perini (2005) e Castilho (2010) mostram que, para além do caráter teórico que envolve esse problema de variação, aspectos extralinguísticos, como “classe social, grau de instrução dos falantes, o grau de formalidade da situação em que se desenrola o ato comunicativo” (Azevedo, 1976: 51) fazem do subjuntivo um estudo necessário para se compreender a realidade linguística do português brasileiro, já que ele representa uma das mais intrigantes características linguísticas das línguas neolatinas (Poplack et al, 2013).

No entanto, como bem afirma Azevedo (1976: 52), é necessário também ir além da simples amostragem dos fatores que se correlacionam ao uso de uma ou outra forma modal. Para ele, é necessário acessar as motivações que levam os falantes a usar determinado modo, por meio do

⁴³ Exemplo extraído de Nascentes (1953[1922]: 169).

conhecimento do seu grau de instrução, o que obriga o pesquisador a acessar informações acerca do seu grupo socioeconômico, de um lado, e analisar diversos graus de formalidade situacionais, de outro lado, já que o uso de um das morfologias verbais depende do maior ou menor grau de formalidade da situação comunicativa. O passo seguinte, explica o autor, é verificar se os mesmos falantes mantêm as mesmas características quanto ao seu grau de instrução, classe social e formalidade situacional, se se comunicarem no subjuntivo ou no indicativo.

Essa proposta de Azevedo, embora ele não a denomine como “percepção”, se coaduna diretamente ao objetivo deste trabalho, que busca verificar se falantes nordestinos/maranhenses, bem como falantes paulistanos, são igualmente percebidos a depender do modo verbal em que forem ouvidos por ouvintes ludovicenses ou paulistanos.

Embora este trabalho não se baseie diretamente em Azevedo (1976), a reflexão que ele levanta é de interesse do trabalho que aqui se desenvolve, ao buscar acessar os significados sociais associados a formas linguistas, especificamente os significados associados ao subjuntivo e ao indicativo. A busca por significados sociais de variáveis linguísticas tem interessado à comunidade sociolinguista, mais recentemente, embora esse método de trabalho, objeto do próximo capítulo, venha sendo desenvolvido desde a década de 60, por Lambert et al (1960), por meio da técnica de *estímulos pareados*.

Este capítulo se propôs a apresentar o escopo dos usos e valores que a expressão dos modos subjuntivo e indicativo apresentam no português brasileiro. Especificamente, interessou-se por mostrar que, embora haja um grande esforço normativo em se estabelecer as regras de usos desses dois modos, diversos linguistas (sociolinguistas ou não), se debruçaram em mostrar que é possível que formas subjuntivas sejam substituídas por formas indicativas, sem prejuízo semântico para o que se pretende comunicar (Azevedo, 1976; Poplack, 2013).

2

A sociolinguística em ondas e o interesse no significado social da variação

A premissa básica dos estudos variacionistas é a de que a variação linguística é inerente ao sistema linguístico, mas nem todas as variáveis apresentam significado social, embora também haja a alegação de que a variação linguística carrega consigo significado social, já que ela liga o falante ao ouvinte na comunicação social, de acordo com Campbell-Kibler (2009). Essas questões que embasam o trabalho sociolinguístico possibilitam que se elaborem perguntas mais específicas, levando a pontos de vista distintos o modo como se enxerga a relação entre língua e sociedade, e diferenciam as muitas pesquisas que vêm sendo realizadas nessa área.

Nos últimos anos, pesquisadores vêm sendo cada vez mais atraídos pelo interesse em acessar o significado social de formas linguísticas, uma vez que elas podem apresentar uma ampla gama de maneiras pelas quais possam se vincular a valores para além do sentido referencial ou semântico (Silverstein, 1976) e abarcar uma multiplicidade de significados que podem ser explorados pelos falantes (Ochs, 1992).

Este capítulo objetiva situar esta pesquisa entre os estudos sociolinguísticos, à proporção que apresenta os pressupostos teóricos entre os quais se insere.

2.1. As três ondas dos estudos sociolinguísticos

Nos estudos sociolinguísticos, o significado social das variantes linguísticas tem sido abordado de diferentes modos. Com a intenção de elucidar essas várias abordagens, Eckert (2012) parte da questão a respeito da estruturação do significado social para caracterizar o que ela vem denominando de três “ondas” dos estudos variacionistas.

A primeira onda da sociolinguística focaliza, principalmente, a documentação da variação e mudança das línguas nas comunidades. Esse tipo de estudo identifica a variação, determina as restrições linguísticas e sociais dessa variação e se essa variação é ou não um reflexo da mudança da língua (Coulpland, 2016). A pesquisa considerada seminal da “primeira onda” é a empreendida por Labov (2006[1966]), sobre a estratificação social do inglês nova-iorquino. O objetivo principal desse trabalho é a descrição de padrões regulares de variação e de mudança linguística. Para os trabalhos que replicaram o método empreendido por Labov, e que se enquadram, portanto, na primeira onda, de acordo com a organização epistemológica proposta por Eckert (2012), importa a estratificação socioeconômica para explicar esses padrões e a variação é vista em correlação com macrocategorias sociais, como faixa etária, sexo/gênero, grau de escolaridade, classe social, entre outros.

É central, entre as pesquisas de “primeira onda”, a noção de variantes de uma variável, bem como a noção de prestígio (Mendes, 2017). Nessas pesquisas é recorrente a afirmação, por exemplo, de que as mulheres tendem a favorecer as formas de prestígio na sociedade (Chambers, 1995). Nas palavras de Mendoza-Denton (2002), a identidade dos falantes é, por vezes, confundida com as categorias macrossociológicas analisadas.

Nos estudos de primeira onda também que é mais comum se ouvir o termo *estilo*, entendida aqui como a atenção dada à própria fala, a depender do grau de monitoramento (Labov, 2008[1972]): nos momentos que se monitora menos, o falante se aproxima de um estilo mais casual, ao contrário de quando há um maior grau de monitoramento, caso em que o mesmo falante se aproximaria de um estilo de fala mais cuidadoso, prestando mais atenção ao *que* e ao *como* fala.

O trabalho de Labov (2006[1966]), sobre a estratificação do /-r/ pós-vocálico, em casos como *beer* ‘cerveja’ e *board* ‘quadro’, mostrou que havia uma tendência, entre os novaiorquinos, do aumento de realização da pronúncia do rótico, de acordo com a classe social dos falantes. Em geral,

quanto mais alta é a sua classe social, maiores são as taxas de realização dessa variável. Quando se cruzam as variáveis classe social e estilo (figura 2.1), observa-se que, para todas as classes, quanto maior atenção dada à fala, maiores são as taxas de pronúncia do /-r/, entre os falantes.

Figura 2.1: Taxas de realização de /-r/ de acordo com estilo e classe social de falantes novaiorquinos
(Adaptado de Labov, 2006[1966]: 118)

Também com características de estudos de primeira onda, o trabalho de Oushiro (2015) chega a conclusões parecidas com as de Labov. Ao realizar uma análise qualitativa e quantitativa da pronúncia variável de /-r/ como tepe ou retroflexo na cidade de São Paulo, confirmou a hipótese de que o uso da variante tepe aumentaria a depender do estilo da entrevista, embora não tenha havido gradação nesses resultados.

Tabela 2.1: Distribuição de ocorrências /- r/ de acordo com Estilo
(adaptada de Oushiro, 2015: 106)

Estilo	P.R.	%	N-Total
Conversação + Jornal + Depoimento	0.58	32,3	7.241
Palavras	0.24	13,8	1.985
<i>Range</i>	<i>34</i>		

A autora observou que, tanto em contextos de leitura de jornal, quanto em leitura de depoimento, nas entrevistas, houve favorecimento do emprego da variante retroflexa (P.R. 0.58), com seu desfavorecimento na leitura da lista de palavras (P.R. 0.24).

Labov (2006[1966]: 118) atribui os seus resultados a um processo de “hipercorreção social”, no sentido de que “há um mecanismo importante na transmissão para baixo de um padrão de prestígio”, ou seja, os falantes da classe média alta desejam soar como de classe social ainda mais alta, e até ultrapassam a classe alta em certos contextos estilísticos. Oushiro (2015: 106) também se vale da noção de prestígio para explicar a variação nos usos dos róticos no português paulistano. Para ela,

no estilo em que se espera o maior grau de monitoramento, os falantes apresentam forte tendência a evitar o retroflexo e a favorecer o tepe, o que é indicador de seus graus de prestígio *relativos* na comunidade (maior para o tepe, menor para o retroflexo) [grifos da autora].

Essa relação aparentemente biunívoca entre monitoramento da fala e o estilo foi questionada pelos chamados estudos de segunda onda da pesquisa sociolinguística (Eckert, 2012), que propõem que formas linguísticas vernaculares menos prestigiosas poderiam apresentar valores positivos nas práticas locais. Os estudos de segunda onda, apesar de se interessarem por correlações entre uma variável linguística e macrocategorias sociais, a exemplo das pesquisas de primeira onda, entendem que as categorias sociais são mais localmente definidas. Eckert

(2012) explica que há, nessas pesquisas, o emprego de métodos etnográficos para explorar as categorias e configurações locais que habitam ou constituem essas categorias mais amplas. Uma das principais questões, levantadas por pesquisadores interessados em uma abordagem mais etnográfica da variação linguística é se comunidades de falantes urbanas não funcionariam com base em categorias sociais mais localmente definidas, ainda que a busca por padrões de mudança continuasse sendo o principal interesse dos estudos.

O trabalho de Eckert (2000) em uma escola de ensino médio, situada na periferia de Detroit, é um exemplo de pesquisa cujo interesse se define em características sociais mais locais. A autora analisou dois subgrupos da escola Belten High, os *jocks* e os *burnouts*. Os primeiros se caracterizam por ser alunos tipicamente de classe média, cuja identidade é localmente definida por sua competitividade e afiliação aos valores da escola e dos professores, enquanto os segundos, oriundos da classe trabalhadora, caracterizam-se por rejeitar a escola como *locus* de sua vida social, e definir sua identidade com base no bairro onde moram e na ideia de urbanidade. Em linhas gerais, a pesquisadora observou que diferentes usos do alçamento e a posteriorização de vogais médias e baixas, a exemplo de *bot* e *bought*, além da variável sintática “negação”, como em *I don't know nothing*, contribuíam na constituição dos estilos associados às duas comunidades de práticas distintas que mais se destacavam entre os alunos, e que essas formas vernaculares, que não ocorreriam em estilos de fala mais cuidadosa, como a entrevista sociolinguística, por exemplo, apresentam um valor positivo entre os *burnouts*, marcando a indicialização de características sociais mais localmente definidas.

De maneira geral, o cerne dessa abordagem baseada em práticas (Eckert, 2012) está em descobrir normas e crenças compartilhadas, consideradas cruciais na construção e expressão de identidades, por meio de observação direta. Nesse sentido, a noção de estilo é tomada aqui como um elemento essencial para a construção de categorias sociais, por meio

de atos de filiação, que superam a noção de estilo como o grau de atenção dado à fala.

Enquanto as características linguísticas indicializam categorias sociais na primeira e na segunda ondas, nas pesquisas de terceira onda, as características linguísticas indicializam significados sociais (Moore; Podesva, 2009). Esse é o movimento principal da terceira onda: pensar a variação como reflexo de identidades e categorias sociais para a prática linguística, na qual os falantes se colocam no cenário social através da prática estilística (Eckert, 2012). A variação se constitui, assim, como “um sistema sociossemiótico capaz de expressar toda a gama de preocupações sociais de uma comunidade”⁴⁴ (Eckert, 2012: 94).

Para a terceira onda, a mudança linguística não é o foco de discussão, mas a capacidade que os falantes têm de se posicionar no mundo social, comunicando informações sociais a respeito de sua identidade e sobre sua “tomada de posição”⁴⁵, isto é, a posição discursiva na qual o indivíduo se coloca no momento de uma interação social. O principal movimento dos estudos de terceira onda é compreender a variação linguística “como um reflexo das identidades sociais e categorias da prática linguística, na qual os falantes se colocam no panorama social por meio da prática estilística” (Eckert 2012: 94)⁴⁶; desse modo, centram seu interesse nos significados sociais de variáveis linguísticas (por exemplo, Ochs 1992; Agha 2005; Podesva 2007; Eckert 2008).

Interessam, então, para os estudos de terceira onda, a noção de estilo, agora entendido como “tomada de posição” dos falantes, que incluem modos de se posicionar no mundo social, e do qual variantes linguísticas fazem parte (Eckert, 2012), bem como a noção de significado social das variantes linguísticas. Mendes (2018: 51) acrescenta que, para os

⁴⁴ Tradução para o trecho: “*constitutes a social semiotic system capable of expressing the full range of a community's social concerns*”.

⁴⁵ Tradução proposta por Mendes (2018) para o termo *stance*, de acordo com as discussões propostas por Jaffe (2009), acerca da abordagem sociolinguística de como o falante se posiciona nos diversos atos comunicativos.

⁴⁶ Tradução para o trecho: “*as a reflection of social identities and categories to the linguistic practice in which speakers place themselves in the social landscape through stylistic practice*”.

estudos de terceira onda, “a variação é um sistema de signos cujos significados emergem de acordo com seu papel na construção de estilos que, por sua vez, “aparecem” na performance de *personae* e de tipos sociais” [grifos do autor].

De acordo com Eckert (2012), uma pesquisa considerada típica de terceira onda é a de Labov (2008[1972]), na ilha de Matha’s Vineyard, que analisou a realização variável dos ditongos /aw/ e /aj/, a exemplo de *mouth* ‘boca’ e *wife* ‘esposa’, e cujas pronúncias se dão em um gradiente que vai desde a realização de uma variante mais aberta [aw][aj] até a realização da outra variante mais centralizada [əw][əj] (Mendes, 2017).

A variante mais centralizada, recorrente na fala dos moradores locais – a maioria pescadores –, mas menos frequente no inglês norte-americano, de modo geral, era empregada em Martha’s Vineyard como um modo de diferenciação das pessoas que se instalavam na ilha, durante o verão. Labov (2008[1972: 57] concluiu que o uso mais centralizado das variantes se dava por uma necessidade dos falantes locais de expressarem, ainda que inconscientemente, o seu pertencimento à ilha, por meio de um “significado *vineyardense*” [grifos originais] desses traços fonéticos.

Mendes (2017: 103), que faz uma revisão elucidativa das três ondas da sociolinguística, afirma que a terceira onda representa

uma volta ao significado social da variação. Uma volta, pois, embora o interesse por fatos dessa natureza não seja algo novo, [...] pode-se dizer que rapidamente, na história da disciplina [a Sociolinguística], o significado social da variação cedeu centralidade para o interesse pela mudança linguística.

Entretanto, com relação às três ondas dos estudos sociolinguísticos, Camacho (2010: 158) explica que “esses ciclos não se sobrepõem”, já que o trabalho de Labov (2008[1972]) é a “primeira via etnográfica, quantitativamente orientada da variação”.

Mais recentemente, como um trabalho típico de terceira onda, Podesva (2007) analisou o emprego do falsete na construção do estilo de fala de Heath, pseudônimo de um médico gay norte-americano. Esse autor

pediu que o médico gravasse suas conversas no trabalho, em interação com seus pacientes, em um churrasco com os amigos e ao telefone, com o pai – três situações de interações sociais diferentes.

Podesva, em seguida, mediu o *pitch* da fala de Heath nas gravações, com o interesse de observar com que frequência o falsete era usado por ele em cada uma das situações, e em quais situações favoreciam o seu uso. O autor concluiu que, na conversa com os amigos, durante o churrasco, os falsetes eram mais recorrentes, mais longos e com a frequência (f0) mais alta. Essa realização era também bastante recorrente na fala de Heath, em suas interações no consultório.

Como a frequência (f0) mais alta é socialmente associada à fala das mulheres, uma vez que, nas duas situações, o uso do falsete é correlacionado a características “mais femininas”, esse traço apresentava significados sociais diferentes nas duas situações de interação: no consultório, Heath soava como um médico que se importa com o bem-estar dos pacientes, já que as frequências mais altas de (f0) remetiam a um estilo mais cuidadoso; no churrasco com os amigos, por sua vez, o falsete remetia a um estilo *diva*, grandioso e socialmente eloquente. Em ambos os casos, a mesma variante, socialmente correlacionada a traços de feminilidade, veicula significados sociais distintos, a depender de quem a avalia, e em qual situação.

Os significados sociais podem, de acordo com Eckert (2008; 2012) se relacionar entre si, formando o que a autora vai denominar de *campo indicial*⁴⁷ da variação linguística, que pode ser, por sua vez, fluido e dinâmico. No sentido dado ao estilo pelos estudos de terceira onda às formas linguísticas, o trabalho de Podesva (2007) sobre o falsete não se correlacionaria diretamente a categorias sociais mais amplas, como as que interessam aos estudos de primeira e segunda onda, mas com categorias mais específicas, como *diva*, *cuidadoso*. Essas categorias específicas, por sua vez, se correlacionariam às categorias sociais, nos estudos de terceira onda, mas não diretamente: uma mesma variante linguística associa-se a

⁴⁷ Tradução do termo *indexical field* (Eckert, 2008; 2012).

um conjunto de significados sociais, que vão se tornando mais específicos a depender do contexto social e do estilo em que cada falante estivesse inserido.

É, ainda, de interesse dos estudos de terceira onda a noção de *agentividade* do sujeito em expressar sua identidade nas interações comunicativas. Uma das críticas mais contundentes aos estudos de primeira onda diz respeito à análise das variáveis linguísticas com base em macrocategorias pré-estabelecidas, ao contrário dos estudos de terceira, que se interessam mais pelos significados sociais dessas variantes, e sua dinamicidade no modo como elas podem ser ressignificadas. Nesse sentido, “a identidade social é uma dimensão crucial do significado social de uma forma linguística específica” (Ochs, 1992: 288), entendida como uma consequência inferencial de seus atos e *tomada de posição*, que se codifica na estrutura linguística, e não em categorias pré-estabelecidas. A *agentividade* do falante, no entanto, tem que ser relativizada, uma vez que um indivíduo não consegue controlar sua fala o tempo todo, intencionalmente, para criar uma certa identidade social (Oushiro, 2015), e porque, segundo Ochs (1992), os construtos sociais são inerentes aos indivíduos, de modo que nenhum falante é sempre exposto a todas as variantes linguísticas e, portanto, a todos os significados sociais disponíveis, mas às mais socialmente salientes (Levon; Fox, 2014).

O conceito de saliência, aqui, é tomado como a “relativa capacidade de uma forma em evocar um significado social” (Levon; Fox, 2014: 187), e está estritamente associado com as noções de *indicadores*, *marcadores* e *estereótipos* propostas por Labov (2008[1972]), além do conceito de monitorador sociolinguístico (Labov et al, 2011).

Indicadores são traços linguísticos encaixados numa matriz social, exibindo diferenciação segundo a idade e o grupo social, mas que não exibem nenhum padrão de alternância estilística e parecem ter pouca força avaliativa [...]. *Marcadores* [...], por sua vez, exibem estratificação estilística tanto quanto estratificação social. Embora possam estar abaixo do nível da consciência, produzirão respostas regulares em testes de reação subjetiva. *Estereótipos* são

formas socialmente marcadas, rotuladas enfaticamente pela sociedade. (Labov, 2008[1972]: 360) [grifos do autor]

Com base nesses estudos, e com a explicação das noções de indicadores, marcadores e estereótipos, proposta por Labov, o estudo do subjuntivo empreendido por Santos (2015), sobre a variação entre as formas próprias desse modo e o indicativo, no português paulistano e ludovicense, bem como a pesquisa de percepção das formas verbais que esse autor desenvolve nesta tese, indica que a variação entre essas formas se refere a um *marcador*, em São Paulo, onde os falantes produzem respostas regulares quando são explicitamente expostos a exemplos com essas formas, embora pareça que não tenham consciência da substituição de um modo pelo outro, mas se trata de um *estereótipo* em São Luís, uma vez que, além de apresentarem estratificação social (escolar, pelo menos), os falantes tendem a avaliar como negativas o uso de uma forma pela outra, em testes de reação subjetiva e quando são expostos diretamente a essas formas.

Entretanto, é preciso esclarecer que essa classificação não pode ser estabelecida para a variável como um todo, já que importa separar todos os contextos em que as duas morfologias podem ocorrer. Isso é necessário porque estruturas como *eu queria que ela estivesse/estava sempre comigo*, uma forma mais marcada que estruturas como *eu quero que vá/vai embora*, podem suscitar avaliações diferentes para os falantes de uma comunidade.

Além desses conceitos, a noção de monitorador sociolinguístico diz respeito “a uma propriedade [cognitiva] observável”⁴⁸ (Labov et al, 2011: 435) que “rastrea, armazena e processa” distribuições linguísticas quantitativas socialmente salientes”⁴⁹ (Levon; Fox, 2014: 186), que controla o efeito da frequência de variáveis sociolinguísticas nos julgamentos e comportamentos sociais (Labov et al, 2011). Mendes (2018: 32) explica que, com o monitorador sociolinguístico,

⁴⁸ Tradução para o trecho “*an observable property displayed by our subjects*”.

⁴⁹ Tradução para o trecho “*that “tracks, stores and processes” socially salient quantitative linguistic distributions*”.

varremos o sinal linguístico em busca de formas diferentes de dizer uma mesma coisa e avaliamos tais formas de acordo com o que aprendemos, em comunidade, ao longo de nossa experiência sociolinguística.

O efeito do monitorador sociolinguístico, então, agiria sobre a saliência social de uma forma linguística, que, por sua vez, não é fixa, já que, por causa da ação do monitorador sociolinguístico, o falante seria capaz de avaliar o uso de certas formas linguísticas, e utilizá-las ou não em certos contextos de fala. Em outras palavras, o grau de saliência social de uma variante dependeria de fatores sociais, linguísticos e cognitivos (Soriano, 2016), de um lado, mas também da cooperação entre falante e ouvinte, ao compartilharem o que Campbell-Kibler (2006) vai chamar de repertório sociossemiótico.

2.2. Estudos de percepção sociolinguística

Embora comparativamente aos estudos de produção sociolinguística, a quantidade de estudos de percepção seja reduzida, existe um campo de pesquisa bastante consolidado, que vem se interessando cada vez mais em analisar as atitudes e crenças linguísticas dos falantes (Gilles & Billings, 2004), e o modo como as impressões dos ouvintes resulta das escolhas linguísticas feitas pelos falantes, através de sua tomada de posição.

Neste tópico, apresentam-se pesquisas que tenham se interessado pelo papel do ouvinte nos processos de variação linguística, tanto no nível fonológico quanto no nível gramatical, uma vez que se entende que elas são essenciais para a definição da proposta de trabalho que aqui se desenha, além do fato de que subsidiam respostas a muitas perguntas relacionadas à existência e à natureza do significado social em relação à variação linguística (Campbell-Kibler, 2006).

Oushiro (2015) aponta para o fato de que estamos, a todo momento, fazendo inferências a respeito das pessoas que ouvimos. O

objetivo do estudo de percepção, nesses casos, é buscar a sistematicidade desses julgamentos. Esta parece ter sido a motivação de Pear (1931, *apud* Campbell-Kibler, 2006; Oushiro, 2015), um dos primeiros a se apoiar na busca da sistematização dos estudos de percepção.

Pear pediu a ouvintes da BBC que fornecessem perfis sobre a personalidade de diversas pessoas que eles ouviam na rádio, comparando, posteriormente, esses perfis atribuídos pelos ouvintes àqueles feitos por indivíduos que conheciam pessoalmente os donos das vozes. De modo geral, os ouvintes forneceram respostas bastante diferentes daqueles oferecidos pelos conhecidos, mas suas impressões foram muito sólidas entre si, o que mostra “a consistência das impressões reportadas pelos ouvintes” (Oushiro, 2015: 263-264).

É na década de 60, no entanto, que os estudos de percepção linguística se consolidam enquanto metodologia científica, com o trabalho de Lambert et al (1960), que desenvolveram a técnica dos *estímulos pareados* ou dos *falsos pares*.

Esses autores apresentaram versões em inglês e em francês de um mesmo texto, lido por 4 falantes diferentes, a ouvintes canadenses. Esses falantes gravaram previamente um mesmo texto, com conteúdo de natureza filosófica, nas duas línguas (o texto era escrito originalmente em francês e foi traduzido para o inglês). A essas oito leituras, os autores adicionaram mais duas gravações como distratoras. O objetivo era acessar as atitudes de ouvintes da rádio acerca do inglês e do francês, por meio do controle do conteúdo dos estímulos e da qualidade da voz dos falantes, e verificar se, a depender da língua em que os ouvintes ouviam cada um dos textos lidos, os falantes recebiam avaliações mais positivas ou mais negativas. Participaram do teste 130 alunos (anglófonos e francófonos) de duas universidades da cidade de Montreal. Esses ouvintes avaliaram os 4 falantes a partir das escalas *altura*, *aparência física*, *liderança*, *humor*, *inteligência*, *caráter*, *simpatia* entre outras. Lambert et al (1960) concluíram, no geral, que os falantes foram mais bem avaliados, tanto pelos ouvintes francófonos quanto pelos anglófonos, quando ouvidos nas

versões em inglês, comparativamente às versões em francês do mesmo texto, para as escalas de altura, boa aparência, inteligência, confiabilidade, bondade, ambição e caráter. As versões do texto em francês foram mais bem avaliadas quanto à escala de humor. Os autores explicam que esses resultados apontam para uma influência dos estereótipos a respeito das duas línguas, na comunidade canadense, como um todo.

A partir de então, uma série de investigações sistemáticas das atitudes tem sido levada a cabo com essa “considerável engenhosidade proposta por Lambert e seus colegas” (Labov, 2006[1966]: 102). Nos últimos anos, os pesquisadores têm sido cada vez mais atraídos pela questão do significado social de variantes linguísticas (Campbell-Kibler, 2006: 21). A principal discussão é a de que uma dada variante linguística pode ser usada pelo falante na produção de significados sociais com os quais ela não esteja diretamente ligada, ou que esses significados podem ser combinados e reinterpretados a todo momento. Ressalte-se ainda que, embora os estudos de percepção venham chamando cada vez mais a atenção dos sociolinguistas, são as variáveis fonológicas que têm sido mais amplamente estudadas por esse conjunto de pesquisadores.

2.2.1. Estudos de percepção sociolinguística de variáveis fonológicas

Um dos trabalhos com esse interesse foi o de Labov (2006[1966]: 265), sobre a estratificação social do inglês falado em Nova Iorque. Depois de concluir a pesquisa sobre a “diferenciação de cinco variáveis fonológicas na cidade de Nova Iorque”, o autor se voltou para o que ele afirmou ser “a questão mais obscura e difícil” por parte dos falantes: as suas “reações subjetivas”. Entendendo que as variáveis analisadas se estratificavam pelo grau de formalidade (estilo da entrevista) e pela classe social dos falantes, Labov elaborou o seu experimento, com o objetivo de confirmar as atitudes dos novaiorquinos com relação às variáveis analisadas.

Labov (2006[1966]: 265-266) explica que há

um padrão de variação social e um padrão de variação estilística que se encaixa intimamente: em geral, uma variante usada pela maioria dos novaiorquinos em estilos formais também é a variante mais usada em todos os estilos por falantes que são mais altamente classificados em uma escala socioeconômica objetiva⁵⁰.

O autor argumenta que essas combinações entre os padrões encontrados para explicar a variação no inglês local sugeriria que muitos novaiorquinos pensavam ou sentiam que algumas variantes fossem melhores, ou mais corretas, ou que fossem dotadas de um maior status social. Interessava, então, investigar tais reações subjetivas.

Para tanto, Labov (2006[1966]) gravou versões diferentes de um texto de cinco parágrafos, que continha cinco variáveis linguísticas: (oh), (æh), (r), (th) e (dh). Essas versões do texto foram gravadas por 5 diferentes falantes mulheres. Labov, então, selecionou uma frase de cada parágrafo que contivesse as variantes de seu interesse e as apresentou a um conjunto de 122 novaiorquinos de idades, sexos, etnias e classes socioeconômicas diferentes. Para cada um deles, Labov pediu que se imaginassem na posição de um gerente que estaria entrevistando um candidato a uma possível vaga de emprego em uma grande empresa. Cada um dos participantes deveria responder ao questionário, que continha uma escala de índice de adequação ocupacional da fala (Labov, 2006[1966]: 269), com base nas funções destacadas no questionário: personalidade televisiva, secretária executiva, recepcionista, operadora de telefone, vendedora, operária de fábrica ou nenhuma das anteriores. A seleção de uma das escalas significava que cada uma das vozes ouvidas se encaixava na realização de um determinado trabalho, e significava que a pessoa que falava poderia ocupar aquele cargo.

De um modo geral, Labov observou que as variantes de maior prestígio social, favorecidas pelas classes sociais mais privilegiadas,

⁵⁰ Tradução para o trecho original: “*a pattern of social variation and a pattern of stylistic variation which fit together closely: in general, a variant that is used by most New Yorkers in formal styles is also the variant that is used most often in all styles by speakers who are ranked higher on an objective socio-economic scale*”.

tendiam a receber avaliações mais altas nas escalas que compunham o questionário de adequação ocupacional, comparativamente às variantes de menor prestígio, favorecidas pelos falantes de classe socioeconômica mais baixa. Labov (2006[1966]: 298) acrescenta que “o princípio mais geral que aparece nesta pesquisa é o de que as reações subjetivas referentes às variáveis fonológicas formam uma estrutura profundamente enraizada, reconhecida por toda a comunidade de fala”⁵¹.

Mais recentemente, Labov et al (2011: 434) buscaram investigar o “aspecto perceptivo da variação quantitativa”, com base no argumento de que os ouvintes não só são sensíveis ao emprego de diferentes variantes em suas avaliações com base numa escala de adequação social, como também à frequência do emprego de uma variante em um contexto de fala. O interesse do estudo é o de relatar como os membros da comunidade reagem à variação quantitativa em um contexto social específico: transmitindo as notícias em uma rede nacional.

Para tanto, os autores realizaram um experimento que objetivou acessar a habilidade dos sujeitos de avaliar frequências de /in/ e /iŋ/, em casos como *preparing* ‘preparando’, por meio da manipulação de uma gravação em que o mesmo falante gravou o mesmo trecho com ocorrências dessa variável, com o intuito de produzir versões apical e velar de (ING). Foram elaborados estímulos que continham de 0% a 100% de ocorrências de /in/ e /iŋ/. 23 alunos de graduação da Universidade da Pennsylvania participaram desse teste.

Os resultados desse experimento mostraram que os ouvintes eram sensíveis às normas que governam a realização de (ING), e que os ouvintes conseguem discriminar diferenças de frequências tão pequenas quanto 20% dessa variável (Labov et al, 2011: 439). No entanto, os autores verificaram que a sensibilidade em perceber diferenças diminui à medida em que as frequências aumentam, além de que, quanto mais os ouvintes ouviam a realização /in/, menos era a adequação do falante ao cargo de

⁵¹ Tradução para o trecho: “*The most general principle which appears from this review is that subjective reactions to phonological variables form a deeply embedded structure which is recognized by the entire speech community*”.

apresentador do telejornal. No geral, esses autores explicam que os resultados obtidos devem ser analisados à luz da compreensão de que (ING) representa uma variável amplamente reconhecida no mundo anglófono, e que, dado ao estereótipo amplamente utilizado no apagamento do 'g', é possível que o monitoramento dessa variável não seja característico das variáveis linguísticas em geral (Labov et al, 2011: 456).

Freitag (2020) replicou esse experimento de Labov e colegas, ao analisar reações perceptuais relativas à distribuições alternadas da variável /t, d/, a exemplo de *dieta* e *típico*, para casos antes de /i/, ou contexto regressivo, e *cuidado* e *muito*, para casos depois de /i/, ou contextos progressivos. O objetivo era testar a capacidade dos ouvintes em avaliar diferentes frequências das variantes analisadas, numa escala profissional, em que uma mulher se candidata a âncora de um jornal. Para tanto, dois diferentes trechos de uma notícia que continham dados de /t, d/ com e sem palatalização foi gravado por uma mulher. Essas notícias diziam respeito a uma suposta transmissão de informação sobre saúde e bem-estar. 175 mulheres e 129 homens responderam ao teste, que continha 7 pontos de profissionalismo, idênticos ao proposto por Labov et al (2011).

Freitag (2020) observou que, no geral, a avaliação da falante na escala de profissionalismo difere a depender de se a falante é ouvida no contexto regressivo, em que /t/ e /d/ ocorrem antes de /i/, ou no contexto progressivo, em que essas variantes ocorrem depois de /i/. Para esse contexto, a autora verificou que houve uma diminuição na classificação de profissionalismo da falante, na medida em que aumentou a porcentagem de frequência de realizações palatais. Para o contexto regressivo, Freitag verificou que houve um comportamento estável na avaliação da palatalização, no sentido de que não houve diferença na classificação, mesmo com o aumento da frequência de realização palatalizada.

A escolaridade dos ouvintes, bem como o seu local de residência, também importou para a avaliação da palatalização, mas não o tempo que levaram para reagir às frequência de realização de palatalização progressiva ou regressiva. Ouvintes mais escolarizados tendem a avaliar a

falante menos com menos escolaridade tendem a avaliar a falante melhor do que aqueles com mais escolaridade, e que ouvintes que não vivem na área urbana e menos escolarizados são menos sensíveis às diferenças de palatalização do que os ouvintes mais urbanos que, supostamente, foram mais expostos à forma de prestígio (a palatalização).

Os resultados encontrados tanto para o contexto progressivo, quanto para o contexto regressivo, se assemelham aos estudos de Labov et al (2011) e Levon e Fox (2014), de quem ela também replica a metodologia utilizada em sua pesquisa. Além disso, Freitag (2020: 29) corrobora a hipótese do monitorador sociolinguístico é sensível à frequência de estereótipos negativos.

O trabalho de Campbell-Kibler (2006; 2007; 2009) também analisou os significados sociais da variante (ING) do inglês americano, e, para isso, utilizou a técnica dos estímulos pareados (Lambert et al, 1960). O interesse é o de verificar se ouvintes percebem “sotaques” em relação às duas formas de (ING), a saber a variável /iŋ/ velar, considerada como padrão no inglês norte-americano, e a variável /in/ alveolar, tradicionalmente associada à região dialetal sul dos EUA.

Para elaborar os estímulos, Campbell-Kibler selecionou excertos de fala de oito indivíduos de diferentes regiões dos Estados Unidos (dois homens e duas mulheres do estado da Carolina do Norte e dois homens e duas mulheres da Costa Oeste – Califórnia e Seattle), gravados previamente em entrevistas sociolinguísticas. Ela escolheu trechos de cerca de 15 segundos de duração que contivessem de duas a seis ocorrências de (ING) e os manipulou digitalmente de modo que cada trecho resultasse em dois estímulos: um só com a variante velar [iŋ] e outro só com a variante alveolar [in].

Os participantes ouviram uma versão de cada trecho (com [iŋ] ou com [in]) de cada informante e, para cada um, havia a instrução para que imaginasse a pessoa que estivesse falando, e respondesse a um questionário a respeito das impressões que tivesse sobre o trecho ouvido. Ao comparar as respostas dadas para os trechos com [iŋ] e com [in], a

autora pôde depreender os significados que os ouvintes associavam a cada variante. Em seus resultados, ela verificou que os informantes julgavam os falantes como mais educados, articulados e inteligentes, quando empregavam a forma velar, e casuais, descuidados e preguiçosos, diante do uso da forma alveolar. Os resultados alcançados por Campbell-Kibler também mostraram que as percepções a respeito das variantes analisadas dependiam de fatores contextuais, já que os falantes foram julgados como menos inteligentes e californianos que não pertencem à classe trabalhadora, quando ouvidos nos disfarces com a variante alveolar. No entanto, quando os falantes eram identificados como da região sul (graças ao controle da monotongação do ditongo /aj/, como na palavra *time* ‘tempo’ – uma variante associada ao dialeto sul dos EUA), não eram vistos como mais inteligentes diante da variante velar [iŋ], mas sim como “pessoas tentando soar mais inteligentes”.

Esse trabalho desenvolvido por Campbell-Kibler (2006; 2007; 2009; 2011), traz, além de uma série de contribuições metodológicas ao estudo das percepções sociolinguísticas de variantes, uma importante contribuição teórica, ao mostrar que a percepção pode depender de uma série de fatores contextuais relativos aos falantes. Mendes (2018) elenca esses avanços metodológicos, que são o emprego e manipulação digital de conversas naturais para a construção dos estímulos, e a aplicação de questionários via internet. Esse método, adaptado do estudo de Lambert et al (1960) vem sendo replicado por vários outros pesquisadores, seguindo mais ou menos à risca as inovações trazidas por Campbell-Kibler, como, por exemplo, o uso de trechos originais de fala.

Hay & Drager (2010) relatam um experimento desenvolvido para testar em que grau a exposição ao *conceito* que se tem de uma região também pode influenciar a percepção. As autoras queriam explorar a ideia de que as percepções poderiam ser afetadas pela presença de objetos (aqui, brinquedos de pelúcia) que, inicialmente, não estariam relacionados à realização do teste, mesmo que o indivíduo não tivesse razões explícitas para associar tal gatilho à fala. A discussão que elas levantam é a de que

os ouvintes usam um filtro, que é acionado pelas suas crenças em relação a certos falantes.

Com base nas evidências de que a exposição de um falante a um dialeto diferente do seu pode influenciar a maneira como a realização de vogais são percebidas (Hay & Drager, 2010: 867), as autoras gravaram um homem neozelandês lendo frases elaboradas para o experimento, 20 das quais incluíam uma palavra-alvo que continha a vogal /I/, uma marca dialetal diferentemente pronunciada por australianos e neozelandeses. Também foram incluídas mais 20 sentenças, 10 com a vogal-alvo /ε/ e 10 com a vogal-alvo /æ/, usadas como distratoras. Essas frases foram apresentadas aos ouvintes em uma folha de respostas e as palavras-alvo estavam sublinhadas. Esses ouvintes foram informados de que deviam avaliar a adequação das vozes, e associar a pronúncia da vogal na palavra sublinhada a um *continuum* de 6 etapas da vogal. Os testes foram realizadas em duas condições: a *condição Austrália*, que envolvia cangurus e coalas de pelúcia, e a *condição Nova Zelândia*, que envolvia Kiwis, e cada um dos ouvintes participava de apenas uma delas. Um total de 24 ouvintes neozelandeses participaram do experimento (12 homens e 12 mulheres).

No geral, os participantes avaliaram o falante como mais australiano quando ouviram a vogal /I/ na condição Austrália, e, embora com poucos dados, as autoras afirmam que houve uma mudança na mesma direção, já que os participantes foram mais propensos a avaliar com 3 os estímulos na condição *canguru*, mas com 4 os estímulos na condição *kiwi*. As autoras também verificaram interação com o gênero, a idade e a classe social dos participantes. No geral, os homens tenderam a avaliar a voz como mais australiana, quando estavam diante do kiwi (Nova Zelândia), enquanto as mulheres tendiam a avaliar o falante como mais australiano, quando estavam diante da condição Austrália (canguru e coala). Os participantes de classes sociais mais altas, por sua vez, mostraram uma diferença significativa de comportamento, a depender de estarem expostos aos brinquedos australianos ou aos neozelandeses.

Participantes de classes sociais mais baixas não apresentaram diferença significativa entre as condições (Hay & Drager, 2010: 878). Por fim, os ouvintes mais jovens tiveram uma maior probabilidade de responder como mais australianos aos estímulos ouvidos, comparativamente aos ouvintes mais velhos.

A discussão que as autoras levantam é a de que a mudança nas percepções, a depender dos contextos, não partiam apenas das crenças dos ouvintes sobre quem eles pensavam estar ouvindo, mas também da ativação do *conceito* Austrália, e da ativação de exemplos de fala associados a esse conceito.

Podesva et al (2015) estudam a produção de /t/, como em *we need to suppor[t] the troops* ‘precisamos apoiar as tropas’, na fala de seis políticos americanos – a saber Hillary Clinton, Condoleezza Rice, Nancy Pelosi, George W. Bush, Barack Obama e John Edwards, bem como a percepção de ouvintes com relação a essa variável, que pode ou não ser pronunciada na fala de anglófonos. Os autores explicam que a escolha pela fala de políticos se dá com base no fato de que essa variável é comumente associada a características de pessoas que são bem articuladas e claras em suas colocações.

Para o estudo de produção, Podesva e colegas analisaram 60 minutos da fala de seis políticos norte-americanos, com os dados analisados em duas posições prosódicas: no final da palavra e no meio da palavra. Os dados foram categorizados por soltura plosiva, realização como vibrante, realização como glotal, não realização, e organizados em dois conjuntos de dados: o de palavras em que a realização de /t/ ocorre no final de palavras, e o conjunto em que /t/ aparece no meio de palavras, como em *network* e *security*. Os dados do primeiro conjunto foram codificados de acordo com o *contexto precedente*, *contexto seguinte*, *afiliação morfológica de /t/*, *tonicidade* e *frequência lexical*. Socialmente falando, eles codificaram a *identidade do falante*. Os dados do segundo conjunto foram codificados com base na *tonicidade da sílaba precedente*, na *identidade do falante*, no *som precedente* e na *frequência lexical*. Os

dados foram analisados do ponto de vista da realização livre do /t/. De modo geral, eles observaram que a realização de /t/ é favorecida por consoantes sonoras, no contexto precedente, pela pausa, no contexto seguinte. Dentre os políticos, Hillary Clinton foi a que mais favoreceu a realização plosiva de /t/, seguida de Condoleezza Rice. A realização com soltura plosiva de /t/ também é favorecida pela sua afiliação morfológica, especificamente quando representa marca de tempo passado. Finalmente, a baixa frequência das palavras favorece a realização final de /t/. Por serem menos previsíveis, aumentam a carga perceptual das informações, o que faz com que os falantes tendam a realizá-las mais.

Para o conjunto de dados em que a produção de /t/ ocorre no meio de palavras, a sua realização é favorecida por sílabas não tônicas, no contexto silábico precedente, por vogais frontais altas, no grupo de fatores *som precedente* e pela baixa frequência lexical. Dentre os políticos, Nancy Pelosi e George W. Bush são os que mais favorecem a realização de /t/ no meio de palavras.

Esses resultados subsidiaram a justificativa para a realização do experimento de percepção que buscou acessar os significados sociais associados a essas formas linguísticas. Mais propriamente falando, Podesva et al (2015) buscaram verificar se os significados sociais da realização de /t/ são estáveis, se as interpretações dos ouvintes dependem de quem produz a sua realização, e se o significado dessa característica depende de ambiente linguístico, como os fatores que favoreceram a sua realização, no estudo de produção.

Os autores, então, selecionaram trechos curtos de sentenças que contivessem uma palavra com /t/ final e uma com /t/ medial nos discursos de cada um dos seis políticos. Em seguida, eles isolaram o /t/ com soltura plosiva e com realização como vibrante (no caso de /t/ em meio de palavras), que são as variantes analisadas no experimento. Foram elaborados 9 estímulos para cada político, além de estímulos de mais duas frases, nas quais em uma havia a realização de /t/ sem manipulação digital e em uma que não havia realização, também em sua versão original

(em posição final ou vibrante, no caso de realização de /t/ em meio de palavra).

Os 70 participantes avaliaram as vozes quanto às escalas de amigabilidade, sulista, passional, inteligência, autoridade, sotaque, sinceridade, espontaneidade e articulação. Ressalte-se que cada político foi identificado pelo nome, afiliação partidária e uma foto. Os resultados para o conjunto de dados de realização final de /t/ mostraram que Nancy Pelosi foi percebida como mais amigável, em seus disfarces em que o /t/ final não foi realizado. Barack Obama também foi avaliado diferentemente, a depender de se o /t/ final foi ou não realizado. No geral, ele foi avaliado como mais inteligente nos estímulos em que o /t/ não foi realizado, no final de palavra. John Edwards e Condoleezza Rice, por sua vez, foram igualmente avaliados como mais articulados nos estímulos em que o /t/ final é realizado. Do mesmo modo, eles foram percebidos como mais sulistas quando os ouvintes avaliaram os estímulos com /t/ vibrante, em meio de palavra. O disfarce /t/ medial afetou também as classificações de sotaque para John Edwards e Nancy Pelosi, mas na direção oposta. Enquanto Edwards foi classificado como quem tem um sotaque mais acentuado no disfarce com /t/ vibrante (provavelmente porque ele tinha um forte sotaque sulista, cujas percepções foram aprimoradas no disfarce com essa variante), as classificações para a escala de sotaque de Pelosi são mais altas em seu disfarce em que há a realização de /t/, em oposição ao trecho que não há sua realização.

Podesva et al (2015: 82) explicam que os significados que os ouvintes associam às formas analisadas variam de um político para outro, já que nenhum padrão emergiu para mais de dois falantes. Eles enfatizam a ação dos falantes em recrutar recursos linguísticos, como o estudado por eles, para construir *personae* articuladas, sem perder de vista que esses recursos não estão disponíveis da mesma maneira para todos os ouvintes. Embora a afirmação de que os significados variam de político para políticos e que não houve padrões entre eles pareça problemática, no sentido de se compreender a sistematização da variação linguística, os

autores mostram que o significado social de uma variável é altamente indeterminado, e que a busca pelo significado social da variação pode ser obtido considerando-se estruturas interpretativas individuais.

No contexto brasileiro, ainda que de maneira incipiente, algumas pesquisas cujo interesse reside em acessar os significados sociais de variantes linguísticas também vêm sendo desenvolvidas. Evidencie-se o fato de que têm sido mais recorrentes pesquisas sobre atitudes e avaliações linguísticas (Cardoso, 2015; Silva & Aguilera, 2014; Freitag, 2015 entre outros). Oushiro (2014: 32) propõe uma diferença entre pesquisas que se interessam por evidenciar avaliações dos falantes, daquelas que buscam acessar os significados sociais de variáveis linguísticas, ou percepção sociolinguística. Para a autora, a avaliação linguística é empregada “para fazer referência ao discurso metalinguístico dos falantes sobre variantes”, o que, por si só, já constituiria um objeto de estudo sólido. A percepção sociolinguística, por sua vez, “diz respeito a inferências feitas pelos usuários de uma língua ao ouvir outro falante, que podem ou não ser conscientes”. As atitudes linguísticas, intimamente articuladas às crenças linguísticas, são formadas a partir da prática de socialização pelos indivíduos de uma sociedade, constituindo “um meio de representação que os falantes possuem de si ou dos outros em relação ao ato de falar” (Sena, 2019: 315).

Mendes & Oushiro (2011), interessados em acessar os significados sociais associados às variantes de /-r/ em coda silábica, por ouvintes paulistanos, elaboraram um experimento de percepção com base na técnica dos estímulos pareados (Lambert et al, 1960; Campbell-Kibler, 2006). Foram gravadas entrevistas sociolinguísticas com cerca de 30 minutos de duração, com 2 homens e 2 mulheres paulistanos, moradores da zona oeste da cidade. Dessas entrevistas, eles extraíram trechos curtos de fala que continham em torno de 4 a 7 ocorrências de palavras com (-r) em coda silábica. Em seguida, pediu-se aos informantes que regravassem os trechos selecionados por ela, agora controlando as ocorrências de /-r/, como tepe ou retroflexo, que foram, depois, substituídas digitalmente no

Praat (Boersma & Weenink, 2019), nas gravações originais, para a criação dos estímulos. Foram elaborados oito estímulos, um par para cada falante. Esses estímulos, idênticos em todos os aspectos, exceto pela pronúncia /-r/ em coda silábica, foram organizados em dois grupos.

Oushiro apresentou esses estímulos a 30 ouvintes, que foram convidados a dar suas impressões gerais sobre os trechos ouvidos, por meio de entrevistas abertas⁵². Essas impressões gerais foram utilizadas na elaboração do formulário de percepção (figura 2.2).

⁵² Tradução proposta por Oushiro (2015) para o termo *open interviews* (Campbell-Kibler, 2006). Oushiro (2015) ainda explica que são assim denominadas porque foram realizadas sem um roteiro pré-definido.

Figura 2.2: Questionário de percepção aplicado por Oushiro (2015)
(Adaptado de Oushiro, 2015: 275-276)

Falante 1
Para você, esta pessoa parece...

falar muito devagar	☐	☐	☐	☐	☐	falar muito rápido
muito tímida	☐	☐	☐	☐	☐	bastante extrovertida
pouco escolarizada	☐	☐	☐	☐	☐	bastante escolarizada
pouco inteligente	☐	☐	☐	☐	☐	bastante inteligente
nem um pouco masculino	☐	☐	☐	☐	☐	bastante masculino
mais casual	☐	☐	☐	☐	☐	mais formal
mais hostil	☐	☐	☐	☐	☐	mais amigável
nem um pouco paulistana	☐	☐	☐	☐	☐	bastante paulistana
não ter sotaque	☐	☐	☐	☐	☐	ter muito sotaque
ter poucos amigos	☐	☐	☐	☐	☐	ter muitos amigos
morar num bairro mais periférico	☐	☐	☐	☐	☐	morar num bairro mais central

Em que zona de São Paulo esta pessoa deve morar?

☐ Norte	☐ Oeste
☐ Sul	☐ Centro
☐ Leste	☐ Não sei

Você acha que esta pessoa está em que faixa etária?

☐ Na adolescência	☐ Por volta dos 30
☐ 20 e poucos anos	☐ Por volta dos 40

Você acha que esta pessoa estudou...

☐ Até o ensino fundamental I	☐ Até o curso superior
☐ Até o ensino fundamental II	☐ Até a pós-graduação
☐ Até o ensino médio	

Você acha que esta pessoa pertence à...

☐ Classe baixa	☐ Classe média alta
☐ Classe média baixa	☐ Classe alta
☐ Classe média	

Qual deve ser o estado civil desta pessoa?

☐ Solteira	☐ Divorciada
☐ Casada	☐ Não sei

Do que você ouviu, você acha que esta pessoa deve ser... (assinale todas que achar pertinente)

☐ Gorda	☐ Simples	☐ Mimada
☐ Alta	☐ Trabalhadora	☐ Profissional liberal
☐ Branca	☐ Desonesta	☐ Conservadora
☐ Tímida	☐ Confiante	☐ Calpura
☐ Descolada	☐ Solidária	☐ Deprimida
☐ Maconheira	☐ Prática	☐ Nerd
☐ Religiosa	☐ Preguiçosa	☐ Sofisticada
☐ Ligada à família	☐ Mal-educada	☐ Independente
☐ Articulada	☐ Engraçada	☐ Patricinha/ Mauricinho
☐ Imitante	☐ Desencanada	
☐ Metida	☐ Sincera	
☐ Confiável	☐ Gay/lésbica	

☐ Outro(s): _____

Você teve alguma outra percepção sobre esta pessoa?

Na primeira parte do questionário, os participantes tinham que avaliar os trechos ouvidos com base nas escalas de *velocidade da fala*, *extroversão*, *escolarização*, *inteligência*, *masculinidade* (para vozes masculinas)/*feminilidade* (para vozes femininas), *casualidade*, *amigabilidade*, *paulistanidade*, *presença/ausência de sotaque* e *região de residência na cidade*. Em seguida, deveriam oferecer informações

sociodemográficas a respeito de sua zona de residência, escolaridade, classe social e estado civil. Por fim, os ouvintes poderiam escolher os adjetivos que achassem pertinentes ao trecho de fala ouvido.

Os participantes ouviram apenas um trecho por falante, isto é, um mesmo ouvinte ouviu apenas um trecho que continha tepe ou um trecho que continha retroflexo. Em seguida, eles preencheram um questionário de acordo com a imagem que eles construíam do falante, a partir do trecho que eles ouviram. Esse formulário continha escalas de diferenciais semânticos sobre timidez, escolaridade, inteligência, masculinidade, formalidade, amigabilidade, paulistanidade. Os participantes também deviam avaliar se as vozes pareciam ser de pessoas que falavam muito devagar ou muito rápido, se elas pareciam ter sotaque ou não, se elas pareciam ter poucos ou muitos amigos e se elas soavam como pessoas que moravam em bairros mais periféricos ou centrais na cidade de São Paulo. Mendes & Oushiro (2011) aplicaram o questionário a 24 paulistanos (13 homens e 11 mulheres, todos universitários, com idade entre 20 e 30 anos). Para os ouvintes, os falantes foram percebidos como *menos paulistanos*, como tendo *mais sotaque*, e como moradores de regiões *menos centrais*, quando foram ouvidos nos estímulos com retroflexo, comparativamente a quando foram ouvidos nos estímulos com tepe.

Oushiro (2015) ampliou a proposta de teste de percepção da realização de /-r/ coda de Mendes & Oushiro (2011). 185 ouvintes moradores da cidade de São Paulo, dos quais 129 eram paulistanos, participaram dessa nova etapa. Os resultados obtidos nessa nova etapa mostram que há uma maior diferenciação nas percepções dos ouvintes, a depender do estímulo em que os falantes foram ouvidos, para as escalas de *paulistanidade*, *sotaque* e *centralidade do bairro*. Oushiro explica que, por se referirem a identidades geográficas, o principal significado social da variável analisada se correlaciona a “uma oposição paulistano vs. não paulistano, ou paulistano prototípico vs. paulistano não prototípico”.

Os resultados para *centralidade do bairro* indicam uma diferenciação de status das variantes. Como as classes mais altas se

concentram em bairros mais centrais e as mais baixas, por sua vez, se concentram em bairros mais periféricos, a associação do tepe com os primeiros também indica uma associação com classe social.

Por fim, Oushiro observou que as escalas de *extroversão*, *amigabilidade*, *inteligência* e *feminilidade/masculinidade* não apresentaram diferenças significativas, a depender da variante em que os falantes foram ouvidos.

Quem também se interessou pelos significados sociais associados à realização de /-r/ em coda, no português paulistano, foi Soriano (2016) e Soriano e Mendes (2016)⁵³. Especificamente, esses autores se interessaram em verificar como características sociais de ouvintes, bem como o significado social de variantes linguísticas, afetam o modo como são atribuídas diferenças acústicas a pares formados entre cinco variantes de (-r) em coda: (i) vibrante com três batidas, (ii) vibrante com duas batidas, (iii) tepe (vibrante simples), (iv) aproximante alveolar, (v) aproximante retroflexa (Soriano, 2016).

Para responder a essa questão, a autora apresentou aos participantes do teste diferentes pares formados por um mesmo item lexical, nos quais a única diferença é o segmento rótico. Para cada par ouvido, os participantes deveriam responder quão diferentes entre si as pronúncias lhes soavam, clicando no ponto escolhido numa escala que vai de “Igual” (0 – zero) a “Muito Diferente” (100 – cem), conforme a figura 2.3, abaixo. Esses valores numéricos subsidiaram a realização das análises estatísticas das respostas dadas pelos participantes para cada par.

⁵³ Este trabalho faz parte de um dossiê organizado pelo professor Dr. Ronald Beline Mendes (USP) e pela professora Dra. Livia Oushiro (UNICAMP) e que reúne recentes pesquisas acerca de significados sociais de variáveis linguísticas em diversas variedades do português brasileiro, além da tradução do texto original de Levon (2006). Todos os textos podem ser acessados por meio do link: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/issue/view/482>. O último acesso foi em 13 jan. de 2020.

Figura 2.3: Tela de resposta do experimento de percepção aplicado por Soriano (2016)
(Adaptado de Soriano, 2016: 84)

Para cada item lexical foram formados 10 pares, resultado de todas as combinações possíveis entre as variantes, como, por exemplo: “urtiga” pronunciado com a vibrante com três batidas seguido de “urtiga” pronunciado com a vibrante com duas batidas (urtiga-3x2), “urtiga” com a vibrante com três batidas, seguido de “urtiga” pronunciado com o tepe (urtiga-3x1) e assim por diante (Soriano & Mendes, 2016: 138), de modo que as cinco variantes fossem contrastadas entre si em cada item lexical.

Soriano gravou uma única voz masculina com o intuito de controlar quaisquer características que pudessem desviar a atenção dos ouvintes das pronúncias do /-r/. Esse homem, com mais de 40 anos, morador da cidade de São Paulo há mais de 20 anos, e linguista, gravou, para cada item lexical, as cinco variantes de (-r), que posteriormente foram analisadas e editadas nos programas Praat e Audacity. Para cada item lexical foi escolhida uma pronúncia como base, sobre a qual foram coladas as outras quatro pronúncias do /-r/. O teste foi aplicado online, já que um dos objetivos da pesquisadora era alcançar pessoas de diferentes grupos sociais. No total, 109 respondentes, moradores da cidade de São Paulo, participaram do experimento.

Os participantes não foram informados sobre o interesse específico do teste. Soriano ainda incluiu pares de palavras distratoras, formados por itens lexicais que não contivessem /-r/ em posição de coda silábica, mas que também variassem entre si, a exemplo de “grande”, realizada com e sem a palatalização do /d/ e “fazenda” com e sem a ditongação do /e/ nasal. O objetivo aqui era o de que os ouvintes não automatizassem suas respostas.

Os resultados alcançados por Soriano (2016), a partir de análises de regressão feitas no R (R Core Team, 2019), mostram que as percepções acústicas das variantes de /-r/ em coda não se correlacionam à *tonicidade da sílaba*, ao *contexto fônico seguinte* e nem à *vogal precedente*. Socialmente falando, houve diferenças significativas para a interação entre o sexo/gênero dos ouvintes e o par de variantes ouvidas, bem como a interação entre o local de residência do ouvinte e o par de variantes ouvida por ele. No geral, as mulheres atribuíram as maiores diferenças aos pares ouvidos, assim como os moradores de regiões mais centrais.

A discussão que Soriano (2016) e Soriano & Mendes (2016: 144) levantam é a de que a percepção fonética está longe de ser um processo trivial, “ainda que pareça ser um fenômeno ‘objetivo’” [grifos dos autores], e que a percepção fonética não varia aleatoriamente, mas é estruturada na comunidade, com base em fenômenos de natureza social. Essa última afirmação de Soriano (2016) e Soriano e Mendes (2016) interessa aqui, na medida em que evidencia a maior atenção dada a variáveis fonológicas nos estudos de percepção sociolinguística, comparativamente a variáveis morfossintáticas, comumente entendidas como não disponíveis para a avaliação social por parte dos ouvintes (Labov, 1993; Labov et al, 2011; Levon & Buschstaller, 2015; Mendes, 2018). Ainda assim, há um grupo, ainda restrito de pesquisas (conforme se verificará no tópico 2.2.1, deste capítulo), que se ocupam em acessar os significados sociais de variáveis para além do nível fonológico.

Por fim, Mendes (2018) analisa os efeitos da pronúncia de (EN), em casos como *fazenda*, que pode ser realizada como ditongo [ejn] ou

monotongo [en]. Motivado pela justificativa de que a realização dessas variantes é favorecida por mulheres, com base no trabalho de produção de Oushiro (2015), e que os paulistanos não tecem metacomentários acerca dessas formas, diferentemente do que ocorre para variáveis como concordância nominal, esse autor elaborou um experimento de percepção que objetivou acessar quais significados sociais poderiam estar associados a essas formas.

Para isso, Mendes se utilizou da técnica dos *estímulos pareados* para elaborar os estímulos. Foram utilizadas as vozes de quatro falantes paulistanos (dois homens e duas mulheres), cujos trechos, curtos, foram extraídos de entrevistas do projeto SP2010, e continham uma única ocorrência de (EN). Esses trechos foram manipulados digitalmente, no sentido de ter versões idênticas da fala dos 4 participantes (Robson, Lucas, Ariane e Janaina), diferenciando-se apenas na realização monotongada ou ditongada das palavras-alvo. Esses áudios foram, em seguida, organizados em dois conjuntos de dados, apresentados na mesma ordem (já que o experimento foi aplicado pessoalmente por dois outros pesquisadores) aos ouvintes.

No total, responderam ao teste 20 mulheres e 24 homens, a grande maioria dos participantes entre 20 e 29 anos. Os ouvintes avaliaram os quatro falantes com base nas escalas de *masculinidade/feminilidade*, *gay/lésbica*, *patricinha/mauricinho*, além de *inteligência*, *paulistanidade*, *amigabilidade*, *formalidade*, *escolaridade*, *extroversão* e *centralidade* do bairro.

Uma Análise de Componentes Principais (ACP⁵⁴) foi feita no sentido de verificar se essas escalas não interagem entre si. Com a apuração dessa análise, as escalas de diferenciais semânticos analisadas por Mendes (2018) foram agrupadas em quatro componentes principais: *gênero* (incluía as escalas de masculinidade e feminilidade), *paulistanidade* (paulistanidade e região da cidade), *simpatia* (amigabilidade) e *competência* (inteligência e formalidade).

⁵⁴ Do inglês *Principal Components Analysis*, frequentemente abreviado como PCA.

Análises de regressão linear feitas no R (R Core Team, 2018) mostraram que, para as escalas de masculinidade/feminilidade, houve diferenças significativas entre os falantes e entre as respostas baseadas nas variantes (EN) ou (ejn), mas não entre os falantes e as respostas baseadas no sexo dos ouvintes. Do mesmo modo, não houve correlações entre soar gay e as variantes usadas pelos quatro falantes. Os resultados também não levam a afirmação de que ouvintes paulistanos tendam a avaliar os falantes como *patricinha/mauricinho*, a depender de serem ouvidos nos estímulos com monotongação ou com ditongação.

A discussão que Mendes (2018: 112; 117) levanta a respeito dos resultados desse experimento é a de que, nos estudos de percepção, assim como nos de produção, a quantidade de participantes importa para o estabelecimento de correlações entre as variáveis linguísticas e sociais, e que o significado social da variação depende do contexto, do falante e do ouvinte.

Passa-se, a seguir, ao detalhamento de algumas pesquisas de percepção baseadas em variáveis morfossintáticas.

2.2.2. Estudos de percepção sociolinguística de variáveis morfossintáticas

O início do capítulo no qual este tópico está inserido traz uma discussão sobre o trabalho de Eckert (2012) acerca das três ondas dos estudos sociolinguísticos. Foram apresentados alguns exemplos de pesquisas que se apoiaram na noção de prestígio das formas linguísticas para explicar processos de variação linguística (Labov, 2006[1966]; Oushiro, 2015).

Com base na discussão em torno da noção de prestígio de certas formas linguísticas, Labov (1993) e Labov et al (2011) propõem que

usamos um dispositivo cognitivo, o monitorador sociolinguístico⁵⁵, como uma maneira de processar o sinal linguístico e monitorar a sua própria fala ou a fala de outro sujeito. Mendes (2018) exemplifica a ação do monitorador sociolinguístico por meio de um exemplo de uma variável socialmente marcada no português (Scherre, 1988; Oushiro, 2015; Mendes, 2016): a concordância nominal. Para ele, ainda que uma sentença como *as coisa tá difícil*⁵⁶ seja possível no português, ela “pode ser bloqueada na enunciação do próprio falante” (Mendes, 2018: 32), uma vez que, graças ao monitorador sociolinguístico, “cujo filtro pode ser ativado em uma ou outra situação de interação social, mas não necessariamente em todas – a depender do grau de atenção dedicada à fala” (no sentido de Labov, 2006[1966]), pode-se perceber tal sentença, avaliá-la e, assim, categorizar o falante que a realiza. Meyerhoff & Walker (2013: 409), que estudam a produção de estruturas existenciais, a exemplo de *There is still some interest*⁵⁷ ‘ainda há algum interesse’, com base no inglês falado na Ilha de Bequia (São Vicente & Granadinas), afirmam que o princípio do monitorador sociolinguístico foi elaborado para ajudar a explicar a

notável assimetria nos estudos variacionistas: variáveis sintáticas raramente são estratificadas em diferentes dimensões sociais, enquanto variáveis fonéticas são quase sempre estratificadas socialmente⁵⁸.

Associado a essa discussão está o fato de que pouco se sabe acerca da percepção linguística para além do nível fonológico (Buchstaller, 2016), embora já se tenha um esforço no sentido de comprovar o fato de que os falantes também atentam para a variação no nível mais profundo da gramática, diferentemente do que propõe Labov (1993) e Labov et al

⁵⁵ Mendes (2018: 32) explica que, “em português, ‘monitorador’ é um termo mais eloquente que “monitor”, no sentido de indicar que ocorre uma “ação” (ainda que inconsciente), por parte do falante/ouvinte, de monitorar a enunciação (própria ou de outrem)” [grifos originais].

⁵⁶ Exemplo extraído de Mendes (2018: 32).

⁵⁷ Exemplo extraído de Meyerhoff & Walker, 2013: 414.

⁵⁸ Tradução para o trecho: “*a notable asymmetry in variationist studies: syntactic variables are seldom stratified along different social dimensions, while phonetic variables are almost always socially stratified*”.

(2011). Esses autores propõem o *Princípio da Interface*, segundo o qual, “membros de uma comunidade de fala avaliam formas superficiais da língua, mas não características estruturais mais abstratas” (Labov, 1993: 5). Estruturas mais profundas seriam formas morfossintáticas, como as do subjuntivo e do indicativo, por exemplo.

Um dos poucos trabalhos sobre percepção sociolinguística de variáveis sintáticas é o de Gaucher (2013), que analisa a produção e a percepção do particípio passado (avoir + PP) no francês falado, que pode ser expresso ou por meio do marcador de gênero -e, em casos como em *son papa corrigeait les fautes qu'elle avait faitØ le week-end, qu'elle avait faites le week-end*⁵⁹ ‘o pai dela corrigiu os erros que ela havia cometido no fim de semana, que ela havia cometido no fim de semana’.

Gaucher (2013: 57) explica que, no francês falado, nenhuma distinção pode ser feita na concordância entre masculino e feminino entre os verbos com terminações vocálicas (como *trouvé*)⁶⁰, embora essa distinção de gênero tenha permanecido em “verbos fortes”, que mantiveram as terminações fonologicamente distintas entre as formas do feminino e do masculino que marcam o particípio, e que as formas femininas e masculinas desse tempo evoluíram no francês para ser homófonas, em muitos casos. Esse autor considera que a manutenção dessa dicotomia (formas masculinas vs. formas femininas) é um produto artificial, principalmente com as construções verbais do particípio [avoir+PP] e [s’être+PP]) (Gaucher, 2013: 94). Em linhas gerais, a expressão do particípio passado, em francês, se dá pelo marcador de gênero -e, mas tanto a forma marcada, quanto a não marcada, podem ser consideradas sinônimas.

Com base nessa discussão, Gaucher realizou um estudo de produção que procurou saber quais fatores linguísticos e extralinguísticos se correlacionariam à expressão da marcação de gênero na produção do particípio passado. Gaucher acrescenta que essa variável se caracteriza por

⁵⁹ Exemplo extraído de Gaucher (2013: 57).

⁶⁰ Tradução para o trecho “with vocalic endings (*trouvé*), no distinction can be made between the masculine and feminine agreement”.

ser “rara” no francês falado, e que esse tipo de concordância é incomum na fala dos nativos (Gaucher, 2013: 53).

Ainda assim, o autor analisou como variantes da variável dependente casos de particípio com terminação consonantal /t/, como em *puisque l'oeuvre restait sur place / on l'a réduit à une pièce* ‘desde que o trabalho permaneceu no local / reduzimos para um quarto’; terminação consonantal /z/, como em *et ça va pas alors avec la tapisserie que vous avez pris?* ‘o que há de errado com o tapete tirado’ e terminação com /(fɛ)t/, a exemplo de *la première chose qu'on a fait on est descendu* ‘a primeira feita foi descer’.

Além do final consonantal descrito, foram analisados também o *contexto fonológico pós-verbal* (plosivo desvozeado, plosivo vozeado, outras consoantes, vogal e vazio); *natureza do objeto* (sentenças com -QUE; tipo de oração relativa – relativa genérica, relativa clivada, relativa clivada apresentativa); *posição do clítico na sentença* (posição interna ou posição externa); *contexto silábico antecedente* (número de ocorrências < 9⁶¹, número de ocorrências < 29⁶², /jõ/, /yd/ e /oz/; *distância em sílabas entre o antecedente e o particípio passado* (0-2, 3-5, 6-9, 10 ou +) e *tempo e aspecto verbal* (passado composto, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, subjuntivo passado e infinitivo passado). Dentre as variáveis extralinguísticas, foram codificadas as *faixas etárias* dos falantes (menos de 18 anos; 18 a 24 anos; 25 a 39 anos; 40 a 59 anos; 60 anos ou +; além da idade não revelada), seu *sexo* (feminino, masculino ou não informado), *nível de educação* (primário e ginásio; colegial; superior ou não disponível) e *categorias socioprofissionais* (profissionais liberais/gestores; balconistas/vendedores; artesãos/supervisores/líderes de equipes; e operacionais/prestadores de serviços/desempregados).

Para realizar a análise, o autor utilizou vários *corpora* de dados linguísticos francófonos, principalmente para suprir a falta de ocorrências,

⁶¹ A exemplo de *j'avais vu la photo déjà que j'aurais faite / mais je l'ai pas faite* ‘Eu já tinha visto a foto que teria tirado / mas não a tirei’ (Gaucher, 2013: 137).

⁶² A exemplo de *elle a voulu que je lui prenne sa jarrettière je l'ai prise à trois centimètres //* ‘ela queria que eu levasse sua liga, eu a levei três centímetros //’ (Gaucher, 2013: 137).

como os bancos de dados *Phonologie du Français Contemporain* – PFC⁶³, *Traitement de Corpus Oraux em Français*⁶⁴, *Corpus de Français Parlé Parisien des années 2000*⁶⁵, *Enquête Sociolinguistique à Orleans*⁶⁶ e *Corpus de Langue Parlée em Interactions*⁶⁷.

Os dados da tabela 2.2 são apresentados a partir da marcação da concordância de gênero na realização do particípio passado. Dentre os fatores linguísticos, foram estatisticamente significativos o *contexto pós-verbal do particípio*, ($\chi^2 = 11.379$, $df = 2$, $p < 0,001$), com a expressão do particípio passado com o marcador de gênero *-e* sendo marcado mais frequentemente quando o contexto fonológico pós-verbal é vazio, em casos como *j'ai, euh, j'ai hésité à la faire, et je l'ai pas faite* //. A *natureza do objeto* também foi estatisticamente relevante ($\chi^2 = 4.8827$, $df = 2$, $p < 0,05$), com as *orações relativas*, como em “*chose que je n'ai plus fait après / parce que ça me plaisait pas*”, e *clíticas*, a exemplo de “*euh j' ai trouvé un jeune / qui m'a pris en stop*”, as que mais se correlacionam à marcação de gênero na expressão de particípio passado.

Tabela 2.2: Distribuição geral dos dados de particípio passado
(Adaptada de Gaucher, 2013: 158)

Estrutura	Concordância/N	%
<i>avoir</i> + PP	158/317	50
<i>s'être</i> + PP	39/51	77
<i>être</i> + PP	438/477	92
<i>Single PP</i>	223/239	93
Total	858/1084	79

Dentre os fatores extralinguísticos, o *gênero* foi selecionado como estatisticamente relevante ($\chi^2 = 5.95$, $df = 1$, $p < 0,05$), com uma maior tendência entre as mulheres, comparativamente aos homens, de marcar mais a concordância de gênero na realização do particípio passado. A *faixa*

⁶³ Disponível em: <https://www.projet-pfc.net/>. Acesso em: 12 de jan. de 2020.

⁶⁴ Disponível em: <http://www.cnrtl.fr/corpus/tcof/>. Acesso em 12 de jan. de 2020.

⁶⁵ Disponível em: <http://cfpp2000.univ-paris3.fr/>. Acesso em 12 de jan. 2020.

⁶⁶ Disponível em: <https://www.ortolang.fr/market/corpora/eslo>. Acesso em 12 de jan. de 2020.

⁶⁷ Disponível em: http://clapi.ish-lyon.cnrs.fr/V3/Accueil_Corpus.php?interface_langue=FR. Acesso em 12 jan. de 2020.

etária dos informantes também foi selecionada como relevante para o estudo de produção de participio passado, com os informantes da faixa etária de 25 a 39 anos favorecendo a forma considerada padrão ($\chi^2 = 10.01$, $df = 3$, $p < 0,05$). Falantes mais jovens e os mais velhos favorecem o uso da marcação de gênero na expressão do participio passado, comparativamente aos falantes da faixa etária intermediária, que tende a desfavorecê-la. Por fim, a escolaridade dos falantes também foi selecionada como estatisticamente relevante ($\chi^2 = 18.00$, $df = 2$, $p < 0,001$), com a marcação de gênero do participio sendo favorecida pelos mais escolarizados. De acordo com Gaucher, esse resultado era esperado, já que se trata de uma variável utilizada em contextos interacionais bastante formais.

Esses resultados encontrados por Gaucher (2013), na parte dedicada a analisar a produção do participio passado no francês, subsidiaram a elaboração do teste de percepção dessas formas. O interesse do autor estava em saber: (i) em que medida os ouvintes percebem o participio passado como uma variável social; (ii) o quanto a percepção do participio reflete os julgamentos dos ouvintes em termos de *status* e solidariedade, e; (iii) em que medida a percepção do participio varia de acordo com os diferentes grupos de ouvintes. Além de buscar responder a essas questões, o autor também queria saber se as diferenças na produção poderiam ser comparadas com diferenças na percepção.

Para responder a essas questões, o autor elaborou um teste de percepção, com base na técnica dos estímulos pareados (Lambert *et al*, 1960), a fim de analisar a percepção de ouvintes francófonos acerca da variação (realização ou não realização) da marcação de gênero no participio passado. Os estímulos pareados foram elaborados a partir de trechos gravados por 5 falantes franceses (3 mulheres e 2 homens). Alguns desses trechos replicavam um contexto natural de fala, com falantes interagindo com outras pessoas. A intenção do autor era a de que aparecessem características próprias da fala, como hesitações, repetições, sobreposição entre outros aspectos. Como nem todos os contextos

alcançaram, segundo Gaucher, uma característica natural, ele gravou sentenças em que apareciam as duas variantes de particípio.

Os falantes gravavam, inicialmente, um texto que continha sentenças em que apareciam o particípio passado, com e sem a presença do marcador de gênero. Em seguida, essas sentenças eram manipuladas digitalmente, com a ajuda do programa computacional Audacity, a fim de que fossem elaborados os pares de estímulos. Foi criado um primeiro conjunto de estímulos (A), no qual aparece a forma do particípio passado em todos os estímulos; um segundo conjunto (V), no qual dois estímulos apresentam a marcação de gênero e um estímulo sem esse marcador; e um terceiro conjunto (N) neutro, no qual todos os estímulos são apresentados sem a marcação de gênero, conforme pode ser visto na figura a seguir.

Figura 2.4: Gravações dos estímulos de Participio Passado
(Adaptado de Gaucher, 2003: 342)

Speaker 1 : Gilles (pilot recording)

Full text

- a ...mais ça m'a quand même fait peur parce que le gars m'a dit qu'elle avait... elle avait quand même bien souffert, quoi.
- b Et il s'est passé quoi exactement?
- a Bah, je sais pas trop, **je l'avais mise dans le garage** comme d'habitude, elle ben elle était sur son socle, je suis arrivé le lendemain, et voilà elle était tombée puis fêlée, quoi. Et euh donc je l'ai emmenée chez le luthier, euh ben **le gars qui me l'avait faite, il me l'a prise euh... jeudi** je crois, ouais jeudi, je suis allé la chercher hier, puis impeccable, enfin pour euh pour le moment, quoi...

Guise [A]

- je l'avais mise dans le garage
- le gars qui me l'avait faite
- il me l'a prise euh... jeudi

Guise [V]

- je l'avais mise dans le garage
- le gars qui me l'avait fait
- il me l'a prise euh... jeudi je crois

Guise [N]

- je l'avais mis dans le garage
- le gars qui me l'avait fait
- il me l'a pris euh... jeudi je crois

O questionário de percepção foi respondido por 164 ouvintes, que avaliaram os falantes com base em escalas de diferenciais semânticos de seis pontos e quanto aos graus de *timidez/segurança*, *feminilidade*, *simpatia*, *inteligência*, *nível de cultura*, *verborragia/concisão*, *calma/zanga* e *forma física*. Essas escalas resultaram do refinamento feito pelos autores em um estudo piloto com 15 estudantes universitários.

Figura 2.5: Questionário de Percepção de Participio Passado
(Adaptado de Gaucher, 2003: 349)

"Est-ce que Laetitia vous semble..."

Timide	○ ○ ○ ○ ○ ○ ○	Assurée
Très féminine	○ ○ ○ ○ ○ ○ ○	Pas du tout féminine
Sympathique	○ ○ ○ ○ ○ ○ ○	Pas sympathique
Intelligente	○ ○ ○ ○ ○ ○ ○	Pas intelligente
Cultivée	○ ○ ○ ○ ○ ○ ○	Pas cultivée
Bavarde	○ ○ ○ ○ ○ ○ ○	Laconique
Calme	○ ○ ○ ○ ○ ○ ○	En colère
En forme	○ ○ ○ ○ ○ ○ ○	Fatiguée

<p><i>Quel âge a-t-elle ?</i></p> <p>☐ La vingtaine</p> <p>☐ La trentaine</p> <p>☐ La quarantaine</p> <p>☐ La cinquantaine</p>	<p><i>Quel est son niveau d'études ?</i></p> <p>☐ Brevet / BEP / CAP</p> <p>☐ Baccalauréat</p> <p>☐ Bac + 2/3</p> <p>☐ Bac + 5 et au-delà</p>
--	---

D'après vous, quelle est la probabilité que Laetitia exerce ces métiers ?

	Très probable	Assez probable	Assez peu probable	Très peu probable
Avocat	○	○	○	○
Ouvrière	○	○	○	○
Journaliste (régionale)	○	○	○	○
Infirmière	○	○	○	○

Os ouvintes também eram convidados a responder quanto à possível idade dos falantes, o seu grau de escolaridade, e qual profissão possível poderia ser exercida por eles. Os dados coletados a partir das respostas dadas pelos ouvintes aos falantes foram analisados quantitativamente, por meio de testes ANOVA, no R (R Core Team, 2019).

Gaucher observou que, de maneira geral, marcar ou deixar de marcar a concordância de gênero na realização do participio passado pouco interfere na percepção das características gerais dos falantes, tais

como idade, categoria profissional e escolaridade. Por esse motivo, o autor não realiza testes estatísticos para essas escalas.

Não houve diferenças estatísticas para a escala de feminilidade/masculinidade, no sentido de que a marcação ou a não marcação de gênero na expressão do particípio passado não parece ter um efeito sobre a percepção de gênero para esses falantes.

Para a escala de confiança (timidez/confiança), embora não tenha havido relevância estatística, o autor verifica que apenas duas falantes se diferenciaram do padrão encontrado por ele. Elas pareciam mais confiantes a depender de se eram ouvidas deixando de realizar a marcação de gênero na produção de particípio. Os demais falantes não apresentaram diferenças relevantes.

As escalas semânticas de *inteligência* e *nível de cultura* apesar de terem sido consideradas as mais relevantes para explicar a realização de particípio no francês falado, já que se trata de uma variável fortemente associada a noções de alto grau de formalidade, apresentaram poucas diferenças entre si. O autor chama a atenção para o fato de as diferenças na característica "cultura" serem ligeiramente mais nítidas do que aquelas para "inteligência". Não houve diferenças significativas para os homens que, em geral, foram percebidos como menos cultos e menos inteligentes, enquanto as mulheres foram percebidas como mais inteligentes e mais cultas quando ouvidas nos estímulos que apresentavam a marcação de gênero na produção do particípio passado. Do mesmo modo, as mulheres também foram percebidas como mais prolixas quando ouvidas com a realização do marcador de gênero.

Para a escala de *simpatia* não houve diferenças significativas para os homens, mas as francesas foram relativamente percebidas como menos simpáticas quando escutadas realizando a marcação de gênero. Para as escalas de *calma* e *forma física*, não houve diferenças significativas a depender do falante.

Gaucher (2013: 289) explica que o significado social da concordância na marcação de gênero na produção de particípio passado

não é simples de ser definido, sobretudo porque se trata de uma variável rara. Acrescenta que, de acordo com Labov et al (2011), variáveis gramaticais estariam mesmo menos acessíveis para avaliação social, e que por isso é mais difícil que elas sejam socialmente indicializadas. Para ele, a realização do particípio passado, no francês, apesar de não ser uma variável estigmatizada, pode ser representativa de um grupo mais escolarizado, e que ocorre em contextos muito mais formais do que os mais comumente conhecidos, como palestras, por exemplo.

Discussão parecida com a que Gaucher (2013) levanta em sua pesquisa foi feita por Levon & Buchstaller (2015), também apoiados na noção do monitorador sociolinguístico proposto por Labov (1993) e Labov et al (2011). Os autores se interessaram por examinar os efeitos da modularidade linguística nas avaliações sociais dos ouvintes.

A modularidade linguística, segundo Levon & Buchstaller, é um conceito adaptado do que Chomsky (1980) e Fódor (1983) denominaram de modularidade da mente. De acordo com essa abordagem da mente enquanto módulo, os processos mentais (incluindo-se aí a linguagem) constituiriam módulos independentes, ou encapsulados, que funcionariam com regras e processos próprios, organizados em módulos verticais. Apoiados nessa concepção da modularidade da mente, Levon & Buchstaller (2015: 341) afirmam que existiriam “boas razões para acreditar que a modularidade linguística por si só não é um parâmetro suficiente para entender como os falantes recrutam material linguístico para o trabalho social”⁶⁸, pelo simples fato de as variáveis gramaticais estarem em um módulo mais profundo do sistema linguístico.

Para responder a essa questão, Levon & Buchstaller (2015) desenvolveram um estudo de percepção em que eles combinam uma variável fonética a uma variável morfológica: a realização do sufixo verbal -s do inglês (marcador de pessoa), como em “*They really likes ice-cream*”, e

⁶⁸ Tradução para o trecho: “*There are thus good reasons to believe that linguistic modularity alone is not a sufficient parameter for understanding of how speakers recruit linguistic material for doing social work*”.

da pronúncia frontal de *TH*, como em “*I fink [think] we should go home now*”.

Esses autores começam por discordar da proposta de Labov (1993) e Labov et al (2011), para quem variáveis morfossintáticas estariam menos disponíveis para a avaliação social, relativamente às variáveis fonológicas e lexicais. Para Levon & Buchstaller, contrariamente ao “mito persistente na literatura (sociolinguística), há abundância de evidências de que as variáveis gramaticais estratificam os grupos sociais mais acentuadamente do que os fonológicos”⁶⁹.

A partir da aplicação de um teste de percepção sociolinguística que examina como os fatores sociais moderam as avaliações perceptivas dos ouvintes britânicos de duas variáveis que estão situadas em diferentes níveis da estrutura linguística – fonética e sintática –, Levon & Buchstaller (2015) discutem que o monitorador sociolinguístico, associado ao Princípio da Interface, determina a saliência social de uma variante linguística, e que os ouvintes não só são capazes de identificá-la, como são capazes de atribuir o seu uso a um determinado grupo de falantes.

O monitorador sociolinguístico funcionaria como uma espécie de filtro (Labov et al, 2011) por onde passaria o sinal linguístico emitido pela gramática do falante antes de ser pronunciado. Assim, dizer algo como “*quer que esquentA*”, com morfologia de indicativo, por exemplo, não seria filtrado pelo falante num momento em que ele estivesse em uma situação comunicativa descontraída, sem atenção dada à fala. Ao contrário, se na situação comunicativa o falante prestasse atenção à sua própria fala, o falante utilizaria a forma considerada padrão, no subjuntivo, “*quer que esquentE*”. Levon & Buchstaller (2015) explicam que o monitorador sociolinguístico funcionaria, cognitivamente, como um módulo informado por julgamentos sociais capazes de filtrar os sinais linguísticos que são e os que não são prestigiosos em uma língua, e que são aprendidos no processo social de aquisição de uma variedade linguística.

⁶⁹ Tradução para o trecho: “*contrary to the persistent myth in the (socio)linguistic literature, there is plenty of evidence that grammatical variables stratify social groups more sharply than phonological ones*”.

As discussões que os autores fazem, com base nos resultados encontrados, são as de que as variantes estruturais estão à disposição do monitorador sociolinguístico, e que as reações dos ouvintes são condicionadas por efeitos independentes do lugar de origem e do estilo cognitivo individual, e que restrições sociais e cognitivas influenciam o processamento sociolinguístico de uma variante linguística.

Para chegar a essas conclusões, Levon & Buchstaller (2015) realizaram um teste de percepção sociolinguística a fim de discutir o efeito da modularidade linguística nas avaliações sociais de parte dos ouvintes, combinando, no mesmo teste, uma variável de cunho fonológico a uma de cunho morfossintático. Essas duas variáveis se diferenciam tanto pela modularidade linguística (uma encontra-se no nível fonológico do sistema linguístico, e a outra está no nível morfossintático) quanto por sua percepção geográfica: *-Th* é considerado um estereótipo da variedade do inglês britânico falada mais ao sul, enquanto o uso do sufixo verbal *-s* é mais associado à variedade do inglês britânico falada mais ao norte.

O teste foi desenhado com base no paradigma do “noticiário” (“newcast” paradigm, proposto por Labov, 2006[1966] e Labov et al (2011), segundo o qual os ouvintes são apresentados a múltiplas gravações do mesmo falante lendo um trecho de uma notícia. Para o experimento, foi pedido a uma mulher que lesse versões de uma passagem de noticiário em que não aparecesse nenhuma realização de *-th* frontal ou realização do sufixo *-s*, uma versão com a presença de *-th*, mas sem o sufixo *-s*, e uma terceira versão com todos os sufixos *-s*, mas sem nenhuma realização de *-th* frontal. Foram elaboradas 9 versões desse noticiário que depois foram manipulados digitalmente, no sentido de se ter versões do mesmo estímulo.

Participaram do experimento 84 ouvintes de Londres e Newcastle. Além do experimento específico sobre a realização frontal de *-th* e do sufixo *-s*, os respondentes participaram ainda de outras duas etapas. Na primeira delas, responderam a um questionário de *Atitudes e Identidades Regionais* (Levon & Buchstaller, 2015: 329), que objetivou avaliar as

atitudes dos ouvintes em relação às identidades regionais e às variedades linguísticas associadas a essas regiões. Esse questionário continha oito sentenças afirmativas acerca das crenças dos entrevistados sobre sua origem regional (se identificar como pertencente a uma certa região, por exemplo) e o quanto se envolviam em práticas associadas aquela afirmação. Por fim, eles sinalizavam, por meio de uma escala de cinco pontos, o quanto concordavam ou não com as afirmações do questionário.

A segunda etapa do teste consistiu em responder a um questionário que avalia populações não-clínicas quanto a características associadas à *condição do espectro do autismo* (Levon & Buchstaller, 2015: 330)⁷⁰. O interesse específico nesse questionário está no fato de que ele é capaz de demonstrar que diferenças individuais nos estilos de processamento cognitivo de formas ouvidas pelos ouvintes podem influenciar como eles percebem e avaliam a variação linguística. Esse questionário continha 36 afirmações de diagnóstico de autismo, como em *eu gosto de estar em situações sociais* ou *eu sou flexível sobre como as coisas devem ser feitas*, para os quais os participantes tinham que indicar sua discordância ou concordância quanto à afirmação avaliada.

De modo geral, os resultados mostram que os ouvintes avaliam distintamente as variáveis fonológicas e morfossintáticas, e que os ouvintes são capazes de avaliar características estruturais mais abstratas (Levon & Buchstaller, 2015: 336). A percepção da pronúncia de *-th* frontal se correlaciona à percepção de profissionalismo, no sentido de que, se ouvir um falante realizando “*I fink*”, em vez de “*I think*”, o falante está mais propenso a ser percebido como menos profissional, do que quando realiza a forma considerada padrão. As avaliações para a produção do sufixo *-s*, por sua vez, demonstram que há uma correlação entre realizar ou não esse sufixo e a localidade do ouvinte e o fator habilidade linguística do falante. Os autores acrescentam que essas diferenças nas percepções das duas variáveis se explicam por meio da saliência fônica, já que *-th* frontal é mais saliente aos ouvidos do que o sufixo *-s*.

⁷⁰ *Autism Spectrum Condition* (ASC).

Esse experimento desenvolvido por Levon & Buchstaller (2015) mostra que, diferentemente do que propõem Labov (1993) e Labov et al (2011), os ouvintes são capazes de avaliar formas mais abstratas da língua, por meio de um módulo de cognição sociolinguístico capaz de acomodar a existência de fenômenos variáveis em diferentes níveis de organização.

Mendes (2016; 2018) se interessou por verificar se a realização de concordância nominal (por meio de suas variantes padrão CNp ou não padrão CNØ) estaria associada a noções de gênero, como soar gay ou não, a partir da fala de 4 falantes paulistanos (Carlos, Jaime, Lucas e Robson), e cujas entrevistas compõem a amostra do Projeto SP2010. Para tanto, o autor selecionou dessas entrevistas 2 trechos de falas desses rapazes que contivessem pelo menos três ocorrências de sintagmas nominais plurais, constituídos de dois elementos (como em “meus pais”), todos com concordância padrão. Esses trechos foram manipulados no Praat (Boersma & Weenink 2019), de modo que foi cortada a marca de plural do elemento à direita, obtendo duas versões de cada trecho: uma em que todos os plurais estão na versão com CNp e outra em que só há ocorrências CNØ. Esses estímulos foram, então, organizados em 4 conjuntos de dados.

Participaram do experimento 49 homens e 51 mulheres, que avaliaram os 4 falantes em apenas um dos seus disfarces, com ou sem a marcação de plural. Esses ouvintes foram contactados pessoalmente por Mendes (2018), a sua maioria no aeroporto internacional de Guarulhos, de modo que obtivesse uma maior variedade etária e escolar dos ouvintes.

Os falantes foram avaliados com base nas escalas de *escolaridade*, *amigabilidade*, *feminilidade*, *formalidade*, *inteligência* e *classe*. Os ouvintes responderam a um outro questionário, informando seu sexo, sua idade, sua ocupação, em que bairro moram em São Paulo, se são paulistanos ou não e, em caso negativo, há quanto tempo estão morando na cidade.

Os dados foram analisados no R. A exemplo do que esse autor fez para a análise de percepção da ditongação de (-EN), como em *fazenda/faz[ej]nda*, aqui também foram realizadas análises de componentes principais, com o objetivo de verificar se essas escalas eram

independentes entre si, ou se havia interação entre elas. Os resultados da análise de componentes principais mostraram que as seis escalas podiam ser analisadas com base em 3 componentes: *competência* (incluiu as escalas de escolaridade, classe e formalidade), *amigabilidade* (inclui a escala de mesmo nome) e *efeminidade* (inclui apenas a escala de feminilidade). Como os interesses específicos do trabalho de Mendes (2016; 2018: 62) versam sobre questões de efeminidade, os resultados apresentados aqui são sobre essa escala, especificamente.

De modo geral, os falantes foram percebidos como mais efeminados quando foram ouvidos pelos participantes em seus estímulos com CNp, com o falante Robson se diferenciando dos demais, e sendo considerado ainda mais efeminado em seus estímulos com essa variante. Mendes (2018) também observou diferenças significativas nas respostas dadas por homens e mulheres, com eles tendendo a perceber os rapazes como mais efeminados do que elas. Não houve diferenças significativas nas respostas dadas a depender da idade e nem da escolaridade dos ouvintes.

Mendes (2018) discute o fato de que concordância nominal indicializa significados sociais baseados em gênero e sexualidade, mesmo que essa variável esteja diretamente associada a estereótipos de classe social e escolaridade.

O trabalho de Canever (2017), por sua vez, propõe um estudo da produção e da percepção de infinitivo flexionado. Para o estudo de produção, ela considerou 1346 teses de doutorado e dissertações de mestrado (defendidas na USP, entre os anos de 1995 a 2014). Ela não confirmou a hipótese de que o emprego de infinitivo flexionado estaria aumentando nos contextos analisados por ela. Quanto ao estudo de percepção, Canever (2017: 90) elaborou um experimento que objetivou acessar os significados sociais dessa variável. Especificamente, a autora buscou saber se “valores positivos estariam associando-se a INflex”, e se os falantes seriam avaliados como competentes (em termos de escolaridade, inteligência e formalidade). Para acessar esses significados, ela criou

estímulos com base em duas variáveis: infinitivo flexionado (INFflex), infinitivo sem flexão (INFØ), contextos possíveis de flexão do infinitivo – como em “*muitas pessoas usam a Internet para fazer(em) ligações*”, e contextos considerados não padrão, como em “*as crianças podem aprender(em) muito na Internet*”⁷¹.

Dois homens e duas mulheres gravaram os 4 pares de estímulos (a mesma sentença duas vezes, uma com infinitivo flexionado e a outra sem o infinitivo). Os arquivos com infinitivo flexionado (que foram de fato utilizados no experimento) foram manipulados no Praat (Boersma & Weenink, 2019). Os 32 estímulos elaborados foram organizados em 8 conjuntos de dados, cada um com 4 estímulos de cada falante. O experimento foi aplicado online, por meio do *Qualtrics*, o que permitiu à autora que os estímulos de cada conjunto de dados fossem randomizados e apresentados em diferentes ordens para os participantes. 411 ouvintes completaram a pesquisa, que avaliaram os falantes quanto à sua *escolaridade*, *inteligência*, *formalidade*, *gayness* e *paulistanidade*. Essas escalas foram agrupadas em Componentes Principais, e Canever (2017) apresentou os resultados para o componente principal *competência*, já que era o que incluía as escalas que mais se correlacionavam à sua pergunta de pesquisa: *escolaridade*, *inteligência* e *formalidade*.

Os resultados mostram que os falantes foram percebidos como mais competentes, portanto, mais inteligentes, escolarizados e formais, quando foram ouvidos nos seus estímulos em que não havia marcação de infinitivo flexionado, resultado motivado pelos contextos que deveriam bloquear essa variante – as construções modais. Canever (2017) também observou que, quando ela analisou aspectos sociais dos ouvintes, os participantes com mais idade tenderam a avaliar os falantes como mais competentes em seus disfarces sem marcação de infinitivo flexionado. Os participantes mais novos não diferenciaram significativamente os falantes, a depender dos estímulos em que estes foram ouvidos. Canever chama a

⁷¹ Exemplos extraídos de Canever (2017: 91).

atenção para uma possível mudança em curso nas percepções de infinitivo, ainda que tal processo não esteja sendo verificado na produção.

Estereótipos desse tipo também foram observados por Serra (2018), que analisou a produção de negação no português maranhense (São Luís e Jarmy dos Pretos), bem como as crenças e as atitudes de ouvintes desse estado, acerca das variantes dessa variável. Especificamente, Serra (2018) quis verificar quais variáveis sociais e discursivas se correlacionariam à expressão de dupla negação, com base na fala das duas localidades investigadas, quais crenças a respeito do uso da dupla negação emergiriam na fala desses participantes, e se as atitudes desses mesmos falantes refletiriam um posicionamento negativo ou positivo para essas formas.

Para responder a essas questões, a autora construiu um amostra de fala de 24 pessoas nascidas nas localidades estudadas (16 de São Luís e 8 de Jarmy dos Pretos⁷²). Esses participantes foram estratificados de acordo com seu sexo/gênero (mulheres e homens), sua faixa etária (faixa I: 18 a 30 anos e faixa II: 55 a 85 anos) e sua escolaridade (ensino fundamental ou ensino superior⁷³). Esses mesmos falantes participaram, ainda, de testes de percepção e produção, e responderam a um questionário de roteiro de discurso semidirigido, no qual os informantes tratavam de assuntos de sua vida cotidiana, cultura local e infância. Os testes de produção visavam a verificar como os falantes se comportam ao ser estimulados a realizar determinada forma linguística (Serra, 2018: 56). Esses testes foram, segundo a autora (p.57), introduzidos por *estímulos indiretos*, como *e tu achas que existe vida na lua?*, contexto que, segundo ela, seria propício à realização da dupla negação. Os testes de percepção, por sua vez, objetivaram observar “como o falante avalia o uso da dupla negação, seus níveis de consciência linguística, atitudes e crenças” (Serra, 2018: 59).

⁷² Segundo a autora, Jarmy dos Pretos é uma das maiores e mais antigas comunidades quilombolas do Estado do Maranhão, situada no município de Turiaçu. Daí a sua justificativa por comparar os dados dessa localidade aos da capital, São Luís. A seleção dessa variável, por sua vez, é justificada por estar ganhando espaço nos estudos sobre o PB, e porque, apoiada em Roncarati (1996), entende-se que a estrutura de negação formada por NÃO + SINTAGMA VERBAL + NÃO, como em *não gosto disso não* é uma característica da fala de nordestinos (Serra, 2018: 19).

⁷³ Essa variável foi analisada apenas para os dados coletados em São Luís.

Para tanto, a autora elaborou áudios do que ela denominou como *situações-estímulo*. São assim denominados porque, de acordo com Serra (2018: 60), esses estímulos apresentavam situações cotidianas que, após ser apresentadas aos participantes, estes deveriam escolher, dentre as três opções de respostas (cada uma delas apresentando uma variante de negação), aquela que lhes parecesse mais adequada. Além dessas situações-estímulo, foram feitas “perguntas sobre a dupla negação, que podiam ser livremente respondidas pelos participantes” (Serra, 2018: 60). A essas perguntas, a autora denominou de *parte aberta do teste*. Esses testes de adequação se seguiram aos de *falsos pares*. Serra (2018) pediu a 2 profissionais do teatro que gravassem quatro contextos de fala (dois com negação pré-verbal e dois com dupla negação).

Foi elaborado um questionário com 12 perguntas, organizadas em cinco campos aspectuais: *inteligência e aparência social* (aglutinados), *fala*, *caráter* e *estado emocional*. Esse teste de *falsos pares* foi aplicado a 5 ouvintes, dos quais apenas um participou de todas as outras etapas do estudo. Desses 5 participantes, Serra apresenta resultados das respostas de 3 deles.

Para o estudo de produção, Serra (2018) considerou a localidade dos informantes (São Luís ou Jamary dos Pretos), seu sexo/gênero, sua faixa etária e a sua escolaridade. Dentre as variáveis discursivo-pragmáticas, ela controlou a *ativação da proposição* (não ativada, ativada diretamente, ativada indiretamente), *tipo de sequência discursiva* (dialogal, avaliativa, narrativa de fatos pessoais, narrativa de fatos não pessoais). Entre as reações subjetivas, a autora analisou o *nível de consciência linguística* (0 a 3), *crenças* e *atitudes* (negativa, positiva ou neutra).

Os dados de produção mostraram que a estrutura de negação pré-verbal (80% dos dados) são as mais recorrentes na amostra de fala analisada pela autora. Ainda assim, esses resultados não contrariam a afirmação de Roncarati (1996) de que o nordeste se caracteriza por preferir a forma de dupla negação, já que nos dados analisados por Serra (2018), corresponde a 17% dos dados de sua amostra. Os dados de negação

pós-verbal equivalem a 6% do total de dados amostrados. Do ponto de vista da localidade, a estrutura de negação pré-verbal é igualmente mais recorrente em São Luís e em Jamary dos Pretos, 78% e 86,1% dos dados, respectivamente, seguido da dupla negação (19% em São Luís e 13% em Jamary dos Pretos) e da negação pós-verbal (3% em São Luís e 0,8% em Jamary dos Pretos). No que diz respeito ao sexo dos informantes, foram obtidos 76 dados de dupla negação na fala das mulheres, o que corresponde a 57% das ocorrências, e 57 dados na fala dos homens (43% das ocorrências analisadas). Por fim, os falantes mais jovens usaram a estrutura de dupla negação em 58% dos dados, enquanto os mais idosos usaram-na em 42%. A escolaridade dos falantes, variável analisada apenas com base nos dados obtidos em São Luís, mostrou que os falantes com ensino universitário são os que mais usaram a dupla negação (61% dos dados) na amostra analisada, comparativamente aos falantes com ensino fundamental, que usaram essa forma em 39% dos dados obtidos. Todas essas variáveis não foram analisadas estatisticamente, a fim de que se observasse se essas diferenças foram significativas.

A dupla negação foi ainda mais recorrente nas estruturas em que a sequência discursiva se tratava de um diálogo, mas essa variante de negação teve igual distribuição entre proposições diretamente ativadas e proposições indiretamente ativadas (50% dos dados para cada lado). Nos testes de produção, aqueles em que os participantes respondiam aos chamados estímulos indiretos, 73% dos contextos analisados mostraram que a negação pré-verbal é a considerada mais adequada, segundo os respondentes. A dupla negação, interesse central da pesquisa, foi considerada como mais adequada em 20% dos contextos apresentados.

Por fim, nos testes de situações-estímulos e de falsos pares, as estruturas com dupla negação também foram as selecionadas como as mais adequadas. Nos testes de percepção de situações-estímulos, essa variante foi selecionada como mais adequada por 22, dos 24 participantes da pesquisa. Dentre os campos aspectuais analisados, a autora observou que os falantes fizeram comentários gerais acerca de características

estruturais (linguísticas), sociais e contextuais-discursivas, que as crenças versam sobre noções de correção e adequação gramatical, e que a escolha da estrutura de negação acarreta determinados objetivos discursivos (veemência, parecer grosseiro, parecer ter menos ou mais calma), além de noções como ser de cidades mais centrais (no sentido de mais urbanas) ou mais interioranas. Serra (2018) apresentou o teste de *falsos pares* a “apenas” 3 participantes, embora o tenha aplicado a 5 deles. Eles tendem a associar o uso de dupla a noções de escolaridade e a um modo de falar mais grosseiro.

Esses resultados alcançados pela autora são considerados porque se trata de um trabalho sobre atitudes, crenças e percepção linguística, realizado com maranhenses, muito embora os testes de *falsos pares*, a parte que interessaria diretamente ao estudo que aqui se desenvolve, tenha sido pouco explorada ao longo da pesquisa. Além disso, questiona-se o fato de que Serra (2018, p. 31) afirma que variáveis morfossintáticas não podem ser analisadas com base no método dos estímulos pareados, ainda que os seus ouvintes (mesmo que em número de 3) tenham apresentado julgamentos que, em alguma medida, coincidiram com as crenças e atitudes dos participantes das outras etapas do estudo, o que revela um indício não só de que essas formas indiciam significados sociais, como também revela que formas gramaticais, igualmente às formas mais superficiais da língua, se associam a significados sociais (Levon, 2014; Levon & Buchstaller, 2015; Buchstaller, 2016; Canever, 2017; Mendes, 2018).

O trabalho que aqui se desenvolve quer se associar a esse conjunto de pesquisas que vêm sendo desenvolvidas, e cujo interesse reside em acessar os significados sociais para os quais uma forma linguística pode apontar (Campbell-Kibler, 2006), ainda que os ouvintes não tenham consciência desses significados, uma vez que, como bem explica Eckert (2016: 78), “a agência do falante não é igual ou requer consciência”⁷⁴. Especificamente, esta pesquisa se filia ao conjunto de pesquisas que se

⁷⁴ Tradução para o trecho original: “agency does not equal or require awareness”.

interessam pelos significados sociais de variáveis que estão em níveis mais profundos da gramática do falante, e que defendem que, mesmo nesses níveis, essas formas podem indiciar significados sociais.

3

Modelagem⁷⁵ para o estudo da percepção do subjuntivo e do indicativo

Neste capítulo, apresenta-se o desenho do experimento de percepção que objetiva verificar quais significados sociais são associados a falantes que soam como nordestinos/maranhenses, bem como a falantes que soam como paulistanos. O capítulo dois desta tese resenhou uma série de trabalhos que se propuseram a discutir o papel do ouvinte no estudo da variação e da mudança linguística. O método da pesquisa que aqui se apresenta se baseia nesses estudos, que, de um modo geral, buscam saber como significados sociais se vinculam a certas formas linguísticas, principalmente quando os ouvintes são inconscientemente expostos a elas.

Porém, antes de se detalhar o método de elaboração do experimento de percepção sociolinguística do subjuntivo e do indicativo, serão apresentados trechos de discursos metapragmáticos, obtidos a partir da fala de participantes de São Luís e de São Paulo. São essas impressões que, de certa maneira, subsidiam a elaboração do questionário de percepção, conforme vai se verificar adiante, no tópico 3.2.3. Embora não seja o cerne do interesse deste estudo, sabe-se da relevância de pesquisas acerca de atitudes linguísticas (Preston, 1986; Giles; Billings, 2004; Labov, 2006[1966]; 2008[1972]), e de como elas providenciam uma compreensão mais profunda do processo de variação e/ou de mudança linguística (Moreno Fernandez, 1998). Entende-se que, desde os estudos pioneiros de Pears (1931, *apud* Campbell-Kibler, 2006), pesquisas sobre atitudes linguísticas têm produzido uma quantidade considerável de generalizações entre estilo de fala e categorizações e avaliações sociais dos falantes.

⁷⁵ Esse termo é adaptado do trabalho de Oushiro (2019).

Nesse sentido, foi perguntado a falantes ludovicenses e paulistanos, por meio de uma abordagem direta (Garrett, 2010), o que eles “achavam de formas como *quer que esquento* e *quer que seguro*”. Para alguns deles também foi perguntado “o que eles achavam de formas como *embora é* e *embora seja*, e *talvez é* e *talvez seja*”, devidamente contextualizadas.

3.1. Formas do subjuntivo e do indicativo: avaliações

As variantes analisadas neste estudo são alvo de comentários por parte de informantes ludovicenses e paulistanos. Embora Santos (2015) tenha realizado entrevistas com 36 ludovicenses, ele não perguntou diretamente aos participantes de sua pesquisa acerca de suas impressões sobre formas subjuntivas e indicativas. De todo modo, esse autor já indica, em seu estudo, que o uso do indicativo, no lugar do subjuntivo, poderia ser visto como um processo de variação socialmente marcado, no sentido de ser avaliado negativamente pelos falantes. De modo a elucidar quais tipos de avaliações poderiam surgir na fala de ludovicenses e paulistanos, foi necessário contactar novos participantes, para que dessem suas impressões acerca das formas verbais que interessam a esta pesquisa.

Ressalte-se que alguns estudos (cf. Wherritt, 1978; Farias, 2008; Alves, 2009; Pimpão, 1999; 2012) já apontam para o fato de que usar o indicativo, no lugar em que o previsto é o subjuntivo, está associado a noções de erro, e podem indicar falta de escolarização por parte de quem o usa na fala e/ou na escrita. Wherritt (1978: 101) explica que, no geral, “os vários usos não prescritos do indicativo se correlacionam a três variáveis sociais – a idade, a classe socioeconômica e o nível educacional do falante”⁷⁶.

No intuito de investigar se as afirmações desses pesquisadores, de que a substituição do subjuntivo pelo indicativo seria uma característica

⁷⁶ Tradução para o trecho: “*the various nonprescriptive uses of the indicative correlate with three sociological variables — the age, socio-economic class, and educational level of the speaker*”.

reveladora de classe social e nível de escolarização dos falantes, foram apresentados vários exemplos de sentenças (substantivas e adverbiais) a 12 ludovicenses e 12 paulistanos, a exemplo de *quer que embrulho pra você, talvez é muita falta de educação no trânsito e embora é uma coisa que eu sinto falta*, e perguntou-se o que eles achavam sobre esses trechos.

Adianta-se que, de um modo geral, os participantes tenderam a refutar o uso do indicativo, em formas nas quais o esperado é o subjuntivo, a exemplo da participante Antônia, excerto (12), que automaticamente corrige a forma empregada ‘embrulho’, e Eduardo, excerto 15, que, segundo suas próprias palavras, substituiria o ‘o’ pelo ‘a’, em ‘talvez eu tenho transtorno de personalidade’. Os participantes, também hesitaram em associar tal uso (sobretudo nos casos de orações substantivas, com o verbo querer) ao falar ludovicense: observa-se que Claudio, homem ludovicense com ensino médio, excerto (16), além de avaliar as formas do indicativo nesses contextos como ‘erradas’, ainda afirma que tais falantes realizariam o exemplo com o subjuntivo, e a única mudança que fariam seria no nível do pronome ‘você’ por ‘tu’. Acrescenta-se o fato de que Claudio já fez viagens pela região sudeste, região que, segundo ele, realiza formas indicativas no lugar das subjuntivas. No geral, esses participantes associaram o uso de uma forma no lugar da outra à noção de erro, como o fez Danilo, nos trechos (13) e (14), ratificando, em certa medida, as afirmações das pesquisas que se propuseram a verificar o estatuto social do modo subjuntivo, no português.

- (12)** S1: A primeira coisa que me chamou a atenção aí foi que... eu acho que não é embrulho. Não é embrulho.
 D1: Uhum.
 S1: Eu embrulhe.
 D1: Quer que eu embrulhe...
 S1: ... Pra você, né. Eu achei que... mas seria exa... no no texto como um todo?
 D1: Não não. É nesse trecho mesmo. A senhora falaria assim como tá aqui?
 S1: Não.
 D1: Não?
 S1: Falaria não.
 D1: Não? A senhora acha que um ludovicense uma pessoa de São Luís falaria desse jeito?
 S1: [balança a cabeça negativamente]
- (SLF3S-Antonia)

- (13)** S1: Tá certo.
 D1: Tá? Tu falaria assim “cê quer que eu embrulho pra você?”
 S1: Falaria.
 D1: Falaria? Tu acha que um ludovicense falaria assim?
 S1: Acho que sim.
 D1: É?
 S1: Sim.
- (SLM1S-Danilo)

- (14)** S1: Tá errado.
 D1: Tá? Como é que tu acha que deveria ser?
 S1: Talvez seja muita falta de educação no trânsito.
 D1: Talvez...
 S1: Seje.
 D1: Talvez seja muita falta de educação no trânsito?
 S1: Isso.
 D1: Tá. Tu acha que um ludovicense falaria assim? Tal...
 S1: Falaria.
 D1: Falaria?
 S1: É.
 D1: {inint.} estaria errado?
 S1: Isso.
- (SLM1B-Danilo)

- (15)** Eduardo: No final colocaria a, né, eh [hes] talvez eu tenha transtorno de comportamento.
 Wendel: Em vez de talvez eu tenho.
 Eduardo: Aham.
 Wendel: Isso. Tu acha que o ludovicense falaria assim?
 Eduardo: Não. Falaria eu tenha
 Wendel: É? Tu acha que em algum lugar do Brasil as pessoas poderiam falar assim talvez eu tenho?
 Eduardo: Não não consigo {visualizar}.
 Wendel: {xxx}. Tá.
- (SLM1B-Eduardo)

- (16) S1: Você quer que eu embrulho essa colocação verbal eu já vi muito do pessoal da região de Espírito Santo e Minas Gerais ali centro do Brasil ali.
 D1: Uhum sudeste ali.
 S1: É sudeste isso.
 D1: Entendi. O que que tu acha dessa estrutura
 S1: Tá errado né
 D1: É?
 S1: Eu acho que a... como é que eu vou dizer? Esqueci eh... o encontro do verbo aí me esqueci a palavra não não não procede 'você quer que eu embrulhe [ênfase na realização do verbo] deveria ser a frase correta .
 D1: Uhum. E tu acha que um ludovicense falaria assim?
 S1: Não acho que não não é comum daqui não daqui eu acho que até... exceto você que viraria tu...
 D1: Uhum.
 S1: Eu acho que seria assim a frase ó 'tu quer que eu embrulhe pra ti?' ludovicense falaria desse [jeito]
 D1: [desse] jeito [tá certo]
 S1: [Acho eu].

(SLM2B-Caudio)

Quando perguntados sobre o que achavam quando as frases estavam no subjuntivo, os participantes, em sua maioria, tendiam a não tecer comentários sobre esses trechos. Chama a atenção, no entanto, a avaliação feita por Danilo, excerto (13), que, mesmo sendo exposto a um exemplo com subjuntivo, avalia a forma “seja” como errada, preferindo a forma “seje”, na expressão do presente do subjuntivo do verbo “ser”, considerada uma forma que parece ser avaliada negativamente no português brasileiro.

Outro fato interessante sobre essas avaliações é o de que muitos informantes pareceram não entender que o foco da pesquisa era o uso de formas indicativas, no lugar de formas subjuntivas, até que essas formas fossem diretamente confrontadas. Quando perguntado sobre o que achavam sobre coisas como “quer que esquenta” e “quer que seguro”, para além das formas apresentadas, acima, Fernando, participante de São Paulo, só consegue avaliar as formas indicativas como “ok” ou “normal”, segundo suas próprias palavras, quando lhe foram apresentados exemplos com as duas morfologias verbais.

- (17) D1: Queria saber o que tu acha de coisas como ‘quer que esquenta’ ou ‘quer que seguro’.
 S1: Como assim?
 D1: ‘Quer que esquenta’ ou ‘quer que esquento’, ‘quer que segure’ ‘quer que seguro’, ‘quer que esquenta’, ‘quer que seguro’.? Tu acha que em algum lugar do Brasil as pessoas poderiam falar assim talvez eu tenho?
 S1: ‘Quer que esquenta’ parece ok, parece normal de se falar. ‘quer quer que eu seguro’.
 D1: É. Tipo, a gente tá no metrô vem uma pessoa “ah, quer que seguro sua bolsa?”
 S1: Uhum.
 D1: Ou “quer que esquenta seu pão”.
 S1: Uhum. Ah mas em que sentido assim {xxx}?
 D1: Ah, {o que que tu acha} assim dessas formas? Tu acha que são {ok}...
 S1: {É}. Eu acho que são super aqui, assim.
 D1: É?
 S1: Super normais de se falar assim {são corriqueiras}.
 D1: {Tu tu} ouve bastante aqui em São Paulo.
 S1: [Balança a cabeça positivamente]
- (SPM1S-Fernando)

No entanto, mesmo sendo apresentado a exemplos com as duas morfologias, em casos de orações adverbiais, esse mesmo participante não se dá conta da variação entre as formas verbais em casos com *embora* e com *talvez*, por exemplo.

- (18) D1: E... ‘embora é’ ‘embora seja’ ‘ah, embora é uma coisa que eu ten/ sinta falta...
 S1: É. Tem um tom mais formal acho eu assim ‘embora’ as pessoas falarem ‘embora’ acho que tipo pra mim soa mais {formal}.
 D1: {mais} formal.
 S1: Sim.
 D1: Tá. E... ‘talvez é coisa que a gente possa deixar pra lá’ e ‘talvez seja coisa que a gente possa deixar pra lá’... sei lá.
 S1: ‘talvez seja’... ‘talvez seja’ também parece pra mim um pouco mais formal do que...
 D1: do que ‘talvez é’.
 S1: É.
- (SPM1S-Fernando)

O fato de Fernando não conseguir, imediatamente, apresentar avaliações a respeito das formas apresentadas pode indicar que, não somente para ele, mas para os paulistanos em geral (ele se autodeclarou paulistano quando da abordagem para que participasse dessa etapa do

estudo), as formas do indicativo são consideradas “normais”, o que pode ser um indício de que se trata de um processo de variação abaixo do nível de consciência desses falantes (Labov, 2001), de modo que o único traço que chame sua atenção seja o uso dos subordinadores *‘embora’* e *‘talvez’*, associadas por ele a contextos formais de uso. Essas questões são de maior importância porque contribuem para se justificar a inclusão dessas conjunções subordinativas no experimento de percepção que busca elucidar quais significados sociais estão associados a formas subjuntivas e indicativas, e que será detalhado a seguir.

3.2. Desenho do experimento de percepção

O capítulo dois apresentou uma série de trabalhos cujo interesse reside em acessar os significados sociais de variáveis linguísticas fonológicas e gramaticais. Dentre as pesquisas que se ocupam em analisar a percepção de variáveis que estão para além do nível fonológico, destacam-se as de Gaucher (2013); Levon (2014); Levon & Buchstaller (2015); Buschstaller (2016); Canever (2017); Mendes (2018), nas quais este estudo se baseia.

Os comentários metapragmáticos feitos por ludovicenses mostraram que o uso do subjuntivo está fortemente associado a noções de *certo* e *errado*, o que pode ser um indício de que esses ouvintes distinguem socialmente essas variantes linguísticas. A fim de verificar sistematicamente quais significados sociais estão associados ao uso do subjuntivo e do indicativo, elaborou-se um experimento de percepção sociolinguístico, cujo desenho é descrito a seguir.

Diante dos resultados do trabalho de Santos (2015), que mostrou que o subjuntivo é mais frequentemente realizado em orações adverbiais introduzidas pelas conjunções subordinativas adverbiais *embora* e *talvez*, em São Paulo pelo menos, conforme se verificou no capítulo um, e, com base na percepção de que paulistanos deixam de usar o subjuntivo, principalmente em orações subordinadas substantivas objetivas diretas,

introduzidas pelo verbo *querer*, aventa-se a hipótese de que o uso do indicativo, nesses tipos de contextos, pode estar associado a noções de erro, de falta de escolarização e inteligência, de um lado, mas também pode estar associado a noções de amigabilidade, de outro, considerando-se que o uso das formas de subjuntivo podem ser consideradas pedantes (cf. Nascentes, 1953[1922]). Alves (2009) discute a possibilidade de que o falante pode usar a forma do indicativo em lugar da do subjuntivo com o propósito discursivo de não parecer pedante, arrogante, ou, ainda, grosseiro. Especificamente, aventa-se a hipótese também de que usar o indicativo, em contextos em que o esperado é o subjuntivo, pode estar associado a uma noção de *paulistanidade*. Esse conceito vem sendo discutido no Grupo de Estudos Sociolinguísticos da Universidade de São Paulo (GESOL-USP), e diz respeito a um conjunto de traços linguísticos que vêm sendo analisados por esse Grupo, e que seriam característicos da fala de pessoas nascidas ou criadas na cidade de São Paulo (cf. Mendes & Oushiro, 2011; Oushiro, 2015; Soriano, 2016; Canever, 2017; Mendes, 2018).

Para testar essa hipótese, elaborou-se um experimento de percepção sociolinguística, com base numa adaptação da técnica dos estímulos pareados (Lambert et al, 1960; Campbell-Kibler, 2006; 2008, Gaucher, 2013; Mendes & Oushiro, 2011; Oushiro, 2015; Soriano, 2016; Mendes, 2016; 2018; Canever, 2017), que consistiu em apresentar estímulos auditivos a participantes que, depois de ouvir a cada um dos falantes, em um dos conjuntos de estímulos construídos, responderam a um questionário a respeito de suas impressões sobre eles.

Como não foram feitas perguntas diretas aos participantes, sobretudo a respeito das formas do indicativo e do subjuntivo, as reações dos ouvintes são, como preconizado nesse tipo de pesquisa, inconscientes com relação às formas linguísticas que interessam para este estudo. Nesse sentido, foram elaborados “falsos pares” que se diferenciavam apenas quanto à morfologia verbal. Cada “falso par” continha, portanto, um estímulo com a morfologia do indicativo e outro com a morfologia do

subjuntivo. O interesse nesse tipo de experimento está em verificar de que modo um mesmo falante é percebido quando é ouvido em cada um dos estímulos de um dos “falsos pares”. Lambert et al (1960) usaram essa técnica para investigar atitudes encobertas em relação a certos grupos de pessoas. Para eles, os ouvintes expressariam suas opiniões mais abertamente se as respostas fossem motivadas por performances linguísticas, já que, segundo esses autores, o preconceito linguístico é mais socialmente sancionado que outras formas. Eles usaram, então, gravações feitas por um mesmo falante, falando de maneiras diferentes, de modo que Lambert e seus colegas pudessem acessar as crenças e as atitudes dos ouvintes em relação às categorias de pessoas que se acredita que pudessem falar dessa maneira. Assim, para o experimento que aqui se desenha, como se trata de estímulos quase idênticos, espera-se que as diferenças sejam atribuídas à única pista que os caracteriza: a morfologia do subjuntivo e a morfologia do indicativo.

De fato, os falantes podem atribuir significados sociais a quaisquer contextos de subordinação que lhes forem apresentados, já que, como afirma Oushiro (2015: 262), “sem qualquer esforço consciente é possível imaginar o falante como homem ou mulher, jovem ou velho, saudável ou doente, mano ou playboy etc”, apenas ouvindo sua voz. Além disso, ela cita o

[...] *conteúdo da mensagem*, a qualidade da voz e o ritmo de fala, fatores suprasegmentais, *emprego simultâneo de múltiplas variáveis* fonéticas, *morfológicas*, *sintáticas*, sem contar inúmeros outros fatores situacionais ou sociais que variam de caso a caso [grifos nossos]

como elementos determinantes no modo como são formadas impressões sobre certos falantes.

Aqui, optou-se por utilizar, na elaboração dos estímulos, *orações subordinadas substantivas objetivas diretas*, antecedidas pelo verbo cognitivo *acreditar*, e o volitivo *querer*, no tempo presente, além de

orações subordinadas adverbiais, introduzidas pelas conjunções subordinativas *embora* e *talvez*, no pretérito imperfeito.

3.2.1. Definições para a modelagem do experimento de percepção

Considerando a máxima de que os “ludovicenses falam a melhor variedade do português brasileiro”, e a de que “os paulistanos não sabem o subjuntivo”, esta pesquisa pretende verificar se falantes nordestinos/maranhenses e paulistanos soam mais competentes (no sentido de escolarização e inteligência), bem como mais sérios e formais, se forem ouvidos no subjuntivo, e se, ao serem ouvidos no indicativo, esses mesmos falantes seriam percebidos como mais amigáveis e educados (no sentido de polidos ou gentis), se ouvidos no indicativo; especificamente, quer saber se o indicativo, no lugar do subjuntivo, funcionaria como um índice de paulistanidade, e se os significados sociais dessas formas são diferentes para ouvintes que vivem em São Paulo e em São Luís.

Para responder a essas questões, desenhou-se um experimento no qual os estímulos são períodos com orações adverbiais introduzidas por *embora* e *talvez*, bem como orações substantivas que complementam os verbos *querer* e *acreditar*. Evitou-se temas polêmicos (como futebol e religião), que pudessem desviar a atenção dos ouvintes para outros interesses que não fosse a percepção das morfologias verbais em foco, de modo que se optou pela elaboração de sentenças relacionadas ao mundo do trabalho, considerado como um tema que não aflora as paixões dos ouvintes, como se pensa para temas como política ou religião. Os falantes paulistanos gravaram sentenças diferentes das gravadas por ludovicenses, já que se queria uma quantidade de trechos o mais diferente possível disponíveis para a avaliação dos ouvintes.

Quadro 3.1: Estímulos no Subjuntivo e no Indicativo para os Falantes Ludovicenses

Oração Subordinada Substantiva	Fabiano	<i>Volitiva</i>	O chefe QUER que a secretária peRmaneçaA/peRmanecE na sala de reunião.
		<i>Cognitiva</i>	Todos acreditam que o superVisor devA/devE dar o feedback aos trabalhadores.
	Debora	<i>Volitiva</i>	O superVisor QUER que os funcionários paRticipEM/paRticipAM da cerimônia.
		<i>Cognitiva</i>	O candidato à vaga ACREDITA que poSSAM/poDEM chamá-lo a qualquer hora para paRticipar da próxima etapa da seleção.
Oração Subordinada Adverbial	Fabiano	<i>Embora</i>	EMBORA estivESSE/estAVA aqui, a opoRtunidade foi dada a outro candidato.
		<i>Talvez</i>	TALVEZ estivESSE/estAVA no tempo de peRguntar aos funcionários sobre sua satisfação no trabalho.
	Debora	<i>Embora</i>	EMBORA devESSE/devIA desligar o celular, o chefe peRmaneceu com ele ligado durante toda a reunião.
		<i>Talvez</i>	TALVEZ o novo responsável pela equipe estivESSE/estAVA enganado quanto as noRmas da empresa.

Quadro 3.2: Estímulos no Subjuntivo e no Indicativo para os Falantes Paulistanos

Oração Subordinada Substantiva	Rodrigo	<i>Volitiva</i>	Ele QUER que eu trag A /trag O profissionais fo R mados para a empresa.
		<i>Cognitiva</i>	Ele ACREDITA que todos fa ç AM/faz EM a sua pa R te.
	Juliana	<i>Volitiva</i>	O funcionário QUER que o chefe pe R mit A /pe R mit E sua ausência.
		<i>Cognitiva</i>	A chefe de Maria ACREDITA que ela te N HA/te M potencial para o novo ca R go.
Oração Subordinada Adverbial	Rodrigo	<i>Embora</i>	Embora estiv ESSEM /estav AM preocupados em chegar a tempo, os funcionários pe R deram a hora da reunião.
		<i>Talvez</i>	Talvez estive SSEM /est AVA todos os interessados presentes para pa R ticipar da reunião.
	Juliana	<i>Embora</i>	Embora permane ceSSEM /permanec IAM com dúvidas, os funcionários fizeram muitas pe R guntas ao chefe.
		<i>Talvez</i>	Talvez precisa SSE /precisa VA de uma sala maior para receber os pa R ticipantes.

Foram gravados, então, dois falantes em São Luís (Debora e Fabiano) e dois falantes em São Paulo (Rodrigo e Juliana) enunciando os quatro pares de sentenças apresentados nos quadros 3.1 e 3.2, acima – uma no subjuntivo e uma no indicativo, sendo dois pares de adverbiais introduzidas por *embora* e *talvez*, e dois pares de subordinadas substantivas, introduzidas pelo volitivo *querer* ou pelo cognitivo *acreditar*. Os quatro falantes têm entre 25 e 35 anos, e todos têm o ensino superior completo.

Para diferenciar os dois falantes ludovicenses dos dois paulistanos, foram controladas, além da forma verbal, a pronúncia do *-/r/* em coda. Nas sentenças formuladas, o *-/r/* tepe foi usado para identificar os paulistanos, e o *-/r/* aspirado para os ludovicenses. Ressalte-se que a

realização de *-r/* em coda é um dos fenômenos linguísticos que mais marcam diferenças dialetais no português falado no Brasil (Callou et al, 2002).

Figura 3.1: Proposta de divisão dialetal proposta por Nascentes (1953[1922])

Fonte: Nascentes (1953[1922]).

De acordo com a proposta de divisão dialetal de Nascentes (1953[1922]), o falar brasileiro se subdividiria em seis subfalares (Amazônico, Nordestino, Baiano, Mineiro, Fluminense e Sulista), organizados em dois grupos – os falares do Norte e do Sul do país. De acordo com essa subdivisão, o falar característico do Maranhão estaria no subgrupo de falares Nordestinos, enquanto o de São Paulo estaria no subgrupo de falares Sulistas. Mota (2016: 60) explica que, além da realização das vogais médias pretônicas e da entoação, como características da fala do Nordeste, a “predominância das realizações não palatalizadas para as consoantes dentoalveolares /t, d, l/ diante da vogal alta [i], e a *das fricativas laríngeas para o rótico em coda silábica, interna ou externa*” [grifo nosso] são representativas do falar dessa região.

Por outro lado, Oushiro (2015: 97) mostra que a realização de *-r/* tepe funciona como um estereótipo da fala de paulistanos, que, segundo a autora, “não se reconhecem na articulação retroflexa”⁷⁷. Com a intenção de analisar o encaixamento social da realização de */r/* no português paulistano, essa autora analisou mais de 60.000 ocorrências dessa variável, com base na fala de 118 informantes do *corpus* do Projeto SP2010. A partir de uma amostragem de 50 dados por falante, Oushiro verificou que a realização do */r/*, como tepe, apareceu em 71,7% dos dados, enquanto a variante retroflexa ocorreu em 28,3%.

Tabela 3.1: Distribuição das ocorrências de tepe e retroflexo
(Adaptado de Oushiro: 2015, 102)

	Retroflexo	%	Tepe	%	Total
Conversação	1.882	31,9	4.018	68,1	5.900
Depoimento	217	29,0	532	71,0	749
Jornal	238	40,2	354	59,8	592
Lista de Palavras	274	13,8	1.711	86,2	1.985
Total	2.611	28,3	6.615	71,7	9.226

Todos os 118 falantes da amostra de fala analisada por Oushiro (2015) são nascidos na cidade de São Paulo, ou se mudaram para essa cidade até os 10 anos de vida. Eles foram estratificados de acordo com seu *sexo/gênero* (masculino, feminino), sua faixa etária (20-34 anos, 35-59 anos, 60 anos ou mais), seu nível de escolaridade (até o ensino médio, ensino superior) e região de residência (bairros mais centrais, bairros mais periféricos). Além dessas variáveis, que são as que estratificam a amostra de fala do Projeto SP2010, Oushiro também analisou a mobilidade geográfica do informante na cidade⁷⁸, cujo interesse era o de verificar se falantes com menor mobilidade tenderiam a se orientar por normas mais

⁷⁷ Oushiro (2015) e Soriano (2016), no entanto, chamam a atenção para o fato de que, embora a variante tepe seja a mais produtiva na variedade do português paulistano, a variante retroflexa não é rarefeita, conforme pode se verificar na tabela 3.1.

⁷⁸ Oushiro (2015) analisou a mobilidade a partir dos lugares em que os falantes já viveram: se sempre no mesmo bairro; sempre na mesma zona; em diferentes zonas ou cidades.

locais, enquanto que os com maior mobilidade adotariam normas externas, ou de classes sociais mais altas (cf. Milroy, 1987[1980]; Oushiro: 2015), o local de origem dos pais (se de São Paulo, se do interior/MG/PR, se do Norte/Nordeste, ou se do exterior), além da classe social.

No geral, ela verificou que os falantes de bairros mais centrais tendiam a preferir a realização do -/r/ como tepe, enquanto os falantes de bairros mais periféricos favoreciam a variante retroflexa. Além disso, Oushiro observou que o tepe era favorecido por falantes com maior mobilidade geográfica (indício de prestígio na comunidade de fala) e com maior grau de escolaridade. Quanto à classe social, a autora verificou que o retroflexo é favorecido pelas classes sociais mais baixas (C e D), enquanto tende a ser evitado pelas classes mais altas (A e B).

Além da manipulação do /r/ em coda silábica, os estímulos continham exemplos com o verbo *querer*, que foram incluídos porque são eles que aparecem nos discursos midiáticos, bem como na fala das pessoas, quando afirmam que *paulistanos não sabem o subjuntivo*, conforme se verificou na introdução e no capítulo 3, desta tese. Nesse sentido, interessa verificar se ouvintes ludovicenses associarão as formas *querer + indicativo* ao falar paulistano, e se ouvintes paulistanos não perceberão diferenças entre os falantes, a depender do modo em que forem ouvidos.

Também foi inserido o verbo *acreditar* porque, a partir de um levantamento de estudos de produção, bem como de gramáticas do português (Mendes de Almeida, 1978: 567; Mira Mateus et al, 1983: 152; Cunha & Cintra, 2017: 468), verificou-se que não é homogêneo o padrão de uso desse verbo com o modo subjuntivo ou o indicativo. Como os exemplos que vêm à boca das pessoas, para se referir ao fato de que paulistanos não usam o subjuntivo, aparecem no tempo presente (*‘quer que esquenta’*, por exemplo), decidiu-se por elaborar estímulos em que o verbo estivesse nesse tempo verbal. O mesmo foi feito para os estímulos com o verbo *acreditar*.

Pimpão (2012: 63), ao perguntar se o uso variável do presente do modo subjuntivo é sensível a condicionadores extralinguísticos, explica que a hipótese para esse tipo de pergunta deve se basear nas “condições de emprego desse modo verbal apresentadas nas gramáticas tradicionais”. Ela acrescenta que certas gramáticas apresentam como obrigatório o uso do subjuntivo em certos contextos, e que, nas orações dependentes, a exemplo de orações substantivas, “os verbos *acreditar* e *crer* podem apresentar subjuntivo ou indicativo na subordinada” [grifos da autora]. Outras pesquisadoras, como Botelho Pereira (1974), Wherritt (1978) e Rocha (1997) também se diferenciam quanto aos padrões de uso do verbo *acreditar* com o modo subjuntivo e o indicativo.

Botelho Pereira (1974), que analisou o uso do subjuntivo e do indicativo em orações subordinadas substantivas, a partir de testes de avaliação aplicados a estudantes de Letras, jornalistas com formação universitária, professores universitários, diretoras e orientadoras de escolas primárias, observou que o subjuntivo era preferido, pelos participantes, em 66% dos dados coletados com esse verbo. Wherritt (1978: 76), por sua vez, observou, a partir da análise da fala e da aplicação de testes com informantes paulistas (incluindo participantes da capital), que o presente do indicativo foi preferido tanto na análise dos dados de fala, quanto no resultados do teste aplicado (80% das ocorrências), em sentenças com *acreditar*. Rocha (1997: 69), que também analisa o uso do indicativo e do subjuntivo em orações substantivas, com base na fala de informantes do Projeto PEUL, codificou 107 dados com o verbo *acreditar*, dos quais 67 (71% das ocorrências, P.R. 0,73) estavam no indicativo.

Mira Mateus et al (1983: 151-152) explicam que o uso do subjuntivo é obrigatório em “orações subordinadas em que o predador da oração subordinante é [...] de **actividade mental**, cuja modalidade é **possível** ou **contingente**”[grifos das autoras], e exemplificam essa explicação com o verbo *acreditar*: “Eu *acredito* que ele *venha*” (possível). por oposição a “Eu *acredito* que ele *vem*” (necessário)⁷⁹.

⁷⁹ Exemplos extraídos de Mira Mateus et al (1983: 152).

Nesse sentido, interessa verificar se os ouvintes participantes serão sensíveis a essa nuance semântica que caracteriza verbos cognitivos, como *acreditar*, em sua contraposição a verbos de volição, como *querer*, no experimento de percepção, ambos no tempo presente.

Para os estímulos com adverbiais, foram incluídas as conjunções subordinativas *embora* e *talvez*. São dois os motivos que justificam a sua escolha para a elaboração desse experimento: i) esses dois subordinadores foram os mais recorrentes na amostra de fala analisada por Santos (2015), em São Paulo, e; ii) trata-se de dois bons exemplares da forte noção normativa que o subjuntivo carrega quando aparece em sentenças introduzidas por essas conjunções (veja-se, por exemplo, a avaliação feita pelo falante Fernando, trecho 18, pág. 112).

Santos (2015) mostrou que *embora* e *talvez* foram os subordinadores que mais apareceram em sua amostra de fala de 36 paulistanos, excetuando-se a conjunção *se*, a mais recorrente de todas. Enquanto os verbos dos excertos das orações substantivas estão no presente, para os estímulos das orações adverbiais, decidiu-se pelo pretérito imperfeito, já que a maioria das pesquisas têm mostrado que esse tempo verbal favorece o uso do subjuntivo, nos contextos de orações adverbiais (Carvalho, 2007; Pimpão, 2010; Santos, 2015).

Tabela 3.2: Frequências do indicativo com outros subordinadores – São Paulo
Adaptada de Santos (2015: 84)

Subordinadores (exceto SE)	Indicativo/ Total	%
A não ser que	1/10	1
Como se	3/9	27
Embora	4/12	48
Quando	4/4	100
Talvez	18/53	9,5
Total	30/88	26,4

Tabela 3.3: Frequências do indicativo com outros subordinadores – São Luís
Adaptada de Santos (2015: 84)

Subordinadores (exceto SE)	Indicativo/ Total	%
A não ser que	3/7	21
Como se	0/14	–
Embora	2/6	12
Não é que	5/26	1,3
Talvez	5/35	1,75
Total	15/88	13,2

Em São Luís, tabela 3.3, embora essas conjunções não tenham sido as mais recorrentes, elas foram mantidas por causa da forte correlação com noções de formalidade que essas formas carregam quando vinculadas ao modo subjuntivo. Cunha & Cintra (2001: 470) afirmam que o subjuntivo não tem valor próprio em orações adverbiais, e que esse modo verbal “é um mero instrumento sintático de emprego regulado por certas conjunções”, das quais ele cita o uso de *embora* e *talvez* como “obrigatoriamente” relacionadas a esse modo verbal. Câmara Jr. (2009[1970]: 99) explica que o subjuntivo, diferentemente do que ocorre para o indicativo, “assinala uma tomada de posição subjetiva do falante em relação ao processo verbal comunicado”, e que, “sintaticamente, o subjuntivo *depende* de uma palavra, seja o advérbio *talvez*, seja um verbo da oração principal” [grifos nossos].

No entanto, ainda que haja abordagens que associem o uso obrigatório do subjuntivo a essas conjunções adverbiais, e associem a substituição de um modo por outro a um deslize quanto ao uso da língua (Ledur, 2016), pesquisas variacionistas mostram que as duas morfologias ocorrem com certa frequência em casos de subordinação adverbial introduzidas por esses elementos (Botelho Pereira, 1974; Wheritt, 1978; Pimpão, 1999; 2012), ainda que o subjuntivo seja favorecido na grande maioria deles.

Bianchet (1996), por exemplo, discutiu a norma e o uso do subjuntivo em orações subordinadas substantivas desde o latim até o português contemporâneo, com base em dados coletados a partir da obra

Peregrinatio Aetherae, texto datado do século V, que conta a peregrinação de Etéria (autora da obra) à terra santa, e com base em dados extraídos da fala de 30 participantes⁸⁰. A partir da análise desses dados, Bianchet explica que há usos categóricos do indicativo, usos categóricos do subjuntivo, bem como dados em que as duas morfologias podem coocorrer. Entretanto, ela inclui os subordinadores *embora* e *talvez* no conjunto dos usos categóricos do subjuntivo.

Para Whertritt (1978: 101), a não-utilização das normas prescritivas do subjuntivo se deve ao fato de que se trata de um modo verbal usado em situações formais, e que é condicionado pelos anos de escolarização do falante. Linguisticamente ela afirma que o subjuntivo tem um caráter redundante, e cita os subordinadores *embora* e *talvez* como elementos que marcam o significado formal desse modo.

Com base nessa discussão, infere-se que os falantes estariam sensíveis às pressões escolares impostas aos subordinadores *embora* e *talvez* por algumas gramáticas normativas, mas também por alguns linguistas que se ocuparam em analisar o uso do subjuntivo nesses contextos de subordinação, muito embora essas mesmas pesquisas acabem mostrando que os usuários da língua se utilizam das duas morfologias verbais, em orações introduzidas por esses subordinadores. Interessaria verificar, então, se, embora os falantes variem no uso das formas dos modos subjuntivo e indicativo, os seus julgamentos se aproximariam da visão prescritivista atribuída a esses subordinadores, e se eles avaliariam falantes como menos escolarizados, a depender do modo em que fossem ouvidos. É isso que também pretende o teste de percepção que aqui se desenha.

⁸⁰ Ao longo do trabalho de Bianchet não há referência ao nome do projeto coordenado pela professora Jânia Ramos, de onde ela extrai os dados analisados, bem como não há informações sobre o local de nascimento dos informantes.

3.2.2. Elaboração dos Conjuntos de Estímulos

Como se afirmou anteriormente, os estímulos apresentados nos quadros 3.1 e 3.2, acima, foram elaborados de acordo com técnica dos estímulos pareados (Lambert et al, 1960). Cada um dos falantes gravou inúmeras vezes os trechos no indicativo e no subjuntivo, até que se chegasse a versões bastante semelhantes entre esses trechos. Dessas gravações, foram selecionadas uma sentença no subjuntivo e uma no indicativo que mais se aproximavam em termos de características sonoras. Os trechos das sentenças com versões do subjuntivo e do indicativo foram, então, substituídas, nas gravações originais, por meio da função copiar e colar do programa Praat (Boersma & Weenink, 2019).

Dessa maneira, a manipulação das gravações foi feita no Praat, no sentido de criar pares de estímulos, definidos pela oposição indicativo/subjuntivo, com /r/ tepe para paulistanos e /r/ aspirado para ludovicenses. Criaram-se, assim, 32 estímulos controlados, 16 no subjuntivo e 16 no indicativo, organizados em 8 conjuntos de dados, sendo 4 estímulos por falante. Os pares de estímulos são, portanto, idênticos em todos os aspectos entre si, exceto pela morfologia do verbo, já que foram produzidos a partir de uma mesma gravação original.

Quadro 3.3: Conjuntos de Estímulos⁸¹

A1	Rodrigo SP		Fabiano SL		Juliana SP		Debora SL	
Volitivo	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind
Cognitivo	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind
Embora	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind
Talvez	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind
B1	Rodrigo SP		Fabiano SL		Juliana SP		Debora SL	
Volitivo	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind
Cognitivo	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind
Embora	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind
Talvez	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind
A2	Rodrigo SP		Fabiano SL		Juliana SP		Debora SL	
Volitivo	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind
Cognitivo	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind
Embora	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind
Talvez	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind
B2	Rodrigo SP		Fabiano SL		Juliana SP		Debora SL	
Volitivo	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind
Cognitivo	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind
Embora	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind
Talvez	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind
C1	Rodrigo SP		Fabiano SL		Juliana SP		Debora SL	
Volitivo	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind
Cognitivo	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind
Embora	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind
Talvez	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind
C2	Rodrigo SP		Fabiano SL		Juliana SP		Debora SL	
Volitivo	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind
Cognitivo	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind
Embora	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind
Talvez	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind
D1	Rodrigo SP		Fabiano SL		Juliana SP		Debora SL	
Volitivo	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind
Cognitivo	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind
Embora	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind
Talvez	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind
D2	Rodrigo SP		Fabiano SL		Juliana SP		Debora SL	
Volitivo	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind
Cognitivo	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind
Embora	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind
Talvez	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind	Sub	Ind

Os estímulos foram combinados e apresentados aos ouvintes de acordo com o quadro 3.3. Em azul estão os estímulos que compuseram cada um dos conjuntos. Em cinza estão os “falsos pares” desses estímulos. Os conjuntos A1 e A2, então, têm os mesmos pares destacados. Foram criados 8 conjuntos de dados e cada ouvinte ouviu cada um dos quatro falantes apenas uma vez. Por exemplo, quem ouviu o conjunto de estímulos A1, ouviu os falantes de cada cidade apenas no disfarce em azul. Observe-se que o conjunto A2 forma um par com A1, na medida em que se tem as mesmas orações, mas com outra forma verbal. Rodrigo, por exemplo, no conjunto A1, foi ouvido falando uma oração com verbo querer complementado com verbo no subjuntivo, mas, no conjunto A2, foi ouvido falando a mesma oração com verbo querer, mas com complemento com verbo no indicativo. Todos esses conjuntos de estímulos estão organizados de acordo com essa lógica, no sentido de que todos os

⁸¹ Esse quadro foi elaborado com base em Canever (2017).

falantes seriam ouvidos em algum disfarce por algum ouvinte, mas cada falante seria ouvido apenas uma vez por cada participante.

3.2.3. Realização de Entrevistas Abertas

A fase seguinte da pesquisa consistiu em realizar entrevistas abertas. Oushiro (2015: 273) explica que são *abertas* porque não apresentam um roteiro pré-definido. Foram consultados 22 ludovicenses, pertencentes à rede de amigos deste autor, e 8 paulistanos, alunos da Universidade de São Paulo, e a eles foram feitas perguntas bem gerais, a exemplo de “*como você imagina que seja a pessoa que está falando*”, “*como você imagina que ela seja fisicamente*”. Perguntou-se, também, coisas sobre o uso do subjuntivo e do indicativo, especificamente, como “*o que você acha da forma como ela está falando*”, e “*o que você acha dessa forma que aparece na fala dessa pessoa*”, fazendo-se referência explícita ao uso dessas formas verbais. Essas impressões foram utilizadas na elaboração do questionário de percepção, e algumas delas aparecem a seguir:

Luciano avaliando os quatro áudios do conjunto A:

- (19) S1: eh eu acho que... ouvindo os quatro áudios eh eu consigo sei lá eu senti um padrão assim na diferença do {inint} tem duas vozes masculinas um sotaque mais sulista um sotaque mais do norte
 D1: tu saberia dizer qual estado?
 S1: Não.
 D1: Não saberia tá.
 S1: Mas eu sei que tem gente que consegue e... é isso assim tem uma voz que é um pouco mais mais grossa.
 D1: Saberia dizer qual é?
 S1: A segunda voz masculina.
 D1: Do Fabiano
 S1: Fabiano
 D1: Uhum.
 S1: E não sei talvez passe uma uma sensação mais de uma pessoa maior mais gorda talvez.
 D1: Aham
 S1: E aí o outro cara [Rodrigo] ele ele talvez tenha um uma aparência mais magra e menor.
 D1: Aham
 S1: Eh... e pras moças a primeira [Juliana] ela ela fala de um jeito muito muito pausadinho assim
 D1: Uhum
 S1: Parecia que ela tava lendo um texto
 D1: Aham.

S1: E a segunda ela falou de um jeito mais descontraído
 D1: Certo.
 S1: Ela tava/ senti ela/ mais naturalidade na fala da Debora
 D1: Certo do que na fala da Juliana
 S1: Aham.

(SPM1S-Luciano)

Vagner avaliando os quatro áudios do conjunto B:

(20) S1: ah então o jeito que os áudios foram dispostos parece que tá um nível de cultura ou elitização crescente né parece que vai da pessoa menos culta ou menos elitizada pra mais
 D1: ah legal
 S1: Tá e eu também não sei se tem relação né eh ou se é sem querer mas primeiro foram duas mulheres e depois dois homens também né parece que é um negócio de é uma crescente social não só de cultura mas também de ascensão social quem sabe tipo...
 D1: Tá. Então sei lá a Debora é menos escolarizada do {que o Rodrigo}?
 S1: {A Debora} é a primeira?
 D1: Isso.
 S1: A primeira de todas?
 D1: Isso.
 S1: A primeira de todas parece coisa ahn parece cê parece cê tá ouvindo a conversa de duas mulheres que tão lavando louça lá da minerva por exemplo que é uma lanchonete ali a segunda parece que é a secretária a atendente de um lugar {que é uma pessoa} mais escolarizada mas não é a chefe
 D1: {Uhum} uhum.
 S1: A terceira parece a chefe daquele lugar e o terceiro o cara que é um advogado de um político {a última né}
 D1: {Aham} entendi aham.

(SPM1S-Vagner)

Clarice avaliando os quatro áudios do conjunto C:

(21) S1: ai eu achei eu acho que ela deve ser séria [se referindo a Debora] ah eu não sei eu consigo eu não sei ela trabalhando num escritório até pelo que ela tá falando
 D1: Uhum
 S1: Eu não sei imagino ela de cabelo cacheado eu imaginei ela negra mas não retinta eu pensei nela como mais séria como alguém por exemplo que ahn me daria ordens {alguém que}
 D1: {uhum}
 S1: ahn é que o teor da fala também é uma coisa mais formal não sei
 D1: O conteúdo.
 S1: Sim o conteúdo isso.
 D1: Tá bom.

[pausa para ouvir o áudio de Juliana]

S1: ahn é uma voz que eu tô mais acostumada a ouvir essa
 D1: Uhum.
 S1: Ahn eu imaginei... aqui eu imaginei alguém mais jovem alguém alguém conversando comigo mesmo
 D1: Uhum.
 S1: Um estudante normal uma estudante né
 D1: A Debora não?

S1: A Debora não.

D1: Tá quando tu fala que é uma voz que tu tá mais acostumada mais ouvir e é uma voz que é sei lá de alguém que tá em São Paulo...

S1: É com certeza é de alguém que tá em São Paulo mas eu não sei o timbre da voz me lembrou quando você liga por exemplo tipo eu não sei quando você com problema no se celular e você... quando você quer cancelar a net me esqueci o nome disso

D1: Telemarketing?

S1: Telemarketing acho que a... mas não tem a ver com o fato de eu associar ela a alguém jovem não sei.

D1: Ah então é a Juliana que soa voz de telemarketing?

S1: Sim {é}.

D1: {não} a Debora

S1: Não a Debora a Juliana

D1: Tá.

S1: O teor da fala da Juliana eh... eu não sei ela tá sendo positiva enquanto a outra tá dando uma ordem então eu acho que a Juliana seria mais legal mas é difícil eu não quero julgar as pessoas pela voz [ela sorrir]

D1: Eu entendo.

[pausa para ouvir o áudio de Fabiano]

S1: Ah eu fiquei triste pelo Fabiano né.

D1: Eu não sei eu não lembro o que...

S1: Ah ele disse que a oportunidade foi dada a outro candidato {eu fiquei}

D1: {ai} tadinho

S1: É coitado

D1: Quer ouvir logo o Rodrigo?

S1: Quero.

D1: Tá bom.

[pausa para ouvir o áudio de Rodrigo]

S1: O segundo ele sei lá ele tem voz de maquenzista imagino alguém de camisa pólo ou te chamando sei lá pruma festa de open bar não sei eu prefiro o Fabiano.

D1: É?

S1: Sim não sei se é porque eu fiquei com dó dele eu acho que eu prefiro o Fabiano até porque a voz dele parece mais afagável eu não sei se afagável é uma palavra...

D1: Quando tu fala que afagável ele soa mais legal?

S1: Sim sim mais amigável sim mais legal.

D1: Entendi tu seria amiga do Fabiano não do...

S1: Eu seria amiga do Fabiano não do Rodrigo.

D1: Fisicamente como tu imagina o o o Fabiano?

S1: Eu imagino ele careca ahn eu não sei eu também imaginei ele negro mas não retinto mas eu não sei porque eu associei ele a Debora

D1: Tu acha que ele parece mais com a Debora?

S1: Sim e ele tem não não tem barba nada e tava de roupa social

D1: Também.

S1: Também.

D1: Ah não o o Rodrigo não estaria {de}

S1: {Não} o Rodrigo tá de polo

D1: De polo

S1: É que a Debora tá de roupa social pra mim

D1: Ah entendi e a Juliana não.

S1: A Juliana não a Juliana tá de camiseta e calça jeans.

(SPF1S-Clarice)

Essas avaliações são exemplos que mostram que, no geral, os participantes da etapa de entrevistas abertas não tiveram muita dificuldade de elaborar situações em que esses trechos pudessem ter ocorrido e atribuir características físicas aos falantes, ainda que alguns deles tenham sugerido que as vozes de alguns dos falantes não tenham ‘soado naturais’ (como, por exemplo, a avaliação de Luciano quanto à voz de Debora), impressão causada, talvez, pelo conteúdo das sentenças. De fato, muitas dessas impressões vieram associadas a certos modalizadores linguísticos como “eu acho”, “eu não sei”, ou até mesmo afirmações mais diretas, como as da participante Clarice, “que não queria julgar as pessoas pela voz”.

Quando confrontados com os dados dos respectivos pares de gravação, os participantes, no geral, atribuíram características associadas ao uso das formas linguísticas, sobretudo nos excertos com *querer* e *acreditar*, mas a maioria dos apontamentos foi feita por alguns falantes, em São Luís, sobre o uso dos subordinadores *embora* e *talvez*, o que evidencia a forte noção de correção gramatical dessas formas para esses falantes.

Valéria avaliando Rodrigo, no Indicativo:

- (22) Ouvir ele falando talvez estava é um pouco estranho pra mim vou preferir talvez estivesse porque pra mim talvez é uma coisa muito formal talvez estava é coisa de quem quer ser inteligente mas não é pra mim é coisa de gente que não foi muito pro colégio
(SLF2B-Valéria)

Valéria avaliando Juliana, no Subjuntivo:

- (23) Eh embora é igual a talvez muito formal essa menina parece antipática patricinha mas inteligente pelo menos ela usou embora certinho.
(SLF2B-Valéria)

Essas duas avaliações de Valéria, participante ludovicense, com ensino médio, revela um dos casos em que os falantes foram avaliados

explicitamente por causa do uso do modo verbal, principalmente quando essas formas apareceram em sentenças adverbiais introduzidas pelos subordinadores *embora* e *talvez*. Além disso, chama a atenção o fato de que Valéria atribui características como *antipática* e *patricinha* à fala de Juliana, de São Paulo. Em casos como esses, pode-se atribuir tal avaliação à realização do *-/r/* tepe, e não ao uso da morfologia do verbo em si, tais noções atribuídas, já que elas coincidem a julgamentos idênticos alcançados por pesquisas como as de Oushiro (2015), que analisa a percepção sociolinguística de */r/* em coda silábica no português paulistano. Por outro lado, ainda que se proponha tal explicação, outros aspectos podem ter emergido aos ouvidos da participante, que a fizeram expor esse pensamento, como o sotaque paulistano ou até mesmo o conteúdo da fala de Juliana.

3.2.4. Elaboração e Aplicação dos Formulários

Para que se acessassem os significados sociais associados a formas subjuntivas e indicativas, com base na fala de paulistanos e nordestinos/maranhenses, as percepções e avaliações mais recorrentes sobre os quatro falantes (figura 3.2) foram sistematizadas em um questionário de percepção que inclui 8 variáveis quantitativas na forma de escalas de seis pontos (figura 3.3): *escolarização*⁸², *inteligência*, *formalidade*, *seriedade*, *educação*, *amigabilidade*, *antipatia* e *paulistanidade*⁸³.

⁸² Para fins de explicação, está-se usando os termos *escolarização* para se referir à variável quantitativa, e *escolaridade* para a variável qualitativa. De acordo com o IBGE/PNAD (2017: 5), a *escolarização* diz respeito a uma série de indicadores que não só se associa ao acesso que se tem ao ensino regular, mas, também, aos bens de cultura a que essas pessoas têm acesso. Por sua vez, a *escolaridade* corresponde à medição do nível de ensino mais elevado alcançado pelo sujeito de acordo com o sistema educacional do país (ensino fundamental, médio ou universitário).

⁸³ A inclusão dessa escala se justifica não apenas por que interessa verificar o fato de que paulistanos não sabem ou não usam o subjuntivo, mas também porque este estudo se coaduna a um conjunto de pesquisas que desenvolvidas junto ao Grupo de Estudos Sociolinguísticos (GESOL-USP), que vêm fazendo tal questionamento, a exemplo de Oushiro (2015), Soriano (2016), ambas sobre a realização de *-/r/*, Mendes (2016; 2018) sobre a realização de */en/* ditongado, e sobre percepção de concordância nominal,

econômica à qual eles achavam que o falante pertencia (se baixa, média baixa, média, média alta ou alta).

Figura 3.4: Segunda parte do Formulário de Percepção

Qual você acha que é o nível de escolaridade dele/dela? *

☐ Fundamental

☐ Médio

☐ Superior

Qual você acha que é a faixa etária dele/dela? *

☐ 20 a 30 anos

☐ 30 a 40 anos

☐ 40 anos ou +

A que classe social você acha que ele/ela pertence? *

☐ Baixa

☐ Média Baixa

☐ Média

☐ Média Alta

☐ Alta

Por fim, eles forneceram informações demográficas sobre si mesmos, como sexo, escolaridade, idade, ocupação, cidade onde mora e local de nascimento

Figura 3.5: Terceira parte do Formulário de Percepção

Qual seu sexo? *

☐ Masculino

☐ Feminino

Qual sua escolaridade? *

☐ Ensino Fundamental

☐ Ensino Médio

☐ Ensino Superior

Qual sua idade? *

18 anos

Com o que você trabalha? *

Qual cidade você mora? *

Qual o seu local de nascimento? *

☐ São Paulo, capital

☐ Grande São Paulo

☐ Interior de São Paulo

☐ Outro Estado. Qual?

Com base em entrevistas abertas realizadas com ouvintes paulistanos e ludovicenses, e com base nas afirmações de *paulistanos não usam ou não sabem o subjuntivo* e que *ludovicenses falam a melhor variedade do português brasileiro*, o intuito aqui é verificar se falantes ludovicenses e paulistanos soam menos escolarizados, educados, formais e antipáticos, e mais paulistanos, se forem ouvidos diante de contextos no

indicativo, ou mais escolarizados, educados, formais e antipáticos, e menos paulistanos, se ouvidos no mesmo contexto, só que no subjuntivo.

Débora e Fabiano são os pseudônimos dos falantes ludovicenses, e Juliana e Rodrigo são os falsos nomes dos falantes paulistanos. Os quatro se propuseram a ceder suas vozes voluntariamente, e deram vida aos estímulos que foram analisados aqui. Os quatro são nascidos e criados em suas respectivas cidades, possuem, igualmente, a mesma faixa etária, entre 25 e 35 anos. Todos têm ensino superior e, de certo modo, se identificam com os seus lugares de origem.

Conforme descreve o capítulo anterior, dedicado à metodologia do trabalho, cada um dos conjuntos de dados foi apresentado a ouvintes de São Luís e de São Paulo, de acordo com a tabela abaixo.

Tabela 3.4: Número de ouvintes de São Luís e de São Paulo que participaram do experimento

	SÃO LUÍS	SÃO PAULO
FEMININO	125	169
MASCULINO	92	115
ENSINO FUNDAMENTAL	13	16
ENSINO MÉDIO	67	98
ENSINO SUPERIOR	137	170
TOTAL	217	284

O formulário de percepção sociolinguística foi preenchido por 501 ouvintes: 217 de São Luís e 284 de São Paulo. Como cada um dos 501 participantes respondeu a 4 questionários (um para cada falante), tem-se 2004 respostas, no total.

Dos participantes de São Luís, 13 têm ensino fundamental, 67 possuem ensino médio e 137 possuem ensino universitário. Entre os respondentes de São Paulo há 170 com ensino universitário, 98 com escolaridade média e 16 com escolaridade fundamental. Para fins de

análises estatísticas, os níveis de escolaridade fundamental e médio serão amalgamados, por causa da pouca quantidade de participantes com esses níveis de escolarização, comparativamente aos ouvintes com escolaridade universitária. Foi feita uma análise sem a amalgamação dessas duas variantes, mas não houve diferenças significativas entre elas, o que justifica a sua amalgamação. A variação da idade dos participantes de cada cidade é semelhante e está representada na figura 3.6 (a linha vermelha indica a mediana das idades dos ouvintes: 33, em São Luís, e 30, em São Paulo

Figura 3.6: Histograma da variação etária dos participantes do experimento em São Luís e São Paulo

Todos esses dados foram coletados pessoalmente pelo próprio pesquisador, nas duas cidades. Foi utilizado um tablet (*Samsung Galaxy TAB A*) para o preenchimento dos formulários pelos ouvintes. Os clipes de áudios foram disponibilizados aos ouvintes por meio de um *iPhone 6s Plus*. Todos os participantes utilizaram um fone de ouvido (*Apple EarPods*

com conector Lightning) fornecido pelo pesquisador e eles puderam ouvir os estímulos quantas vezes quisessem.

Os estímulos foram apresentados aos ouvintes sempre na mesma ordem, uma vez que uma variação na ordem de sua apresentação exigiria a participação de um número ainda maior de ouvintes, a fim de que cada ordenação possível servisse de estímulo a um número mínimo de respondentes e a análise de dados subsequente fosse exequível. Decoste & Claypool (2004) explicam que o modo (ou a ordem) em que as informações são apresentadas aos participantes de um teste pode influenciar a sua percepção.

No próximo capítulo, serão apresentados os resultados das análises de regressão, feitas para as variáveis quantitativas (as oito escalas de diferenciais semânticos), bem como os resultados dos testes de qui-quadrado, feitos para as análises qualitativas.

4

Efeitos do subjuntivo e do indicativo nas percepções sociolinguísticas de ludovicenses e paulistanos

Este capítulo apresenta uma análise dos efeitos da morfologia do subjuntivo e da morfologia do indicativo na percepção de como soam falantes de São Luís e de São Paulo, com base na técnica dos estímulos pareados (Lambert et al, 1960, Campbell-Kibler, 2006; 2007; 2009; Levon; Buchstaller, 2015; Mendes, 2016; 2018).

Os dados foram analisados estatisticamente no R (R Core Team, 2019). O exame das respostas dadas pelos ouvintes começou com Análises de Componentes Principais (ACP)⁸⁵, um procedimento que “reduz um grande número de variáveis correlacionadas a um pequeno conjunto de dimensões subjacentes” (Levshina, 2015: 351)⁸⁶, ou seja, tem por objetivo reduzir um determinado número de itens analisáveis a um número menor de variáveis. Trata-se de um modelo que verifica se as respostas nas diferentes escalas de diferenciais semânticos são independentes umas das outras, ou se havia algum padrão de correlação entre elas.

⁸⁵ Tradução para PCA – *Principal Components Analysis* – proposta por Canever (2017) e Mendes (2018).

⁸⁶ Tradução para o trecho: “*to reduce a large number of correlated quantitative variables to a small set of underlying dimensions*”.

Figura 4.1: *Screeplot* da ACP das respostas dadas por ludovicenses e paulistanos às 8 escalas do formulário de percepção

A figura 4.1 mostra os resultados do teste de Cattell (Cattell, 1966), que consiste na observação do número de dimensões que se encontra no eixo x e os correspondentes *eigenvalues* no eixo y . O interesse desse teste é encontrar o ponto (denominado *cotovelo*) em que a variância apresenta uma tendência descendente linear (Reise et al, 2000). Tanto nas respostas dos ludovicenses quanto nas dos paulistanos, a partir do ponto 4, os *eigenvalues* ficam sensivelmente mais baixos, o que significa que as 8 escalas (*escolaridade*, *inteligência*, *formalidade*, *seriedade*, *educação*, *amigabilidade*, *antipatia* e *paulistanidade*) podem ser reduzidas a 4 componentes, nos dois casos.

Entretanto, a tabela 4.1 mostra que as correlações entre respostas nas escalas não são as mesmas para ludovicenses e paulistanos. Observe-se que todas as escalas de diferenciais semânticos participam, em alguma medida, da definição dos 4 componentes principais, nos dois subconjuntos de dados, já que cada escala analisada no teste de percepção é representada pelos números (1 a 8) que se encontram no eixo x . No entanto, o primeiro CP (aquele que mais explica a variância) nas respostas dadas por ludovicenses é integrado pelas escalas escolaridade e inteligência, ao passo que o primeiro CP nas respostas dos paulistanos é

definido pelas escalas educação, amigabilidade e antipatia – por exemplo. De fato, o interesse em realizar ACPs para os dados de São Luís e de São Paulo separadamente está em verificar se as respostas nas escalas se correlacionam diferentemente em cada caso e se os CPs se assemelham ou diferem entre si.

Nos dados de São Luís, o primeiro CP (que mais explica a variância nas respostas) é integrado pelas escalas de escolaridade (1,07⁸⁷) e inteligência (1,00), cujos índices estão destacados em cinza escuro na tabela 4.1. A participação das respostas nas escalas formalidade (0,26) e seriedade (-0,15) é marginal nesse CP. Seguindo esse raciocínio, pode-se dizer que é menos marginal a participação, nesse CP, das respostas na escala educação, cujo índice (0,41) é maior do que aqueles das escalas formalidade e seriedade. Nas análises que aqui se apresentam, a exemplo de Levon (2014) e Mendes (2018), considera-se o valor absoluto de 0,70 o menor índice para que as respostas a uma escala integrem um CP de maneira estatisticamente significativa. Assim, como esse primeiro CP é integrado pelas escalas escolaridade e inteligência, ele está sendo chamado de Competência, seguindo Levon (2014).

⁸⁷ Esses índices indicam o peso com que as respectivas escalas integram os componentes principais nas respostas dadas pelos ouvintes (Levshina, 2015). As respostas nas escalas escolaridade e inteligência são as que mais fortemente definem esse CP.

Tabela 4.1: Componentes Principais nas respostas dadas pelos ouvintes ludovicensenses e paulistanos nas oito escalas de diferenciais semânticos (Rotação Promax)

	São Luís				São Paulo			
	Competência	Antipatia	Paulistanidade	Formalidade	Antipatia	Competência	Paulistanidade	Seriedade
Escolaridade	1,07	0,06	-0,10	-0,11	0,06	0,89	0,06	-0,04
Inteligência	1,00	0,03	-0,06	-0,02	0,12	0,84	0,23	0,04
Formalidade	0,26	0,05	-0,06	0,74	-0,13	0,53	-0,55	0,17
Seriedade	-0,15	0,03	-0,07	1,06	-0,17	0,01	-0,26	0,84
Educação	0,41	-0,22	0,42	0,22	0,78	0,04	0,18	0,45
Amigabilidade	-0,01	-0,94	-0,02	0,05	0,94	0,08	-0,19	-0,21
Antipatia	0,07	0,93	0,10	0,11	-0,92	-0,04	0,17	0,24
Paulistanidade	-0,12	0,11	1,00	-0,11	-0,25	0,31	0,85	-0,20
Eigenvalue	2,39	1,79	1,75	1,15	2,40	1,84	1,20	1,10
% Variância	0,30	0,22	0,22	0,14	0,30	0,23	0,14	0,14
%Acumulativa	0,34	0,55	0,74	0,74	0,30	0,53	0,68	0,82

Em São Luís, o primeiro CP é composto pelas escalas escolaridade e inteligência, chamado de Competência. Essa escala é a que mais explica a variância nas respostas dadas pelos respondentes. As escalas amigabilidade e antipatia compõem o segundo CP, denominado de Antipatia. Nesse caso, as escalas *amigabilidade* e *antipatia* se correlacionam negativamente, no sentido de que, quanto mais antipático o falante foi percebido, ele também foi avaliado como menos amigável. Observe-se, por exemplo, que no CP Competência, as escalas *escolaridade* e *inteligência* se correlacionam positivamente, no sentido de que, quanto mais inteligente, mais inteligente os falantes foram percebidos pelos ouvintes. O terceiro CP é composto por paulistanidade, e por não se correlacionar com nenhuma outra, foi denominado com o mesmo nome da respectiva escala. O último CP é o de Formalidade, composto pelas respostas dadas às escalas formalidade e seriedade. Esses componentes principais identificados em São Luís explicam, juntos, 74% da variância nas respostas dadas pelos ouvintes.

Em São Paulo, o CP que mais explica a variância nas respostas dadas pelos ouvintes é o de Antipatia, composto pelas escalas educação,

amigabilidade e antipatia. As escalas escolaridade e inteligência integram o segundo CP, denominado Competência, seguido pelo CP Paulistanidade, assim denominado porque é integrado apenas pela escala de mesmo nome, paulistanidade, e que não se correlaciona a nenhuma outra escala. Seriedade é o último CP identificado, e por também não se correlacionar a nenhuma outra escala, recebe o mesmo nome da escala que o compõe. Os componentes principais explicam 82% da variância das respostas dadas por ouvintes paulistanos.

O interessante aqui é verificar que há diferenças e semelhanças entre os CPs das respostas dadas por ludovicenses e paulistanos. Uma delas é a ordem dos componentes principais Competência, primeiro CP identificado nos dados ludovicenses, mas segundo nos dados paulistanos. Chama-se a atenção para o detalhe de que, em São Luís, amigabilidade apresenta índice negativo (-0,94) e antipatia apresenta índice positivo (0,93), enquanto nos dados de São Paulo, essa lógica se inverte, com amigabilidade apresentando índice positivo (0,94) e antipatia apresentando índice negativo (-0,92). Em São Paulo, o CP Antipatia ainda é integrado pela escala educação, o que não é visto para os dados de São Luís.

No CP Paulistanidade, em São Luís, embora não vá ser considerada nas análises estatísticas, a escala educação (no sentido de polidez) é a que mais se aproxima da escala paulistanidade (índice 0,42), enquanto em São Paulo, paulistanidade se correlaciona um pouco mais fortemente com a escala formalidade.

Por fim, enquanto nas respostas de ludovicenses o CP Formalidade é composto por duas escalas (seriedade e formalidade), em São Luís, apenas a escala de seriedade é considerada nos dados de São Paulo, e, por isso, o CP recebe o mesmo nome da escala que o compõe.

A vantagem nas Análises de Componentes Principais está no fato de que as escalas não devem ser analisadas separadamente, sem se considerar possíveis correlações entre elas. Além dessa informação, acrescenta-se a de que as Análises de Componentes Principais geram *scores* para cada um dos componentes (com base nas correlações entre as

escalas que o integram), e que são esses Componentes Principais (em vez das escalas, isoladamente) que são tomados como variáveis dependentes, nas quais, hipoteticamente, têm efeito as demais variáveis do experimento: os falantes ou grupos de falantes (de acordo com sua cidade de origem), as formas verbais (subjuntivo, indicativo), o tipo de estrutura sintática (adverbiais ou substantivas), o sexo do ouvinte, sua escolaridade, idade etc.

A seguir, serão apresentadas as análises de regressão linear feitas para todos os quatro Componentes Principais. São apresentados também os resultados para as variáveis qualitativas *classe social*, *idade* e *escolarização*, esta última entendida como os anos de escola que o falante parece ter para os ouvintes. Ao final da discussão de cada um dos CPs são apresentadas interpretações para os resultados, no sentido de destacar os possíveis significados sociais associados ao uso do subjuntivo e do indicativo por nordestinos/maranhenses e paulistanos.

4.1. Percepção de Competência

Tal como indicado anteriormente, vai-se apresentar os resultados para um mesmo CP para as respostas dos dois grupos de ouvintes – ludovicenses e paulistanos. Lembre-se de que Competência é o primeiro CP identificado nas respostas dos primeiros, mas o segundo, nas respostas dos segundos.

A figura 4.2 mostra que, no geral, tanto os ludovicenses quanto os paulistanos perceberam os falantes (em conjunto) como mais competentes quando os ouviram no subjuntivo (ainda que a diferença entre as respostas baseadas no indicativo ou no subjuntivo seja menos expressiva para os segundos do que para os primeiros). Observe-se que os valores no eixo y são *scores* gerados pela ACP para o componente Competência – e não os valores 1 a 6 das escalas originais.

Figura 4.2: Dispersões das respostas dos ouvintes ludovicenses e paulistanos no CP Competência de acordo com o modo verbal

Já a figura 4.3 mostra que, desconsiderando-se o modo verbal, os falantes Debora e Fabiano foram, em geral, ouvidos como menos competente que Juliana e Rodrigo, pelos ouvintes ludovicenses e paulistanos. Embora ainda não estejamos indicando se essas diferenças são estatisticamente significativas, esses gráficos servem para considerar que os falantes – eles próprios – podem ter efeito nas percepções dos ouvintes. Esse fato já foi observado em vários trabalhos (Campbell-Kibler, 2006, Levon, 2014; Mendes, 2018) e, aqui, sugere-se que as análises – em que as respostas no CP são tomadas como variável dependente – devem incluir o falante nos modelos de regressão, inclusive em interação entre Falante e o Modo Verbal. Lembre-se que Debora e Fabiano são os falantes ludovicenses, e que, no geral, eles foram ouvidos como menos competentes – independentemente do modo verbal – pelos ouvintes das duas capitais, de acordo com as dispersões gerais das respostas.

Figura 4.3: Dispersões das respostas dos ouvintes ludovicenses e paulistanos no CP Competência, com base nos falantes

O que de fato interessa verificar, contudo, é se as respostas dos ouvintes variaram de acordo com a morfologia do verbo, para cada um dos falantes. A **figura 4.4** sugere que todos os falantes soam mais competentes no modo subjuntivo (*boxplots* verdes), tanto para ouvintes ludovicenses quanto para paulistanos – ainda que, em alguns casos, a diferença nas respostas seja menor (como é o caso, por exemplo, de Débora, para os ouvintes paulistanos).

Figura 4.4: Dispersões das respostas dos ouvintes ludovicenses e paulistanos no CP Competência, de acordo com o falante e com o modo verbal

Os resultados das tabelas 4.2, a seguir, e 4.3, página 152, respondem positivamente à questão se há diferenças significativas nas respostas dos ouvintes, a depender da morfologia do modo verbal em que ouviram cada um dos quatro falantes.

Tabela 4.2: Resumo dos resultados do modelo de regressão para o CP Competência – São Luís (Efeitos Mistos)⁸⁸

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
<i>(Intercept)</i>	-0,545	0,070	-7,778	<0,001 ***
Subjuntivo	1,018	0,099	10,236	<0,001 ***
Fabiano	-0,218	0,099	-2,203	<0,05 *
Juliana	-0,143	0,099	-1,440	0,150
Rodrigo	-0,142	0,099	-1,436	0,151
Fabiano:Subjuntivo	0,299	0,140	2,130	<0,05 *
Juliana:Subjuntivo	0,443	0,140	3,152	<0,01 **
Rodrigo:Subjuntivo	0,556	0,140	3,958	<0,001 ***

Fórmula: Competência ~ Modo * Falante + (1|Ouvinte), Data: PERCEPCAO.PCASL⁸⁹
Intercept = Débora; Indicativo.

Em tabelas como a 4.2, em que se apresenta um resumo do modelo de regressão que testa se há correlação entre variáveis previsoras (o Modo Verbal, o Falante e a interação – ou combinação – deles), a primeira coluna indica as variantes das variáveis previsoras incluídas no modelo. O *intercept* se refere aos níveis de análises tomados como referência. Esses níveis são pré-estabelecidos pelo próprio R, em ordem alfabética e ordem numérica crescente (mas o pesquisador tem a liberdade de mudá-los de acordo com os seus interesses de apresentação de resultados – o que não foi o caso aqui). Assim, nessa análise, o *intercept* traz a estimativa para Competência para Débora, no modo indicativo. A segunda coluna traz – a partir da segunda linha – as diferenças entre as estimativas para cada variante das variáveis previsoras e a estimativa para o *intercept*. Desse modo, a estimativa propriamente, para cada uma das variantes indicadas a partir da segunda linha, é o resultado da soma entre a estimativa para o nível de referência (*intercept*) e a diferença indicada para cada variante ou nível. Por exemplo, a estimativa da diferença entre um falante ouvido no modo subjuntivo (relativamente ao indicativo – que é o valor de referência

⁸⁸ Fez-se uma análise com Modo e Cidade do Falante, em vez de Falante, para os dados de São Luís, cujo resumo está na Tabela 1, do Apêndice B.

⁸⁹ A fórmula, ao pé da tabela, indica que o CP Competência foi analisado como dependente do falante e do modo verbal, bem como em função da interação entre essas duas variáveis. Além disso, a variável ‘Ouvinte’ foi inserida como efeito aleatório, uma vez que as respostas entre os participantes podem variar muito, o que interferiria nos padrões encontrados nas análises.

ou *intercept*) é 1,018. Assim, enquanto a estimativa da Competência (quando os falantes são ouvidos no indicativo – *intercept*) é representada pelo valor -0,545, a estimativa da Competência quando os falantes são ouvidos no subjuntivo é 0,473 (-0,545 + 1,018). Em outras palavras, como o valor da estimativa de Competência para o modo indicativo é -0,545 e a diferença entre subjuntivo (segunda linha, primeira coluna) é um valor maior (1,018), isso significa que os falantes são ouvidos como mais competentes no subjuntivo, comparativamente a quando são ouvidos no indicativo. Na última coluna, o valor de p associado a essa diferença (entre estimativas de competência com base no indicativo ou no subjuntivo) indica que ela é significativa.

Do mesmo modo, as linhas seguintes trazem as diferenças entre estimativas de competência para Fabiano (-0,218), Juliana (-0,143) e Rodrigo (-0,142) – sempre em relação ao *intercept*, que é Débora. Assim, as diferenças entre Juliana e Débora e entre Rodrigo e Débora não são significativas, pois o valor p associado a essas diferenças é maior que 0,05, nível estabelecido como aceitável para significância estatística, em Ciências Humanas. Já Fabiano e Débora soam significativamente diferentes entre si. Em outras palavras, a apresentação das diferenças entre estimativas para os diversos níveis das variáveis previsoras e a estimativa para o *intercept* permite observar quanto tais diferenças distanciam-se de zero. Assim, se a diferença for nula, ou muito próxima a zero, é provável que não haja diferenças significativas entre os níveis.

Finalmente, nas últimas três linhas da tabela temos as diferenças entre as estimativas para competência quando se cruzam os níveis das variáveis Falante e Modo. Esse cruzamento – também chamado de interação – mostra que a diferença entre Fabiano no subjuntivo e Débora no indicativo (*intercept*), cujo valor é -0,763 (-0,545 + (-0,218)), é significativa.

Um ponto interessante aqui é o de que as interações entre Falante e Modo são significativas, ainda que os falantes, em si, não sejam todos significativamente diferentes entre si, já que todos apresentam um padrão

de respostas semelhante, no sentido de que todos são percebidos como mais competentes quando ouvidos no subjuntivo. Já se adianta, por exemplo, que esse mesmo padrão não será observado para os dados paulistanos.

A coluna seguinte nesse tipo de tabela apresenta o erro padrão. De acordo com Oushiro (2017), trata-se de uma medida de dispersão que mostra quão precisa é o valor da estimativa (ou da diferença entre estimativas, que é, como vimos, o valor que de fato é apresentado nessa coluna, a partir da segunda linha). Em seguida, apresentam-se os valores t e p . O primeiro é o resultado da divisão entre os valores da estimativa pelo erro padrão; o segundo, por sua vez, apresenta o valor de significância, que mostra a probabilidade de se observar uma distribuição, para o caso de a hipótese nula (H_0) ser verdadeira – por exemplo, uma das H_0 é a de que não há correlação entre o modo verbal e quão competente soa o falante (variável resposta). O valor convencionado, em Ciências Humanas, para que se calcule a significância, é o limite de 5%, e a representação se dá por meio do símbolo p ($p < 0,05$). Os níveis de significância são apresentados por meio do uso de asteriscos (*). Assim, se $p < 0,05$, usa-se um *, dois ** para $p < 0,01$, e três *** para $p < 0,001$.

Fez-se também uma análise, com os dados de São Luís, em que se mudou o valor do intercept (cf. tabela 2 – Apêndice B), cujo interesse era o de verificar se havia diferenças significativas entre os falantes paulistanos, Juliana (valor do *intercept* para essa análise) e Rodrigo, segundo os ouvintes maranhenses. Os resultados estatísticos mostraram que os ouvintes não perceberam diferenças significativas entre os dois falantes da capital paulista.

Tabela 4.3: Resumo dos resultados do modelo de regressão para o CP Competência – São Paulo (Efeitos Mistos)

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
<i>(Intercept)</i>	-0,626	0,053	-11,861	<0,001 ***
Subjuntivo	0,740	0,074	9,920	<0,001 ***
São Paulo	0,486	0,074	6,516	<0,001 ***
São Paulo:Subjuntivo	0,050	0,105	0,477	0,633

Fórmula: Competência ~ Modo * Cidade.Falante + (1|Ouvinte), Data: PERCEPCAO.PCASP
Intercept = Indicativo; São Luís.

Para São Paulo, os resultados acerca do CP Competência foram obtidos a partir de um modelo de regressão em que se inclui a variável *Cidade*, uma vez que análises prévias mostraram que não há diferença significativa entre os falantes ludovicenses Fabiano e Debora, (Cf. tabela 3 – Apêndice B), nem entre os paulistanos Juliana e Rodrigo (Cf. tabela 4 – Apêndice B). Por essas razões, parece melhor olhar para os dados dos paulistanos da perspectiva da origem dos falantes (São Luís ou São Paulo), do que da perspectiva do falante como indivíduo. Tomando Cidade como variável previsora, o conjunto de dados se divide em dois; tomando-se o falante, divide-se em quatro (menos dados por falante do que por cidade). Em outras palavras, diferentemente do que verificamos acima para as respostas dadas pelos ouvintes ludovicenses, os falantes, individualmente, não têm efeito nas respostas dadas pelos paulistanos. Para estes, o que fez diferença para suas respostas foi o fato de o falante soar como paulista(no) ou nordestino.

Também para os ouvintes paulistanos, o conjunto de falantes soa mais competente no subjuntivo, mas aqui os falantes de São Paulo soam mais competentes do que os de São Luís. Observe-se também, na última linha da tabela 4.3, que a interação entre Cidade e Modo não é previsora das respostas dos paulistanos ($p > 0,05$).

Após essas análises iniciais, construíram-se modelos de regressão mais complexos, nos quais foram incluídas outras variáveis que poderiam ter correlação com as respostas dos ouvintes ludovicenses e paulistanos: categorias sociais dos ouvintes (Escolaridade, Sexo, Idade); interações

destas com a variável Modo; o Tipo de Oração Subordinada (substantiva ou adverbial). Os resultados desses modelos são resumidos nas tabelas 4.4 (ouvintes de São Luís) e 4.5 (ouvintes de São Paulo).

Tabela 4.4: Resumo dos Resultados do modelo de regressão que inclui características sociais dos ouvintes
CP Competência – São Luís (Efeitos Mistos)

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
<i>(Intercept)</i>	-0,364	0,157	-2,315	<0,05 *
Subjuntivo	0,641	0,218	2,942	<0,01 **
Fabiano	-0,373	0,095	-3,895	<0,001 ***
Juliana	-0,142	0,095	-1,492	0,135
Rodrigo	-0,292	0,097	-3,010	<0,01 **
Ensino Superior	-0,057	0,069	-0,826	0,408
Sexo Masculino	0,080	0,069	1,153	0,249
Idade do Ouvinte	-0,011	0,003	-3,158	<0,01 **
Oração Substantiva	0,581	0,069	8,414	<0,001 ***
Fabiano:Subjuntivo	0,468	0,135	3,449	<0,001 ***
Juliana:Subjuntivo	0,429	0,135	3,178	<0,01 **
Rodrigo:Subjuntivo	0,707	0,137	5,145	<0,001 ***
Ensino Superior : Subjuntivo	-0,179	0,098	-1,824	0,068 .
Sexo Masculino : Subjuntivo	-0,082	0,098	-0,834	0,404
Idade do Ouvinte : Subjuntivo	0,022	0,005	4,349	<0,001 ***
Oração Substantiva : Subjuntivo	-0,635	0,097	-6,505	<0,001 ***

Fórmula: Competência ~ Modo * Falante + Modo * Escolaridade.Ouvinte + Modo * Sexo.Ouvinte + Modo * Idade.Ouvinte + Modo * Oracao.Subordinada + (1|Ouvinte), Data: PERCEPCAO.PCASL

Intercept = Indicativo; Debora; Fundamental/Médio; Sexo Feminino; 1ª Faixa Etária; Oração Adverbial.

De acordo com esse modelo mais complexo (com a inclusão de mais variáveis previsoras), mantém-se o que se verificou anteriormente: no geral, os falantes soam mais competentes quando ouvidos no seu disfarce com o modo subjuntivo.

Entre os falantes, mantém-se também a diferenças significativas entre Fabiano e Débora (o *intercept*), ainda que ambos sejam ludovicenses), bem como se mantém a semelhança (ou seja, diferença não significativa) entre Juliana (que é de São Paulo) e Débora. Contudo, diferentemente, aqui Rodrigo (que é de São Paulo) passa a diferenciar-se significativamente de Débora. Dessa forma, interessa reiterar que, para os ouvintes ludovicenses,

a percepção de competência é influenciada pelo indivíduo (e não pela diferença São Luís x São Paulo).

A Escolaridade e o Sexo do ouvinte não têm correlação com sua percepção de quão competentes soam os falantes, mas verifica-se um efeito da sua Idade (além da tabela 4.4, ver também figura 4.5). O padrão que se observa é o seguinte: quanto maior a idade do ouvinte, mais ele ou ela tende a avaliar os falantes como menos competentes quando os ouvem no indicativo. Em outras palavras, quanto mais jovem o ouvinte, menor a diferença entre subjuntivo e indicativo no que toca à percepção de competência (que - lembre-se - é o primeiro componente identificado nas respostas dos ludovicenses e é integrado pelas escalas escolaridade e inteligência). Tal padrão revela, portanto, uma sorte de mudança em tempo aparente, na direção de uma ausência de correlação entre Modo (subjuntivo ou indicativo) e competência.

Figura 4.5: Percepção de Competência de acordo com Modo e Idade do Ouvinte - São Luís

A estrutura de subordinação também tem um efeito nas respostas dos ludovicenses. Em geral, os falantes foram ouvidos como mais

competentes quando os estímulos continham estruturas de subordinação com os verbos querer e acreditar (ou seja, com as subordinadas substantivas). Esse resultado, contudo, deve ser observado juntamente com aqueles para a interação Oração x Modo: as diferenças entre o subjuntivo e o indicativo são maiores nas respostas dadas para as orações adverbiais do que para as orações substantivas (figura 4.6), mesmo os dois tipos de orações seguindo o mesmo padrão de respostas por parte dos ouvintes.

Figura 4.6: Efeito do Modo Verbal e Tipo de Oração na percepção de Competência
- São Luís

Para os ouvintes paulistanos, a tabela 4.5 mostra que suas respostas variaram significativamente a depender do Modo, da Cidade do Falante, da estrutura da Oração Subordinada, da interação Modo x Oração, mas também da Escolaridade do ouvinte - este último, um resultado diferente daqueles que se acabou de verificar, referentes aos ouvintes ludovicenses. Além disso, note-se que, aqui também, o Sexo dos ouvintes não tem efeito na variável dependente, mas, também diferentemente do

que se observou para os ludovicenses, as respostas dos paulistanos, no que toca a quão competente soam os falantes, não variaram significativamente de acordo com a Idade do ouvinte. É importante ressaltar aqui que os resultados das análises de produção analisados por Santos (2015) mostravam que, embora houvesse mais usos da morfologia do indicativo entre os paulistanos, havia um indício de mudança iniciando entre os ludovicenses.

Tabela 4.5: Resumo do resultado do modelo de regressão que inclui características sociais dos ouvintes
CP Competência – São Paulo (Efeitos Mistos)

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
<i>(Intercept)</i>	-7,844	1,758	-4,462	<0,001 ***
Subjuntivo	1,012	2,507	4,036	<0,001 ***
São Paulo	4,911	7,031	6,985	<0,001 ***
Ensino Superior	-3,547	8,405	-4,220	<0,001 ***
Sexo Masculino	-3,280	7,188	-0,456	0,648
Idade do Ouvinte	2,771	4,216	0,066	0,948
Oração Substantiva	7,461	7,024	10,622	<0,001 ***
São Paulo:Subjuntivo	4,227	9,943	0,425	0,671
Ensino Superior:Subjuntivo	9,212	1,189	0,775	0,438
Sexo Masculino:Subjuntivo	8,982	1,017	0,884	0,377
Idade do Ouvinte:Subjuntivo	2,398	5,963	0,040	0,968
Oração Substantiva:Subjuntivo	-7,339	9,933	-7,388	<0,001 ***

Fórmula: Competência ~ Modo * Cidade.Falante + Modo * Escolaridade.Ouvinte + Modo * Sexo.Ouvinte + Modo * Idade.Ouvinte + Modo * Oracao.Subordinada + (1|Ouvinte), Data: PERCEPCAO.PCASP

Intercept = Indicativo; São Luís; Ensino Fundamental/Médio; Sexo Feminino; 1ª Faixa Etária; Oração Adverbial;

Nesse modelo mais complexo, os falantes soam mais competentes quando ouvidos no seu disfarce com o modo subjuntivo, e os falantes de São Paulo foram ouvidos, em conjunto, como mais competentes do que os falantes de São Luís (resultados que se mantiveram, portanto, relativamente ao modelo mais simples resumido na tabela 4.3 mais acima). No que toca à Escolaridade do Ouvinte, os resultados mostram que os falantes foram percebidos como menos competentes quando ouvidos com morfologia de indicativo tanto por ouvintes com ensino fundamental e médio quanto por ouvintes com escolaridade universitária. A figura 4.7 mostra que, em São Luís, a diferença nas respostas de acordo com o Modo

permanece muito semelhante nos dois grupos de ouvintes, definidos pela sua escolaridade; já em São Paulo, são menores as diferenças nas respostas dos ouvintes com ensino fundamental/médio e maiores nas respostas daqueles que têm nível superior de escolaridade.

Figura 4.7: Dispersões das respostas dos ouvintes ludovicenses e paulistanos para o CP Competência, de acordo com o Modo e com a Escolaridade do ouvinte

Finalmente, uma semelhança nas respostas de ludovicenses e paulistanos está no efeito das Estruturas de Subordinação, bem como de sua interação com Modo: as diferenças entre as respostas estimuladas pelo subjuntivo e pelo indicativo são mais evidentes nas orações adverbiais do que nas orações substantivas (figura 4.8).

Figura 4.8: Efeito do Modo Verbal e Tipo de Oração na percepção de Competência – São Paulo

Em resumo, os resultados acima mostram que, na comparação entre respostas dadas por ouvintes ludovicenses e paulistanos, a maior diferença entre elas está no fato de que temos um indício de mudança na percepção de competência pelos ludovicenses mais jovens, para os quais o modo tende a deixar de ter um efeito significativo nas suas respostas. Esse padrão não se revela nas respostas dos paulistanos, para os quais a Escolaridade do ouvinte tem um efeito significativo. Por outro lado, uma semelhança interessante nos resultados – além do efeito do Modo nas respostas de ambos subgrupos de ouvintes – está no efeito da estrutura de subordinação (figura 4.9). Por isso, os subitens a seguir dedicam-se a análises de subconjuntos de dados, definidos pelo *Verbo da Oração Principal* (a exemplo das orações substantivas) ou pela *Conjunção subordinativa* quando são ouvidos nos contextos de orações adverbiais.

Figura 4.9: Dispersões das respostas dos ouvintes ludovicenses e paulistanos para o CP Competência, por Oração Subordinada e Modo

Com base nas análises feitas anteriormente, mas com base também nas distribuições das respostas dadas por ouvintes ludovicenses e paulistanos, disponibilizadas na figura 4.9, acima, passou-se às análises de regressão logística feitas com dados separados de orações substantivas e de orações adverbiais.

4.1.1. Percepção de Competência nas orações substantivas

Para a análise das respostas estimuladas especificamente para as estruturas de subordinação substantivas, os modelos de regressão, cujos resultados se apresentam a seguir, incluíram, além das variáveis analisadas anteriormente, o Verbo que toma como complemento uma oração iniciada por *que*, cujas variantes são o verbo *querer* ou *acreditar* (páginas 117 e 118, do capítulo 3).

Tabela 4.6: Resumo dos resultados do modelo de regressão que inclui características sociais dos ouvintes
CP Competência nas Orações Substantivas – São Luís (Efeitos Mistos)

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
<i>(Intercept)</i>	0,534	0,250	2,134	< 0,05 *
Subjuntivo	-0,359	0,347	-1,034	0,301
Fabiano	-0,154	0,150	-1,026	0,305
Juliana	-0,174	0,164	-1,063	0,288
Rodrigo	-0,107	0,150	-0,712	0,477
Ensino Superior	-0,307	0,106	-2,895	<0,01 **
Sexo Masculino	0,047	0,106	0,449	0,653
Idade do Ouvinte	-0,012	0,005	-2,298	< 0,05 *
Verbo <i>Querer</i>	-0,798	0,100	-7,972	<0,001 ***
Fabiano:Subjuntivo	0,164	0,212	0,776	0,438
Juliana:Subjuntivo	0,603	0,232	2,593	<0,01 **
Rodrigo:Subjuntivo	0,409	0,212	1,927	0,054 .
Ensino Superior:subjuntivo	0,119	0,150	0,798	0,425
Sexo Masculino:Subjuntivo	-0,061	0,149	-0,411	0,681
Idade do Ouvinte:Subjuntivo	0,024	0,007	3,117	<0,05 *
Verbo <i>Querer</i> :Subjuntivo	0,728	0,141	5,138	<0,001 ***

Fórmula: Competência ~ Modo * Falante + Modo * Escolaridade.Ouvinte + Modo * Sexo.Ouvinte + Modo * Idade.Ouvinte + Modo * Verbo + Modo * Sexo.Ouvinte * Idade.Ouvinte * Escolaridade.Ouvinte + (1|Ouvinte), data=PERCEPCAO.PCASL_SUBSTANTIVAS)

Intercept = Indicativo; Debora; Ensino Fundamental/Médio; Sexo Feminino; Verbo *Acreditar*.

Para esse subconjunto de dados, o modelo de regressão revela que as variáveis que têm efeito nas respostas dos ouvintes são: sua Escolaridade, sua Idade, o Verbo e algumas interações – Falante x Modo, Idade x Modo e Verbo x Modo. No que se refere às duas primeiras dessas interações já tínhamos visto anteriormente, quando da análise do conjunto total de dados obtidos com ouvintes ludovicenses; a última delas é novidade aqui, observável graças à inclusão do Verbo como variável no modelo, inclusive em interação com Modo.

Observe-se que, nas análises com o total de dados ludovicenses, Escolaridade não se revelou como uma variável previsora das respostas. Já aqui, com foco nas orações substantivas, os falantes soam menos competentes no indicativo para os ouvintes que têm nível superior de escolaridade.

O que se destaca no presente item, contudo, é o efeito do Verbo e de sua interação com Modo nas respostas estimuladas por orações substantivas. Quando o verbo subordinador é *querer*, os falantes foram percebidos como ainda menos competentes no seu disfarce com indicativo, relativamente ao verbo *acreditar* (no *intercept*). Em outras palavras, quando o ludovicenses ouvem um falante (se ele paulistano ou nordestino) dizendo algo como “quer que permanece” (em vez de “quer que permaneça”), esse ouvinte vai avaliá-lo como ainda menos competente do que se o ouvisse dizendo algo como “todos acreditam que ele deve” (em vez de “todos acreditam que ele deva”). Isso pode ser visualizado na Figura 4.10 (página 163).

Para os ouvintes de São Paulo, as análises do subconjunto de respostas estimuladas por orações substantivas revelam que a Cidade continua operando como uma variável previsora (os falantes de São Paulo são ouvidos como mais competentes), bem como a Escolaridade do Ouvinte (aqueles que têm nível superior tendem a ser mais rigorosos na avaliação de competência). Idade e Sexo do ouvinte continuam a não funcionar como previsoras das respostas. Do mesmo modo que nas respostas dos ludovicenses, o Modo em si não tem efeito nas respostas dos paulistanos, mas há correlação significativa entre elas e o Verbo. Aqui, a interação Verbo x Modo não é significativa.

Tabela 4.7: Resumo dos resultados do modelo de regressão que inclui características sociais dos ouvintes
CP Competência nas Orações Substantivas – São Paulo (Efeitos Mistos)

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
<i>(Intercept)</i>	-1,390	2,685	-0,518	0,604
Subjuntivo	2,465	3,859	0,639	0,523
São Paulo	6,617	1,084	6,106	<0,001 ***
Ensino Superior	-4,597	1,295	-3,549	<0,001 ***
Sexo Masculino	-6,817	1,113	-0,613	0,540
Idade do Ouvinte	1,106	6,507	0,170	0,865
Verbo <i>Querer</i>	-3,128	1,090	-2,871	<0,01 **
São Paulo:Subjuntivo	-1,594	1,533	-1,040	0,298
Ensino Superior:Subjuntivo	2,358	1,832	1,287	0,198
Sexo Masculino:Subjuntivo	8,687	1,573	0,552	0,581
Idade do Ouvinte:Subjuntivo	8,719	9,202	0,095	0,924
Verbo <i>Querer</i> :Subjuntivo	1,857	1,541	1,205	0,228

Fórmula: Competência ~ Modo * Cidade.Falante + Modo * Escolaridade.Ouvinte + Modo * Sexo.Ouvinte + Modo * Idade.Ouvinte + Modo * Verbo + (1|Ouvinte), Data: PERCEPCAO.PCASP_SUBSTANTIVAS

Intercept = Indicativo; São Luís; Ensino Fundamental/Médio; Sexo Feminino; 1ª Faixa Etária; *Verbo Acreditar*.

Aqui também, os falantes soam menos competentes quando o verbo é *querer* (comparativamente a *acreditar*). A Figura 4.10 deixa claro por que a interação Verbo x Modo é significativa para os dados ludovicenses mas não para os paulistanos: embora em ambos os casos as respostas tendam a ficar “mais para baixo” quando o modo é indicativo (ou seja, nível “mais baixo” de competência), essa diferença (entre respostas baseadas no indicativo ou no subjuntivo) é muito maior, nos dados ludovicenses, quando o verbo é *querer*. Nos dados paulistanos, o Verbo tem um impacto nas respostas (isto é, no geral, as respostas baseadas em estímulos com *querer* ou *acreditar* são significativamente diferentes), mas a diferença entre as respostas baseadas no indicativo ou no subjuntivo para *querer* é semelhante a tal diferença para o verbo *acreditar*.

Figura 4.10: Dispersões das respostas dos ouvintes ludovicenses e paulistanos para o CP Competência, de acordo com o *Verbo* e o *Modo*

Em geral, os resultados para esse subconjunto de dados mostram que, embora ludovicenses e paulistanos percebam diferenças entre formas indicativas e subjuntivas em orações com *querer* e *acreditar*, essas diferenças são bem mais evidentes para os ouvintes ludovicenses, principalmente em orações com *querer*. Uma explicação possível para isso é o fato de que usar indicativo nessas estruturas seja muito mais socialmente saliente (Levon; Fox, 2014) para os ludovicenses do que para os paulistanos, e que, de fato, deixar de usar o subjuntivo não faça “diferença” para os paulistanos, por se tratar de uma variável que está abaixo do seu nível de consciência (Cardoso, 2009; Pimpão, 2012).

4.1.2. Percepção de Competência nas orações adverbiais

Do mesmo modo como se procedeu com as respostas obtidas a partir de estímulos com orações subordinadas substantivas, o presente item se dedica especificamente aos dados estimulados por subordinadas adverbiais. Interessa verificar se o Subordinador – *embora* ou *talvez* –

influencia a percepção que os ouvintes têm acerca de quão competentes soam os falantes. Essa é uma questão interessante, considerando-se a discussão de que esses dois subordinadores foram os mais recorrentes na amostra de Santos (2015) e que trazem consigo forte noção de correção gramatical.

As tabelas a seguir mostram os resumos dos modelos de regressão para as respostas de ludovicenses (4.8) e paulistanos (4.9).

Tabela 4.8: Resumo dos resultados do modelo de regressão que inclui características sociais dos ouvintes
CP Competência nas Orações Adverbiais – São Luís (Efeitos Mistos)

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
<i>(Intercept)</i>	-0,285	0,194	-1,465	0,143
Subjuntivo	0,622	0,270	2,304	<0,05 *
Fabiano	-0,522	0,125	-4,157	<0,001 ***
Juliana	-0,136	0,109	-1,243	0,214
Rodrigo	-0,402	0,125	-3,197	<0,01 **
Ensino Superior	0,091	0,088	1,033	0,302
Sexo Masculino	0,055	0,088	0,625	0,532
Idade do Ouvinte	-0,012	0,004	-2,549	<0,05 *
Subordinador <i>Talvez</i>	0,136	0,083	1,622	0,105
Fabiano:Subjuntivo	0,685	0,177	3,864	<0,001 ***
Juliana:Subjuntivo	0,295	0,154	1,911	0,056 .
Rodrigo:Subjuntivo	0,920	0,177	5,172	<0,001 ***
Ensino Superior:Subjuntivo	-0,309	0,125	-2,457	<0,05 *
Sexo Masculino:Subjuntivo	-0,002	0,125	-0,022	0,982
Idade do Ouvinte:Subjuntivo	0,021	0,006	3,184	<0,01 **
Subordinador <i>Talvez</i> :Subjuntivo	-0,047	0,118	-0,398	0,690

Fórmula: Competência ~ Modo * Falante + Modo * Escolaridade.Ouvinte + Modo * Sexo.Ouvinte + Modo * Idade.Ouvinte + Modo * Subordinador + (1|Ouvinte), Data: PERCEPCAO.PCASL_ADVERBIAIS)

Intercept = Indicativo; Debora, Ensino Fundamental/Médio; Sexo Feminino; 1ª Faixa Etária; *Embora*;

Para esse subconjunto de dados, os resultados mostram que as variáveis que operam sobre a percepção de competência dos falantes é Modo Verbal, o Falante, a Idade do Ouvinte e as interações entre o Falante x Modo, a Escolaridade do Ouvinte x Modo e a Idade do Ouvinte x Modo. A diferença significativa do Modo Verbal se mantém, bem como a diferença significativa entre os falantes Fabiano e Debora (*intercept*), ambos maranhenses, e entre Rodrigo, de São Paulo, e Debora. A interação entre esses falantes e o Modo se repete aqui, exceto para Juliana, paulistana,

que, em interação com o subjuntivo, nos dados gerais, se diferenciava significativamente de Debora, no indicativo, mas aqui deixa de mostrar essa diferença. A Idade do Ouvinte, que já havia apresentado diferença significativa nos dados gerais, mantém essa diferença, inclusive quando é analisado em interação com o Modo Verbal. Não foram encontradas diferenças significativas entre os Subordinadores *embora* e *talvez*.

O ponto aqui é que não necessariamente os ouvintes deixaram de associar essas formas a noções de erro ou correção gramatical e, conseqüentemente, não perceberam diferenças entre os falantes, a depender do modo verbal em que foram ouvidos, pelos participantes ludovicenses. Ao contrário, essas duas formas podem estar igualmente associadas a essas noções de correção gramatical, de maneira que não se diferenciaram significativamente (ou estatisticamente), conforme se verifica na figura 4.11, a seguir.

Tabela 4.9: Resumo dos resultados do modelo de regressão que inclui características sociais dos ouvintes
CP Competência nas Orações Adverbiais – São Paulo (Efeitos Mistos)

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
(<i>Intercept</i>)	-7,657	2,454	-3,120	<0,01 **
Subjuntivo	1,129	3,470	3,255	<0,01 **
São Paulo	3,547	9,712	3,652	<0,001 ***
Ensino Superior	-2,030	1,161	-1,749	0,080 .
Sexo Masculino	-4,120	9,971	-0,413	0,679
Idade do Ouvinte	4,063	5,831	0,007	0,994
Subordinador <i>Talvez</i>	4,333	9,766	4,437	<0,001 ***
São Paulo:Subjuntivo	1,447	1,374	1,054	0,292
Ensino Superior:Subjuntivo	-7,680	1,642	-0,468	0,640
Sexo Masculino:Superior	1,786	1,410	1,267	0,205
Idade do Ouvinte:Subjuntivo	-2,717	8,247	-0,329	0,741
Subordinador <i>Talvez</i> :Subjuntivo	-2,477	1,381	-1,793	0,073

Fórmula: Competência ~ Modo * Cidade.Falante + Modo * Escolaridade.Ouvinte + Modo * Sexo.Ouvinte + Modo * Idade.Ouvinte + Modo * Subordinador + (1|Ouvinte), Data: PERCEPCAO.PCASP_ADVERBIAIS

Intercept = Indicativo, São Luís, Ensino Fundamental/Médio, Sexo Feminino, 1ª Faixa Etária; *Embora*, São Luís:Indicativo, Ensino Fundamental/Médio:Indicativo.

O que é mais interessante destacar nesses resultados é o fato de que, nas respostas dos ludovicenses, nem o Subordinador nem sua interação com Modo têm efeito. Em outras palavras, os resultados desse

modelo de regressão são bastante semelhantes aos dos que foram anteriormente apresentados (tabela 4.5, pág. 156), para o conjunto total de dados. Já para os dados paulistanos, esse novo modelo de regressão, que focaliza apenas as respostas estimuladas por orações adverbiais, mostra que é significativa a diferença entre respostas baseadas em subordinadas com *talvez* e *embora*; para os paulistanos, é “pior” (ou seja, soa menos competente), dizer algo como “embora estava” (em vez de *embora estivesse*) do que “talvez eu vou” (em vez de “talvez eu vá”). Isso fica bastante claro na Figura 4.11, que mostra que, para os ouvintes ludovicensenses, é muito semelhante a distribuição das respostas para indicativo (vermelho) e subjuntivo (verde) quando as adverbiais são introduzidas por *embora* ou *talvez*. Para os paulistanos, o “nível de competência” é “mais baixo” para *embora* + indicativo do que para *talvez* + indicativo.

Figura 4.11: Dispersões das respostas dos ouvintes para o CP Competência, por *Subordinador* e *Modo* – São Luís e São Paulo

Os resultados interessam sobretudo porque, considerando a forte noção de correção gramatical que o subjuntivo carrega, é interessante que essas formas sejam salientes aos ouvidos dos paulistanos, amplamente “acusados” de não saber esse modo verbal. Afirma-se que, em ambas

idades, as orações adverbiais são avaliadas de maneira semelhante, no sentido de que deixar de usar subjuntivo diante desses Subordinadores é algo mais fortemente associado a *soar menos* competente, do que se considerar-se as orações substantivas, apesar de nos dados ludovicenses essas diferenças não serem significativas. Além disso, o tipo de afirmação que diz que *paulistano não sabe o subjuntivo* parece não se sustentar, pelo menos diante de adverbiais, contextos nos quais os ouvintes tendem a reclamar o uso desse modo verbal, muito mais do que nas orações substantivas. Um forte indício dessa discussão é o trabalho de Santos (2015), que não só mostrou que esses subordinadores foram os mais recorrentes na amostra de fala paulistana, como também foram os que mais favoreceram o uso da morfologia do subjuntivo.

4.2. Percepção de Antipatia

Da mesma maneira que para o CP Competência, o CP Antipatia também foi tomado como variável dependente, com o intuito de que fossem feitas análises de regressão, no sentido de verificar quais variáveis têm efeitos nas respostas dadas pelos participantes para esse CP. Lembre-se de que esse Componente Principal é assim definido porque inclui as escalas amigabilidade e antipatia, em São Luís, e educação, amigabilidade e antipatia, em São Paulo. Além disso, não se esqueça de que os falantes foram assim avaliados pelos ouvintes, na fase de entrevistas abertas, conforme pode se verificar no capítulo 3, página 128. Lembre-se também de que, nos dados paulistanos, esse CP é o primeiro identificado, mas o segundo nos dados de São Luís.

A figura 4.12, a seguir, sugere que, considerando o total de dados, os ouvintes ludovicenses e paulistanos não se diferenciaram muito na percepção de antipatia dos falantes, a depender do modo. Esse é um resultado que se diferencia daqueles encontrados para o CP Competência, tanto com base nos dados de São Luís quanto nos de São Paulo, em que os

falantes foram percebidos como mais competentes nos seus disfarces no subjuntivo.

Figura 4.12: Dispersões das respostas dos ouvintes ludovicenses e paulistanos no CP Antipatia, de acordo com o Modo

A figura 4.13, abaixo, no entanto, mostra que, no geral, sem considerar o Modo, os falantes Fabiano, de São Luís, e Juliana, de São Paulo, foram percebidos como mais antipáticos que Debora, de São Luís, e Rodrigo, de São Paulo. Por outro lado, para os ouvintes paulistanos, Juliana é a falante que mais se distancia dos outros, no que concerne à percepção de Antipatia. Para os ouvintes paulistanos, no geral, ela é a que mais foi percebida como menos antipática, mais educada e mais amigável.

Figura 4.13: Dispersões das respostas dos ouvintes ludovicenses e paulistanos ao CP Antipatia, com base nos falantes

De todo modo, o interessante vai ser verificar se a diferença entre o subjuntivo x indicativo é significativa. A figura 4.14 sugere que todos os falantes foram percebidos como mais amigáveis, mais educados e menos antipáticos quando ouvidos no modo indicativo, como mostram os *boxplots* em vermelho. Um padrão um pouco diferente se encontra para Rodrigo, falante paulistano, que foi percebido como menos antipático e, portanto, mais amigável, para os ouvintes ludovicenses, no modo subjuntivo, e Débora, falante ludovicense, que foi percebida, pelos ouvintes de São Paulo, como mais educada, amigável e menos antipática nos estímulos no subjuntivo.

Figura 4.14: Dispersões das respostas dos ouvintes ludovicensenses e paulistanos para o CP Antipatia, com base no Falante e no Modo (Efeitos Mistos)

As distribuições das respostas dadas pelos ouvintes se aproximam, de certa maneira, das avaliações feitas por ludovicensenses e paulistanos, quando foram convidados a dar suas impressões gerais sobre os clips de áudios utilizados no experimento desta tese. Conforme pode se verificar no espaço dedicados às avaliações dos ouvintes (capítulo 3), quando da etapa das entrevistas abertas (Campbell-Kibler, 2006), os falantes Fabiano, de São Luís, e Juliana, de São Paulo, foram aqueles que mais recorrentemente foram avaliados como mais *sérios*, *formais*, e *chatos*, e esta, especificamente, foi várias vezes avaliada como *patricinha*. Oushiro (2015) observou que esse estereótipo apareceu na fala de paulistanos que ouviram vozes femininas com /en/ ditongado, como em fazenda. Nesse sentido, pareceu interessante verificar se, a depender do modo verbal em que eram ouvidos, os falantes soariam mais ou menos antipáticos.

Para a análise do CP Antipatia, também foram feitos modelos simples de análises, com o CP em interação com modo e falante, para verificar se havia diferenças entre os falantes das respectivas cidades. Por isso, também foi feita uma análise mudando-se o valor do *intercept* para

um dos falantes paulistanos, especificamente Juliana. Em seguida, foi feito um modelo de análise do CP em interação com modo e cidade do falante, com o objetivo de verificar se não havia diferenças significativas entre os falantes da mesma cidade⁹⁰.

Tabela 4.10: Resumo dos resultados do modelo de regressão para o CP Antipatia – São Luís (Efeitos Mistos)

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
<i>(Intercept)</i>	0,085	0,093	0,914	0,360
Subjuntivo	0,163	0,132	1,239	0,215
Debora	-0,262	0,132	-1,986	<0,05 *
Fabiano	0,268	0,132	2,027	<0,05 *
Rodrigo	-0,447	0,125	-3,565	<0,001 ***
Debora:Subjuntivo	-0,213	0,196	-1,085	0,278
Fabiano:Subjuntivo	-0,324	0,196	-1,653	0,098 .
Rodrigo:Subjuntivo	0,078	0,177	0,443	0,657

Fórmula: Antipatia ~ Falante * Modo + (1|Ouvinte), Data: PERCEPCAO.PCASL
Intercept = Juliana; Indicativo.

As respostas dadas pelos ouvintes de São Luís ao CP Antipatia serão analisadas considerando-se o modelo de análise em que se coloca a falante que soa como paulistana, Juliana, como valor de referência (*intercept*), uma vez que essa análise (tabela 4.10) mostra que há diferenças significativas entre ela e os falantes ludovicenses, e também entre ela e Rodrigo, que também é de São Paulo.

De acordo com esse modelo, são observadas diferenças gerais entre todos os falantes e Juliana (*intercept*), mas não há efeito do Modo e nem da interação entre Modo x Falante, na percepção de Antipatia.

Foi feita uma análise mais complexa, na qual foram inseridas todas as variáveis previsoras, e os resultados mostram que se mantém o padrão encontrado para os falantes, e para a interação entre Modo e Fabiano, de São Luís. A falta de efeito do Modo também se manteve, bem como a sua interação com os demais falantes. O Sexo dos ouvintes, bem como a sua Idade, e as interações dessas variáveis com o Modo Verbal também não

⁹⁰ Os modelos que resumem resultados com base na mudança do valor de *intercept* estão disponíveis no Apêndice B deste trabalho, nas tabelas de 5 a 8 (São Luís e São Paulo).

apresentaram efeitos significativos, ao contrário do que se observa para o Tipo de Oração.

Tabela 4.11: Resumo dos Resultados do modelo de regressão que inclui características sociais dos ouvintes
CP Antipatia – São Luís (Efeitos Mistos)

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
<i>(Intercept)</i>	0,252	0,213	1,180	0,238
Subjuntivo	0,045	0,290	0,155	0,876
Debora	-0,225	0,131	-1,706	0,088 .
Fabiano	0,369	0,134	2,752	<0.01 **
Rodrigo	-0,386	0,127	-3,037	<0.01 **
Ensino Superior	0,329	0,099	3,307	<0,01 **
Sexo Masculino	-0,140	0,099	-1,403	0,161
Idade do Ouvinte	-0,007	0,005	-1,385	0,166
Oração Substantiva	-0,237	0,091	-2,596	<0.01 **
Debora:Subjuntivo	-0,275	0,194	-1,422	0,155
Fabiano:Subjuntivo	-0,400	0,196	-2,033	<0.05 *
Rodrigo:Subjuntivo	0,068	0,179	0,381	0,703
Ensino Superior:Subjuntivo	0,029	0,130	0,229	0,818
Sexo Masculino:Subjuntivo	0,043	0,130	0,334	0,738
Idade do Ouvinte:Subjuntivo	0,002	0,006	0,415	0,678
Oração Substantiva:Subjuntivo	0,044	0,129	0,341	0,733

Fórmula: Antipatia ~ Modo * Falante + Modo * Escolaridade.Ouvinte + Modo * Sexo.Ouvinte + Modo * Idade.Ouvinte + Modo * Oracao.Subordinada + (1|Ouvinte), Data: PERCEPCAO.PCASL
Intercept = Indicativo; Juliana; Ensino Fundamental/Médio; Sexo Feminino; Oração Adverbial; Juliana:Indicativo; Ensino Fundamental/Médio:Indicativo; Sexo Feminino:Indicativo; Oração Adverbial:Indicativo.

De acordo com os dados resumidos na tabela 4.11, são significativas as diferenças entre Juliana, de São Paulo, e Fabiano, de São Luís, que soa mais antipático que ela. Tal resultado se mantém, inclusive na interação entre esses falantes e o Modo. Há diferenças significativas também entre Juliana e Rodrigo, que é paulistano, e que foi percebido como menos antipático. Não são significativas, no entanto, as diferenças entre Juliana e Debora, que é de São Luís.

Além do Falante, as respostas dos ouvintes ludovicenses se diferenciaram significativamente a depender do Tipo de Oração. No geral, os falantes foram percebidos como mais antipáticos quando ouvidos nas orações adverbiais, comparativamente às orações substantivas (figura 4.15).

Figura 4.15: Dispersões das respostas dos ouvintes ludovicensenses para o CP Antipatia, por Tipo de Oração e Modo

Em São Paulo, o modelo de regressão construído é igual ao das análises dos dados de São Luís, no qual se toma a falante Juliana, de São Paulo, como valor de referência. O modelo de análise com o valor *default* do programa, bem como o que considera a *Cidade do Falante*, em vez de falante, está no Apêndice B (tabelas 7 e 8).

Tabela 4.12: Resumo dos Resultados do modelo de regressão para o CP Antipatia – São Paulo (Efeitos Mistos)

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
<i>(Intercept)</i>	-0,370	0,079	-4,674	<0,001 ***
Subjuntivo	-0,307	0,112	-2,745	<0,01 **
Debora	0,584	0,112	5,211	<0,001 ***
Fabiano	0,568	0,112	5,067	<0,001 ***
Rodrigo	0,616	0,112	5,493	<0,001 ***
Debora:Subjuntivo	0,487	0,158	3,073	<0,01 **
Fabiano:Subjuntivo	0,140	0,158	0,886	0,375
Rodrigo:Subjuntivo	0,031	0,158	0,199	0,842

Fórmula: Antipatia ~ Modo * Falante + (1|Ouvinte), Data: PERCEPCAO.PCASP
Intercept = Indicativo; Juliana; Juliana:Indicativo.

Lembre-se de que os resultados das análises de um modelo mais simples de regressão, como o da tabela 4.12, interessam no sentido de verificar os efeitos das respostas a depender do Falante, do Modo e da interação entre essas variáveis, além de verificar diferenças significativas entre os falantes, o que justifica que esses resultados mais simples sejam reportados antes dos resultados mais complexos, que incluem outras variáveis previsoras, como características sociais dos ouvintes.

Esse modelo mais simples mostra que, para os ouvintes paulistanos, as respostas dos ouvintes variaram significativamente a depender do Modo, do Falante e da interação entre o Modo e a Falante Debora.

Ao incluírem-se as variáveis previsoras que correspondem às informações sociais dos ouvintes, como sua Idade, seu Sexo e sua Escolaridade, verifica-se que o padrão que se observa no resumo da tabela 4.12, se mantém no conteúdo da tabela 4.13: diferenças significativas nas respostas dos ouvintes, a depender do Modo e do Falante.

Tabela 4.13: Resumo do resultado do modelo de regressão que inclui características sociais dos ouvintes
CP Antipatia – São Paulo (Efeitos Mistos)

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
<i>(Intercept)</i>	3,003	2,062	1,120	0,145
Subjuntivo	-1,306	2,896	1,120	<0,001 ***
Debora	5,737	1,105	1,120	<0,001 ***
Fabiano	5,536	1,105	1,120	<0,001 ***
Rodrigo	6,147	1,104	1,120	<0,001 ***
Ensino Superior	-3,971	9,341	1,120	<0,001 ***
Sexo Masculino	-4,511	7,989	1,120	0,572
Idade do Ouvinte	-1,129	4,686	1,120	<0,05 *
Oração Substantiva	-9,468	7,810	1,120	0,225
Debora:Subjuntivo	4,966	1,562	1,120	<0,01 **
Fabiano:Subjuntivo	1,560	1,562	1,120	0,318
Rodrigo:Subjuntivo	3,935	1,562	1,120	0,801
Ensino Superior:Subjuntivo	2,494	1,321	1,120	0,059
Sexo Masculino:Subjuntivo	-6,538	1,130	1,120	0,562
Idade do Ouvinte:Subjuntivo	2,324	6,627	1,120	<0,001 ***
Oração Substantiva:Subjuntivo	2,480	1,105	1,120	<0,05 *

Fórmula: Antipatia ~ Modo * Falante + Modo * Escolaridade.Ouvinte + Modo * Sexo.Ouvinte + Modo * Idade.Ouvinte + Modo * Oracao.Subordinada + (1|Ouvinte), Data: PERCEPCAO.PCASP
Intercept = Indicativo; Juliana; Ensino Fundamental/Médio; Sexo Feminino; Oração Adverbial; Juliana:Indicativo; Ensino Fundamental/Médio:Indicativo; Sexo Feminino:Indicativo; Idade do Ouvinte:Indicativo; Oração Adverbial:Indicativo.

Para os ouvintes paulistanos, os falantes soam menos amigáveis e educados, e mais antipáticos nos estímulos com o subjuntivo (estimativa -1,306, $p < 0,001$) que o indicativo, Juliana soa como mais antipática que Debora (estimativa 5,737, $p < 0,001$), que Fabiano (estimativa 5,536, $p < 0,001$) e que Rodrigo (estimativa 6,147, $p < 0,001$), o que mostra que, para os ouvintes, essas duas variáveis têm efeitos distintos na percepção de Antipatia, exceto para a falante Débora que, em interação com Modo, foi percebida como mais antipática, quando ouvida no subjuntivo, relativamente a Juliana, no indicativo. Os ouvintes com mais escolaridade tenderam a avaliar os falantes como mais antipáticos (estimativa -3,971, $p < 0,001$), relativamente aos ouvintes com ensino fundamental e médio. Por outro lado, não houve diferenças significativas entre a interação dos ouvintes com ensino superior e o modo subjuntivo (estimativa 2,494, $p=0,059$), e a interação dos ouvintes com ensino fundamental e médio e o modo indicativo, de modo que os ouvintes ouviram os falantes

diferentemente como mais ou menos antipáticos, independentemente do Modo verbal. Esses resultados se assemelham àqueles obtidos nas respostas de ludovicenses. A figura 4.16 mostra o que revelam as análises estatísticas: enquanto, em São Luís, os ouvintes com o ensino superior tenderam a achar os falantes como mais antipáticos, processo inverso se mostra para os dados paulistanos, nos quais são os ouvintes com ensino médio e superior que perceberam os falantes como mais antipáticos. Nos dois grupos, isso independe do Modo em que os falantes são ouvidos pelos participantes.

Figura 4.16: Dispersões das respostas dos ouvintes ludovicenses e paulistanos para o CP Antipatia, de acordo com o Modo e a Escolaridade do Ouvinte

Os ouvintes dessas duas cidades também se diferenciam quanto à Idade do Ouvinte, bem como na interação desta variável com o Modo, e a oração substantiva, em interação com o Modo. Para esses casos, os falantes soam menos antipáticos e mais educados e amigáveis, nas orações adverbiais, no indicativo, do que nas orações substantivas, no subjuntivo (Cf. figura 1, do Apêndice C e figura 4.17, abaixo), enquanto o que se verificou em São Luís é que os mesmos falantes foram percebidos como mais antipáticos e menos amigáveis nas orações adverbiais,

independentemente do Modo Verbal em que foram ouvidos. De acordo com a figura 4.17, os ouvintes ludovicenses verificaram diferenças significativas entre as orações subordinadas substantivas e as orações adverbiais, mas não na interação entre Oração Subordinada e o Modo verbal.

Figura 4.17: Dispersões das respostas dos ouvintes paulistanos e ludovicenses para o CP Antipatia, de acordo com Modo e Tipo de Oração

No que diz respeito à Idade dos ouvintes, aqueles que são mais velhos perceberam os falantes como mais educados e mais gentis, portanto, menos antipáticos, nos estímulos no subjuntivo, resultado que se manteve com a interação entre Idade e Modo, comparativamente aos ouvintes mais jovens, que revelam uma mudança na percepção de antipatia, já que há uma tendência a avaliar os falantes como menos antipáticos, mesmo quando o Modo é o subjuntivo, conforme se verifica na distribuição dos dados na figura 4.18.

Figura 4.18: Percepção de CP Antipatia, de acordo com Modo e Idade do Ouvinte – São Paulo

Os resultados obtidos para o CP Antipatia se mostram interessantes, no sentido de que eles confirmam impressões gerais dos ouvintes, que perceberam os falantes Fabiano e Juliana como os mais antipáticos (figura 4.19), entre os quatro falantes, tanto em São Luís quanto em São Paulo.

Figura 4.19: Efeito do Falante na Percepção de Antipatia, de acordo com ouvintes ludovicenses e paulistanos

As explicações para isso estão, principalmente, nas avaliações que os ouvintes fizeram desses falantes, quando das entrevistas abertas: lembre-se, por exemplo, que Fabiano foi, muitas vezes, percebido como mais velho, sério e formal do que os outros falantes, e que Juliana foi explicitamente avaliada como *patricinha*, por uma das informantes de São Luís (cf. pág. 131, capítulo 3). Essas avaliações podem não só estar correlacionadas ao fato de esses dois falantes serem avaliados como menos educados e amigáveis, mas também refletem os estereótipos sociais que se associam a certos valores, e que podem atuar no modo como os ouvintes avaliam certos falantes. Juliana, especificamente, parece ser um bom exemplo de um estereótipo bastante difundido de que os paulistanos são considerados chatos. Coelho (1999)⁹¹ e Sousa (2014)⁹² mostraram em

⁹¹ Jornal Folha de São Paulo, ano 76, 6 de out. de 1999. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0610199926.htm>. Último acesso em 23 jan. 2020.

⁹² Revista Exame Online, 22 abril de 2014. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/egoistas-e-metidos-e-assim-que-o-brasil-ve-os-paulistanos/>. Último acesso em 23 jan. 2020.

reportagens da Folha de São Paulo e da Revista Exame, que os “brasileiros acham que os paulistanos se julgam melhores” e que “comparados às pessoas de outras regiões, os paulistanos são mais chatos”, e, para endossar seu argumento, Coelho cita Nelson Rodrigues, para quem “a pior solidão é a companhia de um paulista”. Afirmações desse tipo são, de fato, estereótipos, de fato, e, por consequência, são passíveis de ser questionados, mas o que importa aqui é que, de alguma maneira, avaliações desse tipo não só aparecem na percepção de ouvintes de outras localidades, como São Luís, como também na dos próprios paulistanos, conforme mostraram os resultados do teste de percepção.

4.3. Percepção de Paulistanidade

Para o resultado do modelo de análise do CP **Paulistanidade**, composto pela escala de mesmo nome, com base nas respostas dadas por ouvintes de São Luís, há diferenças entre os falantes paulistanos e ludovicenses, mas não entre falantes da mesma cidade (cf. tabelas 9 e 10, Apêndice B). Desse modo, a análise aqui apresentada inclui como variável previsora nos modelos a *Cidade do Falante* (a exemplo da tabela 4.14) – e não o falante, especificamente. O modelo mais simples de análise, com os dados das respostas de ludovicenses, por exemplo, mostra que são significativamente diferentes as respostas dos ouvintes, a depender da Cidade do Falante e da interação dessa variável com o Modo Verbal.

Tabela 4.14: Resumo dos resultados do modelo de regressão para o CP Paulistanidade, de acordo com Modo e Cidade do Falante – São Luís (Efeitos Mistos)

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
<i>(Intercept)</i>	-0,786	0,044	-17,543	<0,001 ***
Subjuntivo	0,093	0,063	1,466	0,143
São Paulo	1,357	0,063	21,365	<0,001 ***
São Paulo:Subjuntivo	0,243	0,089	2,705	<0,01 **

Fórmula: Antipatia ~ Modo * Cidade.Falante + (1 | Pseudonimo.Ouvinte), Data: PERCEPCAO.PCASL
Intercept = Indicativo; São Luís.

Considerando-se as distribuições das respostas de acordo apenas com o Modo Verbal, a figura 4.20 sugere que não há muitas diferenças entre os falantes paulistanos e ludovicenses na sua percepção de paulistanidade, o que leva ao interesse de verificar o efeito do Modo nessas respostas.

Figura 4.20: Dispersões das respostas dos ouvintes ludovicenses e paulistanos no CP Paulistanidade, de acordo com o Modo Verbal

A figura 4.21, a seguir, no entanto, mostra que, no geral, sem considerar a variável linguística, os ouvintes ludovicenses e paulistanos perceberam de maneira muito semelhante as diferenças dialetais entre os

falantes de cada cidade. De todo modo, serão feitas análises nas quais serão incluídas as variáveis previsoras sociais, como Escolaridade dos ouvintes, seu Sexo e sua Idade, a fim de verificar se elas apresentam algum efeito na percepção de Paulistanidade dos falantes.

Figura 4.21: Dispersões das respostas dos ouvintes ludovicenses e paulistanos no CP Paulistanidade, de acordo com o Falante

Quando se consideram as dispersões dos ouvintes das duas cidades, de acordo com o Falante e o Modo, observa-se que, ainda que os ouvintes percebam diferenças dialetais entre os quatro falantes, São Luís e São Paulo parecem se contrastar na percepção de Paulistanidade dos falantes paulistanos: Juliana e Rodrigo foram avaliados, pelos ludovicenses, como mais paulistanos nos estímulos com subjuntivo, mas como mais paulistanos nos estímulos com indicativo, pelos ouvintes paulistanos (figura 4.22).

Figura 4.22: Dispersões das respostas dos ouvintes ludovicenses e paulistanos no CP Paulistanidade, de acordo com Falante e Modo

Outro fato importante que essas distribuições mostram é o de que *Paulistanidade* não deve ser compreendida da mesma maneira para os dados ludovicenses e para os dados paulistanos, já que, a priori, não faz sentido responder *quão paulistano soa um ludovicense*. De fato, não se pode perder de vista que a inclusão dessa escala, tal como apresentada, é motivada por uma das perguntas centrais desta tese: a de que usar o indicativo em contextos em que o esperado, ou prescrito, é o subjuntivo, seria *coisa de paulistano* (Freire, 2006). Com base nessa discussão, parece lícito que sejam apresentados “apenas” os dados das respostas dos ouvintes para os falantes paulistanos, no CP Paulistanidade.

Tabela 4.15: Resumo dos resultados do modelo completo de regressão que inclui características sociais dos ouvintes
CP Paulistanidade – São Luís (Efeitos Mistos)

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
<i>(Intercept)</i>	-0,853	0,142	-5,979	<0.001 ***
Subjuntivo	0,068	0,197	0,348	0,727
São Paulo	1,392	0,064	21,626	<0,001 ***
Ensino Superior	0,017	0,065	0,266	0,790
Sexo Masculino	0,172	0,065	2,636	<0,01 **
Idade do Ouvinte	-0,002	0,003	-0,671	0,502
Oração Substantiva	0,088	0,062	1,407	0,159
São Paulo:Subjuntivo	0,245	0,091	2,699	<0,01 **
Ensino Superior:Subjuntivo	-0,175	0,092	-1,905	0,057 .
Sexo Masculino:Subjuntivo	-0,386	0,092	-4,175	<0,001 ***
Idade do Ouvinte:Subjuntivo	0,010	0,004	2,049	<0.05 *
Oração Substantiva:Subjuntivo	-0,081	0,088	-0,916	0,360

Fórmula: Paulistanidade ~ Modo * Cidade.Falante + Modo * Escolaridade.Ouvinte + Modo * Sexo.Ouvinte + Modo * Idade.Ouvinte + Modo * Oracao.Subordinada + (1|Ouvinte), data = PERCEPCAO.PCASL

Intercept = Indicativo; São Luís; Ensino Fundamental/Médio; Sexo Feminino; Oração Adverbial; São Luís:Indicativo; Ensino Fundamental/Médio:Indicativo; Sexo Feminino:Indicativo; Idade do Ouvinte:Indicativo; Oração Adverbial:Indicativo

Para os dados ludovicenses, a Cidade do Falante, bem como o Sexo/Gênero dos ouvintes e a sua interação com o Modo Verbal, e a interação entre Idade do Ouvinte e Modo é o que tem efeito na percepção de Paulistanidade dos falantes paulistanos, que soaram ainda mais paulistanos nos disfarces no subjuntivo do que naqueles com o indicativo. Para esse conjunto de respostas, os homens avaliaram os falantes como mais paulistanos, no subjuntivo, comparativamente às mulheres. A Idade do Ouvinte, em interação com o Modo, mostra que os falantes soaram mais paulistanos.

Figura 4.23: Percepção de Paulistanidade, de acordo com Modo e Idade do Ouvinte – São Luís

As respostas dos ouvintes ludovicenses não tiveram efeitos na percepção de Paulistanidade apenas com base no Modo, mas também com base na Escolaridade e na Idade do Ouvinte e no Tipo de Oração. Esse é um padrão parecido com o que vai se observar para os dados paulistanos.

Para esses ouvintes, um modelo de análise mais simples mostra que o Modo e a Cidade do Falante, mas não a interação entre essas variáveis, têm efeito sobre a percepção de Paulistanidade dos falantes. Com base nos resultados obtidos, a interação entre Idade do Ouvinte e Modo mostra que os falantes soaram como mais paulistanos à medida que usam mais indicativo, para os ouvintes mais jovens, enquanto os ouvintes mais velhos os avaliaram como mais paulistanos quando estes usavam o subjuntivo.

Tabela 4.16: Resumo dos resultados do modelo de regressão CP Paulistanidade – São Paulo (Efeitos Mistos)

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
<i>(Intercept)</i>	-0,619	0,043	-14,340	<0,001 ***
Subjuntivo	-0,135	0,060	-2,233	<0,05 *
São Paulo	1,335	0,060	21,940	<0,001 ***
São Paulo:Subjuntivo	0,078	0,086	0,907	0,364

Fórmula: Antipatia ~ Modo * Cidade.Falante + (1|Ouvinte), Data: PERCEPCAO.PCASP

Intercept = Indicativo; São Luís.

Em São Paulo, os resultados para esse modelo mais simples mostram que há diferença significativa entre Modo e Cidade do falante, mas não na interação entre essas variáveis, ao contrário do que foi verificado em São Luís, para quem essa interação importa. No caso específico de Juliana e Rodrigo, falantes paulistanos, os ouvintes de São Paulo os avaliaram como mais paulistanos no indicativo, ao contrário do que se observou para os dados de São Luís.

Com a inclusão de outras variáveis previsoras, interessa verificar se esses resultados se mantêm.

Tabela 4.17: Resumo dos Resultados do modelo de regressão que inclui características sociais dos ouvintes
CP Paulistanidade – São Paulo (Efeitos Mistos)

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
<i>(Intercept)</i>	-6,089	1,518	-4,010	<0.001 ***
Subjuntivo	-3,441	2,165	-1,589	0,112
São Paulo	1,336	6,072	21,997	<0,001 ***
Ensino Superior	2,994	7,259	0,041	0,967
Sexo Masculino	1,374	6,208	2,213	<0,05 *
Idade do Ouvinte	-2,439	3,642	-0,670	0,503
Oração Substantiva	2,023	6,066	0,334	0,738
São Paulo:Subjuntivo	8,145	8,587	0,949	0,343
Ensino Superior:Subjuntivo	1,756	1,027	1,710	0,087 .
Sexo Masculino:Subjuntivo	-2,654	8,779	-3,023	<0,01 **
Idade do Ouvinte:Subjuntivo	6,349	5,150	1,233	0,217
Oração Substantiva:Subjuntivo	1,158	8,579	0,135	0,892

Fórmula: Paulistanidade ~ Modo * Cidade.Falante + Modo * Escolaridade.Ouvinte + Modo * Sexo.Ouvinte + Modo * Idade.Ouvinte + Modo * Oracao.Subordinada + (1|Ouvinte), Data: PERCEPCAO.PCASP

Intercept = Indicativo; São Luís; Sexo Feminino; Ensino Fundamental/Médio; 1ª Faixa Etária; Oração Adverbial.

Os resultados resumidos na tabela 4.17 se diferenciam daqueles apresentados na tabela 4.16, já que o subjuntivo passa a não mais se diferenciar significativamente do indicativo (estimativa -3,441, $p=0,112$). Com a inclusão de novas variáveis previsoras, as respostas dos ouvintes passam a ter efeito sobre a Cidade do Falante, o Sexo do Ouvinte, bem como sobre sua interação entre Cidade do Falante x Modo. As respostas dadas por paulistanos não têm efeito sobre o nível de Escolaridade do Ouvinte, sua Idade, sobre o Tipo de Oração e nem sobre as interações dessas variáveis com o Modo Verbal.

Como se pode verificar na figura 4.24, e se afirmar com base nos resultados da tabela 4.17, os falantes soaram como mais paulistanos, para os ouvintes de São Paulo, quando ouvidos nos estímulos com indicativo, ao contrário do que se verificou em São Luís.

Figura 4.24: Dispersões das respostas dos ouvintes paulistanos no CP Paulistanidade, de acordo com Cidade do Falante e Modo

Quanto ao Sexo dos ouvintes, os homens paulistanos avaliaram os falantes como mais paulistanos nos estímulos com indicativo, ao contrário do que se verificou em São Luís, onde os ouvintes do Sexo masculino avaliaram os falantes como mais paulistanos nos estímulos com subjuntivo. Observe-se que as ouvintes das duas capitais apresentam padrões semelhantes no efeito das respostas, considerando que, em ambas cidades, os falantes são igualmente percebidos, mesmo que as ludovicenses apresentem uma ligeira inclinação em avaliar os falantes como mais paulistanos, no subjuntivo.

Figura 4.25: Efeito do Falante na Percepção de Paulistanidade, de acordo com ouvintes ludovicenses e paulistanos

Os resultados obtidos para Paulistanidade mostram que, no geral, os ouvintes percebem diferenças dialetais entre os falantes, e que isso se deu mais por causa de outras características linguísticas, como, talvez, a manipulação da realização do /-r/ em coda, mas também por outros aspectos indiciais, que não são controlados aqui, como a prosódia, ou o próprio sotaque, tomado aqui no sentido proposto por Campbell-Kibler (2007: 32), para quem o “sotaque é uma construção carregada, que conecta padrões linguísticos a divisões sociais e econômicas entre indivíduos e grupos”⁹³.

Outro ponto importante nesses resultados é o fato de que os paulistanos são percebidos como mais paulistanos, por ouvintes ludovicenses, quando ouvidos no subjuntivo, contrariamente às percepções dos ouvintes paulistanos, que avaliaram seus conterrâneos como mais paulistanos nos estímulos com subjuntivo. Com esse padrão, a hipótese de que ‘usar indicativo, em contextos “próprios” do subjuntivo,

⁹³ Tradução para o trecho: “*accent is a loaded construct, connecting linguistic patterns with social and economic divisions between individuals and groups*”.

poderia ser índice de paulistanidade” não se confirma, e que essas questões perpassam o imaginário de que os paulistanos têm acesso a mais bens de cultura do que pessoas de São Luís, por exemplo. Veja-se, por exemplo, a matéria de Sousa (2014), que apresentou dados de uma pesquisa Datafolha mostrando que 46% dos entrevistados, que não inclui paulistanos, acreditam que São Paulo é a “locomotiva do país”. Parece ser razoável, então, imaginar que o uso do subjuntivo, forma tão marcadamente associada a alto grau de escolarização, seja associada a um falar que caracterize o paulistano.

4.4. Percepção de Formalidade e Seriedade

Os últimos componentes identificados nas respostas de ludovicenses e paulistanos são aqui denominados **Formalidade**, para os dados de São Luís, e **Seriedade**, para os dados de São Paulo. Em São Luís, o CP Formalidade é integrado pelas respostas dadas às escalas formalidade (0,74) e seriedade (1,06). Em São Paulo, o CP Seriedade inclui as respostas dos ouvintes na escala seriedade (0,84) e, mais fracamente, na escala educação (0,45), embora esta última não vá ser considerada para as análises estatísticas. Isso importa para explicar o fato de o que se está chamando de “seriedade” aqui é diferente para cada um dos subgrupos de ouvintes: para os primeiros, quando o falante soou mais sério, soou também mais formal; para os segundos, quando o falante soou mais sério, soou também mais educado. Lembre-se de que, tal como discutido no capítulo 3, educado aqui é entendido como alguém que soa gentil, polido, cortês. Como esses componentes são os que menos explicam a variância nas respostas dadas pelos ouvintes, a discussão dos resultados desses modelos de regressão é, aqui, um pouco mais breve.

A figura 4.26, a seguir, mostra que, no geral, para os ludovicenses, os falantes soam mais formais no subjuntivo do que no indicativo. Retome-se o fato de que essa escala foi considerada para esse experimento, porque foi uma das características mais evidentes na nuvem

de palavras, oriunda das entrevistas abertas realizadas com ludovicenses e paulistanos.

Figura 4.26: Dispersões das respostas de ouvintes ludovicenses e paulistanos no CP Formalidade/Seriedade de acordo com o Modo Verbal

A figura 4.27, por sua vez, mostra que não há muitas diferenciações nas respostas dos ouvintes, a depender do falante, exceto para o fato de que, em São Luís, há uma sugestão de que Fabiano, dessa cidade, foi considerado mais sério do que os outros Débora, Juliana e Rodrigo.

Figura 4.27: Dispersões das respostas dos ouvintes ludovicenses e paulistanos ao CP Formalidade/Seriedade baseadas nos falantes

Quando as respostas dos ouvintes são tomadas para Modo e Falante, conjuntamente, verifica-se que ouvintes ludovicenses perceberam mais diferenças entre os falantes, de acordo com o modo em que esses falantes foram ouvidos. Todos os falantes são percebidos como menos formais, para os ouvintes ludovicenses, quando são ouvidos no indicativo (lembrando que, para eles, formalidade é um composto de seriedade, propriamente, e formalidade). Os ouvintes paulistanos também tenderam a perceber os falantes como mais formais e sérios quando os falantes foram ouvidos nos estímulos com morfologia do subjuntivo. De todo modo, essas diferenças nas respostas dos paulistanos são evidentemente menores do que as observadas para os ouvintes ludovicenses, para quem usar morfologia de indicativo, em contextos em que são esperados a morfologia do subjuntivo soam bem mais informais e menos sérios.

Figura 4.28: Dispersões nas respostas de ouvintes ludovicensenses e paulistanos no CP Formalidade/Seriedade com base no Modo e no Falante

Igualmente ao que foi feito para os demais CPs, serão apresentados resultados de modelos mais simples, antes da apresentação dos resultados de modelos mais complexos de análise, com o fim de mostrar as análises consideradas para o CP: se baseada no Falante (e qual deles é o intercept da análise) ou se na Cidade do Falante.

Tabela 4.18: Resumo dos resultados do modelo de regressão para o CP Formalidade – São Luís (Efeitos Mistos)⁹⁴

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
<i>(Intercept)</i>	-0,424	0,080	-5,261	<0,001 ***
Fabiano	0,233	0,114	2,049	<0,05 *
Juliana	-0,298	0,114	-2,608	<0,01 **
Rodrigo	-0,266	0,114	-2,325	<0,05 *
Subjuntivo	0,740	0,114	6,467	<0,001 ***
Fabiano:Subjuntivo	0,174	0,161	1,079	0,280
Juliana:Subjuntivo	0,347	0,161	2,146	<0,05 *
Rodrigo:Subjuntivo	0,573	0,161	3,546	<0,001 ***

Fórmula: *Seriedade* ~ *Falante* * *Modo* + (1|*Ouvinte*), Data: PERCEPCAO.PCASL
Intercept = Debora; Indicativo.

A tabela 4.18 mostra que há efeitos das respostas dos ouvintes a depender do Falante, do Modo e da interação Modo x Falante, especificamente para os falantes paulistanos, Juliana e Rodrigo. Aqui, Fabiano soa como mais formal que Debora, que, por sua vez, soa mais formal que Juliana e Rodrigo, ambos de São Paulo. Quando analisados em interação com o Modo, Juliana, no subjuntivo, é percebida como alguém mais formal que Debora, do mesmo modo que Rodrigo, no subjuntivo, soa mais formal que Debora, no indicativo. Quanto ao Modo, os falantes foram percebidos como mais formais no subjuntivo, comparativamente ao indicativo.

Com a inclusão das variáveis previsoras, os resultados se diferenciam para o Modo Verbal, mas se mantêm com relação às diferenças entre os falantes paulistanos e Debora, de São Luís, mas não entre Debora e Fabiano, também de São Luís.

⁹⁴ Cf. as tabelas 13 e 14, do Apêndice B, para consultar os dois outros resultados obtidos, a partir da mudança do valor de *intercept*.

Tabela 4.19: Resumo dos resultados do modelo de regressão que inclui características sociais dos ouvintes
CP Formalidade – São Luís (Efeitos Mistos)

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
<i>(Intercept)</i>	-0,250	0,186	1,340	0,180
Subjuntivo	-0,092	0,258	-0,360	0,719
Fabiano	0,172	0,113	1,517	0,129
Juliana	-0,312	0,113	-2,756	<0,01 **
Rodrigo	-0,340	0,115	-2,948	<0,01 **
Ensino Superior	-0,159	0,082	-1,930	0,053 .
Sexo Masculino	0,059	0,082	0,719	0,472
Idade do Ouvinte	-0,020	0,004	-4,599	<0,001 ***
Oração Substantiva	0,231	0,081	2,828	<0,01 **
Fabiano:Subjuntivo	0,268	0,160	1,667	0,095 .
Juliana:Subjuntivo	0,339	0,160	2,116	<0,05 *
Rodrigo:Subjuntivo	0,658	0,163	4,036	<0,001 ***
Ensino Superior:Subjuntivo	-0,083	0,116	-0,712	0,476
Sexo Masculino:Subjuntivo	-0,016	0,116	-0,140	0,888
Idade do Ouvinte:Subjuntivo	0,030	0,006	4,925	<0,001 ***
Oração Susbtantiva:Subjuntivo	-0,355	0,115	-3,065	<0,01 **

Fórmula: Seriedade ~ Modo * Falante + Modo * Escolaridade.Ouvinte + Modo * Sexo.Ouvinte + Modo * Idade.Ouvinte + Modo * Oracao.Subordinada + (1|Ouvinte), Data: PERCEPCAO.PCASL
Intercept = Indicativo; Debora; Sexo Feminino; Ensino Fundamental/Médio; 1ª Faixa Etária; Oração Adverbial.

Não são observadas diferenças significativas a depender do nível de Escolaridade dos ouvintes, nem do seu Sexo, mas, para esses ouvintes, Juliana e Rodrigo, ambos de São Paulo, foram percebidos como menos formais que Debora, de São Luís. Quando analisados em interação com o Modo, tanto Juliana, quanto Rodrigo, no subjuntivo, são percebidos como mais formais que Debora, no indicativo.

Considerando-se a Idade dos Ouvintes, observa-se que, enquanto os ouvintes com mais idade tendem a avaliar os falantes como mais formais, nos estímulos com subjuntivo, os ouvintes mais jovens avaliaram esses ouvintes como menos formais.

Figura 4.29: Dispersões das respostas dos ouvintes ludovicenses no CP Formalidade, de acordo com Modo e Idade

A Oração Subordinada também tem efeito nas respostas dos ouvintes, a depender do Modo em que os falantes foram avaliados. No geral, os falantes soaram mais formais nos estímulos com orações substantivas. Na interação com o Modo, esses falantes foram avaliados como menos formais nas orações adverbiais, no indicativo, relativamente a quando foram ouvidos nas orações substantivas, em interação com o subjuntivo.

Em São Paulo, por sua vez, os resultados do modelo mais simples de análise (os outros dois modelos estão disponibilizados nas tabelas 15 e 16, do Apêndice B) mostram que as respostas dos ouvintes têm efeito na percepção de Seriedade, a depender da Cidade do Falante. Para os ouvintes paulistanos, os falantes que soam nordestinos/maranhenses parecem mais sérios do que os falantes que soam como paulistanos, independentemente do Modo Verbal.

Tabela 4.20: Resumo dos resultados do modelo de regressão para o CP Seriedade – São Paulo (Efeitos Mistos)

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
(<i>Intercept</i>)	-0,138	0,061	-2,274	<0,05 *
Subjuntivo	0,302	0,086	3,497	0,778
São Paulo	-0,024	0,086	-0,281	<0,001 ***
São Paulo:Subjuntivo	-0,003	0,131	-0,026	0,979

Fórmula: Seriedade ~ Modo * Cidade.Falante + (1|Ouvinte), Data: PERCEPCAO.PCASP
Intercept = Indicativo; São Luís.

Ainda que em São Luís os padrões de percepção de Formalidade/Seriedade tenham sido mais diferentes, a depender do Modo em que os falantes foram ouvidos, em São Paulo, os ouvintes tenderam a avaliar os falantes como mais sérios, nos estímulos com subjuntivo.

Figura 4.30: Dispersões das respostas dos ouvintes paulistanos no CP Seriedade, com base na Cidade do Falante e no Modo

Porém, para esse modelo simples de análise, resumido na tabela 4.20, não houve diferenças significativas entre o indicativo e o subjuntivo (estimativa 0,302, $p=0,778$), ao contrário do que se observou para os dados de São Luís. Também não foram verificadas diferenças significativas na interação entre Cidade do Falante e o subjuntivo.

Mesmo com a inclusão de outras variáveis previsoras, há muito menos variação significativa nos dados paulistanos. Para esse modelo, as respostas dos ouvintes têm efeito na percepção de Sériosidade, a depender da Escolaridade dos Ouvintes e da Oração Subordinada.

Tabela 4.21: Resumos dos resultados do modelo de regressão que inclui características sociais dos ouvintes
CP Sériosidade – São Paulo

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
<i>(Intercept)</i>	-0,272	0,208	-1,307	0,191
Subjuntivo	0,369	0,282	1,310	0,190
São Paulo	-0,027	0,083	-0,330	0,741
Ensino Superior	0,266	0,099	2,665	<0.01 **
Sexo Masculino	0,054	0,085	0,639	0,523
Idade do Ouvinte	-0,006	0,005	-1,249	0,212
Oração Substantiva	0,307	0,078	3,911	<0.001 ***
São Paulo:Subjuntivo	0,003	0,124	0,029	0,976
Ensino Superior:Subjuntivo	0,066	0,133	0,496	0,619
Sexo Masculino:Subjuntivo	0,002	0,113	0,018	0,985
Idade do Ouvinte:Subjuntivo	-0,001	0,006	-0,156	0,876
Oração Substantiva:Subjuntivo	-0,156	0,111	-1,405	0,160

Fórmula: Sériosidade ~ Modo * Cidade.Falante + Modo * Escolaridade.Ouvinte + Modo * Sexo.Ouvinte + Modo * Idade.Ouvinte + Modo * Oracao.Subordinada + (1|Ouvinte), Data: PERCEPCAO.PCASP
Intercept = Indicativo; São Luís; Ensino Fundamental/Médio; Sexo Feminino; Oração Adverbial.

Para a Escolaridade, verifica-se que os falantes foram percebidos como mais sérios pelos ouvintes com ensino superior do que pelos que possuem ensino fundamental/médio. Quanto à Oração Subordinada, os falantes soaram menos sérios nas orações adverbiais do que nas substantivas. De todo modo, se comparada aos resultados dos dados de São Luís, como na figura 4.31, a Escolaridade do ouvinte parece importar mais ainda para os ludovicenses do que para os paulistanos.

Figura 4.31: Dispersões nas respostas dos ouvintes ludovicenses e paulistanos nos CPs Formalidade/Seriedade, de acordo com a Oração Subordinada e o Modo

Como a Oração Subordinada foi uma variável importante para a percepção de seriedade dos falantes, tanto para ouvintes ludovicenses, quanto para ouvintes paulistanos, interessa verificar se o *Verbo* que introduz a oração substantiva, ou o *Subordinador* que antecede a oração adverbial, se correlacionam ao CP Formalidade, para São Luís, e ao CP Seriedade, para São Paulo.

Aqui também foram feitos subconjuntos de dados só com as orações substantivas, a fim de se analisar, separadamente, o *Verbo* ao qual a oração encaixada se subordina, e só com as orações adverbiais, para analisar o *Subordinador* que introduz essa oração. Como a quantidade de dados diminui a cada subconjunto de dados criados, vai-se deter as análises nos verbos e nos subordinadores.

4.4.1. Percepção de Formalidade e Seriedade nas orações substantivas

Para a análise dos dados de orações substantivas, foi incluída a variável *Verbo da Oração*, cujas variantes são o verbo *querer* e o verbo *acreditar*, além das demais variáveis previsoras.

Tabela 4.22: Resumo dos resultados do modelo de regressão que inclui características sociais dos ouvintes
CP Formalidade nas Orações Substantivas – São Luís

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
<i>(Intercept)</i>	0,638	0,286	2,226	< 0,05 *
Subjuntivo	-0,476	0,397	-1,197	0,231
Fabiano	0,024	0,171	0,143	0,886
Juliana	-0,558	0,188	-2,967	<0,01 **
Rodrigo	-0,231	0,172	-1,347	0,178
Ensino Superior	-0,373	0,121	-3,073	<0,01 **
Sexo Masculino	0,095	0,121	0,785	0,432
Idade do Ouvinte	-0,014	0,006	-2,290	< 0,05 *
Verbo <i>Querer</i>	-0,473	0,114	-4,126	<0,001 ***
Fabiano:Subjuntivo	0,433	0,242	1,785	0,074 .
Juliana:Subjuntivo	0,699	0,266	2,629	<0,01 **
Rodrigo:Subjuntivo	0,704	0,243	2,895	<0,01 **
Ensino Superior:Subjuntivo	0,061	0,171	0,357	0,721
Sexo Masculino:Subjuntivo	-0,006	0,171	-0,040	0,968
Idade do Ouvinte:Subjuntivo	0,022	0,009	2,420	<0,05 *
Verbo <i>Querer</i> :Subjuntivo	0,256	0,162	1,580	0,114

Fórmula: Seriedade ~ Modo * Falante + Modo * Escolaridade.Ouvinte + Modo * Sexo.Ouvinte + Modo * Idade.Ouvinte + Modo * Verbo + (1|Ouvinte), Data: PERCEPCAO.PCASL SUBSTANTIVAS
Intercept = Indicativo; Debora; Ensino Fundamental/Médio; Sexo Feminino; Verbo *Acreditar*; Debora:Indicativo; Ensino Fundamental/Médio:Indicativo; Sexo Feminino:Indicativo; Verbo *Acreditar*:Indicativo.

Como interesse aqui é o de verificar se o verbo tem efeito na percepção de Formalidade dos ouvintes, os resultados resumidos na tabela 4.22 revelam que há essas diferenças significativas. No geral, os falantes soaram mais formais nos estímulos com o verbo *acreditar*, do que nos estímulos com o verbo *querer*. As interações desses verbos com o Modo não se mostraram significativamente diferentes.

Para os dados paulistanos, do mesmo modo que para os de São Luís, há pouca variação, e, da mesma maneira, observa-se que os falantes

foram percebidos como mais sérios nos estímulos com o verbo *acreditar*, comparativamente aos estímulos com o verbo *querer*.

Tabela 4.23: Resumo dos resultados do modelo de regressão que inclui características sociais dos ouvintes
CP Seriedade nas Orações Substantivas – São Paulo

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
(<i>Intercept</i>)	-4,643	2,881	-0,161	0,872
Subjuntivo	1,323	4,141	0,319	0,749
São Paulo	-9,636	1,163	-0,083	0,933
Ensino Superior	2,205	1,390	1,587	0,113
Sexo Masculino	-8,781	1,194	-0,736	0,462
Idade do Ouvinte	-6,758	6,982	-0,097	0,922
Verbo <i>Querer</i>	-3,067	1,169	-2,623	<0,01 **
São Paulo:Subjuntivo	8,503	1,645	0,517	0,605
Ensino Superior:Subjuntivo	1,573	1,966	0,800	0,423
Sexo Masculino:Subjuntivo	1,455	1,688	0,862	0,389
Idade do Ouvinte:Subjuntivo	-5,418	9,874	-0,549	0,583
Verbo <i>Querer</i> :Subjuntivo	2,098	1,654	1,269	0,205

Fórmula: Seriedade ~ Modo * Cidade.Falante + Modo * Escolaridade.Ouvinte + Modo * Sexo.Ouvinte + Modo * Idade.Ouvinte + Modo * Verbo + (1|Ouvinte), Data: PERCEPCAO.PCASP_SUBSTANTIVAS

Intercept = Indicativo; São Luís; Ensino Fundamental/Médio; Sexo Feminino; 1ª Faixa Etária; Verbo *Acreditar*, São Luís:Indicativo; Ensino Fundamental/Médio:Indicativo; Sexo Feminino:Indicativo; Idade do Ouvinte:Indicativo; Verbo *Acreditar*:Indicativo.

De todo modo, o mais importante aqui, como era de se esperar (dados os resultados anteriores para esse CP), há muito mais variação em São Luís do que em São Paulo. Para os ouvintes paulistanos, quando o falante usa algo como “quer que eu vou” ele soa menos sério (não se pode dizer o mesmo para “acredito que eu vou”). Para São Luís, o falante soa menos formal nos dois casos, mas bem menos quando diz “quer que eu vou” (figura 4.32). Esses resultados se alinham à discussão feita com base nos resultados para o CP Competência, em que se verificou que os ouvintes avaliavam os falantes como menos competentes quando estes eram ouvidos com morfologia do indicativo.

Figura 4.32: Dispersões das respostas dos ouvintes ludovicenses e paulistanos nos CPs Formalide/Seriedade, com base no Verbo e Modo

4.4.2. Percepção de Formalidade e Seriedade nas orações adverbiais

Para as orações subordinadas adverbiais, interessa verificar se o *Subordinador*, *embora* ou *talvez*, influencia a percepção de formalidade e seriedade dos falantes.

Tabela 4.24: Resumo dos resultados do modelo de regressão que inclui características sociais dos ouvintes
CP Formalidade nas Orações Adverbiais – São Luís

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
<i>(Intercept)</i>	-0,212	0,240	0,882	0,378
Subjuntivo	-0,439	0,334	-1,314	0,189
Fabiano	0,464	0,155	2,983	<0,01 **
Juliana	-0,188	0,135	-1,388	0,165
Rodrigo	-0,415	0,155	-2,665	<0,01 **
Ensino Superior	0,038	0,110	0,348	0,728
Sexo Masculino	0,074	0,109	0,683	0,494
Idade do Ouvinte	-0,025	0,005	-4,360	<0,001 ***
Subordinador <i>Talvez</i>	0,160	0,103	1,544	0,123
Fabiano:Subjuntivo	0,011	0,219	0,052	0,958
Juliana:Subjuntivo	0,207	0,191	1,085	0,278
Rodrigo:Subjuntivo	0,599	0,220	2,723	<0,01 **
Ensino Superior:Subjuntivo	-0,247	0,155	-1,588	0,113
Sexo Masculino:Subjuntivo	-0,044	0,155	-0,285	0,775
Idade do Ouvinte:Subjuntivo	0,041	0,008	4,998	<0,001 ***
Subordinador <i>Talvez</i> :Subjuntivo	0,322	0,146	2,195	<0,05 *

Fórmula: Seriedade ~ Modo * Falante + Modo * Escolaridade.Ouvinte + Modo * Sexo.Ouvinte + Modo * Idade.Ouvinte + Modo * Subordinador + (1|Ouvinte), Data: PERCEPCAO.PCASL_ADVERBIAIS)

Intercept = Indicativo; Debora, Ensino Fundamental/Médio; Sexo Feminino; 1ª Faixa Etária; *Embora*, Debora:Indicativo; Ensino Fundamental/Médio:Indicativo; Sexo Feminino:Indicativo; Idade do Ouvinte:Indicativo; *Embora*:Indicativo.

Nas análises feitas com base nos dados só das orações adverbiais (tabela 4.24), em São Luís, os resultados evidenciam que os subordinadores *embora* e *talvez* só se diferenciam significativamente quando analisados em interação com o Modo Verbal: especificamente para essas variantes, os falantes foram percebidos como mais formais em seus estímulos com *talvez*, em interação com o subjuntivo (estimativa 0,322, $p < 0,05$), do que quando ouvidos em seus estímulos com *embora*, no indicativo.

Tabela 4.25: Resumo dos resultados do modelo de regressão que inclui características sociais dos ouvintes
CP Seriedade nas Orações Adverbiais – São Paulo

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
<i>(Intercept)</i>	0,214	0,297	0,719	0,472
				0,472
Subjuntivo	-0,086	0,421	-0,205	0,837
São Paulo	0,025	0,117	0,214	0,830
Ensino Superior	-0,045	0,140	-0,324	0,745
Sexo Masculino	0,025	0,121	0,213	0,831
Idade do Ouvinte	-0,012	0,007	-1,734	0,083 .
Subordinador <i>Talvez</i>	0,270	0,118	0,281	<0,05 *
São Paulo:Subjuntivo	-0,213	0,166	-1,281	0,200
Ensino Superior:Subjuntivo	0,246	0,199	1,235	0,217
Sexo Masculino:Superior	-0,151	0,171	-0,888	0,375
Idade do Ouvinte:Subjuntivo	0,008	0,010	0,824	0,410
Subordinador <i>Talvez</i> :Subjuntivo	-0,121	0,167	-0,726	0,468

Modelo: Seriedade ~ Modo * Cidade.Falante + Modo * Escolaridade.Ouvinte + Modo * Sexo.Ouvinte + Modo * Idade.Ouvinte + Modo * Subordinador + (1|Ouvinte), Data: PERCEPCAO.PCASP_ADVERBIAIS

Intercept = Indicativo, São Luís, Ensino Fundamental/Médio, Sexo Feminino, 1ª Faixa Etária; *Embora*: São Luís:Indicativo, Ensino Fundamental/Médio/Indicativo, Sexo Feminino:Indicativo, Idade do Ouvinte:Indicativo, *Embora*:Indicativo.

Os padrões obtidos nas análises gerais se mantiveram para os dados de São Paulo. Aqui, nas análises dos dados de adverbiais, somente o *Subordinador* apresenta algum efeito sobre a percepção de seriedade dos falantes. Com base nos resultados resumidos na tabela 4.25, os falantes foram percebidos como mais sérios, nos estímulos com *talvez* (estimativa 0,270, $p < 0,05$), comparativamente aos estímulos com *embora*. Ao contrário do que se verificou para São Luís, aqui, a interação com Modo não se mostrou significativa. Além disso, esse padrão se assemelha àquele obtido para as orações adverbiais, na análise do CP Competência, em que os falantes foram percebidos como mais competentes quando ouvidos nos estímulos com o subordinador *talvez*, comparativamente a *embora*.

Figura 4.33: Dispersões das respostas dos ouvintes ludovicenses e paulistanos nos CPs Formalidade/Seriedade, com base no Subordinador e no Modo

A figura 4.33 mostra o mesmo padrão já encontrado anteriormente para a Oração Subordinada. As diferenças são muito maiores para os dados ludovicenses do que para os paulistanos, e, de maneira geral, essas discussões se alinham às discussões feitas para Competência.

Os resultados desse CP podem ser explicados por meio do conteúdo das sentenças. Gaucher (2013), ao analisar a percepção do particípio passado, com base no francês, explica que, na análise de variáveis gramaticais, o conteúdo das sentenças pode interferir na avaliação das formas. No experimento que aqui se apresenta, muitas vezes os ouvintes que participaram da etapa de entrevistas abertas atribuíam certas características aos falantes, muitas vezes motivados, especialmente, pelo conteúdo dos áudios ouvidos. Aqui, entende-se que os ouvintes foram motivados não só pelo elemento que introduziu a oração subordinada e a morfologia do verbo (portanto, o sinal linguístico), como também pela performance geral dos falantes. Labov (2008 [1972]) explica que, muitas vezes, os ouvintes podem nem perceber que existe um elemento variável, mas julgam a voz mesmo assim. De toda forma, mais do que o verbo, o

subordinador contribuiu para que os falantes fossem percebidos como mais formais.

Os resultados do trabalho de Santos (2015), que mostrou que o subjuntivo se correlacionou a esses dois subordinadores, e os testes de avaliação propostos por Wherritt (1978) e Silva (2008), mostra que os falantes de português brasileiro são resistentes ao uso do indicativo em sentenças introduzidas por *embora* e *talvez*, preferindo a forma subjuntiva, entendida por esses trabalhos como contextos mais formais de usos.

4.5. Efeitos das respostas dos ouvintes na percepção de Classe, Escolarização e Faixa Etária dos quatro falantes

Finalmente, foram feitos testes de qui-quadrado para as respostas dadas pelos participantes às três variáveis qualitativas do experimento. Lembre-se de que foi perguntado aos ouvintes, logo após realizarem a tarefa de avaliar os falantes por meio das escalas de seis pontos, como eles imaginavam os falantes acerca de questões sobre sua escolarização (agora, entendida quanto ao nível – se fundamental, médio ou superior), sua faixa etária e sua classe social.

A partir das respostas dadas por ouvintes ludovicenses e paulistanos, foram confeccionados gráficos de barras, a fim de visualizar as proporções das respostas, a depender do disfarce em que os falantes foram ouvidos (subjuntivo ou indicativo).

Figura 4.34: Proporção das respostas dos ouvintes para a variável *Classe Social*, por modo – São Luís e São Paulo

Em São Luís, para a variável *classe social*, observou-se que a diferença entre cada uma das variantes foi estatisticamente significativa ($X^2=241,79(4), p < 0,001$). A figura 4.34 mostra que os falantes foram percebidos como de classes sociais diferentes, pelos ouvintes, a depender do modo em que foram avaliados. Entretanto, eles foram avaliados mais vezes como sendo de classe média, quando ouvidos no indicativo, ao mesmo passo em que foram percebidos como mais vezes de classe média alta, quando ouvidos nos estímulos no subjuntivo. Além disso, eles também foram avaliados mais vezes como sendo de classe alta, no subjuntivo, do que quando foram ouvidos no indicativo.

Para São Paulo, que apresenta as mesmas taxas totais que São Luís (25% das respostas), essa variável também se mostrou estatisticamente significativa ($X^2=138,51(4), p < 0,001$). Entretanto, os ouvintes tenderam a perceber os falantes como sendo de classe média, tanto no indicativo, quanto no subjuntivo. Os falantes também foram avaliados mais vezes como sendo de classe média baixa, quando ouvidos no indicativo, relativamente ao subjuntivo. No entanto, não são muito diferentes as distribuições das respostas para classe média alta, a depender do modo

em que os falantes foram ouvidos, mas são para classe alta, uma vez que os falantes foram percebidos mais vezes como pertencendo a essa classe, no subjuntivo.

Figura 4.35: Proporção das respostas dos ouvintes para a variável *Escolarização*, por modo – São Luís e São Paulo

Quanto à percepção de *escolarização*, observa-se que os falantes foram percebidos como de maior nível escolar, quando foram avaliados nos estímulos no subjuntivo (44% em São Luís e 41% em São Paulo), por ouvintes ludovicenses e paulistanos. A pergunta em torno dessa variável importa porque, durante as entrevistas abertas, os ouvintes tendiam a avaliar as vozes que soavam como paulistanas como de nível escolar mais alto do que as vozes que soavam como nordestinas/maranhenses. Os ouvintes dessas duas cidades se diferenciam, entretanto, quanto à percepção de escolarização dos falantes, quando estes são ouvidos no indicativo: os ouvintes ludovicenses tendem a perceber os quatro falantes como de nível de escolarização mais baixa (8% para o fundamental, 29% para o ensino médio, e 12% para o ensino superior) do que os ouvintes de São Paulo (1% para o ensino fundamental, 23% para o ensino médio, e 25% para o ensino superior). Saliente-se o fato de que, em São Paulo, ainda que

no indicativo, os falantes são percebidos como sendo de ensino superior. Em ambas as cidades, essas diferenças são estatisticamente significativas.

Figura 4.36: Proporção das respostas dos ouvintes para a variável *Faixa Etária*, por modo – São Luís e São Paulo

Os ouvintes também avaliaram os quatro falantes de acordo com a percepção de *faixa etária*. O interesse nessa questão está no fato de que um número considerável de participantes das entrevistas abertas afirmaram que os falantes, principalmente os ludovicenses, pareciam ser pessoas de mais idade, embora todos tenham entre 20 e 30 anos.

As proporções das respostas de ouvintes ludovicenses e paulistanos, no entanto, não se assemelham a essa avaliação dos participantes das entrevistas abertas, já que todos os quatro falantes foram igualmente percebidos como de idade entre 21 a 40 anos, tanto nos estímulos com subjuntivo, quanto nos estímulos com indicativo. Nas duas capitais, menos de 5% das respostas era resultado de percepções de que os falantes tivessem 41 anos ou mais. Em São Paulo, mais do que em São Luís, os falantes também foram avaliados como falantes que soavam como pessoas que estivessem na faixa dos 20 a 30 anos. De todo modo, nem em São Luís, nem em São Paulo, essas diferenças se mostraram significativas, a partir do teste de qui-quadrado.

Conclusão

Essa tese de doutorado germinou a partir de dois metacomentários: (i) *paulistanos não usam (ou não sabem) o subjuntivo* e (ii) *ludovicenses falam o melhor português brasileiro*. Santos (2015) verificou, no entanto, que paulistanos e ludovicenses mais se assemelham do que se diferenciam, no que concerne à expressão da semântica do *irrealis*, ainda que pela via da morfologia do indicativo. Se esses metacomentários não se verificam nas práticas, nos usos do subjuntivo vs. indicativo, na produção sociolinguística, seria o caso de que eles se equiparam a resultados de um estudo de percepção, experimentalmente controlado? No sentido da crença de que os ludovicenses *falam a melhor variedade do português brasileiro*, as formas do indicativo estariam muito mais propensas a avaliações negativas, por parte desses falantes? Quais significados sociais estariam, então, associados à morfologia do subjuntivo e do indicativo, com base nas percepções de ouvintes ludovicenses e paulistanos?

Essas questões gerais levaram à justificativa para a realização do experimento de percepção cujos resultados foram apresentados nesse trabalho. Teoricamente, lançou-se mão do aporte variacionista (Labov, 2006[1966]; 2008[1972]; 1993; 2001; Eckert, 2012), com o intuito de contribuir para a diminuição da lacuna, nos trabalhos de percepção sociolinguística, do estudo de variáveis gramaticais. Metodologicamente, utilizou-se a técnica dos estímulos pareados (Lambert et al, 1960; Campbell-Kibler, 2006; 2009; 2010; Gaucher, 2013; Levon, 2014; Levon & Buchstaller, 2015; Mendes, 2018; Canever, 2017).

Desse modo, o capítulo 1 mostrou uma gama de trabalhos sobre o subjuntivo, mas a sua grande maioria se dedica aos empregos desse modo, comparativamente ao indicativo. Dentre os raros trabalhos que objetivaram acessar atitudes e crenças linguísticas de falantes do português a respeito do subjuntivo, encontram-se os de Botelho Pereira (1974), Whertritt (1978) e Silva (2008) – que se ocuparam de verificar quais

formas (subjuntivo ou indicativo) esses falantes selecionariam, quando expostos a diversos contextos em que as duas morfologias podem ocorrer. No geral, esses trabalhos mostraram que falantes do português são bem sensíveis à escrita desses modos, preferindo as formas do subjuntivo em contextos de volição, nas orações substantivas, mas não se diferenciando muito quanto aos contextos em que o verbo da oração matriz é um verbo cognitivo, como *acreditar*. As três pesquisadoras observaram, também, que em contextos de escrita, o subjuntivo é favorecido pelos subordinadores *embora* e *talvez*. O capítulo 1 também mostrou que o uso das formas subjuntivas são socialmente estabelecidas por questões escolares (tanto nos trabalhos de produção apresentados, quanto nos de “percepção”): quanto maior o grau de instrução do falante, maior a sua tendência em selecionar a morfologia subjuntiva.

Se o uso do subjuntivo se correlaciona ao grau de instrução dos falantes, era o caso de verificar se significados sociais referentes à escolarização poderiam estar associados à fala de ludovicenses e paulistanos e se, nesse cômputo, entrariam questões referentes a inteligência e formalidade. Como esses possíveis significados sociais podem estar associados ao uso da morfologia do subjuntivo, e como eles não podem ser estabelecidos por meio de um trabalho de produção que se interessa mais comumente por padrões gerais de uso, baseados em macrocategorias sociais (Labov, 2008:1972]; Eckert, 2012), foi necessário apresentar o campo de atuação dos estudos variacionistas que vêm se ocupando da tarefa de acessar os significados sociais de formas variantes (Eckert, 2012). Nesse sentido, o Capítulo 2 discutiu o interesse da terceira onda dos estudos sociolinguísticos, depois de rever os estudos de primeira e segunda ondas, com base em Eckert (2012). A abordagem desses pontos interessa na medida em que, a partir deles, pode-se apresentar uma agenda de trabalhos, ainda bastante recente, que vem se ocupando em definir, empiricamente, o campo de atuação das pesquisas de atitudes, crenças e percepções sociolinguísticas (Gilles & Billings, 2004).

Como significados sociais não decorrem necessária e diretamente da produção linguística, é necessário voltar-se aos mecanismos pelos quais formas linguísticas se vinculam a certos valores. Como o trabalho que aqui se desenvolveu tem interesse nessa questão, o Capítulo 3 descreveu a técnica dos estímulos pareados (Lambert et al, 1960; Campbell-Kibler, 2006; 2007; 2009; Levon; Buchstaller, 2015; Oushiro, 2015; Soriano, 2016; Canever, 2017; Mendes, 2018). Foram apresentadas, também, as impressões gerais de ludovicenses e paulistanos quanto aos trechos de formas subjuntivas e indicativas que interessam a esta pesquisa e que, juntamente aos resultados de estudos de produção (Pimpão, 1999; 2012; Santos, 2005; Santos, 2015 entre outros), subsidiaram a elaboração do formulário de percepção utilizado na aplicação do teste.

Os resultados da aplicação desse experimento foram apresentados no Capítulo 4. No geral, pelo modo como se desenhou o experimento, verificou-se que os significados sociais associados às formas do subjuntivo e do indicativo organizam-se essencialmente em torno de noções de competência, de formalidade e seriedade, mas também de antipatia e paulistanidade. Esse último conceito se estabelece na contramão do que se vem afirmando acerca do fato de que *paulistanos não usam o subjuntivo*. Os resultados sugerem que os paulistanos se percebem como mais paulistanos, quando ouvidos no indicativo, o que mostra que, embora não desenvolvam metacomentários para o fato de que usam formas indicativas, no lugar em que o esperado seria o subjuntivo, quando são expostos a estruturas como *quer que eu faço*, os ouvintes paulistanos parecem se reconhecer nelas. Para alguns paulistanos entrevistados, “se o uso do subjuntivo é tido como uma forma da dúvida, o paulistano, que vive na correria, e não tem tempo para ter dúvidas, vai sempre utilizar o indicativo, a forma da certeza”. Essa impressão parece não se confirmar nas avaliações dos ouvintes ludovicenses, que, ao contrário dos ouvintes paulistanos, avaliaram os falantes de São Paulo como mais paulistanos no seu disfarce com subjuntivo. Esse resultado pode ser explicado com base na crença de que *paulistas têm mais acesso a bens de cultura*, de que *são a*

locomotiva do país, e, associado a isso, a forte noção de correção gramatical que o subjuntivo carrega.

Na esteira dessa discussão, não surpreende o fato de que o primeiro Componente Principal identificado nas respostas dos ouvintes ludovicenses é integrado pelas respostas nas escalas de inteligência e escolaridade (o que nos levou a chamar tal componente de Competência). Não raro, ao longo da realização do experimento, os paulistanos eram vistos como mais *espertos, inteligentes*, e que na cidade de São Paulo, *as informações chegavam mais cedo do que em São Luís*. Observou-se, então, que tanto ludovicenses quanto paulistanos avaliaram as vozes paulistanas como mais competentes que as vozes ludovicenses, o que revela a crença dos ouvintes das duas capitais de que, por estarem no maior centro econômico do país, os paulistanos sejam considerados mais inteligentes e escolarizados.

Além disso, os resultados mostraram também que o subjuntivo e o indicativo estão associados a noções de antipatia. Para os paulistanos, essa é uma questão que parece defini-los muito mais do que a noção de competência, já que Antipatia foi o primeiro Componente Principal identificado nesse subconjunto de dados. Os falantes, então, foram considerados mais educados (no sentido de polidos e gentis) e amigáveis nos seus disfarces com o indicativo do que com o subjuntivo. Chama-se a atenção para os falantes Fabiano, de São Luís, e Juliana, de São Paulo, avaliados como os mais antipáticos pelos ouvintes das suas respectivas cidades. Importa salientar que, já nas entrevistas abertas, Fabiano era constantemente avaliado como uma pessoa que soava mais burocrático e sério, e Juliana era constantemente associada ao estereótipo de paulistana patricinha.

Por fim, mas não menos importante, outro significado social associado ao subjuntivo e ao indicativo perpassa as noções de formalidade e seriedade. De maneira muito semelhante ao que se obteve para o componente Competência, os falantes foram percebidos como mais sérios e formais, quando ouvidos nos estímulos com o subjuntivo. Saliente-se o

fato de que essas diferenças foram muito mais evidentes para os ludovicenses, em cujos comentários aparecem muitas das avaliações de que os falantes soavam como pessoas mais sérias, sobretudo os falantes de São Luís, em sua maioria motivados pelo conteúdo das sentenças, já que os ouvintes buscavam identificar características sociais dos falantes por meio do conteúdo do que falavam nos trechos curtos das falas.

De um modo geral, o trabalho que aqui se desenvolveu mostrou que a relação entre a produção e a percepção não é uniforme (Mendes, 2018), pois, como bem afirma Oushiro (2016: 141), “aquilo que as pessoas dizem ou o modo como reagem a certas variantes podem não coincidir com os seus usos factuais”. Embora Santos (2015) tenha verificado que falantes paulistanos e falantes ludovicenses mais se assemelham do que se diferenciam no que concerne à produção do subjuntivo e do indicativo, esta pesquisa de percepção mostrou que, embora os componentes principais sejam semelhantes, as escalas que os compõem se diferenciam, em certa medida, para uma cidade e outra, a exemplo do CP Antipatia, que é composto pelas escalas de amigabilidade e antipatia, nas duas cidades, mas em São Paulo, as respostas na escala educação também integram esse componente. Competência e Paulistanidade são dois CPs identificados nas respostas dos ouvintes das duas cidades, e, enquanto o primeiro é integrado pelas respostas dos ouvintes às escalas escolaridade e inteligência, o segundo é composto pela escala de mesmo nome. Por fim, Seriedade em São Paulo, é composta pela escala de mesmo nome, já que não se correlaciona a nenhuma outra, e, enquanto em São Luís, o CP composto pelas escalas formalidade e seriedade foi denominado Formalidade.

Com a análise comparativa das percepções sociolinguísticas coletadas em duas capitais tão distintas, espera-se ter contribuído para o mapeamento do estudo das formas subjuntivas, da perspectiva dos estudos de percepção.

Outro avanço, talvez o mais importante dessa tese, é mostrar o que variáveis gramaticais carregam consigo significados sociais – uma

evidência que se contrapõe a Labov (1993) e Labov et al (2011), assim como Gaucher (2013), Levon (2014), Levon & Buchstaller (2015), Mendes (2016; 2018) e Canever (2017). Com o presente trabalho, e os propostos por Canever (2017) e Mendes (2018), o português começa a ser inserido nesse pequeno conjunto de pesquisas que se dedicam a acessar os significados sociais associados a variáveis para além do nível fonológico e lexical.

Esta tese, portanto, mostrou que, para além do que propõem Labov (1993) e Labov et al (2011), formas que se encontram em níveis mais profundos do sistema gramatical se associam a significados sociais, e que esses significados são perceptíveis aos ouvidos dos falantes. A pesquisa de produção de Santos (2015), bem como os estudos a que ela se soma, já iniciou esse trabalho, por meio da análise de amostras de fala, e por meio dos metacomentários dos falantes, que o uso de formas linguísticas, incluindo-se as gramaticais, são avaliadas pelos falantes; as análises das avaliações dos falantes, realizadas por meio de entrevistas abertas, deram um passo a mais na direção de determinar o valor (linguístico e social) desse modo verbal, ainda que mostrando apenas um lado do problema. Era necessário ir um pouco mais à frente. A sistematização dos significados sociais associados ao subjuntivo e ao indicativo, propostos aqui, é o primeiro passo desse caminho ainda não finalizado, uma vez que outros significados podem submergir, a partir do controle de outras variáveis e contextos em que essas formas podem aparecer.

Referências

- AGHA, Asif. 'Voice, Footing, Enregisterment'. In: *Journal Linguistic Anthropology*, Vol. 15, p. 38-59, 2005.
- ALMEIDA, Erica de Sousa. *Variação de uso do subjuntivo em estruturas subordinadas: do século XIII ao XX*. 294f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- ALVES, Rosana F. *A expressão de modalidades típicas do subjuntivo em duas sincronias do português: século XVI e contemporaneidade*. 2009. 197f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.
- ALVES NETA, A. *O uso de formas do indicativo por formas do subjuntivo no português brasileiro*. 114f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.
- ABREU, Antônio Suárez. *Gramática Integral da Língua Portuguesa: uma visão prática e funcional*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2018.
- AZEVEDO, Milton M. *O subjuntivo em português: um estudo transformacional*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- BARCELLOS, Maria Eugênia Martins. *O falar paulist[ê:]no e os significados sociais de (AN)*. Projeto de Mestrado (CNPq) apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística-FFLCH/USP, 2018. Ms.
- BARRA ROCHA, Maria. M. *O modo subjuntivo em português: um estudo contrastivo com o italiano*. 189f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1992.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2006.
- BIANCHET, Sandra Maria G. B. *Indicativo e/ou subjuntivo em orações completivas objetivas diretas do português: uma volta ao latim*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.
- BELL, Allan. 'Language style as audience design'. In: *Language Society*, vol. 13, p. 145-204, 1984.

BERG, Thomas; ZINGLER, Tim; LOHMANN, Arne. 'The Range of linguistic Units: distance effects in English mandative subjunctive constructions'. In: *Journal of Linguistics*, vol. 55, nº 2, p. 1-38, 2019.

BOERSMA, P. & WEENINK, D. Praat: doing phonetics by computer. URL: <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>, 2015. Acessado em: 24 de jan. de 2019.

BOLYANATZ, Mariska Aldora. *Plural Production and Perception in Santiago Spanish*. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Hispânica) – Universidade da Califórnia, 241f. Los Angeles, 2017.

BORREGO, J.; GÓMEZ Asensio, J.; PRIETO, E. *El subjuntivo: valores y usos*, Madrid: Sociedad General Española de Librería, 1985.

BOTELHO PEREIRA, Maria Ângela. *Aspectos da oposição modal indicativo/subjuntivo no Português Contemporâneo*. 265p. Dissertação (Mestrado em Linguística), UFRJ, 1974.

BUCHSTALLER, Isabelle. 'Investigating the Effect of Socio-Cognitive Salience and Speaker-Based Factors in Morpho-Syntactic Life-Span Change'. In: *Journal of English Linguistics*, vol. 44, nº 3, p. 199-229, 2016.

CALLOU, Dinah; MORAES, João; LEITE, Yonne. 'Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil'. In: KOCH, Ingedore G. Villaça. *Gramática do português falado*, vol. VI. Campinas: Editora da Unicamp, p. 463-489, 2002.

CAMACHO, Roberto. G. 'Uma Reflexão Crítica sobre a teoria sociolinguística'. In: D.E.L.T.A. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, nº 26, vol. 1, p. 141-162, 2010.

CAMARA JR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2009[1970]).

CAMPBELL-KIBLER, Kathryn. *Listener perceptions of sociolinguistic variables: the case of (ing)*. Tese de Doutorado. Stanford University, 2006. 282f.

_____. 'Accent, (ING), and the social logic of listener perceptions'. In: *American Speech*, vol. 82, p. 32-61, 2007.

_____. 'I'll be the judge of that: Diversity in social perceptions of (ING)'. In: *Language in Society*, vol. 37, p. 637-659, 2008.

_____. 'The nature of sociolinguistic perception'. In: *Language Variation and Change*, vol. 21, p. 135-156, 2009.

_____. 'The effect of speaker information on attitudes toward (ING)'. In: *Journal of Language and Social Psychology*, vol. 29, n 2, p. 214-223, 2010.

_____. 'Intersecting variables and perceived sexual orientation in men'. In: *American Speech*, vol. 86, nº 1, p. 52-68, 2011.

CANEVER, Fernanda. *Infinitivo flexionado em português brasileiro: frequência e percepções sociolinguísticas*. Tese (Doutorado em Linguística). FFLCH-USP, 138f, 2017.

CARDOSO, Daisy Barbara Borges. *Variação e mudança do imperativo no português brasileiro: gênero e identidade*. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília. 165f. Brasília, 2009.

CARDOSO, Denise Porto. *Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros*. São Paulo: Blucher, 2015.

CARVALHO, Hebe M. de. *A alternância indicativo/subjuntivo nas orações substantivas em função dos tempos verbais presente e imperfeito na língua falada do Cariri*. 158f. Tese (Doutorado em Linguística) - Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CATTELL, Raymond B. 'The Scree Test For The Number Of Factors'. In: *Multivariate Behavioral Research*, vol. 1, nº 2, pp. 246-276, 1966.

CESHIRE, Jenny. 'Syntactic variation and beyond: gender and social class variation in the use of discourse-new markers'. In: *Journal of Sociolinguistics*, nº 9, vol. 4, p. 479-508, 2005.

CHAMBERS, Jack K. *Sociolinguistic Theory. Linguistic variation and its social significance*. Oxford: Blackwell, 1995.

CHOMSKY, Noam. 'Rules and representations'. In: *The Behavioral and Brain Sciences*, vol. 3, p. 1-61, 1980.

COELHO, Marcelo. 'Nós, os paulistas, somos muito chatos'. In: Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0610199926.htm>. São Paulo, 06 de outubro de 1999. Acessado em: 24 jan. 2020.

COMRIE, Bernard. *Aspect*. New York: Cambridge University Press, 1976.

COUPLAND, Nikolas. 'Five Ms for sociolinguistic change'. In: COUPLAND, Nikolas. *Sociolinguistics: theoretical debates*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, p. 433-454, 2016.

CUNHA, Celso. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: FAE, 1992.

-----; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

DECOSTE, Jamie; CLAYPOOL, Heather M. 'A Meta-Analysis of Priming Effects on Impression Formation Supporting a General Model of Informational Biases'. In: *Personality and Social Psychology Reviews*, vol. 8, nº 1, pp. 2-27, 2004.

DEPRAETRE, Ilse; REED, Susan. 'Mood and Modality in English'. In: AARTS, Bas; MCMAHON, April. *The Handbook of English Linguistics*. CIDADE, p. 269-290, 2006.

ECKERT, Penelope. *Linguistic Variation as Social Practice*. Blackwell Publishers, 2000.

-----'. 'Style and Social Meaning'. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. *Style and Sociolinguistic Variation*. p. 119-126. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

-----'. 'Variation and the indexical field'. In: *Journal of Sociolinguistics*, nº 12, vol. 4, p. 453-476, 2008.

-----'. 'Three Waves of Variation Study: the emergence of Meaning in the Study of Sociolinguistic Variation'. *Annual Review of Anthropology*, vol. 41. p. 87-100, 2012.

-----'. 'Variation, meaning and social change'. In: COUPLAND, Nikolas. *Sociolinguistics: Theoretical debates*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 68-85, 2016.

FAGUNDES, Edson Domingos. *As ocorrências do modo subjuntivo nas entrevistas do VARSUL no estado do Paraná e as possibilidades de variação com o modo indicativo*. 189 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

FARIAS, Rosimeire Lopes da Silva. 'O uso das conjunções 'mas' e 'embora' em textos de alunos da educação básica'. In: *Revista da ABRALIN*, v. 7, n. 2, p. 299-321, jul./dez. 2008.

FÓDOR, Jerry A. *The Modularity of Mind*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1983.

FREIRE, Ricardo. Subjuntivo à paulista. *Revista Época*, São Paulo: Globo, edição 400 de 16 jan., ano 8. São Paulo: 2006.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; 'Atitudes e Identidade Linguística: muito chão pela frente'. In: CARDOSO, Denise Porto. *Atitudes Linguísticas e Avaliações Subjetivas de Alguns Dialeto Brasileiros*. São Paulo: Blucher, p. 3-8, 2015.

-----'. 'Effects of the Linguistics Processing: Palatals in Brazilian Portuguese and the Sociolinguistic Monitor'. In: University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics: Vol. 25: Nº. 2, Article 4. Disponível em: <https://repository.upenn.edu/pwpl/vol25/iss2/4>. Acessado em: 1 de abril de 2020.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. 'O emprego do subjuntivo e de formas alternativas na fala culta'. In: PRETI, Dino (org.). *Estudos de Língua Falada: variações e confrontos*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006, p. 209-234.

GARRETT, Peter. *Attitudes to language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

GATTI, Iris. *O emprego do modo subjuntivo no alemão e no português do Brasil: primeiro panorama contrastivo e ênfase no emprego nas orações subordinadas substantivas*. 257f. Tese (Doutorado em Letras). DLM-USP, São Paulo, 2004.

GAUCHER, Damien Fabien Rémi. *The Agreement of the Past Participle in Spoken French, as a Sociolinguistic Variable: Production and Perception*. Tese de Doutorado. 500f Paris: University of Exeter, 2013.

GILES, Howard; BILLINGS, Andrew C. 'Assessing Language Attitudes: speaker evaluation studies'. In: DAVIES, Alan & ELDER, Catherine (Eds.). *The Handbook of Applied Linguistics*. Malden, Ma: Blackwell Publishing, p. 187-209, 2004.

GIVON, Talmy. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1984.

-----'. *Syntax: an introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, vols. I e II, 2001.

-----'. *Context as other minds: the pragmatics of sociality, cognition and communication*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005.

HAY, Jennifer; DRAGER, Katie. 'Stuffed toys and speech perception'. In: *Linguistics*, vol. 48, nº 4, p. 865-892, 2010.

HONÓRIO DO COUTO, Hildo. *O Que é Português Brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

IBGE: 'Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), 2017. *Fundação para o Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo*. Disponível em: <http://arquivo.fde.sp.gov.br/fde.portal>. Último acesso em: 20 jan. 2020. O

JAFFE, Alexandra. *Stance*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

LABOV, William. 'The unobservability of structure and its linguistic consequences'. *Paper presented at the 22nd New Ways in Analyzing Variation conference*, University of Ottawa, October 22-25, 1993.

_____. *Principles of Linguistic Change: external factors*. Oxford & Cambridge: Blackwell, 2001.

_____. *The Social Stratification of English in New York City*. São Paulo: Cambridge University Press, 2006[1966].

_____. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008[1972].

_____; ASH, Sharon; RAVINDRANATH, Maya; WELDON, Tracey; BARANOWSKI, Maciej; NAGY, Naomi. 'Properties of the sociolinguistic monitor'. *Journal of Sociolinguistics*, vol. 15 (4): Blackwell Publishing, pp. 431-463, 2011.

LADUR, Paulo Flávio. *Os pecados da Língua: pequeno repertório de grandes erros de linguagem*. Porto Alegre: AGE Editora: 2016.

LAMBERT, W. E., HODSON, R. C., GARDNER, R. C. & FILLENBAUM, S. 'Evaluational reactions to spoken languages'. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, vol. 60(1), 44-51, 1960.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Estilística da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1973.

LEVSHINA, Natalia. *How to do Linguistics with R*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2015.

LEVON, Erez. 'Categories, stereotypes, and the linguistic perception of sexuality'. In: *Language in Society*, vol. 43, p. 539-566, 2014.

_____; BUCHSTALLER, Isabelle. 'Perception, cognition, and linguistic structure: the effect of linguistic modularity and cognitive style on sociolinguistic processing'. In: *Language Variation and Change*, vol. 27, 2015. pp. 319-348.

_____; FOX, Sue. 'Social Salience and the Sociolinguistic Monitor: a Case Study of ING and TH-fronting in Britain'. In: *Journal of English Linguistics*, nº 3, vol. 42, p. 185-218, 2014.

MENDES, Ronald Beline. 'Nonstandard Plural Noun Phrase Agreement as an Index of Masculinity'. In: LEVON, Erez; MENDES, Ronald Beline. *Language, Sexuality, and Power: studies in intersectional sociolinguistics*. New York: Oxford University Press, 2016.

_____. 'A Terceira Onda da Sociolinguística'. In: FIORIN, José Luiz. *Novos Caminhos da Linguística*. São Paulo: Contexto, p. 103-123, 2017.

_____. *Percepção e Performance de Masculinidades: efeitos da concordância nominal de número e da pronúncia de /e/ nasal*. Tese (Livre Docência) - FFLCH-USP. São Paulo, 225f, 2018.

_____; OUSHIRO, Livia. 'Percepções Sociolinguísticas sobre as Variantes Tepe e Retroflexa na cidade de São Paulo'. In: Hora, Dermeval da; Negrão, Esmeralda Vailati. *Estudos da Linguagem: casamento entre temas e perspectivas*. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária, p. 229-245, 2011.

_____. "Documentação do Projeto SP2010 - Construção de uma amostra da fala paulistana". Disponível em: <http://projetosp2010.fflch.usp.br/producao-bibliografica>. Último acesso em 23 jan. 2020.

MENDES DE ALMEIDA, Napoleão. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa: curso único e completo*. São Paulo: Saraiva, 1978.

MENDOZA-DENTON, N. 'Language and identity'. In: CHAMBERS, T.; SCHILLING-ESTES, N. *The Handbook of Language Variation and Change*. Cambridge: Blackwell, p. 475-499, 2002.

MEYERHOFF, M.; WALKER, J. A. 'An existential problem: the sociolinguistic monitor and variation in existential constructions on Bequia (St. Vincent and the Grenadines)'. *Language in Society*, vol. 42, nº 04, p. 407-428, 2013.

MILROY, Leslie. *Language and social networks*. Oxford: Basil Blackwell, 2 ed., 1987 [1980].

MIRA MATEUS, Maria Helena et al. *Gramática da língua portuguesa: elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português actual*. Coimbra: Almedina, 1983.

MOORE, Emma; PODESVA, Robert. 'Style, indexicality, and the social meaning of tag questions'. In: *Language in Society*, vol. 38, p. 447-485, 2009.

MORENO FERNÁNDEZ, F. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.

MOTA, Jacyra. 'Aspectos fônicos do Nordeste a partir de dados do ALiB'. In: LOPES, Norma da Silva; ARAÚJO, Silvana Silva de Farias; FREITAG, Raquel Meister Ko. (Orgs). *A Fala Nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia*. p. 58 -73. São Paulo: Blucher, 2016.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953[1922].

OCHS, Elinor. 'Indexing gender'. In: DURANTI, Alessandro & GOODWIN, Charles (Eds.), *Rethinking context: Language as an interactive phenomenon*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 335-358, 1992.

OLIVEIRA, Maria do C. *O uso do modo verbal em estruturas de complementação no português do Brasil*. 155f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

OUSHIRO, Livia. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São de Paulo*. Tese (Doutorado em Linguística). FFLCH-USP, 390f, 2015.

_____. 'O que se diz e como se fala: relações entre o discurso metalinguístico e a variação linguística'. In: Signo y Señal, nº 28, p. 139-167, 2016.

_____. *Introdução à Estatística para Linguistas*, v.0.3 (mai/2017). Cópia disponível com a autora: oushiro@iel.unicamp.br, 2017.

_____. 'A computational approach for modeling the indexical field'. In: Revista de Estudos da Linguagem (UFMG), v. 27, n. 4, p. 1737-1786, 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/14738/pdf>. Acessado em: 1 de abril de 2020.

PRAZERES MARANHÃO, Frei Francisco de Nossa Senhora dos. Porandunba Maranhense. *Revista de Geografia e História*, São Luís, n.1, dez. 1946. Separata.

PRESTON, Dennis R. 'Five visions of America'. In: *Language in Society*, vol. 15, nº. 2, p. 221-240, 1986.

PERINI, Mario. *Gramática Descritiva do Português*. São Paulo: Ática, 2005.

PIMPÃO, Tatiana. S. *Variação no presente do indicativo do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática*. Florianópolis, 1999. 128 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina.

_____. *Uso variável do presente no modo subjuntivo: uma análise de amostras de fala e escrita das cidades de Florianópolis e Lages nos séculos XIX e XX*. Florianópolis. 350 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

PODESVA, R. J. 'Phonation type as a stylistic variable: the use of falsetto in constructing a persona'. *Journal of Sociolinguistics*, vol. 11(4), p. 478-504, 2007.

_____; REYNOLDS, Jermy; CALLIER, Patrick; BAPTISTE, Jessica. 'Constraints on the social meaning of released /t/: A production and perception study of U.S. politicians'. In: *Language Variation and Change*, vo. 27, p. 59-87, 2015.

POPLACK, Shana. Prescription, intuition, et usage: le subjonctif français et la variabilité inhérente. *Language et société*, n. 54, p. 5-33, dec. 1990.

_____. *A dinâmica sociolinguística da aparente convergência*. In: D.E.L.T.A. v. 10, número especial. pp. 141-172, 1994.

_____; LEALESS, Allison; DION, Nathalie. 'The evolving grammar of French subjunctive'. In: *PROBUS: International Journal of Romance Linguistics*, vol. 25, nº 1, p. 139-195, 2013.

REISE, Steven P.; WALLER, Niels G.; COMREY, Andrew L. 'Factor Analysis and Scale Revision'. In: *Psychological Assessment*, vol. 12, nº 3, p. 287-297, 2000.

ROCHA, Rosa. C. F. da. *A alternância indicativo/subjuntivo nas orações subordinadas substantivas em português*. 123f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernáculas, Universidade de Brasília, Brasília, 1997.

RONCARATI, Cláudia. 'A negação no português falado'. In: MACEDO, Alzira Tavares de; RONCARATI, Cláudia; MOLLICA, Maria Cecília. *Variação e Discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 97-111, 1996.

R Team, Development Core. R: A Language and Environment for Statistical Computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2019. URL: <http://www.R-project.org/>.

SANTOS, Regina M. A. dos. *O uso variável do modo subjuntivo em estruturas complexas*. 2005. 170f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São Jose do Rio Preto, 2005.

SANTOS, Wendel Silva dos. *A morfologia do indicativo na expressão do modo subjuntivo em São Paulo e São Luís*. 140f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – FFLCH_USP, São Paulo, 2015.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Reanálise da concordância nominal em português*. 555f. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

SENE, Marcus Garcia de. 'Percepções sociolinguísticas, avaliações subjetivas e atitudes linguísticas: três domínios complementares'. In: *Todas as Letras: Revista de Língua e Literatura*. São Paulo, v. 21, n. 1, p.304-323, jan./abr. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/1980-6914/letras.v21n1p304-323>. Acessado em: 5 de abril de 2020.

SERRA, Astolfo. *Guia Histórico e Sentimental de São Luís do Maranhão*. Rio de Janeiro: Editôra Civilização Brasileira, 1965.

SERRA, Flávia Pereira. *“Eu não digo ‘não’ duas vezes não: usos e percepções avaliativas sobre a dupla negação no português falado no Maranhão*. 190f. Dissertação (Mestrado em Letras) – UFMA, 2018.

SILVA, Glaucia. 'Heritage Language Learning and the Portuguese Subjunctive'. *Portuguese Language Journal*, vol. 3: AOTP - American Organization of Teachers of Portuguese, 2008.

SILVA, Hélien. C. da; AGUILERA, Vanderici. A. 'O poder de uma diferença: Um estudo de crenças e atitudes linguísticas'. *ALFA*, vol. 58, n 3, p. 703-723. 2014.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. 'The gradual loss of mood distinctions in Los Angeles Spanish'. In: *Language Variation and Change*, vol. 6, p. 255-272, 1994.

SILVERSTEIN, M. 'Shifters, linguistic categories, and cultural description'. In: BASSO, Keith & SELBY, Henry (Eds.). *Meaning in anthropology*. Albuquerque, New Mexico: University of New Mexico Press, 1976, p. 11-55.

SORIANO, Larissa Grasiela Mendes. *Percepções sociofonéticas do (-r) em São Paulo*. 137f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – FFLCH, USP, São Paulo, 2016.

_____; MENDES, Ronald Beline. 'Percepções Fonéticas do /-r/ em São Paulo: principais correlações'. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura* (Dossiê “Percepções Sociolinguísticas e atitudes: os significados sociais da variação”), São Paulo, v. 18, n. 2, p. 133-146, maio/ago. 2016.

SOUSA, Beatriz. 'Egoístas e metidos – é assim que o Brasil vê os paulistanos'. In: *Revista Exame*, 22 de dez. 2014. Disponível em:

<https://exame.abril.com.br/brasil/egoistas-e-metidos-e-assim-que-o-brasil-ve-os-paulistanos/>. Último acesso em: 20 jan. 2020.

STOWEL, Tim. 'The English Konjunktiv II'. In: GUÉRON, Jacqueline; LECARME, Jacqueline (eds.). *Time and Modality: Studies in Natural Language and Linguistic Theory*. Berlim: Springer Science+Business Media B.V. p. 252-272, 2008.

TARALLO, Fernando Luiz. *Introdução a um estudo contrastivo do subjuntivo em alemão e em português*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – FFLCH/USP. São Paulo, 191f, 1978.

THOMAS, Earl W. *The Syntax of Spoken Brazilian Portuguese*. Nashville, Tennessee: Vanderbilt University Press. 1969.

TRAVAGLIA, Luis C. *Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 1996.

VALLE, Rosalvo do. *Considerações sobre a Peregrinatio Aetheriae*. Rio de Janeiro: Botelho, 2008.

VERKUYL, H. *A Theory of Aspectuality: the interpretation between temporal and atemporal structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

_____. *Aspectual Issues: studies on time and quantity*. Stanford: CSLI Publications, 1999.

WALKER, A; GARCIA, C.; CORTÉS, Y; CAMPBELL-KIBLER, K. 'Comparing social meanings across listener and speaker groups: the indexical field of Spanish /s/'. In: *Language Variation and Change*, vol. 26, p. 169-189, 2014.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006[1968].

WHERRITT, Irene. M. *The subjunctive in Brazilian Portuguese*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Department of Modern and Classical Languages, University of New Mexico, Albuquerque, 191f, 1978a.

_____. 'A Sociolinguística da Oração Substantiva em Português'. *Revista Língua e Literatura*, vol. 7: FFLCH/USP 85-109, 1978b.

WOLFORD, Tonya E. *Sociolinguistic Conditioning, Variation, and Change in Spanish Past Subjunctive Morphology and Hypothetical Discourse in the Southwest From the Colonial Period to the Early 20th Century*. Tese (Doutorado em Linguística), Departamento de Letras Clássicas e Modernas, Universidade de Houston, 265f. 2005.

Apêndices

Apêndice A

Formulário de Percepção

*Essa pessoa soa: **

Dê preferência ao uso de fones de ouvidos.

Nada amigável	☐	☐	☐	☐	☐	☐	Muito amigável
Nada antipático/a	☐	☐	☐	☐	☐	☐	Muito antipático/a
Nada educado/a	☐	☐	☐	☐	☐	☐	Muito educado/a
Nada escolarizado/a	☐	☐	☐	☐	☐	☐	Muito escolarizado/a
Nada formal	☐	☐	☐	☐	☐	☐	Muito formal
Nada inteligente	☐	☐	☐	☐	☐	☐	Muito inteligente
Nada paulistano/a	☐	☐	☐	☐	☐	☐	Muito paulistano/a
Nada sério/a	☐	☐	☐	☐	☐	☐	Muito sério/a

*Qual você acha que é o nível de escolaridade dele/dela? **

- ☐ Fundamental
- ☐ Médio
- ☐ Superior

*Qual você acha que é a faixa etária dele/dela? **

- ☐ 20 a 30 anos
- ☐ 30 a 40 anos
- ☐ 40 anos ou +

*A que classe social você acha que ele/ela pertence? **

- ☐ Baixa
- ☐ Média Baixa
- ☐ Média
- ☐ Média Alta
- ☐ Alta

*Qual seu sexo? **

- ☐ Masculino
- ☐ Feminino

*Qual sua escolaridade? **

- ☐ Ensino Fundamental
- ☐ Ensino Médio
- ☐ Ensino Superior

*Qual sua idade? **

18 anos

*Com o que você trabalha? **

*Qual cidade você mora? **

*Qual o seu local de nascimento? **

- ☐ São Paulo, capital
- ☐ Grande São Paulo
- ☐ Interior de São Paulo
- ☐ Outro Estado. Qual?

Apêndice B

Outros Modelos de Análises

Modelos de regressão em mudança no valor de *intercept* ou com interação *Modo x Cidade do Falante*

CP COMPETÊNCIA

Tabela 1: Resumo dos resultados do modelo de regressão para o CP Competência, com base na Cidade do Falante – São Luís (Efeitos Mistos)

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
(<i>Intercept</i>)	-0.6547	0.0496	-13.181	<0,001 ***
Subjuntivo	1.1672	0.0704	16.579	<0,001 ***
São Paulo	-0.0336	0.0704	-0.479	0.6323
São Paulo:Subjuntivo	0.3500	0.0995	3.516	<0,001 ***

Modelo: RC1 ~ Modo * Cidade.Falante + (1 | Ouvinte), Data: PERCEPCAO.PCASL

Intercept = Indicativo; São Luís:Indicativo

Tabela 2: Resumo dos resultados do modelo de regressão para o CP Competência, com base na falante Juliana como intercept – São Luís (Efeitos Mistos)

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
(<i>Intercept</i>)	-0.6886	0.0704	-9.775	<0,001***
Debora	0.1431	0.0994	1.440	0.1501
Fabiano	-0.0753	0.0994	-0.758	0.4488
Rodrigo	0.0004	0.0996	0.005	0.9961
Subjuntivo	1.4607	0.0994	14.695	<0,001***
Debora:Subjuntivo	-0.4431	0.1405	-3.152	<0,01**
Fabiano:Subjuntivo	-0.1437	0.1405	-1.022	0.3068
Rodrigo:Subjuntivo	0.1132	0.1405	0.806	0.4207

Modelo: RC1 ~ Falante * Modo + (1 | Ouvinte), Data: PERCEPCAO.PCASL

Intercept = falante Juliana; modo indicativo; Juliana:Subjuntivo.

Tabela 3: Resumo dos resultados do modelo de regressão para o CP Competência, com base nos falantes – São Paulo (Efeitos Mistos)

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
(<i>Intercept</i>)	-0.5711	0.0745	-7.660	<0,001***
Fabiano	-0.1089	0.1054	-1.033	0.3018
Juliana	0.3739	0.1054	3.547	<0,001***
Rodrigo	0.4891	0.1054	4.639	<0,001***
Subjuntivo	0.6631	0.1054	6.289	<0,001***
Fabiano:Subjuntivo	0.1535	0.1491	1.030	0.3032
Juliana:Subjuntivo	0.1019	0.1491	0.684	0.4942
Rodrigo:Subjuntivo	0.1523	0.1491	1.022	0.3071

Modelo: RC1 ~ Falante * Modo + (1 | Ouvinte), Data: PERCEPCAO.PCASP
 Intercept = falante Debora; modo indicativo; Debora:Subjuntivo.

Tabela 4: Resumo dos resultados do modelo de regressão para o CP Competência, com base na falante Juliana como *intercept* – São Paulo (Efeitos Mistos)

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
(<i>Intercept</i>)	-0.1971	0.0745	-2.644	<0,001***
Debora	-0.3739	0.1054	-3.547	<0,001***
Fabiano	-0.4829	0.1054	-4.580	<0,001***
Rodrigo	0.1151	0.1054	1.092	0.2751
Subjuntivo	0.7651	0.1054	7.256	<0,001***
Debora:Subjuntivo	-0.1019	0.1491	-0.684	0.4942
Fabiano:Subjuntivo	0.0516	0.1491	0.346	0.7293
Rodrigo:Subjuntivo	0.0503	0.1491	0.338	0.7355

Modelo: RC1 ~ Falante * Modo + (1 | Pseudonimo.Ouvinte), Data: PERCEPCAO.PCASP
 Intercept = falante Juliana; modo indicativo; Juliana:Subjuntivo.

CP ANTIPATIA

Tabela 5: Resultado do modelo de regressão para Antipatia por Modo e Falante – São Luís (Efeitos Mistos)

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
(<i>Intercept</i>)	-0.1771	0.0933	-1.897	<0.1 .
Fabiano	0.5310	0.1250	4.248	<0.001 ***
Juliana	0.2628	0.1323	1.986	<0.05 *
Rodrigo	-0.1849	0.1323	-1.397	0.1627
Subjuntivo	-0.0493	0.1323	-0.373	0.7091
Fabiano:Subjuntivo	-0.1116	0.1772	-0.630	0.5289
Juliana:Subjuntivo	0.2132	0.1965	1.085	0.2784
Rodrigo:Subjuntivo	0.2918	0.1965	1.485	0.1383

Modelo: Antipatia ~ Falante * Modo + (1|Ouvinte), Data: PERCEPCAO.PCASL
 Intercept = Debora; Indicativo; Debora:Subjuntivo.

Tabela 6: Resultado do modelo de regressão para Antipatia por Modo e Cidade do Falante – São Luís (Efeitos Mistos)

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
<i>(Intercept)</i>	0.08843	0.07035	1.257	0.2093
Subjuntivo	-0.10520	0.09972	-1.055	0.2919
São Paulo	-0.22656	0.09972	-2.272	<0.05 *
São Paulo:Subjuntivo	0.30839	0.15147	2.036	<0.05 *

Modelo: Antipatia ~ Modo * Cidade.Falante + (1 | Pseudonimo.Ouvinte), Data: PERCEPCAO.PCASL
Intercept = Debora; Indicativo; Debora:Subjuntivo.

Tabela 7: Resumo dos resultados do modelo de regressão para o CP Antipatia, com base no Modo e no Falante – São Paulo (Efeitos Mistos)

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
<i>(Intercept)</i>	0.2137	0.0793	2.695	<0.01 **
Subjuntivo	0.1794	0.1121	1.600	0.1098
Fabiano	-0.0161	0.1121	-0.144	0.8855
Juliana	-0.5844	0.1121	-5.211	<0.001 ***
Rodrigo	0.0116	0.1121	0.283	0.7775
Fabiano:Subjuntivo	-0.3467	0.1586	-2.186	<0.05 *
Juliana:Subjuntivo	-0.4873	0.1586	-3.073	<0.01 **
Rodrigo:Subjuntivo	-0.4557	0.1586	-2.874	<0.01 **

Modelo: Antipatia ~ Falante * Modo + (1 | Pseudonimo.Ouvinte), Data: PERCEPCAO.PCASP
Intercept = Indicativo; Debora; Debora:Subjuntivo.

Tabela 8: Resumo dos resultados do modelo de regressão para o CP Antipatia, com base no Modo e Cidade do Falante – São Paulo (Efeitos Mistos)

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
<i>(Intercept)</i>	-2.056	5.778	3.559	<0.001 ***
Subjuntivo	6.109	8.172	0.075	0.9404
São Paulo	-2.683	8.172	-3.283	<0.01 **
São Paulo:Subjuntivo	-2.982	1.156	-2.580	<0.01 **

Modelo: Antipatia ~ Modo * Cidade.Falante + (1 | Pseudonimo.Ouvinte), Data: PERCEPCAO.PCASP
Intercept = Indicativo; São Luís; São Luís:Subjuntivo.

CP PAULISTANIDADE

Tabela 9: Resumo dos resultados do modelo de regressão para o CP Paulistanidade, com base no Modo e Falante – São Luís (Efeitos Mistos)

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
<i>(Intercept)</i>	-0.7929	0.0634	-12.492	<0.001 ***
Fabiano	0.0131	0.0897	0.147	0.883
Juliana	1.3313	0.0899	14.796	<0.001 ***
Rodrigo	1.3969	0.0899	15.525	<0.001 ***
Subjuntivo	0.1326	0.0899	1.474	0.141
Fabiano:Subjuntivo	-0.0790	0.1272	-0.621	0.535
Juliana:Subjuntivo	0.2031	0.1272	1.597	0.111
Rodrigo:Subjuntivo	0.2039	0.1272	1.602	0.109

Modelo: Paulistanidade ~ Falante * Modo + (1|Pseudonimo.Ouvinte), Data:

PERCEPCAO.PCASL

Intercept = Debora; Indicativo; Debora:Subjuntivo.

Tabela 10: Resumo dos resultados do modelo de regressão para o CP Paulistanidade, com base no Modo e Falante – São Luís / Juliana como Intercept (Efeitos Mistos)

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
<i>(Intercept)</i>	5.383	6.377	8.442	<0.001 ***
Debora	-1.331	8.998	-14.796	<0.001 ***
Fabiano	-1.318	8.998	-14.649	<0.001 ***
Rodrigo	6.561	9.019	0.727	0.4671
Subjuntivo	3.358	8.998	3.732	<0.001 ***
Debora:Subjuntivo	-2.032	1.273	-1.597	0.1107
Fabiano:Subjuntivo	-2.822	1.273	-2.218	<0.05 *
Rodrigo:Subjuntivo	7.277	1.273	0.006	0.9954

Modelo: Paulistanidade ~ Falante * Modo + (1|Ouvinte), Data:

PERCEPCAO.PCASL

Intercept = Juliana; Indicativo; Juliana:Subjuntivo.

Tabela 11: Resumo dos resultados do modelo de regressão para o CP Paulistanidade, com base no Modo e Falante – São Paulo (Efeitos Mistos)

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
<i>(Intercept)</i>	-0.5496	0.0606	-9.060	<0.001 ***
Fabiano	-0.1391	0.0857	-1.622	0.105
Juliana	1.2298	0.0857	14.335	<0.001 ***
Rodrigo	1.3016	0.0857	15.172	<0.001 ***
Subjuntivo	-0.0996	0.0857	-1.162	0.246
Fabiano:Subjuntivo	-0.0724	0.1213	-0.597	0.550
Juliana:Subjuntivo	0.0170	0.1213	0.140	0.889
Rodrigo:Subjuntivo	0.0665	0.1213	0.549	0.583

Modelo: Paulistanidade ~ Falante * Modo + (1|Pseudonimo), Data:

PERCEPCAO.PCASL

Intercept = Debora; Indicativo; Debora:Subjuntivo.

Tabela 12: Resumo dos resultados do modelo de regressão para o CP Paulistanidade, com base no Modo e Falante – São Paulo / Juliana como Intercept (Efeitos Mistos)

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
<i>(Intercept)</i>	0.6802	0.0606	11.213	<0.001 ***
Debora	-1.2298	0.0857	-14.335	<0.001 ***
Fabiano	-1.3690	0.0857	-15.957	<0.001 ***
Rodrigo	0.0717	0.0857	0.837	0.403
Subjuntivo	-0.0826	0.0857	-0.963	0.336
Debora:Subjuntivo	-0.0170	0.1213	-0.140	0.889
Fabiano:Subjuntivo	-0.0895	0.1213	-0.738	0.461
Rodrigo:Subjuntivo	0.0495	0.1213	0.408	0.683

Modelo: Paulistanidade ~ Falante * Modo + (1 | Ouvinte), Data: PERCEPCAO.PCASP
Intercept = Juliana; Indicativo; Juliana:Subjuntivo.

CPs FORMALIDADE/SERIEDADE

Tabela 13: Resumo dos resultados do modelo de regressão para o CP Formalidade, com base no Modo e Falante – São Luís / Juliana como Intercept (Efeitos Mistos)

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
<i>(Intercept)</i>	-0.7233	0.0811	-8.918	<0.001 ***
Debora	0.2985	0.1144	2.608	<0.01 **
Fabiano	0.5325	0.1144	4.653	<0.001 ***
Rodrigo	0.0324	0.1147	0.282	0.7776
Subjuntivo	1.0875	0.1144	9.502	<0.001 ***
Debora:Subjuntivo	-0.3474	0.1618	-2.146	<0.05 *
Fabiano:Subjuntivo	-0.1728	0.1618	-1.068	0.2860
Rodrigo:Subjuntivo	0.2265	0.1618	1.400	0.1620

Modelo: Seriedade ~ Falante * Modo + (1 | Ouvinte), Data: PERCEPCAO.PCASL
Intercept = Juliana; Indicativo; Juliana:Subjuntivo

Tabela 14: Resumo dos resultados do modelo de regressão para o CO Formalidade, com base no Modo e Cidade do Falante – São Luís (Efeitos Mistos)

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
<i>(Intercept)</i>	-0.3078	0.0576	-5.336	<0.001 ***
Subjuntivo	0.8274	0.0817	10.119	<0.001 ***
São Paulo	-0.3993	0.0817	-4.883	<0.001 ***
São Paulo:Subjuntivo	0.3733	0.1156	3.229	<0.01 **

Modelo: Seriedade ~ Modo * Cidade.Falante + (1 | Ouvinte), Data: PERCEPCAO.PCASL
Intercept = Indicativo; São Luís; São Luis:Subjuntivo.

Tabela 15: Resumo dos resultados do modelo de regressão para o CP Seriedade, com base no Falante e Modo – São Paulo (Efeitos Mistos)

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
<i>(Intercept)</i>	-1.889	8.263	-2.286	<0.05 *
Fabiano	9.926	1.117	0.888	0.3747
Juliana	-5.051	1.169	-0.043	0.9655
Rodrigo	5.651	1.169	0.484	0.6288
Subjuntivo	2.543	1.169	2.176	<0.05 *
Fabiano:Subjuntivo	9.669	1.580	0.612	0.5408
Juliana:Subjuntivo	-1.293	1.722	-0.751	0.4530
Rodrigo:Subjuntivo	2.177	1.722	1.264	0.2066

Modelo: Seriedade ~ Falante * Modo + (1 | Ouvinte), Data: PERCEPCAO.PCASP
Intercept = Debora; Indicativo; Debora:Subjuntivo.

Tabela 16: Resumo dos resultados do modelo de regressão para o CP Seriedade, por Falante e Modo – São Paulo / Juliana como Intercept (Efeitos Mistos)

Efeitos Fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
<i>(Intercept)</i>	-1.939	8.271	-2.345	<0.05 *
Debora	5.051	1.169	0.043	0.9655
Fabiano	1.043	1.169	0.893	0.3723
Rodrigo	6.156	1.117	0.551	0.5819
Subjuntivo	1.250	1.169	1.069	0.2852
Debora:Subjuntivo	1.293	1.722	0.751	0.4530
Fabiano:Subjuntivo	2.260	1.722	1.312	0.1899
Rodrigo:Subjuntivo	3.470	1.581	2.195	<0.05 *

Modelo: Seriedade ~ Falante * Modo + (1 | Pseudônimo.Ouvinte), Data: PERCEPCAO.PCASP
Intercept = Juliana; Indicativo; Juliana:Subjuntivo.

Apêndice C

Figura 1: Efeito do Modo Verbal e Tipo de Oração na percepção de Antipatia – São Paulo